E.M. Forster

MAURICE



EDITORA GLOBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Edward Morgan Forster, filho de um arquiteto, nasceu em Londres, no dia 1º de janeiro de 1879. Estudou na Tombrigde School e no King's College, de Cambridge, onde se bacharelou em letras clássicas e história, em 1901. A partir desse ano, em companhia da mãe, passou longas temporadas na Áustria, na Itália e na Grécia. Entre 1912 e 1922 esteve duas vezes na Índia e viveu em Alexandria, de 1915 a 1919, servindo como soldado durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda estudante, com Lowes Dickinson e R. C. Trevelyan, fundou a *Independent Review*, na qual publicou seu primeiro conto, "The Story of a Panic". Influenciado por H. O. Meredith, chegou a ser membro da Cambridge Conversation Society, mais conhecida como "Apostles", grupo de jovens que discutiam moral e outros temas relacionados à intelectualidade. Muitos desse círculo logo se tornariam famosos: Lytton Strackey, John Maynard Keynes, Leonard Woolf e Desmond MacCarthy, entre outros.

O romance de estréia de Forster, *Where angels fear to tread*, foi publicado em 1905 e alcançou rápido sucesso. A ele se seguiu, dois anos depois, *The longest journey* [*A mais longa jornada*].
A room with a view [*Uma janela para o amor*], de 1908, foi adaptado para o cinema em 1985, com direção de James Ivory. Em 1987, o mesmo diretor filmou *Maurice* — romance publicado postumamente, em 1971. Sua obra mais conhecida, porém, é *Uma passagem para a Índia*, de 1924, que, em 1984, também se tornou filme, dirigido por David Lean. *Uma passagem para a Índia*, o livro, recebeu dois prêmios: The Femina / Via Heureuse Prize e The James Tait Black Memorial Prize. Sua primeira coletânea de contos, *The celestial omnibus*, é de 1911.

Forster foi convidado para as Clark Lectures, na Universidade de Trinity, em Cambridge, o que lhe propiciou escrever *Aspectos do romance*, publicado em 1927.

Além de romancista, contista, ensaísta e biógrafo, Forster foi também memorialista, tendo escrito alguns relatos de viagem — como *Alexandria: a history and guide* (1922) e *Pharos and Pharillon: a novelist's sketchbook of Alexandria through the ages* (1923). De seus sete romances, dois foram publicados após sua morte, ocorrida no dia 7 de junho de 1970.

E. M. FORSTER

MAURICE

tradução:
Marcelo Pen

prefácio:
Ronald Polito

GLOBOLIVROS

Copyright © The Provost and Scholars of King's College,
Cambridge, 1971
Copyright da tradução e do prefácio © 2006 by
Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:
Maurice

Revisão: Eugênio Vinci de Morais, Ana Maria Barbosa
e Valquíria Della Pozza
Capa: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Forster, Edward Morgan, 1879-1970

Maurice / E. M. Forster ; tradução Marcelo Pen ; prefácio Ronald Polito – São Paulo : Globo, 2006.

Título original: Maurice.

isbn 978-85-250-5467-8

1. Ficção inglesa I. Título

06-0582 cdd-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Sobre o autor
Folha de rosto
Créditos
Prefácio
Iniciado em 1913
Parte I
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11

Parte II
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25

Parte III

26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
Parte IV
38
39
40
41
42
43
44
45
46
Nota final
Notas

Prefácio

O direito a um final feliz

Maurice, romance de E. M. Forster, foi escrito originalmente entre 1913 e 1914, mas só chegou a ser publicado em 1971, após a morte do autor e segundo suas recomendações. A redação deste texto na segunda década do século passado enseja considerações importantes sobre o advento do tema da homossexualidade na literatura ocidental. Por outro lado, sua publicação poderia nos levar a observações de ordem diversa, e que se referem ao contexto cultural e moral dos anos 1970 no Ocidente.

Ainda que sempre possamos encontrar precursores ou casos isolados, chama a atenção o fato de que apenas a partir dos fins do século xix e principalmente no século xx constitui-se — no início, de maneira um tanto tímida, hoje às claras — um campo literário que visa considerar de forma específica as experiências possíveis dos homossexuais. As razões para tal circunstância são várias e de âmbitos distintos. Pense-se, nesse sentido, na constituição multifacetada de um espaço de opinião pública no qual cidadãos buscam legitimar, e sempre mais, sua liberdade individual, sendo o corpo um dado não secundário. O equivalente de homens totalmente livres, possuidores apenas de sua força de trabalho a ser vendida, é a prerrogativa burguesa da liberdade de o indivíduo dispor a respeito de suas orientações políticas, estéticas, religiosas, morais — e sexuais. Nesse sentido, as proposições de Karl Henrich Ulrich, criador do termo ‘‘uranismo’’ e defensor do casamento legal entre homens, ou toda a circunstância vivida por Oscar Wilde e os textos que escreveu a respeito, ambos citados por Forster em *Maurice*, são eventos propriamente fundantes do advento da condição homossexual no espaço público moderno. E comparecem no romance exatamente para atestarem todo o perigo de se assumir posições próximas às deles na sociedade européia da época.

É notável, por outro lado, que a série literária possa ser contrastada com a irrupção de discussões acadêmicas e científicas a respeito da homossexualidade, que atingem uma concentração impressionante de estudos e experimentações laboratoriais entre, digamos, 1870 e 1940, em todo o mundo, inclusive no Brasil.

As infindáveis contendas sobre sua natureza patológica, resvalando em explicações diversificadas, como as propostas pela psiquiatria, pelas condições psicológicas, de educação e meio ambiente, pelas pesquisas em endocrinologia e biotipologia, foram marcadas pela perspectiva corretora do comportamento sexual tomado como desviante, o que inclui toda ordem de suplícios físicos e psíquicos para se perpetrar tal fim.

No campo especificamente literário, são diversos os escritores que abordam o amor homossexual ou outras sexualidades na passagem do século xix para o xx. Desde os poemas de Verlaine e Rimbaud às *As canções de Bilitis*, de Pierre Louÿs, e os poemas de Konstantinos Kaváfis, para referirmos apenas exemplos clássicos da poesia do período. Na prosa, *Maurice* situa-se entre os textos que representam um alto momento da literatura moderna. Citemos algumas obras bastante reconhecidas. *Os frutos da terra*, de Gide, foram escritos em 1897, prenunciando novas sensualidades com seu ‘‘manual de evasão, de libertação’’ em meio ao colapso da moral burguesa. *Tonio Kröeger*, de Thomas Mann, é de 1903, e *Morte em Veneza*, do mesmo autor, de 1912, com seus personagens que se dilaceram entre comportamentos homossexuais, a clarividência como artistas e as convenções da época, que os rechaçam. Virgínia Woolf publicaria *O quarto de Jacob* em 1922, romance em que o amor de um amigo por Jacob perpassa o texto. Em 1928, sairia *Orlando*, que confunde ou mesmo nega a dicotomia entre o masculino e o feminino. *Alexis ou o tratado do vão combate*, de Marguerite Yourcenar, publicado em 1929, é uma carta de um homem para sua esposa rompendo com ela porque prefere os homens, continuando a linhagem do amor libertário de Gide. Da mesma autora, *Memórias de Adriano*, publicado tantos anos depois, não poderia deixar de também ser mencionado.

As razões para *Maurice* ter permanecido inédito por mais de meio século são explicadas, em parte, pelo próprio autor, na nota que se encontram ao final da presente edição, escrita em 1960. Não se trata, aqui, de contar a história desse grande romance de formação, antecipando para o leitor o belo texto que tem pela frente, mas de anotar a perspectiva de Forster, o caráter radical do seu enfoque. Porque em sua narrativa não encontramos as saídas mais corriqueiras quando se trabalha com o tema. A experiência vivida por seus personagens não se consuma por algum tipo de sublimação de suas pulsões, tal como acontece, em parte, em *Morte em Veneza*, que culmina, inclusive, com a morte do personagem principal; ou pela condenação de sua conduta sexual, mediante uma conclusão trágica dos destinos dos envolvidos; ou ainda pela ambigüidade de orientação afetiva, como se lê no fim da novela *Tonio Kröeger*, em que ele admira o jovem par dançando

e pelo qual se sente apaixonado. Muito pelo contrário, *Maurice* é um romance que aponta para um final feliz, o que a própria dedicatória do livro já antecipa: ‘‘Dedicado a um ano mais feliz’’. E de uma felicidade perene, pois fica implícito que Maurice e seu companheiro talvez vivam daí para a frente juntos e de forma monogâmica. Possivelmente Forster acertou em cheio ao considerar a inviabilidade da circulação do livro no contexto europeu dos anos da guerra e mesmo nas décadas subseqüentes, tendo em vista a solução que apresenta para os conflitos. Por isso, só alguns amigos tiveram acesso aos manuscritos durante esse longo período. E mesmo com tanta coisa tendo aparentemente mudado, ele não está distante da verdade ao considerar, em 1960, que ainda persiste a perseguição aos homossexuais: ‘‘os processos criminais continuarão’’. Porque o mais insuportável, como Forster diz, é a sociedade ser obrigada a pensar sobre a homossexualidade, e *Maurice* faz isso em grande estilo.

Ao mesmo tempo, Forster enfrenta outros valores poderosos da sociedade, como o religioso, e sua opção é clara, atirando os jovens do romance definitivamente no ateísmo sem culpas. Outra audácia sua talvez seja o modo como toca em uma das aporias centrais na história da afetividade até hoje: a diferença de classes entre os envolvidos como fator de impossibilidade de realização do amor, temática corriqueira na literatura amorosa, projetada no romance no âmbito de relações entre pessoas do mesmo sexo. A paixão de Maurice por Scudder, um ‘‘simples’’ guarda-caças de seu amigo Clive, consolida uma aliança afetiva que transcende suas diferenças sociais. Este é talvez o fato que, não por acaso, cause mais repulsa a Clive, socialmente superior a ambos e que antes tinha mantido uma paixão platônica por Maurice, da qual se ‘‘salvou’’ depois de uma viagem à Grécia. Aqui o autor põe o dedo em uma ferida profunda, e a saída possível obrigaria o jovem casal ao exílio, ao qual ambos se entregariam como a alternativa real de realizarem seus projetos. E Forster tem toda razão ao sublinhar que, talvez, um dos atrativos do livro seja exatamente a menção a uma Inglaterra que não existe mais, onde ainda existia uma floresta ou charneca onde talvez as pessoas pudessem se perder.

No terreno mais específico das representações, o amor homossexual entre os antigos, particularmente os gregos, os textos de Platão e o exemplo de Sócrates, comparecem em *Maurice*, tal como em outros romances e novelas desse período, como pano de fundo de experiências ao qual a peripécia pode ser referida, refletida, vindo a esclarecer ou corroborar eventualmente essa conduta sexual. Mas — e aqui também se assinala um traço distintivo de Forster — todas as referências à Grécia, bem como à viagem de Clive àquele país, culminam no

contrário. Se Clive esperava encontrar na acrópole de Atenas a grande revelação que tornasse o seu amor ‘‘natural’’, os resultados que alcança levam ao esvaziamento de uma solução ou chancela simbólica, filosófica e histórica para os desejos de um homem pelo outro, e tornam esse tipo de paixão definitivamente concreto. Se bem compreendido, o abandono dessa referência aos costumes gregos é um ponto de vista novo do romance e não deve ser perdido de vista.

Em mais um aspecto o romance de Forster parece crucial no terreno e na história dessas representações literárias sobre o amor entre homens. O personagem Maurice, longe do que usual e preconceituosamente se espera de um homossexual, não apresenta nenhum caráter diferenciador que o estigmatize ou sobreleve. Maurice é um jovem comum, bem comum, engolindo aos poucos o duro conhecimento que é obrigado a adquirir ao se chocar por todos os lados com a estrutura quase monolítica dos interditos sociais. Tenta, inclusive, tratamento clínico e submete-se a experiências de hipnose. Mas não se altera substancialmente nesse processo de autoconhecimento: continua e continuará um homem comum, mesmo depois de unido a Scudder. Não é o artista incompreendido, o marginal, o demoníaco, o intelectual antiburguês, como os personagens de Mann e outros autores. Não é também Oscar Wilde e sua *persona*, e nem sequer tem Wilde como modelo ou qualquer coisa assim. É apenas um rapaz que sente amor por outros homens, sem nenhuma intelectualização ou simbolização estética. Como diz Forster, interpretando a crise de Maurice ao ser abandonado por Clive:

> Uma natureza refinada teria se comportado melhor e talvez sofrido menos. Maurice não era intelectual nem religioso, nem dispunha daquele estranho conforto que a autopiedade confere a algumas pessoas. Com exceção de um ponto era um sujeito normal e agia como teria agido o homem comum que, após dois anos de felicidade, fora traído pela esposa.

Talvez aí esteja um dos pontos mais fundos do livro de Forster, ao tornar público para sua época (e agora para a nossa) aquilo que todo mundo sempre suspeitou e temeu: que homossexuais, afora o fato de possuírem essa conduta sexual, são ‘‘comuns’’ e ‘‘normais’’ como qualquer outra pessoa, o que é uma dessas coisas difíceis para o senso comum cotidianamente conviver e talvez raras vezes admitir como verdadeira.

A divulgação de *Maurice*, em 1971, encontra um contexto cultural muito distinto daquele que teria sido seu público à época. Os *beatniks*, a contracultura dos anos 1960, o movimento homossexual organizado, a idéia e prática do

‘‘amor livre’’, enfim, tudo o que caracterizava essa época conhecia seus anos de maior furor. E o livro foi sendo absorvido e traduzido para diversas línguas, chegando a ser adaptado para o cinema, dada a sua força narrativa e a contemporaneidade de seus dilemas. Sua publicação pela primeira vez no Brasil, 34 anos depois, é também um indicativo do seu mérito e desse movimento geral da cultura e da moral nos últimos 150 anos, no qual alguns setores tentam descriminalizar condutas não-heterossexuais, bem como retirar-lhes a pecha de doença. E também uma aposta em que finais felizes sejam possíveis. Ainda que a intolerância subterrânea continue sendo geralmente a regra, como conjectura Forster, ‘‘Maurice talvez escape’’.

Ronald Polito

Iniciado em 1913
Terminado em 1914
Dedicado a um ano mais feliz

Parte I

1

Uma vez por semestre a escola inteira saía para dar um passeio — ou seja, participavam da excursão os três professores, além dos alunos. Costumava ser um passeio agradável, e todos aguardavam-no ansiosos, esquecendo desavenças e comportando-se à solta. Para não desabonar a disciplina, o evento ocorria pouco antes das férias, quando a falta de rigor não causava maiores danos. De fato, assemelhava-se mais a uma diversão doméstica do que letiva, pois a senhora Abrahams, mulher do diretor, vinha encontrá-los numa casa de chá junto com algumas amigas, onde os tratava de modo maternal e hospitaleiro.

Diretor de curso preparatório, o senhor Abrahams era um mestre à moda antiga. Não lhe interessavam nem as provas nem os jogos, mas ele alimentava bem seus pupilos e fazia questão de que se portassem bem. O restante ele deixava para os pais e não especulava sobre quanto os pais podiam estar deixando para ele. Em meio a cumprimentos mútuos, os meninos seguiam para a escola pública, saudável mas retrógrada, para receber sobre a carne indefesa os primeiros golpes do mundo. Muito pode ser dito sobre a apatia na educação, e os pupilos do senhor Abrahams não se saíam mal a longo prazo, tornavam-se pais por sua vez e, em alguns casos, confiavam-lhe os rebentos. O senhor Read, assistente júnior, e o senhor Ducie, o sênior, estimulavam os alunos, impedindo que caíssem no sono. Os dois não gostavam muito do diretor, mas sabiam que era necessário. O senhor Ducie era um homem capaz, ortodoxo, mas não apartado do mundo nem incapaz de ver os dois lados da questão. Não servia para lidar com os pais nem com os rapazes mais problemáticos, mas convinha aos alunos mais capazes, e até auxiliou alguns deles a obterem bolsas de estudos. Também não era um mau organizador. Enquanto fingia segurar as rédeas e preferir o senhor Read, o senhor Abrahams com efeito dava carta-branca ao senhor Ducie e terminou propondo-lhe sociedade.

Sempre havia algo ocupando os pensamentos de senhor Ducie. Naquela ocasião era Hall, um dos rapazes mais velhos, que os estava deixando para entrar numa escola pública.[1] Ele queria ter uma “boa conversa” com Hall, durante o passeio. Seus colegas objetaram, pois acabariam sobrecarregados, e o diretor lembrou que já falara com Hall e que o rapaz preferiria dar sua última caminhada

na companhia dos colegas. Era provável, mas o senhor Ducie nunca deixava de fazer o que lhe parecia certo. Ele sorriu e ficou em silêncio. O senhor Read sabia o que constituía a “boa conversa”, pois, quando se conheceram, abordaram profissionalmente certo tema. O senhor Read havia desaprovado. “Terreno pantanoso”, dissera. O diretor não sabia do que se tratava nem teria feito questão de saber. Por separar-se de seus pupilos quando estes tinham catorze anos, esquecia que continuavam crescendo e viravam homens. Para ele, eram como uma raça pequena mas completa, como os pigmeus da Nova Guiné, porque nunca se casavam e raramente morriam. Celibatária e imortal, a longa procissão passava diante dele, variando em dimensão de vinte e cinco a quarenta por vez. “Não vejo utilidade nos livros para a educação. Os garotos existiam antes que a educação fosse cogitada.” O senhor Ducie sorria, pois era partidário da evolução.

Dali para os rapazes.

“Senhor, posso segurar sua mão... O senhor me prometeu...” Ambas as mãos do senhor Abrahams estavam ocupadas, como as do senhor Read. “Ah, o senhor ouviu essa? Ele acha que o senhor Read tem três mãos!... Eu não disse isso, eu disse ‘dedos’. Invejoso! Invejoso!”

“Quando vocês terminarem...!”

“Sim, senhor!”

“Vou caminhar a sós com Hall.”

Houve gritos de desapontamento. Os outros professores, vendo que não havia jeito, chamaram o grupo para seguir em frente, conduzindo-o em fila pelo penhasco na direção da planície. Hall, triunfante, saltou para o lado do senhor Ducie e, como já se sentia adulto o bastante, dispensou segurar-lhe a mão. Era um jovem gorducho e bonito, nada extraordinário. Nisso puxara ao pai, que passara pela procissão vinte e cinco anos antes, sumira numa escola pública, casara-se, tivera um filho e duas filhas, e havia recentemente morrido de pneumonia. O senhor Hall fora um bom cidadão, mas letárgico. O senhor Ducie informara-se a seu respeito antes de encetar a caminhada.

“Bem, Hall, está esperando uma preleção, hein?”

“Não sei, senhor... O senhor Abrahams fez uma quando me entregou uma cópia de ‘Aqueles Campos Sagrados’.[2] A senhora Abrahams me presenteou com um par de abotoaduras. Meus colegas me deram um conjunto de selos da Guatemala no valor de dois dólares. Veja, senhor! Eles vêm com estampa de um papagaio sobre uma pilastra.”

“Esplêndido, esplêndido! Que disse o senhor Abrahams? Disse-lhe que é um pecador miserável, espero.”

O moço riu. Não entendeu a piada do senhor Ducie, mas sabia que ele estava tentando ser engraçado. Sentia-se à vontade porque era seu último dia na escola, e mesmo se fizesse algo de errado, não se meteria em encrenca. Além disso, o senhor Abrahams declarara que ele era um sucesso. “Estamos orgulhosos de seu filho; ele nos honrará em Sunnington”; Hall vira o início da carta à sua mãe. E os rapazes o cobriram de mimos, declarando-o corajoso. Um grande equívoco — ele não era corajoso: tinha medo do escuro. Mas ninguém sabia disso.

“Bem, que disse o senhor Abrahams?”, repetiu o senhor Ducie, quando chegaram à praia. Uma longa conversa ameaçava sobrevir, e o garoto queria estar no penhasco com os colegas, mas sabia que, na disputa com um adulto, de nada adiantava querer.

“O senhor Abrahams falou para eu seguir o exemplo de meu pai.”

“ Nada mais?”

“Ele mandou nunca fazer nada que não eu quisesse que minha mãe visse. Na escola pública, ninguém pode falhar, pois lá será muito diferente daqui.”

“O senhor Abrahams explicou em que sentido é diferente?”

“Haverá todo tipo de dificuldades... Muito parecido com o ocorre no mundo.”

“Ele lhe contou como é o mundo?”

“Não.”

“Você perguntou?”

“Não, senhor.”

“Não foi muito esperto de sua parte, Hall. Sempre procure esclarecer as coisas. O senhor Abrahams e eu estamos aqui para responder a suas perguntas. Como supõe que é o mundo, o mundo dos adultos?”

“Não sei dizer. Sou um garoto”, ele respondeu, bastante sincero. “Eles são muito traiçoeiros, senhor?”

O senhor Ducie achou engraçado e perguntou-lhe que exemplos de perfídia ele havia visto. Hall disse achar que os adultos não eram descorteses com os garotos, mas não estavam sempre armando trapaças uns para os outros? Perdendo seus modos escolares, passou a falar como uma criança, e tornou-se imaginativo e engraçado. O senhor Ducie sentou-se na areia para escutá-lo, acendeu o cachimbo e olhou para o céu. O pequeno oásis onde viviam ficara bem para trás, o restante do grupo caminhava bem à frente. O dia estava cinzento e sem vento, com pouca distinção entre nuvens e sol.

“Você mora com sua mãe, não é?”, ele interrompeu, vendo que o rapaz

ganhara confiança.

“Sim, senhor.”

“Tem irmãos mais velhos?”

“Não senhor... Apenas Ada e Kitty.”

“Algum tio?”

“Não.”

“Então não conhece muitos homens?”

“Mamãe tem um cocheiro e George trabalha no jardim, mas é claro que o senhor quer dizer cavalheiros. Mamãe tem três criadas para cuidar da casa, mas elas são tão preguiçosas que não costuram as meias de Ada. Ada é minha irmã mais velha.”

“Quantos anos você tem?”

“Catorze anos e nove meses.”

“Bem, você é um danado de um ignorante.” Eles riram. Depois de uma pausa, o professor prosseguiu: “Quando tinha a sua idade, meu pai me contou algo que mostrou ser muito útil e me ajudou bastante”. Era uma mentira: seu pai nunca lhe dissera nada. Mas ele precisava de um prelúdio para o que iria dizer.

“Ele disse, senhor?”

“Devo contar-lhe o que era?”

“Por favor, senhor.”

“Vou falar com você por alguns momentos como se fosse seu pai, Maurice! Eu usarei seu nome verdadeiro.” Então, muito singela e ternamente, abordou o mistério do sexo. Falou do homem e
da mulher, criados por Deus nos primórdios para povoar a terra,
e do período em que o homem e a mulher recebem seus poderes. “Você está prestes a tornar-se um homem agora, Maurice; é por isso que abordo a questão. Não é uma coisa que sua mãe pode contar-lhe, e você não deve mencionar o assunto a ela ou a qualquer dama, e se os rapazes de sua próxima escola mencioná-lo a você, faça-os calar dizendo que já sabe de tudo. Ouviu falar disso antes?”

“Não, senhor.”

“Nem uma palavra?”

“Não, senhor.”

Ainda fumando o cachimbo, o senhor Ducie ergueu-se e, escolhendo um trecho liso de areia, desenhou diagramas sobre ele com sua bengala. “Assim ficará mais fácil”, ele disse ao menino, que o observava com indiferença: não tinha nenhuma relação com suas experiências. Prestava atenção, como

naturalmente fazia quando era o único na sala de aula, e sabia que o assunto era sério e relacionado com o próprio corpo. Mas ele mesmo não conseguia relacioná-lo com nada; espedaçava-se tão logo o senhor Ducie terminava de montar as peças, como uma soma impossível. Em vão, ele tentou. Seu cérebro entorpecido não despertava. A puberdade estava ali, mas não a inteligência; a masculinidade insinuava-se, como sempre deve insinuar-se, num transe. É inútil interromper esse transe. Inútil descrevê-lo, mesmo de forma científica e solidária. O garoto concorda e é arrastado de volta ao sono, sem se deixar seduzir antes da sua hora.

O senhor Ducie, a despeito de sua ciência, era solidário. De fato, era solidário demais; atribuía sentimentos refinados a Maurice, e não percebia que o rapaz ou não compreendia nada ou estava perplexo. “Tudo isso é quase uma amolação”, ele disse, “mas precisamos superá-la, pois não se pode fazer mistério sobre isso. Depois é que surgem as grandes coisas — o amor, a vida.” Ele discursava com fluência, tendo já falado aos rapazes desse modo antes, e sabia o tipo de questões que costumavam fazer. Mas Maurice não perguntava, apenas dizia “entendo, entendo, entendo”, e, de início, o senhor Ducie receou que ele não estivesse entendendo. O professor o testou. As respostas foram satisfatórias. A memória do menino era boa — como é curioso o tecido humano —, e ele até mesmo desenvolveu uma inteligência espúria, uma cintilação superficial para atender ao farol luminoso do homem. No final, acabou fazendo uma ou duas perguntas sobre sexo, que foram adequadas. O senhor Ducie ficou muito satisfeito.

“Está certo”, ele disse. “A partir de agora nunca mais precisará ficar intrigado ou incomodar-se com isso.”

O amor e a vida ainda tinham de ser discutidos, e ele comentou esses temas enquanto perambulavam ao longo do mar pardacento. O professor falou do homem ideal — casto em seu ascetismo. Esboçou a glória da mulher. Tendo ele próprio ficado noivo, tornara-se mais humano, e seus olhos brilhavam por trás dos óculos grossos; suas faces enrubesciam. Amar uma nobre mulher, protegê-la e servi-la — esse, ele disse ao rapaz, era o apogeu da vida.

“Você não pode compreender agora, mas compreenderá um dia, e, quando isso ocorrer, lembre-se do velho pedagogo que o pôs no caminho. Tudo está interligado, tudo, e com Deus no firmamento, tudo está certo no mundo. Homem e mulher! Ah, que maravilha!”

“Acho que não me casarei”, observou Maurice.

“Daqui a dez anos, vou convidar você e sua esposa para jantar comigo e

minha mulher. Aceita?”

“Ah, senhor!” Ele sorriu, feliz.

“Está combinado, então!” Era, de todo modo, uma boa tirada para encerrar o assunto. Maurice ficou lisonjeado e começou a vislumbrar o casamento. Mas, quando já havia serenado o espírito, o senhor Ducie deteve-se e ergueu o rosto como se todos os dentes doessem. Ele virou-se e olhou para o longo areal.

“Não apaguei aqueles malditos desenhos”, disse, pausadamente.

Do outro lado da baía, algumas pessoas seguiam atrás, também à margem do oceano. Pelo percurso, logo estariam no local onde o senhor Ducie ilustrou o sexo, e uma das pessoas era uma senhora. Ele correu de volta, transpirando de medo.

“Senhor, acho que não tem problema”, Maurice gritou. “A maré já terá coberto o desenho.”

“Graças a Deus... graças a Deus... a maré está subindo.”

Súbito, durante um lapso de tempo, o rapaz o desprezou. “Mentiroso”, pensou. “Mentiroso, covarde, ele não me contou nada.” Então, a escuridão estendeu-se novamente, uma escuridão primitiva, mas não eterna, que se submete a seu próprio alvorecer doloroso.

2

A mãe de Maurice morava nos arredores de Londres, numa vila confortável cercada por pinheiros. Foi ali que ele e suas irmãs haviam nascido e de onde seu pai partia para o trabalho todos os dias, para ali depois retornar. Quase se mudaram quando a igreja foi construída, mas acabaram acostumando-se a ela, como a tudo, e até descobriram que era conveniente. A igreja era o único lugar aonde a senhora Hall precisava ir, pois as lojas faziam entrega. A estação também não ficava longe, assim como ficava por perto um razoável externato para moças. Era uma terra de comodidades, onde tudo se obtinha sem esforço, e o sucesso não se distinguia do fracasso.

Maurice gostava de seu lar e reconhecia a mãe como o gênio tutelar. Sem ela não haveria poltronas macias, comida ou jogos amenos, e era grato a ela por proporcionar tantos confortos, e a amava. Também gostava das irmãs. Quando ele chegou, elas correram para recepcioná-lo com gritos de alegria, tiraram seu sobretudo pesado e o largaram no chão do hall, para que os criados o recolhessem. Admiraram seus selos da Guatemala — assim como “Aqueles Campos Sagrados” e uma gravura de Holbein que o senhor Ducie lhe dera. Depois do chá o tempo aclarou, e a senhora Hall vestiu galochas e andou com ele pelo terreno. Trocavam beijos, enquanto conversavam a esmo.

“Morrie...”

“Mamãe...”

“Agora preciso cuidar para que Morrie tenha uma estada agradável.”

“Onde está George?”

“E que relatório esplêndido o senhor Abrahams escreveu! Ele diz que você lembra seu pobre pai... Agora, que faremos nestas férias?”

“Gosto mais daqui.”

“Meu querido...” Ela o abraçou, com enorme afeição.

“Não há nada como o lar, como todos descobrimos. Sim, tomates...” A senhora Hall gostava de recitar os nomes dos vegetais. “Tomates, rabanetes, brócolis, cebolas...”

“Tomates, brócolis, cebolas, batatas-roxas, batatas-inglesas”, martelou o garotinho.

“Nabos...”

“Mamãe, onde está George?”

“Ele foi embora a semana passada.”

“Por que George foi embora?”, ele indagou.

“Estava ficando muito velho. Howell gosta de substituir os rapazes a cada dois anos.”

“Ah.”

“Nabos”, ela continuou, “batatas novamente, beterrabas... Morrie, gostaria de fazer uma visitinha ao vovô e à tia Ida se eles nos convidarem? Quero que se divirta nestas férias, querido... Você foi muito bem, mas o senhor Abrahams também é um homem tão extraordinário; veja, seu pai esteve na escola dele, e nós o mandaremos para a velha escola pública de seu pai também, Sunnington, de modo que possa crescer como seu pai em todos os aspectos.”

Um soluço interrompeu-a.

“ Morrie, querido.”

O menininho estava chorando.

“Meu amor, o que é?”

“Não sei... não sei...”

“Por quê, Maurice?”

Ele balançou a cabeça. Ela entristeceu-se diante de sua incapacidade de fazê-lo feliz e também começou a chorar. As meninas precipitaram-se para os dois, exclamando:

“Mãe, o que há de errado com Maurice?”

“Oh, não”, ele gemeu. “Kitty, vá embora...”

“Ele está cansado demais”, disse a senhora Hall, explicação que ela costumava dar para tudo.

“Estou cansado demais.”

“Venha para seu quarto, Morrie. Oh, meu doce, tudo isso realmente é muito horrível.”

“Não... está tudo bem.” Ele cerrou os dentes, e a grande massa de tristeza que o abateu ao brotar à superfície começou a submergir. Ele pôde senti-la afundar em seu coração até que deixou de percebê-la. “Estou bem.” Maurice olhou ao redor com determinação e enxugou os olhos. “Vou jogar halma,[3] acho.” Antes mesmo de as peças terem sido dispostas, ele já voltara a falar como antes; o colapso infantil havia se encerrado.

Ele derrotou Ada, que o idolatrava, e Kitty, que não, e correu ao jardim para cumprimentar o cocheiro.

“Como vai, Howell? Como está a senhora Howell? Como vai senhora Howell?”, e assim por diante, ele falava num tom condescendente, diverso do usado ao lidar com pessoas de sua classe social. Então, voltando ao normal: “Aquele não é o novo jardineiro?”.

“Sim, patrãozinho Maurice.”

“George estava velho demais?”

“Não, patrãozinho. Ele quis melhorar de vida.”

“Oh, quer dizer que ele pediu demissão?”

“Isso mesmo.”

“Mamãe disse que ele estava velho demais e o senhor o mandou embora.”

“Não, patrãozinho.”

“Meus pobres feixes de madeira ficarão agradecidos”, disse a senhora Howell. Maurice e o antigo jardineiro costumavam brincar por ali.

“Os feixes de madeira são de minha mãe, não seus”, retrucou Maurice e entrou em casa. Os Howells não se ofenderam, embora tenham fingido melindre um para o outro. Servos desde sempre, gostavam quando um cavalheiro demonstrava esnobismo.

“Ele já tem todo o jeito”, comentaram com a cozinheira. “Parecido com o pai.”

Os Barry, que foram jantar, tinham a mesma opinião. O doutor Barry era um velho amigo, ou melhor, vizinho, da família, e manifestava um interesse moderado por eles. Ninguém poderia nutrir um interesse profundo pelos Halls. Ele gostava de Kitty — havia sinais de coragem nela —, mas as meninas tinham sido postas na cama, e ele disse depois à esposa que era para lá que Maurice também deveria ter ido.

“E ficar por lá a vida toda. Como ele o fará. Tal qual o pai. De que serve essa gente?”

Maurice relutava em ir para a cama. O quarto sempre o assustou. Havia se comportado com muita maturidade durante o jantar, mas o velho sentimento assaltou-o tão logo sua mãe deu-lhe o beijo de boa-noite. O problema estava no espelho. Ele não se importava de ver seu rosto ali nem de lançar uma sombra no teto, mas não gostava de ver a sombra que projetava no teto refletida no espelho. Dispunha a vela de forma a evitar a combinação e, então, desafiava a si próprio a recolocá-la no lugar e deixar-se tomar pelo terror. Sabia do que se tratava, não lhe parecia com nada horrível. Mas tinha medo. No fim, apagava a vela e saltava à cama. Podia suportar a escuridão total, mas seu quarto tinha o defeito adicional de ficar em frente de um lampião de rua. Nas noites boas, a luz penetrava

discretamente pela cortina, mas, às vezes, manchas como crânios caíam sobre a mobília. Seu coração pulava com violência, e ele permanecia aterrorizado na cama, não muito distante de sua família e dos empregados.

Ao abrir os olhos para ver se as manchas haviam diminuído, lembrou-se de George. Algo se agitou nas profundezas inescrutáveis de seu coração. Ele murmurou “George, George”. Quem era George? Ninguém — tão-somente um reles empregado. Mamãe, Ada e Kitty eram muito mais importantes. Mas ele era pequeno demais para entender. Maurice nem mesmo percebeu que, quando se entregou à tristeza, perdeu o medo dos espectros e ferrou no sono.

3

Sunnington foi a etapa seguinte na carreira de Maurice. Ele a atravessou sem alarde. Não se saiu bem nas provas, embora melhor do que alardeava, nem demonstrou qualidades extraordinárias nos esportes. Se as pessoas o notavam, gostavam dele, pois tinha um rosto alegre e amistoso, e era educado quando lhe dirigiam a atenção; mas havia tantos rapazes do mesmo tipo — formavam a espinha dorsal da escola sem que se notassem as vértebras. Ele ateve-se ao costumeiro — foi posto de castigo, uma vez foi fustigado, galgou cada degrau nos estudos clássicos até se equilibrar precariamente no sexto, tornou-se monitor da classe, mais tarde monitor da escola e membro do grupo dos quinze melhores. Embora atrapalhado, tinha força e ousadia física: no críquete não se saía muito bem. Tendo sido maltratado quando novato, maltratou outros quando pareciam infelizes ou fracos, não porque fosse cruel, mas porque era a coisa certa a ser feita. Em suma, era um membro medíocre de uma escola medíocre, tendo causado uma tênue mas favorável impressão. “Hall? Espere um pouco, quem foi Hall? Oh, sim, eu me lembro; uma trajetória bastante escorreita.”

No fundo, estava confuso. Havia perdido a clareza precoce da criança que transfigura e explica o universo, oferecendo respostas cuja percepção e beleza as fazem miraculosas. “Pelos lábios das crianças e dos infantes...”[4] Mas não pelos lábios de um rapaz de dezesseis anos. Maurice esqueceu que um dia fora assexuado, e apenas mais tarde percebeu como a sensação de seus primeiros dias deve ter sido clara e precisa. Fazia tempo que os havia ultrapassado, pois estava descendo o vale tenebroso da vida,[5] que se encontra entre as montanhas mais baixas e as mais elevadas, cujas brumas é preciso aspirar para poder atravessá-lo. Ele tateou em torno por mais tempo que os outros rapazes.

Quando tudo é obscuro e informe, o melhor símile está no sonho. Maurice teve dois no colégio; eles o interpretarão.

No primeiro, estava muito bravo. Jogava bola contra um indivíduo indefinido cuja existência o incomodava. Fez um esforço e o sujeito transformou-se em George, o jardineiro. Mas precisava tomar cuidado ou o outro ressurgiria. George corria nu pelo campo em sua direção, pulando os feixes de madeira. “Eu vou enlouquecer se ele voltar à sua forma antiga”, disse Maurice,

mas foi isso o que ocorreu assim que eles se uniram, e um desapontamento brutal o despertou. Ele não conectou essas imagens com a homilia do senhor Ducie, nem mesmo com o segundo sonho, mas imaginou que iria ficar doente, e depois que era uma punição por alguma coisa.

O segundo sonho é mais difícil de descrever. Nada sucedeu. Quase não viu um rosto, quase não ouviu uma voz dizer “Este é seu amigo”, e então o sonho terminou, tendo saturado-o de beleza e ensinado-lhe a bondade. Maurice poderia morrer por um amigo como aquele, teria permitido que tal amigo morresse por ele; fariam quaisquer sacrifícios um pelo outro, sem atentar para o mundo, nem a morte nem a distância nem a indignação poderiam separá-los, pois “ele é meu amigo”. Pouco depois de ter sido crismado, procurou persuadir-se que aquele amigo era Cristo. Mas Cristo era uma barba esquálida. Seria tal amigo um deus grego, do tipo que ilustra os dicionários de mitologia? É bastante provável, mas é mais provável que fosse apenas um homem. Maurice absteve-se de continuar definindo o seu sonho. Levara-o o máximo possível para dentro da vida. Nunca se encontraria com aquele homem ou ouviria aquela voz novamente, porém eles se tornaram tão reais quanto qualquer coisa conhecida, e na verdade...

“Hall! Devaneando de novo! Cem linhas!”

“Senhor, ah! Dativo absoluto.”

“Devaneando de novo. Tarde demais.”

... na verdade voltariam a apresentar-se em plena luz do dia, deixando cair a cortina. Maurice então tornaria a embeber-se daquele rosto e das quatro palavras, emergindo cheio de ternura e desejo de ser gentil com todos, porque seu amigo assim o desejava, e de sentir-se satisfeito, pois assim seu amigo podia afeiçoar-se ainda mais a ele. A aflição era algo que se misturava a toda essa felicidade. Parecia tão certo que tinha um amigo quanto que não tinha nenhum, de modo que procurava um lugar solitário para chorar, atribuindo as lágrimas às cem linhas.

A vida secreta de Maurice pode ser compreendida agora; era em parte brutal, em parte ideal, como seus sonhos.

Assim que seu corpo se desenvolveu, tornou-se obsceno. O rapaz supôs que uma maldição especial lhe havia sido lançada, mas não podia lutar contra ela, pois mesmo quando recebia a comunhão sagrada, pensamentos impuros brotavam em sua mente. A disposição da escola era casta — isto é, pouco antes de sua chegada houvera um terrível escândalo. A ovelha negra fora expulsa e o remanescente obrigado a trabalhar duro durante o dia, sendo vigiado à noite, de modo que foi sua sorte ou desgraça ter pouca oportunidade para trocar

experiências com os colegas. Maurice ansiava por libidinagem, mas ouvia pouco e contribuía ainda menos, e sua devassidão era solitária. Livros: a biblioteca da escola era imaculada, mas, na casa do avô, topou com um Marcial não expurgado, que tresleu com orelhas em chamas. Pensamentos: tinha uma pequena e suja coleção. Atos: desistiu deles depois que a novidade arrefeceu, tendo descoberto que lhe causavam mais fadiga do que prazer.

Tudo isso, é preciso que dizer, se deu num transe. Maurice inadvertidamente adormecera no vale tenebroso, bem longe dos picos de qualquer altura, sem saber que seus colegas lá também dormiam.

A outra metade de sua vida parecia infinitamente distante da obscenidade. Ao adaptar-se à escola, passou a idolatrar um ou outro rapaz. Quando esse moço, quer fosse mais velho ou mais novo do que ele, estava presente, Maurice ria alto, falava disparates e era incapaz de concentrar-se nos estudos. Não ousava ser gentil — não era o caso — e muito menos expressar sua admiração em palavras. E seu ídolo logo se afastava, deixando-o de mau humor. Contudo, tinha suas ocasiões para desforra. Outros rapazes às vezes o veneravam e, quando percebia isso, livrava-se deles. Certa feita, a admiração foi mútua, ambos almejando algo indefinido, mas o resultado foi o mesmo. Em poucos dias, brigaram. Tudo o que adveio desse caos foram as sensações de beleza e de carinho que primeiro experimentou em sonho. Cedo medraram, crescendo como plantas repletas de folhas, mas que não fornecem nenhum sinal de flor. Perto do final de sua educação em Sunnington, o crescimento estancou. Uma interrupção, um silêncio, recaiu sobre o complexo processo, e com muita timidez o jovem começou a olhar ao redor.

4

Ele tinha quase dezenove anos.

De pé sobre o tablado no Dia de Entrega dos Prêmios, Maurice recitava uma ode grega de sua própria lavra. O salão estava repleto de alunos e pais, mas o moço portava-se como se discursasse para a Conferência de Haia e a criticasse por suas atitudes.

“Que disparate é esse, ó Andres Europenaici, de falar sobre a abolição da guerra? Pois Ares não é filho do próprio Zeus? Além disso, a guerra nos deixa robustos pelo exercício do corpo, certamente não como alguns de meus oponentes.”

O grego era lamentável: Maurice ganhou o prêmio em razão do raciocínio, e apenas por isso. O professor da banca examinadora exagerou um pouco em seu favor, já que ele estava deixando o colégio e era um sujeito respeitável; além do mais, estava encaminhando-se para Cambridge, onde livros premiados em suas prateleiras ajudariam a promover a escola. De forma que recebeu a *História da Grécia*, de Grote, em meio a aplausos ensurdecedores. Ao retornar a seu assento, ao lado da mãe, percebeu que mais uma vez se tornara popular, e perguntou-se por quê. As palmas continuaram — até o ponto da ovação; Ada e Kitty, com o rosto muito vermelho, batiam as mãos com estrépito do outro lado. Alguns de seus amigos, também formandos, bradavam “discurso”. Era um comportamento irregular e combatido pelas autoridades, mas o próprio diretor levantou-se e disse algumas palavras. Hall era um deles, e ele sempre sentiria como se fizesse parte da escola. As palavras pareciam justas. A escola aplaudiu não porque Maurice era eminente, mas porque era mediano. Assim, podia celebrar a si própria na imagem do rapaz. Muitos correram até ele depois, dizendo “Muito bom, velhinho”, de modo bastante sentimental, e até “esse buraco ficará miserável depois que você for embora”. Sua família compartilhava o triunfo. Em visitas anteriores, ele comportara-se mal. “Desculpe, mãe, mas você e as meninas terão de caminhar sozinhas”, fora seu comentário após um jogo de futebol, quando tentaram unir-se a ele em meio à lama e à glória: Ada chorara. Agora Ada conversava com muita desenvoltura com o capitão da escola, enquanto Kitty passava adiante fatias de bolo, e sua mãe escutava a mulher do

diretor discorrer sobre os problemas de instalar-se ar quente. Tudo e todos estavam de repente em harmonia. Era assim o mundo?

Uns poucos metros dali, ele avistou doutor Barry, o vizinho, que percebeu o olhar e exclamou de um modo alarmante:

“Parabéns, Maurice, por seu triunfo. Arrasador! Eu bebo a seu sucesso nesta xícara”, ele a esvaziou, “de chá extremamente ruim.”

Maurice riu e dirigiu-se a ele, sentindo-se um pouco culpado; pois estava com um peso na consciência. Doutor Barry lhe pedira para travar amizade com seu pequeno sobrinho, que entrara na escola aquele semestre, mas ele nada fizera — não era o que se fazia. Ele queria ter tido mais coragem agora que era tarde e sentia-se mais adulto.

“E qual é a próxima etapa de sua carreira triunfal? Cambridge?”

“É o que dizem.”

“É o que dizem, hein? E o que você diz?”

“Não sei”, respondeu o herói, magnânimo.

“E depois de Cambridge, o quê? A Bolsa de Valores?

“Suponho que sim... O antigo sócio de meu pai comentou que eu poderia trabalhar com ele, se tudo der certo.”

“E depois de entrar na empresa do antigo sócio de seu pai, então? Uma bela esposa?”

Maurice riu de novo.

“Que presenteará o mundo ansioso com um Maurice terceiro? Depois disso, a velhice, netos e finalmente as margaridas. Então essa é sua noção de carreira? Bem, não é a minha.”

“Qual é sua noção, doutor?”, Kitty indagou.

“Ajudar os fracos e corrigir as injustiças, minha querida”, ele respondeu, olhando diretamente para ela.

“Tenho certeza de que essas aspirações são comuns a todos”, interveio a mulher do diretor, e a senhora Hall concordou.

“Não, não são. São apenas minhas; do contrário, deveria estar à procura de meu Dickie em vez de deter-me nessa cena esplendorosa.”

“Por favor, traga o querido Dickie até aqui, para cumprimentar-me”, pediu a senhora Hall. “O pai dele também veio?”

“Mãe!”, Kitty sussurrou.

“Sim. Meu irmão morreu no ano passado”, disse o doutor Barry. “A senhora esqueceu-se do incidente. A guerra não o tornou mais robusto pelo exercício do corpo, como Maurice imagina. Levou uma bala no estômago.”

Ele saiu.

“Acho que o doutor Barry está ficando cínico”, observou Ada. “Acho que está com ciúmes.” Ela tinha razão: o doutor Barry, que fora um conquistador na sua época, de fato ressentia-se da continuidade dos rapazes. O pobre Maurice encontrou-se de novo com ele. O médico estava despedindo-se da esposa do diretor, que era uma bela mulher, e muito educada com os rapazes mais velhos. Eles trocaram um caloroso aperto de mão. Ao virar-se, ouviu doutor Barry dizer:

“Bem, Maurice; um jovem tão irresistível no amor quanto na guerra.”

Maurice notou o olhar cínico: “Não sei o que quer dizer, doutor Barry”.

“Ah, vocês rapazes! Com essas carinhas de anjo que fazem hoje em dia. Não sabe o que quero dizer! Pudico diante de uma dama! Seja franco, homem, seja franco. Você não engana ninguém. A mente franca é a mente pura. Dediquei-me à medicina, já estou velho e digo-lhe isto. Um homem nascido de uma mulher deve acompanhar uma mulher para a raça humana continuar.”

Maurice fixou a vista na mulher do diretor, sentiu uma violenta repulsa por ela e ficou escarlate: lembrou-se dos desenhos do senhor Ducie. Uma inquietação — nunca tão bela quanto o pesar — germinou-lhe na superfície da mente, exibindo-se em toda a sua falta de jeito, e desapareceu. Ele não procurou entender a natureza precisa daquele distúrbio, pois a hora ainda não havia chegado, mas a sugestão era inquietante e, malgrado fosse um herói, desejava voltar a ser um menininho, caminhando semidesperto ao longo do oceano cinzento. O doutor Barry continuou sua preleção e, sob a capa de uma atitude amistosa, disse muitas coisas dolorosas.

5

Ele escolheu uma faculdade patrocinada por seu principal amigo de colégio, Chapman, e por outros antigos alunos de Sunnington, e, durante o primeiro ano, logrou experimentar pouco da vida universitária desconhecida. Fazia parte do Clube dos Velhos Rapazes. Juntos, jogavam, tomavam chá e almoçavam; resguardavam suas gírias e seus provincianismos, sentavam-se ombro com ombro no corredor e andavam de braços dados pelas ruas. De vez em quando, ficavam bêbados e contavam bazófias obscuras sobre mulheres, mas, na aparência, mantinham a pose aristocrática, que alguns deles sustentaram pela vida inteira. Não havia rusgas entre eles e os outros graduandos, mas formavam um grupo compacto demais para ser popular e medíocre demais para liderar. Não se arriscavam a conhecer homens vindos de outras escolas públicas. Maurice achava tudo conveniente, pois tinha uma índole acomodada. Embora nenhuma de suas dificuldades tivesse sido resolvida, nenhuma foi acrescentada, o que lhe bastava. O silêncio prosseguiu. Os pensamentos carnais o incomodavam menos. Permanecia parado na escuridão em vez de tatear ao redor, como se ali residisse a finalidade para a qual o corpo e a alma tivessem sido dolorosamente preparados.

Durante o segundo ano deu-se uma mudança. Ele passou a residir na faculdade e ela começou a assimilá-lo. Os dias corriam como antes, mas, quando os portões se fechavam à noite, um novo processo começava. Já no primeiro ano fizera a importante descoberta de que adultos se comportam de modo civilizado uns com os outros, a não ser que houvesse uma razão em contrário. Alguns alunos do terceiro ano fizeram uma visita a seu dormitório. Ele achou que iriam quebrar seus pratos e insultar a fotografia da mãe, mas, quando não fizeram nada disso, parou de planejar como algum dia viria a quebrar os deles, deixando assim de perder tempo com isso. Os modos dos professores eram ainda mais notáveis. Maurice apenas aguardava que essa atmosfera abrandasse. Não gostava de ser cruel ou rude. Era contra sua natureza. Mas tinha sido necessário na escola, ou o teriam subjugado, e supôs que essa atitude seria ainda mais indispensável no campo de batalha mais amplo da universidade.

Uma vez dentro da faculdade, suas descobertas se multiplicaram. Descobriu que as pessoas eram vivas. Até então supunha que *eram* o que ele *pretendia* que fossem — pedaços planos de papelão estampados com desenhos convencionais, mas, ao passear pelos pátios à noite, e vendo pelas janelas homens cantando, discutindo ou entretidos na leitura, adveio-lhe, por algum processo de raciocínio, uma convicção de que aqueles eram seres humanos com sentimentos parecidos com os seus. Não tinha vivido abertamente desde a escola do senhor Abrahams e, a despeito do doutor Barry, não estava disposto a começar; mas percebeu que, enquanto ludibriava os outros, estava sendo ludibriado, confundindo-os com as criaturas ocas que desejava que pensassem que ele fosse. Não, ele tinha um interior. “Mas, ó Senhor, não um interior como o meu.” Assim que refletiu acerca das outras pessoas como seres reais, Maurice tornou-se modesto e consciente do pecado: em toda a criação não poderia haver uma criatura tão vil quanto ele. Não espanta que fingisse ser um pedaço de cartolina; se fosse descoberto tal como era, teria sido perseguido e expulso da face da Terra. Deus, sendo de uma ordem grandiosa demais, não o preocupava: não concebia que nenhuma criatura pudesse ser mais terrível do que, digamos, Joey Fetherstonhaug, que habitava num dos quartos abaixo, ou que nenhum inferno fosse mais amargo do que Coventry.

Pouco depois dessa descoberta, foi almoçar com o senhor Cornwallis, o deão.

Havia dois outros convidados, Chapman e B. A. Risley, estudante de Trinity e parente do deão. Risley era moreno, alto e afetado. Descreveu um gesto extravagante quando foi apresentado e, quando falava, ou seja, quase sempre, empregava superlativos exagerados e poucos masculinos. Chapman chamou a atenção de Maurice e dilatou as narinas, convidando-o a tomar partido contra o recém-chegado. Maurice achou melhor esperar um pouco. Sua pouca disposição para magoar o próximo estava aumentando. Além disso, não tinha certeza de que o desprezava, embora sem dúvida devesse, e em um minuto talvez o fizesse. Assim, Chapman partiu para a briga sozinho. Ao descobrir que Risley adorava música, começou a depreciá-la, dizendo “Não acho que seja algo superior”, e assim por diante.

“Eu acho!”

“Oh, você acha! Nesse caso, perdoe-me.”

“Venha, Chapman, você está precisando comer”, chamou o senhor Cornwallis, e prometeu diversão durante o almoço.

“Suspeito que o senhor Risley não esteja. Devo tê-lo enjoado com minha

conversa grosseira.”

Eles se sentaram; Risley virou-se ligeiramente para Maurice e disse:

“Simplesmente não *consigo* pensar em nenhuma resposta”, em cada frase, dava ênfase violenta a uma palavra. “É tão humilhante. ‘Não’ não serve. ‘Sim’ não serve. O que *há* para ser feito?”

“Que tal não dizer nada?”, sugeriu o deão.

“Nada? Horrível. Deve estar louco.”

“Você está sempre falando, falando, pode-se perguntar?”, provocou Chapman.

Risley disse que sim, estava sempre falando.

“Nunca se cansa?”

“*Nunca*.”

“Nunca cansa os outros?”

“*Nunca*.”

“Que estranho.”

“Está sugerindo que o exauri? Mentira, mentira, você está sorrindo.”

“Mas não é para você”, retrucou Chapman, que se irritava com facilidade.

“Estou numa encruzilhada de novo. Como são surpreendentes as dificuldades da conversação.”

“Você parece sair-se melhor do que a maioria de nós”, observou Maurice. Até então não tinha falado, e sua voz, que soara baixa mas bastante áspera, fez Risley tremer.

“Naturalmente. É meu forte. É a única coisa que me importa, a conversação.”

“Está falando sério?”

“Tudo o que digo é sério.” E de algum modo Maurice soube que era verdade. De súbito, dera-se conta de que Risley era sério. “E você, é sério?”

“Não pergunte a mim.”

“Então fale até se tornar sério.”

“Bobagem”, grasnou o deão.

Chapman gargalhou tempestuosamente.

“Bobagem?” Ele se dirigia a Maurice, que, quando percebeu o ponto em discussão, viu que devia responder que os atos eram mais importantes que as palavras.

“Qual é a diferença? Palavras *são* atos. Está querendo dizer que estes cinco minutos nos alojamentos de Cornwallis não lhe fizeram a menor diferença? Poderá *algum* dia esquecer que me conheceu, por exemplo?”

Chapman grunhiu.

“Mas ele não me esquecerá, nem você. Então, segundo me dizem, é preciso que façamos alguma coisa.”

O deão correu em socorro dos dois sunningtonianos. Ele disse para seu jovem primo:

“Você está sendo falacioso ao falar de memória. Confunde o que é importante com o que é impressionante. Sem dúvida Chapman e Hall sempre se lembrarão de tê-lo conhecido...”

“E se esquecerão desta costeleta. Muito bem.”

“Mas a costeleta lhes traz benefício, e você, nenhum.”

“Obscurantista!”

“Está claro como um livro”, disse Chapman. “Que acha, Hall?”

“Quero dizer”, disse Risley, “ah, como quero dizer com toda clareza que a costeleta influencia sua vida inconsciente, e eu, sua consciência, de modo que não só sou mais impressionante do que a costeleta, mas também mais importante. Seu deão aqui, que vive nas trevas medievais e quer que vocês façam o mesmo, finge que apenas o inconsciente, apenas aquela parte de vocês que pode ser tocada sem que se dêem conta disso, é importante, e todo dia ele nos entedia...”

“Ah, fique quieto”, interrompeu o deão.

“Mas sou um filho das luzes...”

“Ah, fique quieto.” E desviou a conversa para assuntos mais ordinários. Risley não era egoísta, embora estivesse sempre falando sobre si mesmo. Ele não interrompia nem simulava indiferença. Cabriolando como um golfinho, acompanhava o grupo para aonde quer que fosse, sem estorvar-lhe o percurso. Estava brincando, mas a sério. Era tão importante para ele ir de um lado para o outro quanto era necessário para os outros seguir em frente, e Risley adorava ficar perto deles. Uns meses antes Maurice teria concordado com Chapman, mas agora estava certo de que o homem tinha um interior e perguntava-se se não deveria vê-lo mais vezes. Agradou-lhe que, após o término do almoço, Risley o estivesse aguardando ao pé da escada:

“Vocês não entenderam nada. Meu primo não estava sendo razoável.”

“Ele é bom o bastante para nós, é tudo o que sei”, explodiu Chapman. “É absolutamente encantador.”

“Exato. Como os eunucos.” E partiu.

“Ora, que...”, exclamou o outro, mas, com autocontrole britânico, suprimiu o adjetivo. Estava profundamente chocado. Não ligava para um comentário

apimentado em doses moderadas, disse a Maurice, mas aquilo era demais: era deselegante, não era uma atitude educada, não podia ser que o camarada tivesse passado por uma escola pública. Maurice concordou. Podia-se dizer que um primo era um merda se quisesse, mas não um eunuco. Que estilo decadente! De toda forma, achou graça, e para onde quer que fosse arrastado no futuro, pensamentos maldosos e incongruentes sempre lhe ocorreriam acerca do deão.

6

Todo o dia seguinte e o próximo Maurice passou planejando como poderia reencontrar aquele estranho sujeito. As chances não eram boas. Não gostava da idéia de fazer uma visita a um aluno do último ano e, ademais, estudavam em faculdades diferentes. Risley, imaginou, era bastante conhecido na União, e foi ao debate de terça-feira na esperança de ouvi-lo discursar: talvez fosse mais fácil de compreendê-lo em público. Não se sentia atraído pelo homem no sentido de que o queria como amigo, mas achava que Risley podia ajudá-lo — só não sabia como. Tudo continuava bastante obscuro, pois as montanhas ainda lançavam sua sombra sobre o rapaz. Risley, decerto bem perto do cume, talvez lhe estendesse uma mão.

Sem sucesso na União, ele decidiu-se. Não queria a ajuda de ninguém; estava tudo bem com ele. Além disso, nenhum de seus amigos suportava Risley, e precisava ser fiel aos amigos. Mas a reação logo passou, e Maurice mais do que nunca ansiou por vê-lo. Já que Risley era tão extravagante, não poderia agir de forma extravagante também, e quebrar todas as convenções da graduação, fazendo-lhe uma visita? Se era “preciso ser humano”, fazer-lhe uma visita era uma espécie de atitude humana. Bastante impressionado com essa descoberta, Maurice resolveu ser igualmente boêmio e entrar no quarto desfiando um discurso sagaz no próprio estilo de Risley. Ocorreu-lhe que estava querendo mais do que tinha para oferecer. Não parecia muito bom, mas Risley fora inteligente em não deixá-lo sentir-se tolo, de forma que, se nada mais lhe ocorresse, faria seu discurso e fosse o que Deus quisesse.

Pois tudo aquilo se tornara uma aventura. Aquele homem que dissera que era preciso “falar, falar” mexera com Maurice de um modo incompreensível. Uma noite, pouco antes das dez horas, foi a Trinity e aguardou no saguão principal até que os portões fossem fechados. Olhando para o céu, vislumbrou a noite. Como regra, era indiferente à beleza, mas “que espetáculo estrelado!”, pensou.

E com que clareza podia ouvir o chape-chape da fonte após os sinos terem parado de bimbalhar e os portões e portas de toda Cambridge terem sido cerrados. Os homens de Trinity estavam a seu redor — todos com seu imenso

intelecto e sua cultura. O grupo de Maurice escarnecia de Trinity, mas não podia ignorar seu brilho desdenhoso, ou negar a superioridade que era quase incômodo confirmar. Maurice chegara ali sem o conhecimento deles, humildemente, para pedir-lhes ajuda. Seu discurso sagaz definhava naquela atmosfera. E seu coração batia com violência. Sentiu-se envergonhado e apreensivo.

O dormitório de Risley ficava no fim de um curto corredor, que, como não continha nenhum obstáculo, não estava iluminado, e os visitantes precisavam apoiar-se na parede até chegarem à porta. Maurice atingiu-a antes do esperado — uma pancada muito feia — e exclamou "Ah, droga", alto, enquanto as almofadas da porta tremiam.

"Entre", disse uma voz. O desapontamento o aguardava. A voz pertencia a um homem de sua faculdade chamado Durham. Risley não estava.

"Quer falar com o senhor Risley? Olá, Hall!"

"Olá! Onde ele está?"

"Não sei."

"Ah, não é nada. Já estou indo."

"Vai voltar à faculdade?", perguntou Durham sem olhar para cima: estava ajoelhado diante de uma pilha de discos de pianola, no chão.

"Acho que sim, já que ele não está. Não era nada importante."

"Espere um minuto, eu vou também. Estou separando a *Patética*."

Maurice examinou o quarto de Risley e perguntou-se o que poderia ter sido dito ali, e então se sentou à mesa, olhando para Durham. Era um homem pequeno — bem pequeno —, de maneiras simples e rosto pálido, que enrubescera quando Maurice entrara às tontas. Na faculdade, tinha reputação de ser inteligente e também bastante reservado. Praticamente a única coisa que Maurice ouvira falar dele era que "saía muito", e aquele encontro em Trinity confirmava o comentário.

"Não consigo achar a 'Marcha', ele disse. "Desculpe-me."

"Tudo bem."

"Estou tomando os discos emprestados para tocar na pianola de Fetherstonhaugh."

"Que fica no andar inferior ao meu."

"Você passou a morar na faculdade, Hall?"

"Sim, estou no início do meu segundo ano."

"Oh, sim, é claro, estou no terceiro."

Ele falava sem arrogância, e Maurice, esquecendo-se do respeito apropriado aos alunos mais graduados, disse: "Você parece mais com um calouro do que

com um homem do terceiro ano, devo dizer".

"Posso parecer, mas sinto-me como já estivesse formado."

Maurice observou-o com atenção.

"Risley é um sujeito surpreendente", ele continuou.

Maurice não respondeu.

"Ainda assim, excede-se um pouco, às vezes."

"Mas você não se importa de tomar as coisas dele emprestadas."

Ele olhou mais uma vez para cima: "Deveria?", indagou.

"Estou apenas provocando, é claro", respondeu Maurice, saindo da mesa. "Já achou a música?"

"Não."

"Porque eu precisava ir", não havia pressa nenhuma, mas seu coração, que nunca parou de bater rapidamente, obrigara-o a dizer aquilo.

"Oh. Está bem."

Não era o que Maurice esperara.

"O que é que procura?", perguntou, aproximando-se.

"A 'Marcha', da *Patética*..."

"Não quer dizer nada para mim. Então, você gosta desse tipo de música?"

"Sim."

"Uma boa valsa é mais meu estilo."

"O meu também", disse Durham, olhando-o nos olhos. Por hábito, Maurice teria desviado o olhar, mas manteve-o firme dessa vez. Então Durham acrescentou: "O outro movimento deve estar naquela pilha ao lado da janela. Preciso dar uma olhada; não vou demorar".

Maurice repetiu, resoluto: "Preciso ir agora".

"Tudo bem, não vou insistir."

Abatido e solitário, Maurice partiu. Nuvens encobriram as estrelas, a noite estava chuvosa. Mas, enquanto o porteiro ia apanhar as chaves do portão, ouviu passos rápidos atrás de si.

"Conseguiu achar a 'Marcha'?"

"Não, mudei de idéia e resolvi acompanhá-lo."

Maurice deu alguns passos em silêncio, e então disse:

"Deixe-me levar algumas dessas coisas."

"Estão seguras aqui."

"Passe para cá", ele disse bruscamente, e puxou os discos de baixo do braço de Durham. Não trocaram nenhuma outra palavra. Ao chegar à sua faculdade, foram diretamente para o quarto de Fetherstonhaugh, pois havia tempo de tocar

um pouco de música antes das onze. Durham sentou-se à pianola. Maurice ajoelhou-se a seu lado.

“Não sabia que você estava numa fase artística, Hall”, comentou o anfitrião.

“Não estou... Quero ouvir o que estão tramando.”

Durham começou, depois desistiu; disse que preferia iniciar com o segundo movimento.

“Por quê?”

“Fica mais perto das valsas.”

“Oh, isso não importa. Toque o que quiser. Não fique trocando... Perdemos tempo assim.”

Mas a vontade do anfitrião não prevaleceu dessa vez. Quando ele pôs a mão na manivela, Durham disse:

“Você vai quebrar, solte”, e arrumou para iniciar a partir do segundo movimento.

Maurice ouviu atentamente a música, e até que gostou.

“Você deveria ficar neste ponto do quarto”, comentou Fetherstonhaugh, que estava estudando ao lado da lareira. “Deve ficar o mais longe possível da máquina.”

“Pode ser... Poderia tocar de novo, se Fetherstonhaugh não se importar?

“Sim, toque, Durham. É tão alegre.”

Durham recusou-se. Maurice viu que ele não era dócil. O moço argumentou:

“Um movimento não é como uma peça separada, não se pode repeti-lo”, uma desculpa ininteligível, mas aparentemente válida. Ele tocou o “Largo”, que estava longe de ser alegre; então, deu onze horas, e Fetherstonhaugh preparou-lhes chá. Como ele e Durham iriam fazer juntos os mesmos exames finais, conversaram sobre assuntos correlatos, enquanto Maurice ouvia. Sua excitação não diminuíra. Percebeu que Durham não só era inteligente, como também tinha uma mente tranqüila e organizada. Sabia o que queria ler, seus pontos fracos e até onde os professores poderiam ajudá-lo. Não possuía nem a fé cega nos orientadores e nas palestras professada por Maurice e sua turma, nem o desprezo demonstrado por Fetherstonhaugh. “Um homem mais velho sempre tem algo a nos ensinar, mesmo que não tenha lido os alemães contemporâneos.” Discutiram um pouco sobre Sófocles. De modo sutil, Durham por fanfarrice: “Nós, graduandos, só o ignoramos”. Recomendou que Fetherstonhaugh relesse *Ajax* voltando a atenção para os personagens, mais do que para o autor, pois aprenderia mais daquele modo, tanto sobre gramática grega quanto sobre a vida.

Maurice lamentou tudo aquilo. De certo modo, esperava ter encontrado um

homem desequilibrado. Fetherstonhaug era um grande sujeito, não só do ponto de vista do intelecto, mas também da força física, e exibia maneiras tão vigorosas quanto prolixas. Mas Durham escutava sem se abalar, rechaçando as falsidades e aprovando o resto. Que esperança havia para Maurice, composto de nada senão falsidades? Sentiu uma pontada de raiva. Levantou-se num pulo e despediu-se, mas acabou arrependendo-se de sua pressa assim que fechou a porta. Sentou-se para aguardar, não na própria escada, pois lhe pareceu absurdo, mas entre seu quarto e o de Durham. Ao sair ao pátio, localizou o quarto do colega, até mesmo bateu na porta, embora soubesse que o proprietário estava ausente, e, olhando pela janela, observou a mobília e os quadros à luz da lareira acesa. Então resolveu parar numa espécie de ponte no pátio. Infelizmente não era uma ponte real: apenas cobria uma pequena depressão no solo, que o arquiteto utilizou para dar um efeito. Permanecer ali era como se sentir num estúdio fotográfico, e o parapeito era baixo demais para que se debruçasse. Mesmo assim, com um cachimbo na boca, Maurice agiu com razoável naturalidade. Esperava que não chovesse

Todas as luzes estavam apagadas, exceto no quarto de Fetherstonhaugh. Ouviu o badalar das doze horas, então das doze e quinze. Provavelmente esperara uma hora inteira por Durham. Então houve um ruído da escada, e a bela figurinha surgiu com um cachecol no pescoço e livros nas mãos. Era aquele o momento aguardado, mas, quando se deu conta, começara a se afastar dali. Durham foi para seu quarto, seguindo-o. A oportunidade estava sendo desperdiçada.

“Boa noite”, ele gritou; a voz um pouco esganiçada, assustando os dois.

“Quem é? Boa noite, Hall. Dando um passeio antes de ir para a cama?”

“Um velho hábito. Não quer mais chá, eu suponho?”

“Chá? Não, talvez esteja um pouco tarde para chá.” De modo um tanto caloroso, propôs: “Mas que acha de um copo de uísque?”.

“Tem um pouco?”, Maurice deixou escapar.

“Sim... entre. É aqui que fico: no andar térreo.”

“Ah, aqui!” Durham acendeu a luz. O fogo estava quase extinto. Ele mandou Maurice sentar-se e trouxe uma mesa com copos.

“Diga até onde.”

“Obrigado... Chega, chega.”

“Com água ou puro?”, perguntou, bocejando.

“Com água”, respondeu Maurice. Mas era impossível ficar ali, pois o homem estava cansado e apenas o convidara para ser gentil. Ele bebeu e voltou

para seu próprio quarto, onde se abasteceu de bastante tabaco, saindo de novo para o pátio.

Estava completamente silencioso e escuro. Maurice andou de um lado para outro na grama veneranda, sem fazer barulho, o coração em chamas. O resto de si pouco a pouco cedia ao sono, e primeiro de tudo o cérebro, seu órgão mais fraco. O corpo acompanhou, de modo que seus pés o arrastaram para cima, fugindo da aurora. Mas seu coração iluminara-se para nunca mais apagar, e ao menos uma coisa dentro dele era verdadeira.

Na manhã seguinte estava mais calmo. Para começar havia apanhado um resfriado, pois a chuva o encharcara sem que ele percebesse; depois, havia dormido demais, perdendo a missa e duas aulas. Após o almoço, trocou-se para jogar rúbgi; ainda com tempo, jogou-se no sofá para dormir até a hora do chá. Mas não estava com fome. Recusando um convite, andou até a cidade e, deparando-se com uma sauna turca, entrou. O banho curou-lhe o resfriado, mas o fez atrasar-se para a outra aula. Quando Hall chegou, sentiu que era incapaz de encarar a massa de velhos sunningtonianos, e, embora fosse ter com eles, pediu licença e foi jantar sozinho na União. Viu que Risley estava lá, mas não se alterou. Então, a noite desceu mais uma vez e ele descobriu, para sua surpresa, que os pensamentos estavam claros, que podia fazer o trabalho de seis horas em três. Foi para a cama no horário habitual e acordou sentindo-se saudável e muito feliz. Um tipo de instinto, muito abaixo de sua consciência, aconselhou-o a deixar Durham e suas idéias acerca dele em suspenso por vinte e quatro horas.

Os dois começaram a se ver um pouco mais. Durham convidou-o para almoçar e Maurice retribuiu o convite, mas não cedo demais. Uma prudência estranha à sua natureza estava em funcionamento. Sempre fora tacanhamente cauteloso, mas agora parecia extrapolar. Ficou mais alerta, e todas suas ações naquele período, em outubro, poderiam ser descritas em linguagem marcial. Não se aventurava em terreno minado. Espionava as fraquezas e também a força de Durham. Acima de tudo, exercitava-se e aguçava seus poderes.

Se forçado a perguntar-se “Que é tudo isso?”, teria respondido: “Durham é outro desses rapazes por quem eu me interessava na escola”; mas não era obrigado a perguntar nada, e simplesmente seguiu em frente com a boca e a mente cerradas. Cada dia, com suas contradições, resvalava para o abismo, e sabia que estava ganhando terreno. Nada mais importava. Podia sair-se bem nas lições e comportar-se com louvor socialmente, mas se tratava de mera conseqüência, para a qual não devotava nenhum cuidado. Subir, estender uma mão na parede da montanha até que outra mão a apanhasse: essa sim era a

finalidade para a qual havia nascido. Esquecera-se da histeria de sua primeira noite e sua recuperação ainda mais estranha. Eram passos que havia deixado para trás. Nem ao menos pensava em carinho ou em emoção; sua consideração acerca de Durham permanecia gélida. Durham não desgostava dele, estava certo. Era tudo o que queria. Uma coisa de cada vez. Nem ao menos tinha esperança, pois a esperança distrai, e havia muitas coisas para serem vistas.

7

No período letivo seguinte logo se tornaram íntimos.

“Hall, quase lhe escrevi uma carta durante as férias”, disse Durham, puxando conversa.

“Mesmo?”

“Mas houve um qüiproquó horrível. Estou passando por maus bocados.”

O tom não era muito sério, de modo que Maurice brincou:

“Que deu errado? Não conseguiu tolerar o bolo de Natal?”

Logo se esclareceu que o bolo era alegórico; houvera uma grande briga familiar.

“Não sei o que você diria. Gostaria de saber sua opinião sobre o que aconteceu, se isso não o incomodar.”

“Nem um pouco”, disse Maurice.

“Tivemos uma pendenga acerca da questão religiosa.”

Nesse momento, foram interrompidos por Chapman.

“Desculpe-nos, estamos discutindo um assunto.”

Chapman retirou-se.

“Você não precisava ter feito isso, qualquer hora serviria para eu contar meus dissabores”, Durham protestou. Mas prosseguiu com mais ímpeto: “Hall, não quero preocupá-lo com minhas crenças, ou melhor, com minha ausência de crença, mas para explicar a situação preciso confessar que não sou ortodoxo. Não sou cristão”.

Maurice achava que a falta de ortodoxia era de mau gosto e declarou no último período, num debate universitário, que se um homem tivesse dúvidas, deveria ter a gentileza de guardá-las para si. Mas agora apenas disse a Durham que se tratava de uma questão difícil e muito ampla.

“Eu sei... mas não é sobre isso. Vamos deixá-la de lado.” Ele olhou um pouco para o fogo. “É sobre o modo como minha mãe recebeu a notícia. Contei a ela seis meses atrás, no verão. Ela não se importou. Fez uma piada idiota, como é de seu costume, e foi tudo. Passou. Fiquei agradecido, pois o tema estivera em minha mente durante anos. Nunca tive uma crença, já que descobri algo que me fez sentir melhor, ainda bem criança, e quando conheci Risley e a

turma dele, pareceu-me imperativo que eu me manifestasse. Você sabe como fazem questão disso. Trata-se, na verdade, do ponto que mais defendem. De modo que me manifestei. Ela disse: ‘Oh, sim, você terá mais juízo quando tiver a minha idade’: a forma mais branda de repreensão possível, e eu fui embora feliz da vida. Agora o assunto voltou à baila mais uma vez.”

“Por quê?”

“Por quê? Por causa do Natal. Eu não quis comungar. Devemos fazê-lo três vezes por ano...”

“Sim, eu sei. A comunhão sagrada.”

“... e no Natal é uma delas. Eu disse que não comungaria. Minha mãe tentou persuadir-me com adulações, o que não é de seu feitio, e pediu-me para comungar só daquela vez, para lhe agradar. Depois, ficou brava, disse que mancharia sua reputação tanto quanto a minha, pois somos os senhores daquela região e a vizinhança é ignorante. Mas o que não pude suportar foi o arremate. Ela disse que sou malvado. Eu poderia ter respeitado sua vontade se ela tivesse dito aquilo seis meses antes, mas agora! Impingir agora palavras sagradas como maldade e bondade de forma a obrigar-me a fazer o que eu desacreditava... Eu disse a ela que celebrava minhas próprias comunhões. ‘Se me dedicasse a elas do modo como você e minhas irmãs se dedicam à sua, meus deuses me matariam!’ Suponho que foi forte demais.”

Maurice, sem entender bem, perguntou: “Então, você foi?”.

“Aonde?”

“Para a igreja.”

Durham saltou sobre os pés, o rosto crispado. Então mordeu os lábios e esboçou um sorriso.

“Não, não fui à igreja. Pensei que tivesse deixado claro.”

“Desculpe-me. Vamos, sente-se. Não foi minha intenção ofendê-lo. Demoro um pouco para atinar.”

Durham agachou-se no tapete perto da cadeira de Maurice.

“Faz tempo que conhece Chapman?”, perguntou, depois de uma pausa.

“Cinco anos, contando aqui e na escola.”

“Ah.” Ele pareceu refletir. “Dê-me um cigarro. Ponha-o em minha boca. Obrigado.” Maurice supôs que a conversa havia se encerrado, mas, após o mal-entendido, Durham prosseguiu.

“Veja, você mencionou que tem uma mãe e duas irmãs, exatamente como eu, e durante toda a briga fiquei curioso para saber o que teria feito no meu lugar.”

“Sua mãe deve ser muito diferente da minha.”

“Como é a sua?”

“Nada a deixa zangada.”

“Porque você nunca fez nada que ela desaprovasse, creio...
E nunca fará.”

“Ah, não, ela não se daria ao trabalho.”

“Não se pode saber, Hall, especialmente quando se trata de mulheres. Ela me magoou. Esse é meu verdadeiro problema, e sobre o qual espero que me ajude.”

“Ela vai voltar atrás.”

“Exatamente, meu caro, mas e eu? Tenho estado fingindo que gostava dela. A briga expôs a mentira. Eu achava que tinha parado de forjar mentiras. Desprezo-lhe o caráter, ela me enoja. Aí está, contei-lhe algo que ninguém mais no mundo sabe.”

Maurice cerrou o punho e deu um cascudo na cabeça de Durham.

“Não é fácil”, sussurrou.

“Conte-me sobre sua vida familiar.”

“Não há nada para contar. Nós apenas nos viramos.”

“Malditos felizardos.”

“Ah, não sei. Você está exagerando ou suas férias foram realmente terríveis, Durham?”

“Um inferno absoluto, angústia e danação.”

Maurice abriu o punho para torná-lo a cerrar, segurando uma porção de cabelo.

“Ai, isso dói!”, gritou o outro, zombeteiro.

“O que suas irmãs falaram da comunhão sagrada?”

“Uma delas casou-se com um vigário... Não, isso machuca.”

“Inferno absoluto, hein?”

“Hall, não sabia que era um imbecil...”, ele apanhou a mão de Maurice, “... e a outra casou-se com Archibald London, Cavalheiro, de... Ai! Ei! Pare, eu vou embora.” Ele caiu entre os joelhos de Maurice.

“Bem, por que não vai se estava indo?”

“Porque não posso.”

Era a primeira vez que ousava brincar com Durham. A religião e os parentes foram esquecidos, enquanto ele arrastava o amigo pelo tapete da lareira e enfiava-lhe a cabeça no cesto de papéis. Ao ouvir o barulho, Fetherstonhaug correu e ajudou. Os dias seguintes foram de caçoada, e Durham tornou-se tão

pândego quanto Maurice. Sempre que se encontravam, ou seja, em todos os lugares, eles empurravam, golpeavam e enredavam os amigos. Por fim, Durham cansou-se. Sendo o mais fraco, por vezes saía machucado, e suas cadeiras haviam sido quebradas. Maurice sentiu a mudança de imediato. As brincadeiras cessaram, mas eles se tornaram mais expansivos depois disso. Andavam de braços dados ou com a mão no ombro um do outro agora. Quando se sentavam, era quase sempre na mesma posição: Maurice numa cadeira e Durham a seus pés, apoiando-se nele. No mundo de seus amigos essas demonstrações não chamavam a atenção de ninguém. Maurice cofiava o cabelo de Durham.

E sua atuação deslocou-se para outras frentes. Durante a quaresma, Maurice começou a meter-se em teologia. Não foi uma farsa completa. Ele acreditava que acreditava, e sentia dor genuína quando criticavam qualquer coisa a que estava acostumado — a dor que se confunde com a fé, entre a classe média. Estando inativa, não era fé. Não lhe dava nenhuma sustentação, nenhuma perspectiva mais ampla. Não existia até ser espicaçada pela oposição, quando passa a doer como um nervo inútil. Toda a família de Maurice tinha aqueles nervos; nem a *Bíblia* nem o Livro de Orações nem os sacramentos nem a ética cristã nem nada espiritual lhe era algo vivo. “Mas como essas pessoas ousam?”, exclamavam, quando alguma coisa era atacada e precisavam valer-se das sociedades de defesa. O pai de Maurice vinha tornando-se um pilar da Igreja e da sociedade quando morreu, e, se tudo corresse segundo o planejado, o filho seguiria pelo mesmo caminho.

Mas nem tudo correu conforme se esperava. Ele sentia esse desejo avassalador de impressionar Durham. Queria mostrar a seu amigo que tinha algo além de força bruta, e, onde seu pai teria mantido um silêncio cauteloso, ele começou a falar cada vez mais. “Você acha que não penso, mas posso lhe mostrar que está errado.” Muitas vezes Durham não respondia e Maurice sentia pavor de o amigo estar perdendo o interesse por ele. Ouvira dizer que “Durham é ótimo desde que você o divirta, depois ele o abandona”, e temia que, ao exibir sua ortodoxia, pudesse forçar vir à tona o que tentava evitar. Mas não conseguia interromper. O anseio pela atenção crescia de modo impressionante, de forma que ele falava continuamente.

Um dia Durham perguntou: “Hall, por que esse transcendentalismo?”.

“A religião significa muito para mim”, blefou Maurice. “Como não falo muito, você acha que não sinto. Mas é bastante importante para mim.”

“Neste caso vamos tomar um café após o jantar.”

Tinham acabado de entrar. Durham, por ser aluno dedicado à pesquisa, teve

de dizer a Ação de Graças, e havia cinismo em seu tom. Entreolharam-se durante a refeição. Estavam sentados em mesas separadas, mas Maurice lograra mover sua cadeira de modo que pudesse observar o amigo. A fase das bolotas de pão havia terminado. Durham parecia bastante sério aquela noite e não conversava com os colegas ao lado. Maurice sabia que estava pensativo e perguntava-se por quê.

"Você pediu e agora vai ter", disse Durham, mostrando a porta.

Maurice ficou gelado e depois corou. A voz de Durham, quando a ouviu em seguida, atacava suas posições acerca da Trindade. Ele julgava dar valor à Trindade, contudo ela lhe parecia pouco significativa em meio às labaredas de seu terror. Deixara-se cair numa poltrona, destituído de forças, suando na testa e nas mãos. Durham andava de um lado para outro, preparando o café e dizendo: "Eu sabia que não iria gostar disso, mas foi você mesmo quem forçou a situação. Não podia esperar que eu me contivesse para sempre. Preciso extravasar às vezes".

"Continue", disse Maurice, limpando a garganta.

"Não tinha intenção de falar, pois respeito muito as opiniões das pessoas para zombar delas, mas a mim não parece que você tenha muitas opiniões a serem respeitadas. São todas citações de segunda mão; não, de décima mão."

Maurice, que se recuperava do golpe, observou que o comentário era bastante forte.

"Você sempre diz 'Para mim é muito importante'."

"E que direito você tem de presumir que não é?"

"Você se importa muito com alguma coisa, Hall, mas obviamente não é com a Trindade."

"Que é então?"

"Rúgbi."

Maurice teve outro ataque. Suas mãos tremeram e ele derrubou café sobre o braço da poltrona.

"Você está sendo um pouco injusto", ouviu a si mesmo dizendo. "Poderia ao menos ter a bondade de sugerir que eu me importo com as pessoas."

Durham olhou-o com surpresa, mas disse: "De qualquer modo, não se importa nem um pouco com a Trindade".

"Ah, que se dane a Trindade."

Ele gargalhou:

"Exatamente, exatamente. Vamos passar agora para o próximo tópico."

"Não vejo a serventia, pois nem estou conseguindo raciocinar, quero dizer,

estou com dor de cabeça. Não ganharemos nada com... tudo isso. Sem dúvida, não posso prová-lo... quero dizer, o arranjo dos Três Deuses em Um e do Uno em Três. Mas é importante para milhares de pessoas, independentemente do que possa argumentar, e não vamos abrir mão disso. Nosso sentimento é profundo. Deus é bom. Esse é o ponto principal. Por que seguir por uma estrada secundária?"

"Por que ter tanta preocupação com a estrada secundária?"

"O quê?"

Durham reformulou a questão.

"Bem, o espetáculo inteiro caminha junto."

"De modo que um equívoco com respeito à Trindade invalidaria todo o espetáculo."

"Não vejo isso. De modo algum."

Não estava indo bem, mas sua cabeça de fato doía e, enquanto enxugava o suor, ela voltou a atacar.

"Sem dúvida não posso explicar bem, pois só o rúgbi me interessa."

Durham veio para a sala e sentou-se bem-humorado na beirada de sua cadeira.

"Tome cuidado. Esbarrou no café agora."

"Droga, é verdade."

Enquanto ele se limpava, Maurice afastou-se e olhou para o pátio. Parecia que estava ali havia anos. Não tinha muito ânimo para permanecer mais tempo sozinho com Durham e chamou alguns rapazes para unirem-se a eles. Seguiu-se um café do tipo mais habitual, mas, quando a turma saiu, Maurice sentiu-se pouco disposto a partir com eles. Tornou a expor o assunto da Trindade.

"É um mistério", argumentou.

"Não é um mistério para mim. Mas respeito qualquer um para quem ele seja."

Maurice sentiu-se desconfortável e olhou para suas mãos grossas e escuras. A Trindade seria um mistério para ele? Salvo durante a crisma, concedera ao dogma mais do que cinco minutos de reflexão? A chegada de outros homens aclarou seus pensamentos e, perdendo o sentimentalismo, pôde observar a própria mente. Esta assemelhava-se-lhe às mãos — proveitosa, sem dúvida, e capaz de desenvolvimento. Mas faltava-lhe requinte, pois nunca havia entrado em contato com os mistérios, nem com muitas outras coisas. Era grossa e escura.

"Minha posição é a seguinte", ele anunciou após uma pausa. "Não acredito na Trindade, rendo-me nesse ponto, mas, por outro lado, estava errado quando

disse que tudo caminha junto. Não caminha, pois, embora não acredite na Trindade, não quer dizer que não seja cristão.”

“No que você acredita?”, Durham inquiriu, sem se deixar abalar.

“Nas questões... essenciais.”

“Tais como?”

“A redenção”, Maurice disse em voz baixa. Ele nunca falara a palavra fora da igreja e sentiu-se cheio de emoção. Mas não acreditava nela mais do que cria na Trindade, e sabia que Durham podia percebê-lo. A redenção era a carta de maior valor no baralho, mas aquele maço não tinha trunfos, e seu amigo podia vencê-lo com um miserável dois.

Porém tudo que Durham disse daquela vez foi: “Dante acreditava na Trindade”, e, dirigindo-se para a estante, encontrou a passagem final do “Paraíso”. Leu para Maurice sobre os três círculos do arco-íris que se interceptam e sobre o rosto humano que podia ser entrevisto entre as junções. A poesia entediava Maurice, mas, perto do fim, ele exclamou:

“De quem é esse rosto?”

“De Deus, não percebe?”

“Mas esse poema não deveria ser um sonho?”

Hall era um sujeito confuso, e Durham não tentou compreender o sentido da pergunta. Também não podia saber que Maurice estava pensando num sonho particular que teve na escola, e na voz que lhe dissera: “Este é seu amigo”.

“Dante teria chamado de despertar, não de sonho.”

“Então, para você, é certo esse tipo de coisa?”

“A crença está sempre certa”, respondeu Durham, repondo o livro na estante. “Ela tem razão e também é inequívoca. Todo homem tem uma crença dentro de si pela qual é capaz de morrer. Só que não seria improvável que seus pais e tutores lhe tenham transmitido a sua? Se há uma, não deveria originar-se em sua própria carne e espírito? Mostre-me isso. Não me venha arremedar rótulos como ‘a redenção’ ou ‘a Trindade’.”

“Desisti da Trindade.”

“Da redenção, portanto.”

“Você é duro demais”, disse Maurice. “Sempre soube que sou estúpido, não é novidade. O grupo de Risley faz mais o seu estilo e deveria falar com eles.”

Durham pareceu ficar embaraçado. Não conseguindo achar uma resposta, deixou que Maurice fosse embora sem protestar. No dia seguinte encontraram-se como de hábito. Não fora um arrufo, mas um súbito aclive, e eles seguiram ainda mais rápido depois de terem começado a subir. Conversaram sobre teologia de

novo. Maurice defendeu a redenção. Perdeu. Percebeu que não tinha nenhuma compreensão sobre a existência de Cristo ou sobre a Sua bondade, e que deveria com efeito lamentar se houvesse tal pessoa. Seu descontentamento acerca do cristianismo cresceu e aprofundou-se. Em dez dias desistiu de comungar e, em três semanas, deixou de freqüentar a capela. Durham fixou perplexo com a rapidez. Ambos ficaram perplexos, e Maurice, embora tivesse perdido e abandonado todos os seus princípios, tinha uma sensação esquisita de que estava realmente ganhando e à testa de uma campanha que iniciara no período letivo anterior.

E Durham não se aborrecia com ele agora. Durham não vivia sem o amigo, e podia ser encontrado em todos os momentos entocado em seu quarto, entregue à discussão. Tratava-se de uma atitude incomum para aquele homem reservado, que não era um grande argumentador. Como razão para seu ataque aos argumentos de Maurice dissera que “eles são tão ruins, Hall, e crer é uma atividade que merece respeito por aqui”. Era toda a verdade? Não havia outra coisa por trás de sua nova atitude e furiosa iconoclastia? Maurice achava que sim. Exteriormente derrotado, refletiu que sua fé era um peão bem perdido; pois, ao capturá-lo, Durham fora obrigado a expor o coração.

Perto do fim do período, resvalaram num assunto ainda mais delicado. Participavam da aula de tradução do deão e, vendo um aluno forcejar em seu trabalho, o senhor Cornwallis observou numa voz indiferente e monocórdia: “Omita: referência ao vício indizível dos gregos”. Durham comentou depois que o professor deveria perder seus subsídios de pesquisa por tal hipocrisia.

Maurice riu.

“Considero uma questão de cultura pura e simples. Os gregos, ou a maioria deles, defendiam a prática, e omiti-la seria omitir o esteio da sociedade ateniense.”

“É mesmo?”

“Você leu o *Banquete*?

Maurice não tinha lido, e não acrescentou que havia embrenhado-se em Marcial.

“Está tudo ali; não é tema para crianças, decerto, mas você deveria ler. Leia nas férias.”

Nada mais foi dito daquela vez, mas ele estava livre para explorar outro assunto, um que não havia mencionado a nenhuma alma viva. Não sabia que podia ser mencionado e, quando Durham o fez no meio do pátio banhado pelo sol, sentiu ser tocado por um sopro de liberdade.

8

Ao voltar para casa, ele falou sobre Durham até que o fato de que tinha um amigo penetrou na mente de sua família. Ada quis saber se não seria irmão de certa senhorita Durham — não, porque ela era filha única —, enquanto a senhora Hall confundiu-o com um professor chamado Cumberland. Maurice ficou profundamente magoado. De um sentimento forte origina-se outro, e uma profunda irritação contra as mulheres de sua casa instalou-se dentro de si. O relacionamento que tinha com elas até então fora trivial mas estável, porém pareceu-lhe iníquo que alguém pudesse pronunciar equivocadamente o nome do homem que significava mais para ele do que tudo no mundo. O lar emasculava todas as coisas.

O mesmo se dera com seu ateísmo. Ninguém se mostrou tão chocado quanto ele esperava. Com a falta de tato típica da juventude, chamou a mãe à parte e disse-lhe que sempre respeitaria seus preconceitos religiosos, assim como os de suas irmãs, mas que sua própria consciência não lhe permitia mais freqüentar a igreja. Ela respondeu que era uma grande infelicidade.

“Sabia que a senhora ficaria chateada. Não posso fazer nada, querida mãe. É assim que sou e não adianta discutir.”

“Seu pobre pai sempre foi à igreja.”

“Não sou meu pai.”

“Morrie, Morrie, que coisa para se dizer.”

“Bem, ele não é”, interveio Kitty, com seus modos arrogantes. “Realmente, mãe, vamos.”

“Kitty, querida, você está aqui”, gritou a senhora Hall, que, sentindo que havia necessidade de exibir desaprovação, não estava disposta a empregá-la contra seu filho. “Estávamos conversando sobre assuntos delicados, e além disso você está perfeitamente equivocada, pois Maurice é a imagem do pai... Foi o doutor Barry quem disse.”

“Bem, o próprio doutor Barry não freqüenta a igreja”, disse Maurice, resvalando no hábito familiar de falar da vida dos outros.

“Ele é um homem muito inteligente”, afirmou a senhora Hall, resoluta, “e a senhora Barry é o mesmo.”

O deslize da mãe fez Ada e Kitty caírem na gargalhada. Não paravam de rir diante da idéia de a senhora Barry ser um homem, e o ateísmo de Maurice foi logo esquecido. Ele não comungou no domingo de Páscoa e supôs que haveria discussão, como no caso de Durham. Mas ninguém percebeu, pois os subúrbios não mais reclamavam obediência ao cristianismo. O fato lhe desagradou; fez com que visse a sociedade com novos olhos. Será que a sociedade, enquanto professava ser tão moral e sensível, de fato não se importava com nada?

Escrevia amiúde a Durham — longas cartas tentando com cuidado expressar nuances de sentimento. Durham não lhes deu importância e disse isso. Suas respostas eram igualmente longas. Maurice nunca as tirava do bolso, levando-as de um terno para outro e até mesmo prendendo-as em seu pijama quando ia para cama. Ele acordava e tocava-as e, observando os reflexos dos lampiões da rua, lembrava-se de como costumava ter medo quando era um garotinho.

Episódio de Gladys Olcott.

A senhorita Olcott era uma das visitas pouco habituais. Ela fora simpática com a senhora Hall e Ada em alguma estação termal e, tendo recebido convite para uma estada, resolveu aceitá-lo. Era encantadora — pelo menos, era o que diziam as mulheres, e os visitantes do sexo masculino chamaram o filho da casa de sortudo. Ele riu, eles riram e, tendo ignorado-a no início, passou a prestar atenção nela.

Agora Maurice, embora sem que ele soubesse, havia se tornado um jovem atraente. Os exercícios reparam sua falta de jeito. Era pesado mas alerta, e o rosto parecia seguir o exemplo do corpo.

A senhora Hall atribuiu a melhoria ao bigode: “o bigode de Maurice será a causa de seu bom êxito” — um comentário mais profundo do que ela podia imaginar. Decerto o pequeno traço negro conferia harmonia ao rosto, realçando-lhe os dentes quando sorria, e suas roupas também caíam bem nele: atendendo ao conselho de Durham, vestia sempre calças de flanela, mesmo aos domingos.

Passou a sorrir para senhorita Olcott — pareceu-lhe a coisa certa a fazer. Ela reagiu bem. Ele pôs seus músculos a serviço dela levando-a no *sidecar* de sua nova motocicleta. Deitava-se a seus pés. Ao descobrir que ela fumava, convenceu-a a demorar-se com ele na sala de jantar e olhar para seus olhos. O vapor azul estremecia, rasgava-se e formava paredes dissolventes, e os pensamentos de Maurice viajavam junto, sumindo tão logo uma janela se abria para a renovação do ar. Viu que ela se divertia, e que sua família e criados estavam intrigados; ficou determinado a seguir adiante.

Algo deu errado de imediato. Maurice a elogiava, dizia que seu cabelo etc. estava maravilhoso. Ela tentou interrompê-lo, mas ele era insensível e não percebeu que a irritava. Lera que as moças sempre fingiam recusar os homens que lhes dirigiam lisonjas. Ele a perseguia. Quando ela pediu licença para não andar a cavalo com ele no último dia, bancou o macho dominador. Ela era sua convidada e acabou cedendo e, tendo levado-a a um cenário que considerava romântico, cingiu-lhe a pequenina mão na sua.

A senhorita Olcott não objetava que lhe apertassem a mão. Outros já o fizeram, e Maurice poderia tê-lo feito se soubesse como. Mas ela sabia que havia algo de errado. O toque a enojou. Era a mão de um cadáver. Dando um salto, gritou:

"Senhor Hall, não seja tolo. Quero dizer: *não* seja tolo. Não estou dizendo isso para que aja de modo ainda mais tolo."

"Senhorita Olcott... Gladys... Preferiria morrer a ofendê-la...", gemeu o rapaz, tentando continuar a conversa.

"Preciso voltar de trem", ela disse, choramingando um pouco. "É preciso, sinto muitíssimo." Ela chegou à residência antes dele com uma historiazinha cordata acerca de uma dor de cabeça e de poeira nos olhos, mas a família de Maurice também percebeu que algo dera errado.

Salvo esse episódio, as férias transcorreram sem incidentes. Maurice fez algumas leituras, seguindo mais o conselho do amigo do que o de seu tutor, e confirmou de uma ou duas maneiras sua crença de que era adulto. Por seu estímulo, a mãe despediu os Howell, que havia muito impediam o progresso exterior, e mandou vir uma motocicleta com carro lateral em vez de uma carruagem. Todos ficaram impressionados, os Howell inclusive. Ele também visitou o antigo sócio de seu pai. Havia herdado alguma aptidão mercantil e certo capital, e ficou combinado que, quando concluísse o curso em Cambridge, entraria na firma como funcionário independente; Hill and Hall, Corretores. Maurice infiltrava-se no nicho que a Inglaterra lhe havia reservado.

9

Durante o período letivo anterior, ele atingira um nível mental incomum, mas as férias fizeram com que regredisse aos tempos da escola pública. Estava menos alerta e mais uma vez agia como supunha que devia comportar-se — algo periclitante para alguém que não era dotado de imaginação. Nuvens cruzavam com freqüência sua mente, não por completo obscurecida e, embora a senhorita Olcott fosse coisa do passado, continuava a professar a insinceridade que o levara a ela. Sua família era a razão principal. Maurice ainda precisava descobrir que eles eram mais fortes e o influenciavam de modo incalculável. Três semanas junto deles o deixaram desleixado, deselegante, vitorioso em cada item, mas derrotado no cômputo geral. Voltou pensando, e mesmo falando, como sua mãe ou Ada.

Até a chegada de Durham, não percebera a deterioração. Durham estivera doente e só aparecera uns dias mais tarde. Quando entreviu à porta o rosto do amigo, mais pálido do que o habitual, Maurice teve um surto de desespero, e procurou recordar-se onde haviam parado antes das férias, para recolher os fios da campanha. Sentiu-se indolente e temeroso de entrar em ação. A pior faceta dele emergiu e o impeliu a preferir o conforto à alegria.

“Olá, meu velho”, disse, de forma atabalhoada.

Durham entrou sem falar.

“Que há de errado?”

“Nada”, e Maurice logo viu que havia perdido o toque. Antes, teria compreendido a entrada silenciosa.

“Bem, acomode-se.”

Durham sentou-se no chão, longe do alcance do amigo. Era final de tarde. Os sons de maio, os aromas do ano de Cambridge em flor flutuavam pela janela e diziam a Maurice “Você não está à nossa altura”. Ele sabia que estava quase morto, era um forasteiro, um campônio em Atenas. Não tinha o que fazer ali, nem com um amigo daqueles.

“Diga-me, Durham...”

Durham aproximou-se. Maurice estendeu a mão e sentiu a cabeça aninhar-se nela. Esqueceu o que ia dizer. Os sons e fragrâncias sussurravam: “Você é nós,

nós somos a juventude”. Com muita suavidade, ele acariciou o cabelo, correndo os dedos ali como se afagasse o cérebro.

“Diga-me, Durham, foram boas as suas férias?”

“E a suas?”

“Não.”

“Você escreveu que sim.”

“Não foram.”

A verdade que reverberava em sua própria voz o fez tremer. “Tive péssimas férias e não me dei conta”, pensou, e perguntou-se há quanto tempo deveria saber disso. As brumas desceriam de novo, ele tinha certeza, e com um suspiro infeliz encostou a cabeça de Durham em seu joelho, como se fosse um talismã por uma vida mais clara. Durham não se mexeu, e Maurice afagou-o com mais carinho, acariciando a cabeça indo diretamente da têmpora ao pescoço. Então, removendo as mãos, deixou-as cair ao lado e suspirou, ainda sentado.

“Hall.”

Maurice olhou-o.

“Há algum problema?”

Ele fez novas carícias e mais uma vez parou. Não sabia se havia perdido o amigo.

“Tem algo a ver com aquela moça?”

“Não.”

“Você escreveu que gostava dela.”

“Não gostava... não gosto.”

Soltou suspiros ainda mais profundos, que passaram rascantes por sua garanta, convertendo-se em gemidos. Deixou pender a cabeça para trás, esquecendo-se da pressão de Durham contra seu joelho, esquecendo que Durham estava presenciando sua turva agonia. Fixando o teto com olhos e boca crispados, nada compreendia, exceto que o homem fora criado para sentir dor e solidão sem dispor da ajuda dos céus.

Era a vez de Durham erguer a mão e afagar-lhe o cabelo. Abraçaram-se. Logo estavam deitados peito com peito, a cabeça no ombro, mas, assim que as faces se uniram, alguém chamou “Hall” do corredor e ele respondeu: sempre respondia quando chamavam. Ambos sobressaltaram-se, e Durham de um salto chegou ao consolo da lareira, onde apoiou a cabeça no braço. Estudantes ridículos vieram trovejando pelas escadas. Queriam chá. Maurice apontou para onde a infusão estava e então se distraiu com a conversa deles, não percebendo a saída do amigo. Fora um colóquio comum, ele disse a si mesmo, mas

sentimental em demasia, e sentiu uma animação acerca do próximo encontro.

Não tardou a ocorrer. Junto com meia dúzia de outros estudantes, dirigia-se ao teatro após o jantar, quando Durham o chamou.

“Sei que leu o *Banquete* nas férias”, disse em voz baixa.

Maurice sentiu-se desconfortável.

“Então pode entender... sem que eu precise explicitar...”

“Que quer dizer?”

Durham não podia esperar. As pessoas já os cercavam, mas, com olhos que se tornaram intensamente azuis, ele sussurrou:

“Eu amo você.”

Maurice estava escandalizado, horrorizado. Chocado até o fundo de sua alma suburbana, exclamou:

“Ah, irra!” As palavras, a atitude, foram expelidas sem que ele pudesse impedi-las. “Durham, você é inglês. Eu também. Não fale bobagem. Não me ofendo, pois sei que não quer dizer isso, mas este é o único assunto absolutamente fora dos limites, como você sabe, o pior crime da lista, e não deve mencioná-lo de novo. Durham! Uma noção nojenta de fato...”

Mas seu amigo havia partido, partido sem dizer uma palavra, correndo pelo pátio, a batida de sua porta repercutindo através dos sons da primavera.

10

Uma natureza limitada como a de Maurice parece insensível, pois precisa de tempo até mesmo para sentir. Por instinto, presume que nada de bom ou de mau ocorre e resiste ao invasor. Uma vez afetada, porém, sente de modo intenso, e suas sensações no amor são particularmente profundas. Com o tempo, pode conhecer e proporcionar o êxtase; com o tempo, pode mergulhar no coração do inferno. Sua agonia, portanto, iniciou-se como um ligeiro arrependimento; noites insones e dias solitários devem tê-la exacerbado a ponto do frenesi, que o consumiu. A reação se deu de fora para dentro, até tocar a raiz de onde derivam tanto o corpo quanto a alma, o "eu" que o treinaram para ocultar, mas que, enfim descoberto, duplicou sua força e cresceu até se tornar sobre-humano. Pois poderia ter conhecido o júbilo. Novos mundos se libertaram dentro dele diante desse conhecimento, e a vastidão da ruína fê-lo compreender o êxtase perdido, a comunhão desperdiçada.

Eles não se falaram por dois dias. Durham teria preferido que durasse mais tempo, mas agora que tinham a maioria dos amigos em comum estavam fadados a se encontrar. Ao dar-se conta disso, escreveu um bilhete gélido a Maurice, sugerindo que seria publicamente vantajoso que eles se comportassem como se nada houvesse acontecido. E acrescentou: "Ficarei agradecido se não mencionar minha morbidez criminosa. Tenho certeza de que o fará, pois notei o modo sensível como recebeu a notícia". Maurice não respondeu, mas a princípio pôs a nota entre as cartas que recebera durante as férias e depois queimou tudo.

Supôs que o clímax da agonia havia chegado. Mas não conhecia o verdadeiro sofrimento, nem a realidade, fosse qual fosse. Era preciso que se encontrassem. Na segunda tarde, toparam-se na quadra de tênis, como duplas opostas. A dor tornou-se excruciante. Maurice mal podia manter-se de pé e observar; se devolvia o serviço de Durham, sentia subir pelo braço um espasmo enviado pela bola. Então, jogaram como dupla; quando trombavam, Durham estremecia, mas conseguia gargalhar como nos velhos tempos.

Além disso, deu-se que era conveniente que voltassem juntos à faculdade na motocicleta de Maurice. Durham entrou sem objetar. Maurice, que não dormia fazia duas noites, estava com a cabeça no ar, entrou numa rodovia secundária e

viajou na velocidade máxima. Havia um carro na frente, cheio de mulheres. Maurice seguia direto na direção dele, mas, quando elas gritaram, pisou no freio e evitou por pouco o desastre. Durham não fez nenhum comentário. Como havia indicado no bilhete, apenas falava quando havia outras pessoas presentes. Qualquer outro tipo de interação deveria cessar.

Naquela noite, como de hábito, Maurice foi deitar-se. Mas, ao pôr a cabeça no travesseiro, derramou uma torrente de lágrimas. Ficou horrorizado. Um homem chorando! Fetherstonhaugh poderia escutá-lo. Soltou soluços contidos nos lençóis, deu pulos e beijos a esmo, depois bateu a cabeça na parede, quebrando a louça. Alguém pôs-se a subir as escadas. Ele de imediato ficou em silêncio e não tornou a emitir nenhum som à medida que os passos se perdiam na distância. Acendeu uma vela e olhou com surpresa seu pijama rasgado e braços e pernas trêmulos. Continuou a chorar, pois não conseguia interromper-se, mas o ponto crítico havia passado e, refazendo a cama, deitou-se de novo. Seu criado de quarto estava limpando a confusão quando ele abriu os olhos. Pareceu-lhe estranho que um criado tivesse sido alertado. Perguntou-se se o homem desconfiava de alguma coisa, então dormiu de novo. Ao acordar pela segunda vez, encontrou cartas no chão — uma do velho senhor Grace, seu avô, sobre a festa que seria dada quando ele atingisse a maioridade; outra da esposa do deão, convidando-o para almoçar (“o senhor Durham também virá, para você não se sentir intimidado”), e a terceira de Ada, com uma menção a Gladys Olcott. Mais uma vez ele caiu no sono.

A loucura não afeta a todos, porém Maurice provou o raio que dispersa as nuvens. A tempestade não estivera se acumulando por três dias, mas por seis anos. Germinara na escuridão do ser onde nenhum olhar penetra e recebera o reforço do meio externo. Havia rebentado, mas não se dissipara. O brilho do dia o cercava, ele estava de pé sobre a cordilheira que obscurece a juventude, ele viu.

Durante a maior parte do dia ficou sentado de olhos abertos, como se observando o vale que acabara de deixar para trás. Tudo era tão claro agora. Havia mentido. Chamara isso de “alimentar-se de mentiras”, mas mentiras são o alimento natural da infância, e ele comera com avidez. Sua primeira resolução foi a de ser mais cuidadoso no futuro. Ele viveria de forma íntegra, não porque isso tivesse alguma importância para alguém agora, mas pelo mérito do jogo. Não se enganaria tanto. Não fingiria — e era esse o teste — gostar de mulheres, quando o único sexo que o atraía era o próprio. Amava os homens e sempre os havia amado. Ansiava por abraçá-los e dissolver seu ser no deles. Agora que

perdera o homem que retribuiu o seu amor, admitia a verdade.

11

Maurice tornou-se homem depois dessa crise. Até então — se os seres humanos podem ser avaliados dessa forma —, não merecera a afeição de ninguém, tendo sido convencional, mesquinho e traiçoeiro tanto com relação aos outros quanto para si mesmo. Agora tinha a maior das dádivas a oferecer. O idealismo e a brutalidade que marcaram a juventude enfim se uniram, entrelaçados no amor. É possível que ninguém viesse a querer tal amor, mas ele não deveria envergonhar-se desse sentimento, pois não era "ele", nem corpo ou alma, nem corpo e alma, mas "ele" funcionando por meio dessas duas coisas. Ainda sofria, mas um senso de triunfo havia igualmente despontado. A dor lhe revelara um esconderijo por detrás do julgamento do mundo, para onde podia buscar refúgio.

Havia muito mais a aprender, e outros anos se passariam antes de ele explorar certos abismos em seu ser — já lhe pareciam suficientemente horríveis, tal como eram. Mas ele descobriu o método e deixou de atentar para os rabiscos na areia. Despertara tarde demais para a felicidade, mas não para a força, e podia sentir uma alegria austera, como a de um guerreiro sem lar que todavia logrou manter consigo todas as armas.

No curso do período letivo, decidiu conversar com Durham. Tinha as palavras em alta conta, tendo-as descoberto tão tardiamente. Por que deveria sofrer e causar o sofrimento de seu amigo, quando as palavras poderiam resolver a situação? Podia ouvir-se dizer "Eu realmente o amo, como você a mim", e Durham responder "É mesmo? Então o perdôo", e, no ardor da juventude, tal conversação parecia possível, embora, de algum modo, duvidasse que ela pudesse conduzir à alegria. Fez diversas tentativas, mas, em parte por causa da própria timidez, em parte por causa do acanhamento de Durham, todas falharam. Quando o visitava, a porta estava trancada, ou havia gente no apartamento; se entrava, Durham saía quando os convidados iam embora. Ele o convidava para almoços e jantares — mas seu amigo nunca podia comparecer; ofereceu-lhe uma nova carona para o tênis, porém uma desculpa foi forjada. Mesmo quando se encontravam na quadra, Durham fingia ter esquecido algo e passava correndo por ele, ou para longe dele. Maurice estava surpreso que seus amigos não houvessem percebido a mudança, mas poucos graduandos são observadores —

eles têm muito a descobrir dentro de si, e foi o deão quem comentou que Durham cessara a lua-de-mel com aquele sujeito, o Hall.

Ele encontrara a oportunidade após a reunião na sociedade de debates à qual ambos pertenciam. Durham — alegando ter de estudar para os exames — submetera seu desligamento, mas sugerira que a sociedade se reunisse em seus aposentos antes, pois queria brindá-la com sua parcela de hospitalidade. Ele era assim; detestava dever uma obrigação a alguém. Maurice foi e passou uma noite tediosa. Quando todos, incluindo o anfitrião, saíram para tomar ar fresco, ele ficou, pensando na primeira noite que visitara aquele quarto e perguntando-se se o passado não podia voltar.

Durham entrou e não percebeu de imediato quem era. Ignorando-o por completo, pôs-se a arrumar o aposento para dormir.

“Você é duro demais”, Maurice deixou escapar, “não sabe o que é ter pensamentos confusos, que tornam tudo muito difícil.”

Durham balançou a cabeça como que se recusando a escutar. Parecia tão aflito que Maurice sentiu o desejo selvagem de cingi-lo nos braços.

“Você podia dar-me uma chance em vez de ficar me evitando... Só quero conversar.”

“Conversamos a noite toda.”

“Quero dizer como no *Banquete*, à maneira dos antigos gregos.”

“Oh, Hall, não seja estúpido. Deve saber que ficar a sós com você me machuca. Por favor, não reabra a ferida. Terminou. Terminou.” Ele dirigiu-se para o outro quarto e começou a despir-se. “Desculpe-me a descortesia, mas simplesmente não posso.... Meus nervos estão em frangalhos depois de três semanas dessa forma.”

“Os meus também estão”, gritou Maurice.

“Pobre, pobrezinho.”

“Durham, estou vivendo um inferno.”

“Sairá dele. É apenas o inferno da aversão. Você nunca fez nada de que se envergonhasse, por isso não sabe qual é o inferno verdadeiro.”

Maurice soltou um grito de dor. Foi tão lancinante que Durham, que estava prestes a fechar a porta entre eles, disse:

“Muito bem, vou discutir com você se quiser. Qual é o problema? Parece que quer desculpar-se por alguma coisa. Por quê? Comporta-se como se eu estivesse irritado com você. O que fez de errado? Tem agido com absoluta decência do início ao fim.”

Em vão, ele protestou.

“Portou-se com tamanha decência que me equivoquei quanto a seus modos afáveis. Quando foi tão bom comigo, sobretudo na tarde em que fui visitá-lo, pensei que fosse outra coisa. Não tenho palavras para dizer quanto sinto. Não tinha o direito de abandonar meus livros e minha música, que foi o que fiz quando o conheci. Você não quer minhas desculpas nem qualquer outra coisa que eu possa dar-lhe, mas, Hall, elas são bastante sinceras. Sofro até hoje por tê-lo insultado.”

Sua voz era fraca mas audível, e seu rosto era como uma espada. Maurice despejou palavras inúteis sobre o amor.

“Isso é tudo, eu acho. Case-se rápido e esqueça.”

“Durham, eu amo você.”

Ele riu com amargura.

“Eu amo... sempre...”

“Boa noite, boa noite.”

“É o que estou lhe dizendo, eu vim aqui apenas para dizer isso, a meu modo... Sempre fui como os gregos e não sabia.”

“Explique-se melhor.”

Na hora ficou sem palavras. Só conseguia falar quando não o pressionavam.

“Hall, não seja grotesco.” Ele ergueu a mão, pois Maurice havia exclamado. “Como sujeito decente que é, deseja confortar-me, mas há limites; há uma ou duas coisas que não posso engolir.”

“Não sou grotesco...”

“Não deveria ter dito isso. Por favor, vá embora. Agradeço ter caído em suas mãos. A maioria dos outros homens teria me denunciado ao deão ou à polícia.”

“Ah, vá para o inferno, é tudo que merece!”, exclamou Maurice, que correu para o pátio e ouviu mais uma vez a batida da porta externa. Furioso, ficou de pé sobre a ponte. A noite semelhava-se à primeira — garoenta e com algumas estrelas pálidas. Não levou em consideração as três semanas de tortura bem diferente da sua, ou o veneno que, secretado por um homem, age diferentemente no outro. Irritou-se porque não encontrou o amigo do modo como o deixara. Deu meia-noite, depois uma hora e duas, e ele ainda planejava o que dizer quando não havia nada a dizer e os recursos da fala haviam cessado.

Então, selvagem, impudente, encharcado de chuva, viu o primeiro brilho da aurora na janela do quarto de Durham, e seu coração acendeu-se e espedaçou-o, gritando: “Você ama e é amado”. Ele olhou em torno. O coração gritou: “Você é forte; ele, fraco e só”, e dobrou-lhe a vontade. Aterrorizado com o que estava prestes a fazer, alcançou o pinázio e saltou.

“Maurice...”

Ao equilibrar-se, ouviu o nome ser chamado, como em um sonho. A violência fugiu-lhe ao coração, e uma pureza até então desconhecida aninhou-se ali. Seu amigo o chamara. Ficou por um momento em transe, até ser tomado por uma nova emoção, que lhe devolveu as palavras. Pousando as mãos com toda gentileza sobre os travesseiros, respondeu:

“Clive!”

Parte II

12

Clive quase não hesitara, quando garoto. Sua mente sincera, com aguda percepção do que era certo e errado, levara-o a acreditar que era, em vez disso, amaldiçoado. Profundamente religioso, com um desejo vivo de alcançar a Deus e Lhe agradar, viu-se tomado desde muito cedo por um outro desejo, decerto proveniente de Sodoma. Não teve dúvida do que era: sua emoção, mais compacta do que a de Maurice, não se dividia entre o lado brutal e o ideal, nem perdeu anos tentando transpor o abismo. Tinha dentro de si o impulso que destruiu a Cidade da Planície.[6] Embora este jamais devesse tornar-se carnal, por que ele, de todos os cristãos, fora punido?

De início, imaginou que Deus estivesse tentando-o e, se não blasfemasse, poderia ser recompensando, tal como Jó. Assim, abaixou a cabeça, jejuou e manteve-se distante de qualquer pessoa que descobrisse ser capaz de gostar. Seu décimo sexto ano foi uma tortura incessante. Não contou a ninguém e por fim sofreu um ataque de nervos e teve de ser tirado da escola. Durante a convalescença, viu que estava apaixonado por um primo que o conduzia em sua cadeira de rodas, um jovem casado. Não havia esperança, estava condenado.

Esses terrores haviam afligido Maurice, mas de modo vago: a Clive, eram definitivos, contínuos e insistentes não apenas no momento da Eucaristia, mas sempre. Não se enganava, apesar das rédeas que mantinha sobre a carnalidade. Podia controlar o corpo, mas era sua alma maculada que zombava de suas preces.

O garoto sempre fora erudito, dotado de sensibilidade para a palavra impressa, e os horrores da *Bíblia* que lhe eram evocados seriam derrubados por Platão. Era incapaz de esquecer a emoção de sua primeira leitura de *Fedro*. Viu sua inquietação ser descrita de forma calma e invulgar, como uma paixão que podemos direcionar, como qualquer outra, para o bem ou para o mal. De início, não acreditou em sua boa sorte — pensou que podia ter entendido mal e que ele e Platão estivessem pensando em coisas diferentes. Então, percebeu que o sóbrio pagão realmente o compreendia e, indo além da *Bíblia* em vez de opor-se a ela, oferecia-lhe um novo padrão de vida. “Para extrair o máximo do que eu tenho.” Não para esmagar sua disposição, não para desejar em vão que fosse alguma

outra coisa, mas para cultivá-la de maneira que não exasperasse nem a Deus nem ao Homem.

Foi obrigado contudo a abrir mão do cristianismo. Aqueles que baseiam sua conduta sobre o que são, mais do que sobre como deveriam ser, sempre acabam abrindo mão e, de mais a mais, entre o temperamento de Clive e a religião havia um conflito secular. Nenhum homem de raciocínio claro consegue combinar os dois. Tal temperamento, para citar uma fórmula jurídica, "não deve ser mencionado entre cristãos", e reza a lenda que seus portadores morreram na manhã da Natividade. Clive lamentava o fato. Provinha de uma família de advogados e proprietários rurais, a maioria homens bons e capazes, e ele não queria fugir à tradição. Desejava que o cristianismo abrandasse um pouco e procurasse apoio nas Escrituras. Havia o exemplo de Davi e Jônatas, havia até o "discípulo que Jesus amava". Mas os doutores da Igreja estavam contra ele; não podia encontrar refrigério para a alma ali sem aleijá-la, e refugiava-se ainda mais nos clássicos a cada ano que passava.

Aos dezoito anos era extraordinariamente maduro, e não se permitia ser amistoso com ninguém que o atraísse. A harmonia sucedeu o ascetismo. Em Cambridge, cultivava emoções ternas por outros graduandos, e sua vida, até então cinzenta, tingiu-se ligeiramente de tonalidades delicadas. Procedia com cautela e prudência, não que houvesse alguma coisa vulgar em seus escrúpulos. Estava disposto a avançar se considerasse correto.

No segundo ano conheceu Risley, "inclinado para aquele caminho", assim como ele. Clive não correspondeu com fervor à confiança depositada nem gostava de Risley e de seu grupo. Mas sentiu-se estimulado. Ficou feliz de saber que havia mais gente de sua espécie ali, e a franqueza deles animou-o a contar à mãe sobre seu agnosticismo; era tudo o que podia revelar-lhe. A senhora Durham, uma mulher do mundo, ofereceu pouca resistência. Foi no Natal que o problema se deu. Sendo os únicos nobres da paróquia, os Durham comungavam separadamente, e à matriarca causava raiva e vergonha imaginar todo o vilarejo observando-as enquanto ela e as filhas, desacompanhadas de Clive, se ajoelhavam no meio do longo genuflexório. Brigaram. Ele percebeu quem a mãe era na realidade — envelhecida, insensível, vazia — e, em sua desilusão, pegou-se pensando vividamente em Hall.

Hall: ele era apenas um dos tantos homens por quem se sentira atraído. É verdade que ele também tinha uma mãe e duas irmãs, mas Clive dispunha de bastante bom senso para não fingir que essa era a única coisa que tinham em comum. Devia gostar de Hall mais do que imaginava — devia estar ligeiramente

apaixonado por ele. E assim que o conheceu sentiu um surto de emoção que o impeliu a aproximar-se.

O homem era burguês, incompleto e estúpido — o pior dos confidentes. Contudo, revelara-lhe seus problemas familiares, comovido além da medida por ele ter dispensado Chapman. Quando Hall começou a troçar, ficou encantado. Outros teriam preferido manter-se a distância, pois o consideravam sisudo, e Clive bem que gostava de ser espicaçado por um rapaz forte e bonito. Também foi maravilhoso quando Hall afagou-lhe os cabelos: a face das duas pessoas no quarto desaparecia: ele reclinava-se até a bochecha tocar a flanela das calças e sentir o calor penetrar-lhe. Não se iludia nessas ocasiões. Sabia que tipo de prazer estava recebendo, e recebia honestamente, certo de que não trazia dano a nenhum dos dois. Hall era um homem que gostava apenas de mulheres — era fácil percebê-lo.

Quase no final do período letivo notou que Hall adquirira uma expressão bela e peculiar. Manifestava-se apenas de vez em quando, era sutil e remota; reparou nela quando estavam discutindo teologia. Era afetuosa, agradável, e, nesse sentido, uma expressão natural, mas estava ligada a algo que não havia observado antes naquele homem, um toque de... imprudência? Não tinha certeza, mas gostava daquilo. Tornava a ocorrer quando se encontravam de inopino ou ficavam calados. Era algo que o atraía independentemente do intelecto, dizendo "está tudo bem, você é inteligente, sabemos disso... mas venha!". Assombrava-o tanto que observava a sensação enquanto o cérebro e a língua estavam ocupados e, quando ela chegava, sentia responder: "Já vou... eu não sabia".

"Não é possível escapar agora. Precisa vir."

"Não quero escapar."

"Venha, então."

Ele ia. Lançou ao chão todas as barreiras — não de uma vez, pois não morava numa casa que podia ser derrubada num único dia. Durante todo aquele período letivo e por meio das cartas, depois, limpava o caminho. Assim que teve certeza de que Hall o amava, deu vazão ao próprio amor. Até então fora um flerte, um prazer passageiro para o corpo e a mente. Como desprezava aquilo agora. O amor era harmonioso, imenso. Regava-o com a dignidade e a riqueza de seu ser e, de fato, naquela alma equilibrada, os dois eram um só. Não havia nada de humilde em relação a Clive. Conhecia o próprio mérito e, se esperara atravessar a vida sem desfrutar do amor, culpava mais as circunstâncias do que a si mesmo. Hall, embora atraente e belo, não o tratava com superioridade. Eles se encontrariam de igual para igual depois das férias.

Mas os livros significavam tanto para ele que se esquecia de que constituíam um espanto para os outros. Ele confiara no corpo para que não houvesse nenhum desastre, mas, ao conectar o amor deles ao passado, associava-o ao presente, despertando na mente de seu amigo a submissão às convenções e o temor à lei. Não percebia nada disso. Hall deveria querer dizer o que dissera. De outro modo, por que teria dito? Hall o abominava — e fora bastante claro, "Ah, irra" —, as palavras tinham machucado mais do que qualquer golpe e repercutiram em seus ouvidos durante dias. Hall era o inglês normal e saudável, que nunca se dera conta do que estava ocorrendo.

A dor foi grande, foi grande a mortificação, mas o pior estava por vir. Clive irmanara-se tanto com seu amado que passou a abominar a si mesmo. Toda a sua filosofia de vida ruía, e o senso do pecado renasceu nesses escombros, rastejando pelos corredores. Hall dissera que ele era um criminoso, e devia estar certo. Era maldito. Nunca mais ousaria ser amigo de um jovem de novo, por medo de corrompê-lo. Não fizera Hall perder a fé na cristandade, atentando além do mais contra sua pureza?

Durante aquelas três semanas Clive mudara imensamente, e não estava apto a discutir quando Hall — criatura boa e desajeitada! — irrompera em seu quarto para confortá-lo, tentara esse e aquele procedimento sem sucesso e desaparecera num rompante de raiva. "Ah, vá para o inferno, é tudo que merece!" Nunca houve palavras mais justas, mas eram duras de aceitar quando proferidas pelo amado. O senso de fracasso recrudesceu: sua vida despedaçara-se, e não tinha forças para reconstruí-la nem para se livrar do mal. Sua conclusão foi: "Rapaz ridículo! Eu nunca o amei. Só dispunha de uma imagem criada em minha imaginação poluída, e que Deus me ajude a livrar-me dela".

Mas fora justamente aquela imagem que o visitara em seu repouso e fizera-o murmurar seu nome.

"Maurice..."

"Clive..."

"Hall!", ele exclamou com voz entrecortada, totalmente desperto. Sentiu um calor sobre si. "Maurice, Maurice, Maurice... Ah, *Maurice*..."

"Eu sei."

"Maurice, eu o amo."

"E eu, a você."

Eles se beijaram, quase sem perceber. Então Maurice desapareceu como viera, pela janela.

13

“Já perdi duas aulas”, observou Maurice, que tomava o café-da- manhã de pijama.

“Falte nas outras também... Ele só lhe dará uma detenção.”

“Você virá na motocicleta comigo?”

“Sim, mas para longe”, disse Clive, acendendo um cigarro. “Não consigo suportar Cambridge neste clima. Vamos até o lugar mais distante possível, e damos um mergulho. Posso estudar no caminho... Ah, droga!”, ouviu passos na escada. Joey Fetherstonhaug olhou para dentro e perguntou se algum deles queria jogar tênis com ele aquela tarde. Maurice aceitou.

“Maurice! Por que fez isso, seu burro?”

“Para livrar-me dele quanto antes. Clive, encontre-me no estacionamento em vinte minutos, traga seus livros idiotas e tome emprestados os óculos de proteção de Joey. Eu preciso trocar-me. Traga algo para comermos também.”

“Podíamos ir a cavalo.”

“Demora muito.”

Eles se encontraram conforme o combinado. Não fora difícil pegar os óculos de Joey, pois ele não estava lá. Mas, ao passarem por Jesus Lane, o deão os saudou.

“Hall, não tem aula hoje?”

“Dormi demais”, gritou Maurice, desdenhoso.

“Hall! Hall! Pare quando eu falo com você.”

Maurice seguiu adiante. “Não adianta discutir”, observou.

“Nem um pouco.”

Cruzaram a ponte e seguiram pela estrada para Ely. Maurice disse: “Agora estamos danados”. A máquina era possante; ele, naturalmente arrojado. Precipitou-se pelos brejos, na direção da distante cúpula celeste. Viraram uma nuvem de poeira, fedor e bramido para o mundo, mas o ar que respiravam era puro, e tudo que ouviam era o longo silvo de alegria do vento. Ninguém lhes importava, estavam isolados da humanidade, e a morte, se adviesse, teria apenas dado prosseguimento à sua perseguição do horizonte fugidio. Uma torre, uma cidade — fora Ely —, ficaram para trás, em frente o mesmo céu, empalidecendo

por fim como se anunciando o mar. “Entrada à direita”, outra vez, então “à esquerda”, “direita”, até que perderam todo o sentido de orientação. Houve um rasgo, uma raspadura. Maurice nem percebeu. Um ruído surgiu como se milhares de pedregulhos estivessem chacoalhando entre suas pernas. Nenhum acidente ocorreu, mas a motocicleta estacou no meio do campo escuro. Ouviram a canção da cotovia, a trilha de poeira começou a assentar, atrás deles. Estavam sozinhos.

“Vamos comer”, disse Clive.

Comeram na encosta gramada. As águas de uma represa moviam-se de modo imperceptível acima deles, refletindo infinitos salgueiros. O homem, criador de todo o cenário, não estava à vista. Depois do almoço, Clive pensou em estudar. Espalhou seus livros e adormeceu em dez minutos. Maurice sentou-se à beira da represa, fumando. Uma carroça de fazendeiro surgiu, e ele pensou até mesmo em perguntar em que condado estavam. Mas não disse nada e o fazendeiro também não pareceu avistá-lo. Quando Clive acordou, já passava das três.

“Logo vamos querer tomar chá”, foi sua contribuição.

“Está bem. Sabe consertar aquela estúpida motocicleta?”

“Ah, sim, algo travou?” Ele bocejou e caminhou até o veículo. “Não, não sei, Maurice, e você?”

“Melhor nem tentar.”

Aproximaram as faces e começaram a rir. O incidente lhes pareceu extraordinariamente engraçado. E fora presente do vovô! Maurice ganhou em antecipação ao aniversário, em agosto, quando atingiria a maioridade. Clive sugeriu:

“Que tal se a deixássemos aí e fôssemos caminhando?”

“Sim, quem tentaria mexer nela? Deixe os casacos e o resto das coisas dentro. E os óculos de Joey também.”

“E quanto aos meus livros?”

“Deixe-os.”

“Não vou precisar deles após o jantar?”

“Ah, não sei. O chá é mais importante que o jantar. É razoável pensar que (bem, do que está rindo?), se seguirmos a represa, em algum momento chegaremos a um *pub*.”

“Por quê? Eles usam a represa para despejar a cerveja que tomaram?”

Maurice golpeou-o nas costelas e, por dez minutos, engalfinharam-se entre as árvores, galhofeiros demais para falar qualquer coisa. Mais uma vez

pensativos, ficaram juntos de pé, e então esconderam a motocicleta entre as rosas-de-cão, iniciando a caminhada. Clive levou o caderno consigo, mas este ficou totalmente inutilizável, pois a represa que vinham seguindo bifurcava-se.

“Precisamos atravessar”, ele disse. “Não dá para contornar, pois nunca chegaremos a lugar nenhum. Maurice, olhe... precisamos ir em linha reta para o sul.”

Não lhes importava quem sugeria o que naquele dia; o outro sempre concordava. Clive tirou os sapatos e as meias e enrolou as calças. Então pisou na superfície pardacenta da represa e desapareceu. Veio à tona, nadando.

“É tão fundo!” gritou, saindo da água. “Maurice, eu não tinha idéia! E você?”

Maurice exclamou: “Ora, eu preciso dar um mergulho de verdade”. Foi o que ele fez, enquanto Clive carregava suas roupas. A luz tornou-se radiante. Logo chegaram a uma fazenda.

A mulher do fazendeiro tratou-os de forma brusca e não hospitaleira, mas eles a descreveram depois como uma figura “absolutamente notável”. No fim, ela deu-lhes chá e permitiu que Clive se secasse junto ao fogo da cozinha. Disse para que a “pagassem como quisessem” e, quando lhe deram mais do que o suficiente, apenas resmungou. Nada lhes dobrava o ânimo. Transmudavam todas as coisas.

“Adeus, agradecemos muitíssimo”, Clive disse. “E se algum dos homens encontrar a motocicleta: queria poder explicar melhor onde a deixamos. De todo modo, eu lhe deixo o cartão de meu amigo. Talvez possam fazer a gentileza de amarrá-la a um veículo e levá-la à estação mais próxima. Algo assim, não sei. O chefe da estação nos mandará um telegrama.”

A estação ficava a doze quilômetros. Quando chegaram lá, o sol estava baixo, e só chegaram a Cambridge após o jantar. O final do dia foi perfeito. O trem, por uma razão desconhecida, estava cheio, e tiveram de sentar-se bem juntos, cochichando no meio da algaravia, e sorrindo. Quando se separaram, foi do modo costumeiro: nenhum deles sentiu um impulso de dizer nada em especial. Todo o dia fora habitual. Contudo, nunca antes ocorrera a nenhum dos dois e nunca mais voltaria a repetir-se.

14

O deão mandou Maurice para casa.

O senhor Cornwallis não era um supervisor severo, e o rapaz tinha tolerável ficha acadêmica, mas não podia fazer vista grossa em relação a uma afronta tão evidente à disciplina.

“E por que não parou quando o chamei, Hall?” Hall não respondeu, nem ao menos aparentou arrependimento. Observava-o com ardor, e o senhor Cornwallis, embora muito irritado, tomou ciência de que estava lidando com um homem. De um modo débil e pusilânime, até mesmo adivinhou o que havia ocorrido.

“Você ontem não foi à missa, perdeu quatro aulas, inclusive a minha sobre tradução, e o jantar. Nunca havia tido esse tipo de atitude antes. Nem preciso acrescentar que foi impertinente, não acha? Bem? Não responde? Você será suspenso e sua mãe ficará sabendo da razão. Eu a informarei, sim. Até que me escreva uma carta de desculpas, não recomendarei sua readmissão na faculdade em outubro. Pode pegar o trem do meio-dia.”

“Tudo bem.”

O senhor Cornwallis acenou para que ele saísse.

Durham não recebeu nenhuma punição. Fora dispensado de todas as palestras por causa dos exames e, mesmo se tivesse sido negligente, o deão não o teria importunado; por ser o melhor aluno de estudos clássicos do ano, havia garantido para si um tratamento especial. Era ótimo que Hall não o distraísse mais. O senhor Cornwallis sempre desconfiou de tais amizades. Não era natural que homens de temperamento e gostos diferentes tivessem intimidade e, embora alunos da universidade, ao contrário dos garotos de colégio, fossem considerados oficialmente normais, os tutores precisavam exercer certa dose de vigilância, e lhes parecia correto frustrar um caso de amor sempre que podiam.

Clive ajudou-o a fazer as malas e foi despedir-se dele. Não falou muito, com receio de deixar o amigo, que ainda exibia pose de herói, deprimido, mas sentiu um peso no coração. Era seu último período letivo, pois sua mãe não permitiria que ficasse um quarto ano na faculdade, o que significava que ele e Maurice nunca mais se veriam em Cambridge. O amor de ambos estava ligado àquela

universidade e, em especial, aos aposentos deles, de modo que não concebia encontrarem-se em outro lugar. Queria que Maurice não tivesse adotado uma linha dura com o deão, mas era tarde demais agora, e também que não houvessem perdido a motocicleta. Associava o veículo a sentimentos intensos — a agonia da quadra de tênis, o júbilo do dia anterior. Ligados num único movimento, pareciam estar ali mais próximos um do outro do que em qualquer outro lugar; a máquina ganhou vida própria, na qual os dois se aproximaram e perpetraram a unidade preconizada por Platão. Ela se fora e, quando o trem de Maurice também partiu, literalmente rompendo o enlace das mãos, ele sucumbiu. Retornando ao quarto, escreveu folhas apaixonadas de desespero.

Maurice recebeu a carta na manhã seguinte. Ela arrematou o que sua família havia encetado, e ele manifestou sua primeira explosão de raiva contra o mundo.

15

“Não posso desculpar-me, mãe — eu expliquei na noite anterior que não havia razão para pedir desculpas. Não tinham o direito de suspender-me quando todo mundo ali falta às aulas. É puro rancor, pode perguntar a qualquer um.... Ada, por favor tente fazer café em vez de água salgada.”

Ela soluçou: “Maurice, você deixou mamãe chateada. Como pode ser tão rude e indelicado?”.

“Com certeza não é minha intenção. Não creio que tenha sido indelicado. Vou direto para o mercado de trabalho, como fez nosso pai, sem precisar obter um daqueles estúpidos graus acadêmicos. Não vejo problema nisso.”

“Você poderia ter deixado seu pobre pai de fora; ele nunca nos deu nenhum desgosto”, lamentou a senhora Hall. “Oh, Morrie, meu querido... tínhamos tantas expectativas em relação a Cambridge.”

“Toda essa choradeira é um erro”, anunciou Kitty, que tinha ambição de ser remediadora. “Só faz Maurice pensar que é importante, quando não é. Ele escreverá ao deão assim que pararmos de querer que o faça.”

“Não vou escrever. Não me convém”, respondeu o irmão, duro como uma pedra.

“Não acho.”

“Garotinhas não têm muito que achar.”

“Não tenha tanta certeza!”

Ele relanceou-lhe o olhar. Mas ela apenas disse que compreendia muito melhor a situação do que alguns garotinhos que se consideravam homenzinhos. Estava apenas resmungando, e o medo, combinado com respeito, que surgira dentro dele, logo desapareceu. Não, não podia desculpar-se. Não tinha feito nada de errado e não admitiria isso. Provava o sabor da honestidade pela primeira vez em muitos anos, e a honestidade é como o sangue. Em seu temperamento inquebrantável, o rapaz acreditava ser possível viver sem compromissos, e ignorava tudo que não se adequasse a ele e a Clive! A carta de Clive o deixara ensandecido. Sem dúvida agia de modo estúpido — o amante sensato teria pedido desculpas e voltaria para dar conforto ao companheiro —, mas tratava-se da estupidez da paixão, que preferia nada ter a ter apenas um pouco.

Continuaram conversando e chorando. Por fim, ele ergueu-se e disse:

“Não consigo comer com esse acompanhamento”, e dirigiu-se ao jardim. A mãe o seguiu com uma bandeja. A própria ternura o deixou furioso, pois o amor lhe deu perseverança. Para ela, não custava nada paparicá-lo com torradas e palavras gentis: apenas queria torná-lo mais maleável.

Ela queria saber se havia ouvido direito, estava mesmo recusando-se a pedir desculpas? Perguntava-se o que o próprio pai diria, e por acaso ficou sabendo que o presente de aniversário jazia abandonado num canto de alguma trilha de East Anglia. Ela ficou ainda mais preocupada, pois a perda do veículo lhe era ainda mais significativa do que a de um título universitário. As filhas também ficaram sentidas. Lastimaram a perda da motocicleta durante o resto da manhã e, conquanto Maurice pudesse mandá-las calar ou pedir que fossem chorar longe dali, sabia que a complacência delas podia minar-lhes as forças, como ocorrera nas férias de Páscoa.

À tarde, sofreu um colapso nervoso. Lembrou que ele e Clive ficaram juntos apenas um dia! E passaram essa jornada perambulando como dois imbecis — em vez de ficarem nos braços um do outro! Maurice não sabia que, desse modo, haviam experimentado um dia perfeito; era jovem demais para suspeitar da trivialidade do contato pelo contato. Mesmo refreado por seu amigo, teria fartado-se da paixão. Mais tarde, quando seu amor adquiriu maior força, é que viria a perceber como o destino lhe fora benéfico. O abraço único na escuridão, o longo dia em plena luz e ao vento, eram como colunas gêmeas; inúteis, uma sem a outra. E toda a agonia da separação, pela qual agora era obrigado a passar, não vinha para destruir, mas para abastecer.

Tentou responder à carta de Clive. Temia soar falso. À noite recebeu outra, composta das palavras “Maurice! Eu amo você”. Então, respondeu “Clive, eu amo você”. Passaram a se corresponder todos os dias e, apesar do extremo cuidado, criaram novas imagens no coração de cada um. As cartas distorcem com rapidez ainda maior que o silêncio. Clive foi tomado pelo terror de que algo estava dando errado e, pouco antes dos exames, teve permissão para ir à cidade. Maurice almoçou com ele. Foi horrível. Os dois estavam cansados e escolheram um restaurante onde não conseguiam ouvir direito. “Não gostei do almoço”, afirmou Clive na hora de despedir-se. Maurice sentiu-se aliviado. Havia fingido para si mesmo ter gostado, aumentando assim sua agonia. Concordaram que deveriam ater-se aos fatos nas cartas, e apenas escreveriam quando houvesse algo urgente a dizer. O estresse emocional serenou, e Maurice, mais perto de ter uma crise de nervos do que imaginava, passou várias noites sem sonhos, que lhe

restabeleceram a saúde. Mas o cotidiano manteve-se miserável.

A posição do rapaz em sua casa era anômala: a senhora Hall queria que algo ocorresse desobrigando-a de tomar uma decisão. Ele se comportava como um homem e havia se empenhado em dispensar os Howell na última Páscoa; porém, fora expulso de Cambridge e ainda não havia completado vinte e um anos. Qual era a posição de Maurice naquele lar? Instigada por Kitty, procurou ser firme, mas Maurice, após um olhar genuíno de surpresa, fez ouvidos moucos. A senhora Hall hesitou e, posto que amasse o filho, tomou a decisão insensata de recorrer ao doutor Barry. Maurice foi obrigado a ir à casa do médico para uma conversa.

“Então, Maurice, como vai a carreira? Não exatamente como esperava, hein?”

Maurice ainda receava o vizinho.

“Não exatamente como sua mãe esperava, para sermos mais precisos.”

“Não exatamente como ninguém esperava”, disse Maurice, olhando para as mãos.

O doutor Barry observou:

“Ah, é melhor assim. Que quer com um diploma? Nunca serviu aos burgueses suburbanos. Você não será um advogado, pároco ou pedagogo. Também não é membro da aristocracia rural. Completa perda de tempo. Comece logo a direcionar sua energia. Estava certo quando insultou o deão. A cidade é seu lugar. Sua mãe...”, ele parou e acendeu um cigarro, sem oferecê-lo ao rapaz. “Sua mãe não entende nada disso. Está preocupada porque você não pede desculpas. De minha parte, creio que essas coisas acabam se ajeitando. Você entrou numa atmosfera para a qual não estava preparado e, com bastante sensatez, aproveitou-se da primeira oportunidade para livrar-se dela.”

“Que quer dizer, senhor?

“Ora, não fui suficientemente claro? Quero dizer que o cavalheiro do interior teria se desculpado por instinto se houvesse sido mal-educado. Você vem de uma tradição diferente.”

“Acho que preciso voltar para casa agora”, afirmou Maurice, com certa dignidade.

“Sim, acho que precisa. Não o convidei para que tivesse uma noite agradável, como espero que tenha notado.”

“O senhor foi franco comigo, talvez um dia eu também possa. Sei que gostaria.”

A resposta irritou o médico, e ele gritou:

“Como ousa enfrentar sua mãe, Maurice? Deveria levar umas chicotadas, seu franguinho! Dando uma de valentão em vez de pedir para que ela o perdoe! Sei de tudo. Ela veio ter comigo com lágrimas nos olhos e me pediu para conversar com você. Ela e suas irmãs são minhas vizinhas a quem respeito muito, e basta uma mulher pedir-me auxílio que me ponho à disposição. Não retruque, senhor, não retruque. Não quero o seu discurso, franco ou não. É uma desgraça ao cavalheirismo. Não sei para onde caminha o mundo. Não sei o que o mundo... Estou desapontado e enojado de você.”

Maurice, enfim fora da casa, enxugou a testa. De certo modo, estava envergonhado. Sabia que havia se comportado mal com sua mãe. O nervo do esnobe que havia dentro de si fora exposto. Mas, de certa maneira, não podia retroceder, não podia alterar os acontecimentos. Uma vez fora da linha, parecia nunca mais ser capaz de voltar ao caminho correto. “Uma desgraça para o cavalheirismo.” Ponderou a acusação. Se uma mulher estivesse a seu lado, na motocicleta, e ele tivesse se recusado a parar ao comando do deão, o doutor Barry teria exigido que se desculpasse? Por certo não. Seguiu com dificuldade esse raciocínio. Seu cérebro ainda estava frágil. Mas era obrigado a usá-lo, pois muito do discurso e das idéias atuais necessitava de tradução antes que pudesse começar a compreendê-las.

Sua mãe foi ter com ele, parecendo igualmente envergonhada; sentiu, como o filho, que ela própria deveria ter lhe dado a reprimenda. Maurice havia crescido, ela queixou-se para Kitty; as crianças distanciavam-se dos pais; era tudo muito triste. Kitty assegurou-lhe que o irmão não passava de um menino, mas todas aquelas mulheres pressentiram a mudança na boca, nos olhos e na voz de Maurice, depois de ele ter enfrentado o doutor Barry.

16

Os Durham habitavam uma região erma da Inglaterra, na divisa entre Wiltshire e Somerset. Embora não constituíssem uma família antiga, havia quatro gerações possuíam terras, e sua influência foi passada adiante. O pai do tio-avô de Clive fora presidente do Supremo Tribunal, no reinado de George iv, e o ninho que havia cumulado de riquezas por meio de seu cargo era Penge. O ninho já começava a perder o viço, após cem anos de dilapidação paulatina da fortuna, que nenhuma noiva rica havia restabelecido, e tanto o solar quanto a propriedade caracterizavam-se, se não pela decadência, ao menos pela paralisia que a precede.

A residência situava-se no meio de um bosque. Um parque, ainda cercado por linhas de sebes desaparecidas, prolongava-se em torno, fornecendo luz, ar e pasto às vacas de Alderney e aos cavalos. Saindo dele, dava-se com as árvores, a maioria plantada pelo velho sir Edwin, que havia anexado as áreas comuns. O parque tinha duas entradas, uma próxima ao vilarejo, a outra na estrada de terra que seguia para a estação. Não havia estação nos velhos tempos, e a entrada provinda dela, nada considerável e feita pelos fundos, representava uma reflexão tardia da Inglaterra.

Maurice chegou à noite. Viajara diretamente da casa de seu avô em Birmingham, onde, de forma pouco memorável, atingira a maioridade. Ainda que em desgraça, não ficara sem seus presentes, mas estes foram dados e recebidos sem entusiasmo. Ele sonhara tanto com seus vinte e um anos. Segundo Kitty, ele não gostou da ocasião porque havia se comportado mal. Com bonomia ele beliscou-lhe a orelha pelo comentário e a beijou, o que a deixou ainda mais irritada.

“Você não tem nenhum senso das coisas”, ela disse, zangada. Ele sorriu.

De Alfriston Gardens, com seus primos e chás da tarde, a mudança para Penge foi imensa. A aristocracia rural, mesmo quando se é inteligente, tem um quê de alarmante, e era com assombro que Maurice aproximava-se de qualquer um deles. De fato, Clive fora encontrar-se com ele e acompanhou-o no coche, do mesmo modo, porém, que a senhora Sheepshanks, que chegara pelo mesmo trem. A senhora Sheepshanks tinha uma criada, que seguia atrás com a bagagem

da dama e do jovem, num cabriolé, e ele se perguntou se não deveria ter trazido um criado também. Uma garotinha segurava o portão para eles. A senhora Sheepshanks queria que *todos* lhe fizessem mesuras. Clive pisou no pé do amigo quando ela disse isso, mas não ficou claro se fora para chamar-lhe a atenção. Não tinha mais certeza de nada. Quando chegaram, tomou os fundos pela entrada, e já se preparava para abrir a porta quando a senhora Sheepshanks declarou:

"Ah, mas isso é cortesia da casa." Além do mais, havia um mordomo para abrir a porta.

O chá, muito amargo, aguardava-os, e a senhora Durham olhava para uma pessoa enquanto servia outra. Todos exibiam fumos de importância ou pretendiam estar ali por uma razão ilustre. As pessoas estavam sempre fazendo coisas ou pedindo para que outros as fizessem por elas: a senhorita Durham agendou-o para que debatesse no dia seguinte sobre a reforma fiscal. Tinham afinidades políticas; mas o grito com que ela saudou sua aliança não o agradou. "Mãe, o senhor Hall *é* sensato." O major Wester, primo que também dera uma passada pela residência, decerto lhe perguntaria sobre Cambridge. Os militares faziam objeção a quem havia sido expulso?... Não, fora pior do que no restaurante, pois lá Clive também estivera deslocado de seu elemento.

"Pippa, o senhor Hall conhece o quarto?"

"É o quarto azul, mamãe."

"O que não tem lareira", gritou Clive. "Mostre a ele." O jovem Durham estava se despedindo de alguns visitantes.

A senhorita Durham confiou Maurice ao mordomo. Seguiram por uma escadaria lateral. Maurice viu o lance principal de escadas à direita e indagou-se se não estava sendo preterido. Seu quarto era pequeno, mobiliado sem luxos. Não tinha vista. Ao ajoelhar-se para desfazer as malas, lembrou-se de Sunnington, e prometeu a si próprio que, enquanto estivesse em Penge, vestir-se-ia com apuro. Não deveriam considerá-lo deselegante; era tão bom quanto qualquer um dos convidados. Mal havia chegado a essa conclusão quando Clive irrompeu no quarto, as costas banhadas pelo sol.

"Maurice, vou beijá-lo", ele disse, e beijou-o.

"Onde... O que há ali, passando por esta porta?"

"Nosso estúdio..." Estava rindo, a expressão selvagem e radiante.

"Ah, é por isso que..."

"Maurice! Maurice! Você de fato veio. Está aqui. Este lugar nunca mais será o mesmo de novo, finalmente vou gostar daqui."

“Sinto-me feliz por ter vindo”, disse Maurice, com a voz embargada: o súbito acesso de alegria fez sua cabeça rodar.

“Continue desfazendo as malas. Assim, fiz questão que lhe dessem este quarto. Estamos sozinhos no alto dessas escadas. É o mais próximo da faculdade que consegui arranjar.”

“É melhor.”

“Sinto mesmo que será.”

Ouviram uma batida na porta do corredor. Maurice sobressaltou-se, mas Clive, embora ainda apoiado sobre os ombros do amigo, disse “Entre!” com indiferença. Uma criada entrou com água quente.

“Salvo para as refeições, não precisamos estar em nenhuma outra parte da casa”, ele prosseguiu. “Tanto aqui quanto lá fora. Fantástico, não é? Tenho um piano.” Ele o conduziu ao estúdio. “Veja a vista. Dá para caçar coelhos desta janela. Por falar nisso, se minha mãe ou Pippa lhe disserem, durante o jantar, que precisa fazer isso ou aquilo amanhã, não se preocupe. Pode dizer ‘sim’ para elas se quiser. Você na verdade vai andar a cavalo comigo, e elas sabem disso. É apenas o ritual delas. No domingo, quando não for à igreja, fingirão depois que esteve lá.”

“Mas não tenho roupa adequada para cavalgar.”

“Nesse caso, não devo misturar-me com você”, disse Clive, e saiu.

Quando Maurice voltou à sala de estar, sentiu que tinha mais direito de estar ali do que qualquer um dos presentes. Aproximou-se da senhora Sheepshanks, abriu a boca antes que ela pudesse abrir a própria, e proferiu palavras gentis. Tomou lugar no absurdo octeto que fora formado para entrar na sala de jantar — Clive e a senhora Sheepshanks, major Western e outra mulher, outro homem e Pippa, ele e a anfitriã. Esta última desculpou-se pelo tamanho reduzido do grupo.

“De jeito nenhum”, disse Maurice, e viu que Clive o observava com malícia, ele usara a fórmula errada. A senhora Durham então o auxiliou nos procedimentos, mas ele não se importava se a satisfazia ou não. Tinha as feições do filho e parecia bastante capaz, mas não igualmente sincera. Compreendeu por que Clive a desprezava.

Depois do jantar, os homens fumavam, para depois se unirem às damas. Era uma noite suburbana, mas com uma diferença; aquela gente parecia estar tramando algo: tinham acabado de organizar a Inglaterra ou viriam a reorganizá-la em breve. No entanto, os mourões, as estradas — ele percebera no caminho — estavam em mau estado, a madeira não tinha sido mantida de forma adequada, as janelas emperravam, os caixilhos estalavam. Penge o impressionara menos do

que o esperado.

Quando as damas se retiraram, Clive disse: “Maurice, você também parece cansado”. Maurice entendeu a indireta e, cinco minutos depois, encontravam-se de novo no estúdio, com toda a noite pela frente. Acenderam os cachimbos. Era a primeira vez que experimentavam uma completa tranqüilidade a sós, e palavras delicadas seriam proferidas. Sabiam disso, embora quase nem quisessem começar.

“Vou contar-lhe agora as últimas novidades”, disse Clive. “Assim que voltei, tive uma briga com minha mãe e lhe disse que precisava fazer o quarto ano.”

Maurice soltou um grito.

“Que há de errado?”

“Fui expulso.”

“Mas voltará em outubro.”

“Não. Cornwallis disse que preciso pedir desculpas, e recusei-me... Achei que você não estaria lá, de modo que não tinha importância.”

“E cuidei para ficar mais um ano, porque imaginei que estaria lá. Uma comédia de erros.”

Maurice olhou, triste, para a frente.

“Comédia de erros, não tragédia. Você pode pedir desculpas agora.”

“É tarde demais.”

Clive riu.

“Por que é tarde demais? Só ficou mais simples. Você não quis se desculpar até o término do período letivo em que a ofensa fora cometida. ‘Prezado Senhor Cornwallis: Agora que o período letivo se encerrou, arrisco-me a escrever.’ Faço um esboço da carta amanhã.”

Maurice ponderou, finalmente exclamando: “Clive, você é terrível!”.

“Sou um pouco delinqüente, com certeza, mas é bem feito para essas pessoas. Enquanto falarem do vício indizível dos gregos, não podem esperar um jogo limpo. Bem feito para minha mãe eu ter dado uma escapada para beijá-lo antes do jantar. Ela não teria misericórdia se soubesse. Ela não tentaria, nem gostaria de tentar entender que o que sinto por você é o mesmo que Pippa sente pelo noivo, apenas muito mais nobre, muito mais profundo, corpo e alma, sem nenhum medievalismo famélico, é claro, mas uma... singular harmonia de corpo e alma que não creio que as mulheres jamais adivinharam. Mas você sabe disso.”

“Sim. Vou pedir desculpas.”

Houve um longo intervalo: discutiram a questão da motocicleta, que nunca mais fora mencionada. Clive fez café.

“Conte-me, o que o fez acordar-me aquela noite, após a reunião da sociedade de debates. Explique melhor.”

“Fiquei pensando no que lhe diria, mas não chegava a nenhuma conclusão, de modo que, sem conseguir pensar em mais nada, deixei-me levar.”

“Bem o tipo de coisa que você faria.”

“Está caçoando?”, perguntou Maurice, tímido.

“Meu Deus!” Fez-se uma pausa. “Conte-me agora sobre a noite em que fui ter com você. Por que nos fez ficar tão infelizes?”

“Ora, não sei. Não consigo explicar tudo. Por que me confundiu com aquele estúpido Platão? Eu ainda estava confuso. Ainda não tinha atinado muitas coisas como hoje.”

“Mas não esteve comigo durante meses? Desde a primeira vez que meu viu no quarto de Risley, na verdade.”

“Nem me pergunte.”

“É estranho, de qualquer modo.”

“É.”

Clive riu com gosto e mexeu-se na cadeira.

“Maurice, quanto mais reflito, mais certo estou de que é você quem é terrível.”

“Ah, está certo.”

“Eu teria passado a vida num estado de semiconsciência se você tivesse tido a decência de me deixar em paz. Intelectualmente desperto, sim, e emocionalmente de certo modo; mas aqui...” Ele apontou o cachimbo para o coração; e ambos sorriram. “Talvez tenhamos despertado um ao outro. Gosto de pensar assim.”

“Quando passou a gostar de mim?”

“Nem me pergunte”, Clive ecoou.

“Ah, vamos, fale sério... bem... do que gostou em mim logo no início?”

“Quer mesmo saber?”, indagou Clive, que exibia a atitude que Maurice adorava: meio malicioso, meio apaixonado; um comportamento de suprema afeição.

“Sim.”

“Bem, foi sua beleza.”

“Minha... o quê?”

“Beleza... Aquele homem que está sobre a estante era quem eu mais admirava.”

“Concordo com você que o quadro merece elogios”, disse Maurice, tendo

reparado no Michelangelo. “Clive, você é um pequeno tolo, e já que tocou no assunto, acho você lindo, a única pessoa linda que já conheci. Amo sua voz e tudo o mais que se relaciona a você, até mesmo as roupas que usa ou o aposento em que se encontra. Eu adoro você.”

Clive corou violentamente: “Sente-se direito e vamos mudar de assunto”, disse, tornando a ficar sério.

“Não quis irritá-lo de jeito nenhum...”

“É preciso que essas coisas sejam ditas uma vez, ou nunca saberemos o que há no coração um do outro. Eu não teria adivinhado, não nessa extensão pelo menos. Você agiu certo, Maurice.” Ele não mudou de assunto, mas evoluiu para outro que passou a interessá-lo recentemente, a precisa influência do desejo sobre os julgamentos estéticos. “Veja aquele quadro, por exemplo. Eu o amo porque, assim como o pintor, amo o tema. Não o julgo com os olhos do homem normal. Parece que há dois caminhos para se chegar à Beleza. Um deles é o habitual, e todo mundo alcança Michelangelo por intermédio dele, mas a outra trilha só eu e poucos mais conhecemos. Os dois caminhos conduzem ao artista. Mas veja Greuze:[7] o assunto dele me repele. Só consigo alcançá-lo mediante um único caminho. O resto do mundo encontra dois.”

Maurice não o interrompeu: tudo aquilo lhe parecia uma encantadora tolice.

“Esses caminhos privativos talvez sejam um erro”, concluiu Clive. “Mas enquanto a figura humana for pintada, eles serão percorridos. A paisagem é o único tema seguro, ou talvez algo geométrico, rítmico, absolutamente inumano. Pergunto-me se é isso que os maometanos queriam dizer, ou o velho Moisés... Acabo de pensar nisso. Se você introduz a figura humana, de imediato desperta desgosto ou desejo. Muitas vezes de forma bastante vaga, mas está lá. ‘Não farás para ti imagem de escultura’,[8] pois então seria preciso mostrar a todos os demais. Maurice, vamos reescrever a história? ‘A filosofia estética do Decálogo.’ Sempre achei notável que Deus não tenha amaldiçoado a mim ou a você nos Dez Mandamentos. Costumava achá-lo justo por causa disso, embora hoje suspeite que ele estivesse meramente mal informado. Mesmo assim, pode ser que seja capaz de apresentar minha defesa. Devo escolher o tema para minha dissertação acadêmica?”

“Não consigo acompanhar seu raciocínio, você sabe”, confessou Maurice, um pouco envergonhado.

E a cena amorosa prolongou-se, tendo obtido o inestimável reforço de uma nova linguagem. Nenhuma tradição subjugou os rapazes. Nenhuma convenção determinou o que era poético, o que era absurdo. Ocupavam-se de uma paixão

que poucas mentes inglesas jamais admitiram, de modo que podia ser criada sem entraves. Um quê de beleza incomum surgiu na mente de cada um deles, algo de inesquecível e eterno, mas forjado a partir dos mais humildes fragmentos de discurso e das emoções mais ordinárias.

“Diga-me, não vai me beijar?”, perguntou Maurice, quando os pardais despertaram na cimalha acima deles, e no bosque ao longe os pombos-trocazes começaram a arrulhar.

Clive meneou a cabeça e sorrindo eles se despediram, tendo estabelecido a perfeição em suas vidas, durante certo tempo pelo menos.

17

Pode parecer estranho que Maurice tenha granjeado algum respeito por parte dos Durham, mas o fato é que eles não desgostaram do rapaz. Só não apreciavam pessoas que queriam conhecê-los bem — era uma mania evidente —, e o rumor de que um homem desejava entrar para a sociedade rural era razão suficiente para excluí-lo dela. Ali (região de alto intercâmbio e movimentos nobres que nada significavam) haviam de ser encontradas várias pessoas que, como o senhor Hall, nem amavam nem temiam a sorte deles, e partiriam sem um suspiro, se fosse necessário. Os Durham sentiam que estavam conferindo-lhe um favor ao tratá-lo como um igual; contudo, agradava-lhes que Maurice encarasse tudo aquilo com naturalidade, pois, para eles, a gratidão estava misteriosamente relacionada com má educação.

Sem nada pedir exceto alimento e a companhia de seu amigo, Maurice não reparou que era um sucesso, e ficou surpreendido quando a velha senhora chamou-o para uma conversa, ao final de sua estada. Ela inquiriu-o sobre sua família e descobriu a aridez que havia ali, mas dessa vez agiu com deferência: queria a opinião dele sobre Clive.

"Senhor Hall, gostaríamos que nos ajudasse: Clive o estima tanto. Acha sensato que permaneça outro ano em Cambridge?"

Maurice estava mais interessado em saber que cavalo montaria naquela tarde. Ouviu-a apenas em parte, o que lhe conferiu um ar de profundidade.

"Depois do desempenho deplorável que ele demonstrou nos exames. É sensato?"

"É o que ele quer", declarou Maurice.

A senhora Durham fez que sim com a cabeça.

"O senhor tocou na raiz do problema. É o que ele quer. Clive é quem decide. Este lugar é dele. Meu filho lhe contou?"

"Não."

"Oh, Penge é toda dele, de acordo com o testamento de meu marido. Devo contentar-me com a residência destinada à viúva, tão logo ele se case."

Maurice sobressaltou-se; ela olhou para ele e viu que havia enrubescido. "Então, *há* uma moça", pensou. Deixando o assunto de lado por um momento,

tornou a falar de Cambridge, e destacou a pouca serventia de um quarto ano para um “caipirão” — ela empregou o termo com jovial segurança. Além disso, seria desejável que Clive assumisse sua posição no campo, pois havia os negócios, os arrendatários e finalmente a política.

“O pai dele representava nosso distrito, como o senhor provavelmente já sabe.”

“Não.”

“Sobre o que ele conversa com o senhor?” Ela riu. “De todo modo, meu marido participou do governo durante sete anos e, embora um liberal esteja lá agora, vê-se logo que é uma situação que não pode perdurar. A esperança de nossos velhos amigos está em Clive. Mas ele precisa ocupar seu espaço, encaixar-se na sociedade, e de que servirão todos esses (como se chamam) estudos avançados? Deveria passar o ano viajando, em vez disso. Teria de ir aos Estados Unidos e, se possível, às colônias. Trata-se de algo absolutamente indispensável.”

“Ele disse que viajaria depois de Cambridge. Quer que eu o acompanhe.”

“Espero que sim, mas não para a Grécia, senhor Hall! Seria uma viagem de diversão. Por favor, convença-o a não ir à Grécia ou à Itália.”

“Eu preferiria a América.”

“Naturalmente, qualquer pessoa sensata diria o mesmo; mas ele é um diletante, um sonhador. Pippa disse que ele escreve versos. O senhor já leu algum?”

Maurice vira um poema. Ciente de que a vida ficava cada dia mais complexa, não disse nada. Era ele o mesmo homem que oito meses atrás ficara desconcertado com Risley? O que lhe aguçara a visão? Divisão após divisão, os exércitos da humanidade ganhavam vida. Vivos sim, mas ligeiramente absurdos: julgavam-no de modo tão equivocado, expondo a própria fraqueza justamente quando pensavam estar sendo mais sagazes. Não pôde deixar de sorrir.

“É evidente que já viu...” Então, de chofre: “Senhor Hall, há alguém? Alguma moça de Newnham? Pippa diz que há”.

“É melhor que Pippa pergunte a ele, então”, Maurice retrucou.

A senhora Durham ficou impressionada. Ele rebateu uma impertinência com outra. Quem teria esperado tamanha habilidade em um jovem? Parecia indiferente à vitória também, e sorria para um dos outros convidados, que apareceu no gramado para tomar chá. Num tom que reservava a seus pares, ela disse:

“Tente persuadi-lo a ir à América, de qualquer modo. Ele necessita da

realidade. Percebi isso no ano passado."

Maurice enfatizou convenientemente o ponto, enquanto cavalgavam pela clareira sozinhos.

"Pensei que você fosse capitular", foi o comentário de Clive. "Como eles. Nem olhariam para Joey." Clive estava em completa oposição à família; odiava o mundanismo deles, combinado com a completa ignorância que tinham do mundo. "Esses filhos serão uma maçada", observou quando iam a meio galope.

"Que filhos?"

"Os meus! Eles precisam de um herdeiro para Penge. Minha mãe chama de casamento, mas é apenas nisso que está pensando."

Maurice ficou em silêncio. Nunca antes lhe ocorrera que ele ou seu amigo deveriam perpetuar a espécie.

"Nunca me deixarão em paz. Sempre há uma moça em casa, do jeito que as coisas estão hoje."

"Basta envelhecer..."

"Que foi?"

"Nada", respondeu Maurice, e puxou as rédeas. Uma imensa tristeza (ele acreditava estar além desses agravos) desceu em sua alma. Ele e seu amado desapareceriam por completo; não continuariam nem no Céu nem na Terra. Haviam vencido as convenções, mas a natureza ainda os afrontava, dizendo com voz neutra: "Muito bem, você é assim; não julgo nenhum dos meus filhos. Mas deve seguir o caminho de tudo que é estéril". O pensamento de que era infecundo pesou sobre o jovem com uma vergonha súbita. Sua mãe ou a senhora Durham podiam ser destituídas de cérebro ou de coração, mas elas realizaram um trabalho visível; entregaram a tocha que seus filhos levavam adiante.

Não queria preocupar Clive, mas externou sua inquietação assim que se deitaram em meio às samambaias. Clive não concordou.

"Por que filhos?", perguntou. "Por que sempre os filhos? Pois é muito mais belo o amor encerrar-se onde começou, e a natureza sabe disso."

"Sim, mas se todos..."

Clive o trouxe de volta ao presente. Murmurou algo sobre a eternidade no momento: Maurice não compreendeu, porém a voz o acalmou.

18

Durante os dois anos seguintes, Maurice e Clive foram tão felizes quanto homens nascidos sob essa estrela podiam ser. De natureza afetuosa e íntegra, eram também, graças a Clive, bastante sensíveis. Clive sabia que o êxtase, ainda que efêmero, podia abrir caminho para algo duradouro, e planejou uma relação que provasse ser permanente. Se Maurice despertava o amor, era Clive quem o preservava, impelindo seus rios a aguar o jardim. Não suportava que uma só gota fosse desperdiçada, quer seja em amargura, quer seja em sentimentalismo, e, à medida que o tempo corria, dispensaram as confissões ("já dissemos tudo um ao outro") e quase todas as carícias. Ficavam felizes só de estarem juntos; irradiavam aos demais qualquer coisa de sua tranqüilidade mútua e podiam ocupar seu lugar na sociedade.

Clive evoluíra nesse aspecto desde que passara a entender grego. O amor que Sócrates nutria por Fedro agora se encontrava a seu alcance, um amor apaixonado mas sereno, tal como apenas as naturezas mais refinadas podiam compreender, e ele encontrou em Maurice uma natureza que em verdade não era refinada, mas encantadoramente propensa a ser. Ele conduziu o amado por um caminho belo e estreito, muito acima de qualquer abismo. O percurso seguia até a escuridão final — não conseguia conceber nenhum outro terror — e, quando esta descesse, portanto, teriam vivido muito mais intensamente do que santos ou libertinos e extraído por inteiro a nobreza e a candura do mundo. Ele educava Maurice, ou melhor, seu espírito educava o de Maurice, pois estes haviam se tornado iguais. Nenhum pensava "estou sendo conduzido? estou conduzindo?". O amor o livrara da trivialidade, libertando Maurice do atordoamento, de modo que duas almas imperfeitas pudessem tocar a perfeição.

De maneira que, exteriormente, agiam como outros homens. A sociedade os recebia, como recebe milhares como eles. Por trás da sociedade, havia a lei. Após o último ano que passaram juntos em Cambridge, viajaram pela Itália. Então as portas do cárcere se cerraram, mas para ambos. Clive passou a dedicar-se à advocacia, enquanto Maurice labutava num escritório. Continuavam juntos.

19

Naquela época as famílias já se conheciam. “Elas nunca se darão bem”, os dois rapazes concordaram. “Pertencem a seções distintas da sociedade.” Mas, quiçá por razões perversas, suas famílias se deram bem, e Clive e Maurice acharam graça de vê-las juntas. Ambos eram misóginos, Clive em especial. Graças a seu temperamento, nunca desenvolveram a imaginação para se submeterem aos preceitos e, em seu amor, as mulheres tornaram-se para eles tão remotas quanto cavalos e gatos; tudo o que essas criaturas faziam lhes parecia tolo. Quando Kitty pedia para segurar o bebê de Pippa, quando a senhora Durham e a senhora Hall visitavam juntas a Academia Real, eles enxergavam mais um desajuste na natureza do que na sociedade, e vinham com explicações tresloucadas. Nada havia de estranho: eles próprios eram razão suficiente. A paixão que havia entre ambos era o elo mais forte em qualquer das duas famílias, arrastando tudo atrás de si como uma corrente oculta desloca uma embarcação. As senhoras Hall e Durham uniram-se porque seus filhos eram amigos; “e agora”, disse a senhora Hall, “somos amigas também”.

Maurice estava presente no dia em que a “amizade” das duas começou. As damas se encontram na casa de Pippa, em Londres. Pippa havia se casado com certo senhor London. A coincidência causou grande impressão em Kitty, e ela esperava não pensar nisso e rir durante o chá. Ada, tola demais para uma primeira visita, fora deixada em casa por recomendação de Maurice. Nada ocorreu. Então Pippa e a mãe dela retribuíram a gentileza, fazendo-lhes uma visita. Maurice estava na cidade, mas nada parece ter acontecido, salvo o fato de Pippa ter elogiado a inteligência de Kitty para Ada e a beleza de Ada para Kitty, ofendendo assim as duas moças, e o fato de a senhora Hall ter advertido a senhora Durham contra a instalação de ar quente em Penge. Então, elas se encontram outra vez, mas até onde pôde perceber, era sempre assim; nada, nada e, mais uma vez, nada.

A senhora Durham tinha, é claro, seus motivos. Estava à cata de esposas para Clive, e pusera as garotas Hall em sua lista. Ela tinha uma teoria de que era preciso misturar um pouco as linhagens, e Ada, embora suburbana, era saudável. Sem dúvida a garota era simplória, mas a senhora Durham não se propunha, na

prática, a mudar-se para a casa da viúva, independentemente do que pudesse fazer em teoria, e acreditava que era mais fácil manejar Clive por meio da esposa. Kitty apresentava qualificações ainda mais escassas. Era menos simplória, bonita e rica do que a irmã. Ada herdaria toda a fortuna do avô, que era considerável, e sempre dispusera do bom humor do senhor Grace. A senhora Durham o vira uma vez e simpatizara-se com ele.

Se tivesse desconfiado que os Hall também tinham seus planos, ela teria se afastado. Como em Maurice, a indiferença deles a conquistou. A senhora Hall era preguiçosa demais para tecer intrigas, e as filhas, ingênuas demais. A senhora Durham considerava Ada uma boa possibilidade e convidou-a para ir a Penge. Apenas Pippa, em cuja mente sopraram ares mais modernos, começou a julgar estranha a frieza do irmão. “Clive, você vai casar?”, perguntou, de repente. Mas a resposta dele, “Não e, por favor, diga isso à mamãe”, acabou com as suspeitas da moça: era o tipo de réplica que um homem prestes a se casar daria.

Ninguém aborrecia Maurice. Havia estabelecido seu poder doméstico e a senhora Hall começara a dirigir-se a ele em tons que no passado reservava ao marido. Ele não era apenas o patrãozinho, mas saiu-se melhor do que a encomenda. Zelava pela ordem na criadagem, entendia do carro, dava aval a isso e àquilo, proibia algumas das amizades das moças. Aos vinte e três anos, estava a caminho de ser um déspota suburbano, cujo jugo era mais poderoso por mostrar-se ligeiramente justo e brando. Kitty protestou, mas ela não tinha nem apoio nem experiência. No final, foi forçada a desculpar-se e a ganhar um beijo. Não era páreo para aquele jovem bem-humorado e um pouco hostil, e fracassou em manter a vantagem conferida a ela pelo deslize do irmão em Cambridge.

Os hábitos de Maurice tornaram-se regulares. Servia-se de um lauto desjejum e apanhava o trem das 8h36, para a cidade. No caminho, lia o *Daily Telegraph*. Trabalhava até à uma hora, fazia uma refeição leve na hora do almoço e tornava a trabalhar até o final da tarde. Ao voltar para casa, fazia alguns exercícios e jantava à farta. À noite, lia o jornal vespertino ou dava ordens, ou jogava bilhar ou bridge.

Mas todas as quartas-feiras dormia no pequeno apartamento de Clive, em Londres. Os fins de semana também eram invioláveis. Em casa, diziam: “Não interfira com as quartas ou com os fins de semana de Maurice, se não quiser irritá-lo”.

20

Clive passou com sucesso pelo exame da Ordem dos Advogados, mas, pouco antes de ser chamado, teve um acesso de gripe, com febre. Maurice foi visitá-lo enquanto o amigo convalescia, foi acometido pela moléstia e acabou de cama também. Por isso, encontraram-se muito pouco por várias semanas e, quando finalmente se viram, Clive ainda estava lívido e um pouco nervoso. Ele fora visitar os Hall, preferindo a casa deles à de Pippa, e esperando que a boa comida e a tranqüilidade o curassem. Mas Clive pouco comeu, e quando conversou, optou por discorrer sobre a futilidade de todas as coisas.

"Sou advogado porque talvez ingresse na vida pública", disse em resposta a uma pergunta de Ada. "Mas por que devo entrar para a vida pública? Quem é que me quer?"

"Sua mãe diz que o interior quer."

"Se o interior quer alguém, é um radical. Mas falei com mais gente do que minha mãe, e eles estão cansados de nós, as classes ociosas, que passeamos de automóvel pedindo que nos dêem uma ocupação. Todo esse vai-e-vem solene entre as famílias proeminentes é um jogo sem graça. Não o vemos em nenhum lugar, salvo na Inglaterra. (Maurice, eu vou para a Grécia.) Ninguém nos quer, pois nada querem, exceto um lar confortável."

"Mas ser capaz de fornecer um lar confortável é a base da vida pública", estridulou Kitty.

"É ou deveria ser?"

"Bem, dá no mesmo."

"O que é e o que deve ser não são a mesma coisa", retrucou a mãe, orgulhosa por ter compreendido a distinção. "Não deve interromper o senhor Durham, ao passo que você..."

"... interrompe", completou Ada, e a gargalhada da família fez Clive estremecer.

"Nós somos e nós devemos ser", concluiu a senhora Hall. "Trata-se de coisas bem distintas."

"Nem sempre", contradisse Clive.

"Nem sempre, lembre-se disso, Kitty", ela repetiu, ligeiramente

admoestatória. Em outras ocasiões, não teria ligado. Kitty voltou à carga contra sua primeira afirmativa. Ada dizia outra coisa; Maurice, nada. Ele comia de modo plácido, tão acostumado com o palavrório que não percebeu que este agastava o amigo. Entre os pratos contou uma anedota. Todos ficaram em silêncio, para ouvi-lo. Ele falava de modo lento e alvar, sem prestar atenção às palavras ou dar-se ao trabalho de ser interessante. De repente, Clive cortou-lhe a narrativa:

"Escute, vou desmaiar", e caiu da cadeira.

"Pegue o travesseiro, Kitty. Ada, água de colônia", ordenou o irmão. Ele afrouxou o colarinho de Clive. "Mãe, abane-o; não, abane-o..."

"Que coisa tola", murmurou Clive.

Maurice beijou-o enquanto ele falava.

"Estou bem agora."

As moças e uma criada vieram correndo.

"Posso andar", ele afirmou, enquanto a cor retornava a seu rosto.

"Decerto que não", exclamou a senhora Hall. "Maurice o levará para cima, senhor Durham. Apóie-se em Maurice."

"Vamos, velhinho. O médico: alguém telefone." Ele ergueu o amigo, que estava tão fraco que começou a chorar.

"Maurice, sou um idiota."

"Seja um idiota", retrucou Maurice, e levou-o para cima, despiu-o e colocou-o na cama. A senhora Hall bateu na porta e, indo ter com ela, ele disse:

"Mãe, não precisa contar aos outros sobre o beijo que dei em Durham."

"Oh, certamente que não."

"Ele não gostaria. Estava chateado e fiz sem pensar. Como sabe, somos grandes amigos, quase irmãos."

Foi o suficiente. Comprazia-se de guardar pequenos segredos para o filho; lembrava-lhe o tempo em que fora tão necessária para ele. Ada juntou-se a eles com uma bolsa de água quente, que o irmão levou ao paciente.

"O médico me verá desse jeito", Clive choramingou.

"Espero que sim."

"Por quê?"

Maurice acendeu um cigarro e sentou-se na beirada da cama.

"Queremos que ele o examine em seu pior estado. Por que Pippa permitiu que viajasse?"

"Achávamos que eu estava bem."

"Que teimosia."

“Posso entrar?”, chamou Ada pela porta.

“Não. Deixe o médico entrar sozinho.”

“Ele está aqui”, gritou Kitty, de longe. Um homem, pouco mais velho do que eles, foi anunciado.

“Olá, Jowitt”, disse Maurice, levantando-se. “Você precisa curar esse camarada. Ele teve uma gripe e devia estar bem. O resultado é que desmaiou e não pára de chorar.”

“Já sei de tudo isso”, observou o senhor Jowitt, e enfiou um termômetro na boca do paciente. “Vem trabalhando muito?”

“Sim, e agora quer ir à Grécia.”

“E vai. Agora, saia. Vejo-o lá embaixo.”

Maurice obedeceu, convencido de que Clive estava seriamente enfermo. Jowitt desceu após dez minutos e contou à senhora Hall que não era nada — uma recaída ruim. Ele prescreveu receitas e disse que mandaria uma enfermeira. Maurice acompanhou-o ao jardim e, segurando-o pelo braço, pressionou:

“Agora me diga qual é a gravidade. Não é uma recaída. É algo mais. Por favor, diga-me a verdade.”

“*Ele* está bem”, insistiu o outro um pouco irritado, pois se orgulhava de sempre dizer a verdade. “Pensei que tivesse percebido.
O ataque de histeria cessou e ele agora vai dormir. É apenas uma recaída comum. Seu amigo precisa tomar mais cuidado agora, só isso.”

“E por quanto tempo ele terá essas recaídas comuns, como as está chamando? A qualquer momento, poderá sentir essa dor excruciante?”

“Ele se sente apenas um pouco indisposto. Acredita que apanhou friagem no carro.”

“Jowitt, não insista nessa história. Um homem adulto não chora, a não ser em casos extremos.”

“É apenas a fraqueza.”

“Ah, dê o nome que quiser”, disse Maurice, soltando-o. “Além disso, não quero detê-lo.”

“Não está me detendo, meu jovem. Estou aqui para responder a qualquer dúvida.”

“Bem, se é assim de tão pouca importância, por que mandou vir uma enfermeira?”

“Para distraí-lo. Pelo que entendo, é muito rico.”

“E eu não posso distraí-lo?”

“Não, por causa da infecção. Estava na sala, não estava, quando disse à sua

mãe que nenhum de vocês deveria ir ao quarto dele?”

“Pensei que estivesse se referindo às minhas irmãs.”

“Ao senhor também. Mais ainda, pois já pegou a doença uma vez.”

“Não há necessidade de enfermeira.”

“A senhora Hall já ligou para o instituto.”

“Por que tudo tem de ser feito tão às pressas?”, perguntou Maurice, alteando a voz. “Eu mesmo servirei de enfermeiro.”

“Em breve, estará embalando o bebê.”

“Como assim?”

Jowitt foi embora, rindo.

Num tom que não admitia discussão, Maurice disse à mãe que dormiria no quarto do doente. Ele não permitiu que levassem um leito até lá, por receio de que Clive acordasse. Deitou-se no chão com a cabeça no escabelo e leu sob a luz de um candeeiro à vela. Não tardou para Clive mexer-se e murmurar, com voz fraca:

“Ah, maldição, ah, maldição!”

“Quer alguma coisa?”, perguntou Maurice.

“Meu intestino está péssimo.”

Maurice o ergueu e o colocou sobre o urinol. Após o alívio ter vindo, quis levá-lo de volta.

“Posso caminhar: não precisa fazer isso.”

“Você faria o mesmo por mim.”

Levou o urinol para o corredor e limpou-o. Agora que Clive estava indigno e fraco, amava-o mais do que nunca.

“Você não deve”, Clive repetiu, quando o amigo voltou.
“É nojento.”

“Não me incomoda”, disse Maurice, deitando-se. “Tente dormir de novo.”

“O médico disse que mandaria uma enfermeira.”

“Por que quer uma enfermeira? É apenas um surto de diarréia. Por mim, pode continuar desse jeito a noite inteira. Honestamente, não me incomoda... não estou dizendo isso para agradar-lhe. Verdade.”

“Você não pode.... Tem o escritório...”

“Escute aqui, Clive, prefere uma enfermeira treinada a mim? Uma virá esta noite, mas deixei ordens para que a dispensem, porque acho melhor faltar no escritório e cuidar de você, e pensei que acharia o mesmo.”

Clive ficou tanto tempo em silêncio que Maurice pensou que havia adormecido. Por fim, ele suspirou:

“Suponho que prefiro a enfermeira.”

“Certo: você se sentirá mais confortável com ela. Talvez esteja certo.”

Clive não respondeu.

Ada ofereceu-se para dormir no quarto de baixo e, de acordo com o combinado, Maurice bateu três vezes. Enquanto aguardava por ela, examinou o rosto afogueado e suarento de Clive. Não confiava no médico: seu amigo estava sofrendo. Queria muito abraçá-lo, mas lembrou que a demonstração de afeto causou o ataque de histeria e, além disso, Clive mantinha-se reservado, quase melindrado. Como Ada não veio, ele desceu e encontrou-a adormecida. Estava deitada, a imagem da saúde, numa grande poltrona de couro, com as mãos caídas dos dois lados e os pés estendidos. O peito subia e descia, o cabelo negro e pesado servia de travesseiro para o rosto e, entre os lábios, ele vislumbrou os dentes e a língua escarlate.

“Acorde!”, gritou, irritado.

Ada acordou.

“Como espera ouvir a porta da frente quando a enfermeira chegar?”

“Como está o pobre senhor Durham?”

“Muito doente; perigosamente doente.”

“Ah, Maurice! Maurice!”

“A enfermeira deve ficar. Você não veio quando a chamei. Vá para cama agora, já que nem para isso serve.”

“Mamãe mandou-me esperar, já que a enfermeira não deve ser recebida por um homem, não ficaria bem.”

“Não sei como vocês têm tempo de pensar em tantas besteiras”, retrucou Maurice.

“Precisamos zelar pela reputação da casa.”

Ele ficou em silêncio, então gargalhou do modo como as moças detestavam. Bem no fundo, Maurice as desagradava por completo, mas elas não tinham discernimento suficiente para perceber isso. A risada dele era o único ressentimento que admitiam.

“Enfermeiras não têm boa reputação. As moças boas não devem tornar-se enfermeiras. Se são enfermeiras, pode ter certeza de que não vieram de um bom lar, ou teriam ficado em casa.”

“Ada, quanto tempo esteve no colégio?”, ele perguntou, enquanto se servia de uma bebida.

“Para mim, ir ao colégio é como ficar em casa.”

Ele deitou o copo à mesa, com um tinido agudo, e saiu. Os olhos de Clive

estavam abertos, mas ele não falou ou pareceu perceber que Maurice havia voltado. Nem a chegada da enfermeira o despertou.

21

Em poucos dias ficou claro que não havia nada de errado com o visitante. O ataque, a despeito de seu início dramático, fora menos sério do que o predecessor, e logo puderam remover o paciente para Penge. A aparência e o humor continuaram ruins, mas trata-se de algo esperado após uma gripe, e ninguém, salvo Maurice, sentiu a menor inquietação.

Maurice raramente pensava sobre doenças e morte, mas, quando pensava, era com um forte senso de desaprovação. Não podia permitir que coisas assim estragassem a vida dele ou de seu amigo, e devotou toda sua juventude e saúde em prol de Clive. Estava sempre com ele, aparecendo em Penge sem ser convidado nos fins de semana ou apenas por um dia, procurando incentivá-lo mais com o próprio exemplo do que com conselhos. Clive não reagia. Podia animar-se quando estava num grupo e até mesmo fingir interesse quando o assunto eram os litígios entre os Durham e o Estado britânico, mas, quando ficavam a sós, tornava a cair na melancolia, não falava ou o fazia de maneira meio séria, meio jocosa, que sugere exaustão mental. Estava determinado a ir à Grécia. Era o único ponto do qual não abria mão. Iria sim, ainda que apenas em setembro, e sozinho.

"É preciso", disse. "Trata-se de uma promessa. Todo bárbaro deve conceder ao menos uma chance à Acrópole."

A Grécia de nada servia a Maurice. Seu interesse pelos clássicos fora escasso e obsceno, e desaparecera quando passou a amar Clive. As histórias de Harmódio e Aristogíton, de Fedro, do bando de Tebas eram boas para aqueles cujos corações estavam vazios, mas elas não substituíam a vida. Ficava intrigado com a predileção eventual de Clive. Gostou bastante da Itália, malgrado a comida e os afrescos, mas, estando lá, recusara-se a seguir para as terras ainda mais sagradas, além do Adriático.

"Pelo que sei, anda precisando de reparos", foi seu argumento. "Um monte de pedras velhas e descoradas. De todo modo, isso", ele indicou a biblioteca da catedral de Siena, "você pode dizer o que quiser, mas está em perfeitas condições."

Achando graça, Clive saiu saltitando sobre as lajotas de Piccolomini, e o

zelador riu também, em vez de recriminá-los. A viagem à Itália fora divertida — decerto agradava a quem procurava lugares turísticos para percorrer —, mas, nos últimos dias, a Grécia voltara à baila. Maurice odiava ouvir até mesmo a palavra e, por uma inversão curiosa, conectava-a à morbidez e à morte. Sempre que queria fazer planos, jogar tênis, falar bobagens, a Grécia intervinha. Clive percebeu a antipatia e passou a escarnecer dele por causa disso, de modo não muito gentil.

Pois Clive não estava sendo gentil: para Maurice, tratava-se do mais sério de todos os sintomas. Fazia comentários ligeiramente maliciosos e usava seu conhecimento sobre a intimidade do amigo para ferir. Mas fracassava: isto é, seu conhecimento era incompleto ou teria adivinhado a impossibilidade de ofender o amor robusto. Se Maurice desviava-se exteriormente dos golpes, era porque lhe parecia uma atitude humana reagir: nunca aceitara o fato de Cristo ter dado a outra face. No íntimo, porém, nada o ofendia. O anseio pela união era forte demais para admitir ressentimento. E, às vezes, de forma bastante jovial, conduzia uma conversação paralela, por vezes criticando Clive apenas para marcar presença, mas seguindo seu próprio caminho em direção à luz, na esperança de que o amado o acompanhasse.

A última conversa se dera nessas condições. Fora na noite anterior à partida de Clive, quando este convidara toda a família Hall para jantar no Savoy, como retribuição pelo carinho deles, arranjando um tempinho para vê-los em meio a outros compromissos.

“Saberemos o que é se você cair *desta* vez”, gritou Ada, apontando para o champanhe.

“À sua saúde!”, ele respondeu. “E à saúde de todas as mulheres. Vamos, Maurice!” Agradava-lhe ser um pouco antiquado. O brinde foi feito, e apenas Maurice detectou a amargura subjacente.

Após o banquete, ele perguntou a Maurice: “Vai para sua casa?”.

“Não.”

“Pensei que pudesse querer acompanhar sua família.”

“Não ele, senhor Durham”, disse a mãe. “Nada que eu possa dizer ou fazer é capaz de fazê-lo perder uma quarta-feira. Maurice é um solteirão inveterado.”

“Meu apartamento está uma bagunça por causa da viagem”, objetou Clive. “Vou pelo trem matutino diretamente para Marselha.”

Maurice fez que não ouviu e acompanhou-o. Ficaram bocejando um para o outro, enquanto o elevador descia, então foram transportados para cima, subiram a pé outro lance de escada e seguiram por um corredor que lembrava a entrada

para os aposentos de Risley, em Trinity. O apartamento, pequeno, escuro e silencioso, ficava no final da passagem. Estava, como dissera Clive, desarrumado, mas a governanta, que não dormia ali, fizera a cama de Maurice como de hábito, e lhes preparara uns drinques.

"Lá vamos nós", comentou Clive.

Maurice gostava de bebida alcoólica e deu um grande gole.

"Vou para cama. Vejo que encontrou o que queria."

"Cuide-se. Não vá se exceder com as ruínas. Por falar nisso", tirou um frasco do bolso, "sabia que não iria lembrar-se. Chlorodyne."[9]

"Chlorodyne! Sua contribuição!"

Ele fez que sim.

"Chlorodyne para levar à Grécia... Ada esteve me dizendo que você achava que eu iria morrer. Por que diabos se preocupa com minha saúde? Não tema. Nunca terei uma experiência tão límpida e clara como a morte."

"Sei que morrerei um dia e não almejo a morte, nem para mim nem para você. Se um de nós se for, nada restará para o outro. Não sei se é isso que chama de límpido e claro."

"Sim."

"Prefiro ser sujo", disse Maurice, pouco depois.

Clive estremeceu.

"Não concorda."

"Ah, você está ficando igual a todo mundo. Virá com uma teoria. Não podemos seguir em paz com nossas vidas, sempre temos de propor fórmulas, embora elas se mostrem equivocadas. 'Sujo a todo custo' será a sua. Mas há casos em que ficamos sujos demais. Então o Letes, se é que existe tal rio, apagará tudo. Mas não deve haver um rio como esse. Os gregos pouco explicavam, mas talvez tenham explicado demais. Pode ser que não haja o esquecimento pós-túmulo. Este maldito equipamento talvez perdure. Em outras palavras, do outro lado de nossos túmulos, poderemos encontrar o inferno.

"Oh, saco."

Clive em geral apreciava sua metafísica. Mas dessa vez continuou.

"Esquecer tudo... Até mesmo a felicidade. A felicidade! Cócegas casuais de alguém ou de alguma coisa sobre nós... Nada mais. Bom seria se nunca tivéssemos sido amantes! Pois então, Maurice, eu e você teríamos ficado bem quietos, deitados. Teríamos dormido e nos conciliado com os reis e conselheiros da terra, que construíram locais desolados para si próprios..."

"Do quê, por Deus, está falando?"

“... ou como num nascimento prematuro e secreto, nunca tivéssemos existido: como infantes que nunca viram à luz... Bem, não me olhe tão seriamente.”

“Não tente ser engraçado, então”, disse Maurice. “Nunca fiz muito caso de seus discursos.”

“As palavras escondem o pensamento. É essa a teoria?”

“Elas fazem um ruído bobo. Não me importam seus pensamentos também.”

“Então o que aprecia em mim?”

Maurice sorriu: assim que a pergunta foi feita, sentiu-se feliz e recusou-se a responder.

“Minha beleza?”, indagou Clive, cínico. “Esse charme de certo modo decrépito. Caem-me os cabelos. Sabe disso?”

“Ficará calvo como um ovo quando chegar aos trinta.”

“Um ovo aturdido. Talvez goste de mim por causa de minha mente. Durante e após minha doença devo ter sido uma companhia encantadora.”

Maurice fitava-o com carinho. Observava-o como nos primeiros dias, logo quando se conheceram. Só que antes era para descobrir quem ele era; agora, o que havia de errado. Havia algo de errado. As doenças ainda fermentavam, exasperando o pensamento, que se tornava sombrio e perverso, e não era disso que Maurice se ressentia: esperava vencer onde o médico havia falhado. Conhecia a própria força. Logo a empregaria na forma de amor e curaria seu amigo, mas, no momento, apenas investigava.

“Espero que goste de mim por causa de minha mente... pela fraqueza dela. Sempre soube que eu era inferior. Você mostra uma grande consideração... Dá-me bastante corda e nunca me menospreza como fez com sua família durante o jantar.”

Era como se ele quisesse começar uma briga.

“De vez em quando você foge de mim.” Ele o beliscou, fingindo brincar. Maurice assustou-se. “Que há de errado agora? Está cansado?”

“Vou para cama.”

“Ou seja, está cansado. Por que não responde a minha pergunta? Não disse ‘cansado de mim’, embora pudesse ter dito.”

“Mandou chamar o táxi para as nove horas?”

“Não, nem comprei a passagem. Não irei mais à Grécia. Talvez seja tão intolerável quanto a Inglaterra.”

“Bem, boa noite, velhinho.” Maurice retirou-se, muito preocupado, para o quarto. Por que achavam que Clive estava em condições de viajar? O próprio

Clive sabia que não estava. Por hábito tão metódico, deixara para a última hora a compra da passagem. Ainda podia não ir, mas expressar a esperança era vê-la morrer. Maurice despiu-se e, relanceando o olhar para o espelho, pensou: “Ainda bem que estou em forma”. Viu um corpo bem treinado e resistente, e um rosto que não mais o contradizia. A virilidade harmonizara face e corpo, cobrindo ambos com uma penugem negra. Vestindo o pijama, pulou na cama, apreensivo, mas profundamente feliz, pois se sentia forte o bastante para viver pelos dois. Clive o havia ajudado. E o ajudaria de novo quando o pêndulo oscilasse. Entretanto, precisava socorrer Clive e, por toda a vida, eles assim se revezariam: ao adormecer vislumbrou uma visão mais extensa do amor, não muito distante da definitiva.

Houve uma batida na parede que dividia os quartos.

“Que é?”, ele chamou; então: “Entre!”, pois Clive estava agora à porta.

“Posso dormir com você?”

“Venha”, disse Maurice, cedendo-lhe espaço.

“Estou com frio e sinto-me infeliz. Não consigo dormir. Não sei por quê.”

Maurice não o havia compreendido mal. Ele sabia disso, e expressou seu ponto de vista. Eles estavam deitados lado a lado, sem se tocarem. Então, Clive disse:

“Aqui não está melhor. Vou para meu quarto.”

Maurice não achou ruim, pois também não conseguia dormir, embora fosse por outra razão, e tinha receio de que Clive pudesse ouvir os batimentos de seu coração, e assim adivinhasse qual era.

22

Clive sentou-se no teatro de Dioniso. O palco estava vazio, como estivera por muitos séculos, o auditório igualmente vazio; o sol havia se posto, embora a Acrópole ainda irradiasse calor. Ele viu planícies nuas descendo para o mar, Salamina, Egina, colinas, tudo de mistura na tarde púrpura. Ali habitavam seus deuses — Palas Atena em primeiro lugar: ele podia, se quisesse, imaginar o santuário da divindade intocado e sua estátua envolta pelo brilho derradeiro. Ela compreendeu todos os homens, apesar de desprovida de mãe e também virgem. Havia anos queria ter vindo agradecer-lhe, por ela tê-lo arrancado do lodaçal.

Mas Clive viu apenas a luz morrediça e a terra infértil. Não proferiu nenhuma prece, não creu em nenhuma divindade e sabia que o passado era desprovido de significado, como o presente, e refúgio para os covardes.

Bem, por fim escrevera a Maurice. Sua carta estava atravessando o oceano. Onde uma região estéril alcança outra, ela embarcaria e passaria por Súnio e Citera, desceria a terra e embarcaria, desembarcaria de novo. Maurice a receberia quando estivesse saindo para o trabalho. “Contra minha vontade tornei-me normal. Nada posso fazer.” As palavras foram escritas.

Ele desceu as escadas, exausto. Quem poderia fazer alguma coisa? Não apenas no que se referia ao sexo, mas em relação a tudo os homens se moveram às cegas, saíram do lodo para um dia tornar a dissolver-se nele quando este acidente momentoso estiver encerrado. μὴ φῦναι τὸν ἅπαντα νικᾷ λόγον, suspiraram os atores neste mesmo local dois mil anos antes. Mesmo esse comentário, mais distante da vaidade do que a maioria dos outros, era vão.

23

Querido Clive,

Por favor, regresse ao receber esta carta. Verifiquei as baldeações e você pode chegar à Inglaterra uma semana depois desta terça, se partir imediatamente. Fiquei muito ansioso por sua causa, em razão da carta que me enviou, pois ela mostra a extensão de sua enfermidade. Esperei duas semanas para ter notícias e agora recebo estas duas frases, que suponho signifiquem que você não pode amar mais ninguém do próprio sexo. Vamos ver se isso é verdade tão logo você chegar!

Liguei para Pippa ontem. Estava farta do processo e acha que sua mãe cometeu um erro ao bloquear a estrada. Sua mãe disse ao vilarejo que não impediu a passagem numa atitude contra a população. Telefonei para ter notícias suas, mas Pippa também não ouvira falar de você. Ficará encantado de saber que comecei a aprender música erudita nos últimos tempos — e golfe também. Estou me saindo tão bem quanto se pode esperar em Hill and Hall's. Minha mãe foi à Birmingham, depois de mudar de idéia diversas vezes durante uma semana. Agora já sabe de tudo. Mande um telegrama acusando o recebimento da carta, e outro quando chegar a Dover.

Maurice.

Clive recebeu a carta e balançou a cabeça. Estava indo com uns conhecidos do hotel ao monte Pentélico, e rasgou-a em pedacinhos quando chegou ao topo. Havia cessado de amar Maurice e teria de dizer isso com todas as palavras.

24

Permaneceu outra semana em Atenas, para excluir qualquer possibilidade de que estivesse equivocado. A mudança fora tão chocante que Clive às vezes achava que Maurice estava certo, e aí residia o fim de sua enfermidade. Sentia-se humilhado, pois havia compreendido a própria alma ou, conforme dizia, a si mesmo, desde os quinze anos de idade. Mas seu corpo, mais profundo que a alma, guardava segredos inescrutáveis. Não houvera aviso — apenas uma alteração cega do espírito vital, apenas um anúncio: “Tu, que amaste os homens, a partir de agora amarás as mulheres. Quer entenda quer não, ocorre o mesmo comigo”. Foi aí que sucumbiu. Procurou situar a mudança na esfera da razão, e assim compreendê-la, para sentir-se menos humilhado: mas a transformação era da natureza da morte ou do nascimento, e ele fracassara.

Sobreviera durante a doença — possivelmente mediante a doença. Em meio ao primeiro ataque, que lhe apartou da vida cotidiana e deixou-o febril, dera-se a oportunidade, que ocorreria mais cedo ou mais tarde. Notou como a enfermeira era sedutora e gostou de obedecer-lhe. Quando saía para um passeio, as mulheres chamavam-lhe a atenção. Pequenos detalhes, um chapéu, o modo como erguiam a saia, um perfume, risadas, passos leves sobre a lama — misturavam-se num todo encantador, e agradava-lhe ver que as mulheres em geral correspondiam a seu olhar com idêntico prazer. Os homens nunca correspondiam — não supunham que ele os admirava e ficavam intrigados ou sem tomar conhecimento. Mas as mulheres esperavam ser admiradas. Podiam mostrar-se ofendidas ou coquetes, mas entendiam e o acolhiam num mundo de delicioso intercâmbio. Por todo o caminho Clive se manteve radiante. Como era feliz a vida das pessoas normais! Como havia vivido com tão pouco durante vinte e quatro anos! Tagarelava com a enfermeira e sentia que ela era sua, para sempre. Percebia as estátuas, os anúncios, os jornais diários. Ao passar por um cinema, entrou. O filme era insuportável do ponto de vista artístico, mas o homem que o produziu, os homens e as mulheres que o viam — todos sabiam, e ele era um deles.

De modo algum a exaltação poderia ter durado. Era como alguém cujos ouvidos tivessem sido anestesiados; pelas primeiras poucas horas, ouviu sons

fora do comum, que desapareceram tão logo se ajustou à tradição humana. Ele não adquirira um novo sentido, mas recompusera o que já tinha, e a idéia da vida como férias não poderia ter continuado por muito tempo. Uma tristeza imediatamente sobreveio, pois, ao voltar, Maurice o estava aguardando, provocando um acesso: como numa convulsão, iniciou-se atrás do cérebro. Ele murmurava que estava cansado demais para falar e assim conseguiu fugir. A doença de Maurice dera-lhe outro alívio temporário, durante o qual se convenceu de que a relação entre ambos não havia se alterado, e que podia, sem deslealdade, contemplar as mulheres. Escreveu com ardor e aceitou sem receios o convite para descansar na casa do amigo.

Dissera que havia apanhado o resfriado no carro; mas na verdade acreditava que a causa da recaída era espiritual: estar junto de Maurice ou de qualquer um ligado a ele era de súbito nauseante. O calor ao jantar! As vozes dos Hall! A risada! A anedota de Maurice! Misturava-se à comida — era a comida. Incapaz de distinguir matéria de espírito, desmaiou.

Mas, quando abriu os olhos, foi para dar-se conta de que o amor havia morrido, por isso chorou quando o amigo o beijou. Cada gesto de carinho acirrava-lhe a dor, até que pediu à enfermeira que proibisse a entrada do senhor Hall no quarto. Então, recuperou-se e pôde refugiar-se em Penge, onde amou o amigo como sempre até o momento em que ele apareceu. Clive percebeu a devoção, até mesmo o heroísmo, mas Maurice o enfastiava. Queria que ele voltasse logo para a cidade e, na verdade, dissera isso, de tanto que se sentiu agastado. O amigo apenas balançou a cabeça e não arredou pé.

Clive não sucumbiu ao espírito vital sem lutar. Acreditava no intelecto e procurou imaginar que voltava ao velho estado. Evitou olhar para as mulheres e, quando o expediente fracassou, utilizou recursos infantis e violentos. Um deles foi sua visita à Grécia, o outro — não conseguia lembrar sem sentir repugnância. Só teria sido possível quando toda a emoção houvesse esvaziado. Lamentava profundamente, pois Maurice agora lhe causava uma aversão física que tornava o futuro mais incerto, pois queria continuar amigo de seu antigo amante e ajudá-lo a superar a catástrofe que se avizinhava. Era tão complicado. Quando o amor se vai, é lembrado não como amor, mas como algo diferente. Felizes são os ignorantes, pois esquecem por completo, e nunca estão conscientes da insensatez e da lascívia do passado, das longas e inúteis conversações.

25

Clive não mandou telegrama nem seguiu de imediato para a Inglaterra. Embora quisesse ser gentil e estivesse preparando-se para pensar bem de Maurice, recusava-se a obedecer a ordens como antes. Regressou quando lhe aprouve. Acabou enviando o telegrama de Folkestone para o escritório de Maurice e esperava ser apanhado em Charing Cross, mas, como não foi, pegou o trem para os subúrbios, a fim de explicar-se o mais rápido possível. Tinha disposição compreensiva e tranqüila.

Era um fim de tarde outonal; as folhas cadentes e o pio de uma coruja insuflaram-lhe uma agradável melancolia. A Grécia lhe fora distinta, mas inútil. Apreciava a atmosfera do Norte, cujo evangelho não consistia na verdade, mas na concessão. Ele e seu amigo chegariam a um acordo que abrangesse as mulheres. De modo mais triste e mais decrépito, mas sem crise, encaixar-se-iam numa relação, como a tarde na noite. Também gostava das noites. Era a graciosidade e o repouso. Não era o escuro absoluto. Assim que, vindo da estação, estava prestes a perder-se, viu outro poste de luz e, depois deste, ainda outro. Havia correntes em todas as direções, uma das quais ele seguiria para atingir seu objetivo.

Kitty ouviu sua voz e veio da sala para recepcioná-lo. Era o membro da família de quem ele menos gostava — não lhe parecia uma mulher de verdade, como ele agora dizia —, e ela lhe trouxe a notícia de que Maurice estava fora, a negócios.

“Mamãe e Ada foram à igreja”, ela acrescentou. “Tiveram de ir a pé, porque Maurice levou o carro.”

“Para onde foi?”

“Não sei. Ele costuma deixar o endereço com os criados. Sabemos menos agora de sua vida do que da última vez em que esteve aqui, pode acreditar nisso? Ele tornou-se uma pessoa misteriosa.” Ela lhe serviu chá, cantarolando uma melodia.

Sua falta de tino e de encanto produziu uma reação não inoportuna em favor do irmão. Ela continuou a reclamar de Maurice do jeito desalentador que herdou da senhora Hall.

“São apenas cinco minutos até a igreja”, Clive observou.

“Sim, elas teriam ficado para recebê-lo se meu irmão nos tivesse contado. Ele mantém tudo em segredo, e depois zomba das moças.”

“Fui eu quem não disse nada.”

“Como é a Grécia?”

Ele lhe contou. Kitty demonstrou o mesmo ar de enfado que seu irmão exibiria, e não tinha o dom dele de escutar além das palavras. Clive lembrou-se de quantas vezes conversara longamente com Maurice e sentiu, no fim, um acesso de intimidade. Havia muito a ser recuperado do naufrágio daquela paixão. Maurice era grande e muito sensível, uma vez tendo compreendido a situação.

Kitty prosseguiu, descrevendo com certa graça seus próprios afazeres. Ela pedira para inscrever-se em Economia Doméstica numa instituição, e sua mãe permitira, mas Maurice fora contra quando soubera que a taxa era de três guinéus por semana. As queixas de Kitty eram sobretudo financeiras: ela queria uma mesada. Ada tinha uma. Ada, como possível herdeira, tinha de “aprender o valor do dinheiro. Mas eu não posso aprender nada”. Clive decidiu falar com o amigo para tratar melhor a moça; doutra feita ele interferira, e Maurice, galante até a medula, fez com que sentisse capaz de pedir-lhe qualquer coisa.

Uma voz grave interrompeu-os; as carolas estavam de volta. Ada entrou, vestida com uma camisa de malha, boina escocesa e saia cinza; a névoa outonal deixara um halo delicado em seu cabelo. As faces estavam rosadas, os olhos brilhantes; ela o cumprimentou com prazer evidente e, conquanto suas exclamações fossem do mesmo teor das de Kitty, produziram um efeito diverso.

“Por que não nos contou?”, perguntou. “Não há nada em casa exceto uma torta. Nós teríamos lhe preparado um verdadeiro jantar inglês.”

Clive disse que precisava retornar a Londres em breve, mas a senhora Hall insistiu para que ele dormisse lá. Ficou feliz por aceitar. A casa agora lhe trazia lembranças tenras, especialmente quando Ada falava. Esquecera-se de como era diferente de Kitty.

“Pensei que fosse Maurice”, ele disse. “Suas vozes são fantasticamente semelhantes.”

“É porque peguei um resfriado”, ela explicou, rindo.

“Não, são mesmo parecidas”, interveio a senhora Hall. “Ada tem a mesma voz de Maurice, o mesmo nariz, em cujo conjunto também incluo a boca, e o bom humor e a boa saúde. Costumo pensar nessas semelhanças. Kitty, por outro lado, tem o mesmo cérebro.”

Todos riram. As três mulheres evidentemente gostavam umas das outras.

Clive percebeu relações que não havia adivinhado, pois se desenvolviam quando estavam sozinhas, sem Maurice. As plantas precisam do sol, mas muitas florescem ao anoitecer, e aquelas mulheres lembravam-lhe as prímulas noturnas que estrelavam uma alameda deserta em Penge. Quando conversava com a mãe e a irmã, até Kitty ganhava graça, e Clive decidiu que intercederia mesmo por ela junto a Maurice; não de forma grosseira, pois Maurice também era belo, e ganhara considerável importância naquela sua nova visão.

As moças foram incentivadas pelo doutor Barry a fazer um curso de primeiros socorros e, após o jantar, Clive deixou que o enfaixassem. Ada envolveu-lhe a cabeça, Kitty o tornozelo, enquanto a senhora Hall, feliz e despreocupada, repetia:

“Bem, senhor Durham, esta é uma doença bem melhor do que a última, com certeza.”

“Senhora Hall, gostaria que me chamasse pelo meu primeiro nome.”

“Decerto que vou. Mas Ada e Kitty... Vocês não.”

“Gostaria que Ada e Kitty também me chamassem assim.”

“Clive, então!”, exclamou Kitty.

“Kitty, então!

“Clive.”

“Ada... É melhor assim.” Mas estava corando. “Detesto formalidades.”

“Eu também”, disseram, em coro. “Não me importo com a opinião dos outros... Nunca me importei”, e fitou-o com olhos cândidos.

“Maurice, por outro lado”, interrompeu a senhora Hall, “é muito escrupuloso.”

“Maurice é um pangaré... Uau, está machucando minha cabeça.”

“Uau, uau”, Ada imitou.

O telefone tocou.

“O escritório mandou-lhe seu telegrama”, Kitty disse. “Ele quer saber se está aqui.”

“Diga que sim.”

“Então ele voltará esta noite. Agora quer falar com você.”

Clive pegou o telefone, mas só ouviu um zumbido. A ligação caíra. Não podiam telefonar para Maurice, pois não sabiam onde ele estava, o que deixou Clive aliviado, pois a chegada da realidade o alarmava. Estava tão feliz sendo enfaixado: o amigo chegaria em breve. Agora Ada se debruçava sobre ele. Ele viu características conhecidas, mas a contraluz as realçava. Desviou a vista dos cabelos e olhos negros para a boca e as curvas do corpo banhadas pela luz, e viu

nela o que precisava para sua transição. Fora apresentado a mulheres mais sedutoras, mas nenhuma lhe prometera tanta paz. Era o meio-termo entre a recordação e o desejo, era a noite calma que a Grécia jamais tivera. Nenhum senão a atingia, pois era a própria doçura que reconcilia o passado com o presente. Não sabia que havia tal criatura a não ser no paraíso, e não acreditava no paraíso. Agora, de súbito, muitas coisas se tornavam possíveis. Ficou olhando para os olhos dela, onde muito de sua esperança estava refletido. Sabia que podia fazer com que ela o amasse, e o conhecimento inflamou-o com um fogo temperado. A sensação era agradável, não desejava nada mais, e sua única ansiedade era saber que Maurice iria chegar, pois a recordação deveria continuar como recordação. Sempre que as outras saíam do quarto para verificar se o barulho era de carro, Clive a mantinha perto de si, e logo ela entendeu que era o que ele queria, e parou sem precisar que pedisse.

“Se você soubesse como é estar na Inglaterra!”, ele exclamou de repente.

“A Grécia não é agradável?”

“Horrível.”

Ela ficou chateada e Clive também suspirou. Os olhos se encontraram.

“Sinto muito, Clive.”

“Ah, tudo terminou.”

“O que exatamente...”

“Ada, foi isso. Quando estava na Grécia fui obrigado a reconstruir minha vida desde o início. Não é uma tarefa fácil, mas acho que a realizei.”

“Falei muitas vezes de você. Maurice disse que gostava da Grécia.”

“Maurice não sabe... Ninguém sabe a não ser você! Contei-lhe mais do que revelei a qualquer pessoa. Pode guardar um segredo?”

“É claro.”

Clive estava perplexo. A conversa tornara-se impossível. Mas Ada não esperava uma continuidade. Estar perto de Clive, a quem secretamente admirava, era o bastante. Ela contou-lhe como estava feliz por vê-lo de volta. Ele concordou, com veemência:

“Especialmente de volta para cá.”

“O carro!”, Kitty estrilou.

“Não vá!”, ele repetiu, pegando sua mão.

“Eu preciso... Maurice...”

“Pros diabos o Maurice.” Ele reteve-a. Houve um tumulto no saguão.

“Aonde ele foi?”, o amigo estava esbravejando. “Onde o puseram?”

“Ada, venha passear comigo amanhã. Conhecer-me melhor... Está

combinado.”

O irmão irrompeu na sala. Vendo as ataduras, pensou ter havido um acidente; então riu com o equívoco.

“Livre-se disso, Clive. Por que deixou que elas o atassem! Ora, até que ficou bem. Está com boa aparência. Maroto. Venha tomar uma bebida. Eu soltarei as ataduras. Não, garotas, vocês não.” Clive o seguiu, mas, virando-se, percebeu um assentimento ligeiro lançado por Ada.

Maurice parecia um imenso animal no seu casaco de pele. Ele o tirou assim que se viram sozinhos, e aproximou-se sorrindo:

“Então, você não me ama?”

“Vamos esperar até amanhã”, disse Clive, evitando o olhar.

“Muito bem. Tome um drinque.”

“Maurice, não quero brigar.”

“Eu quero.”

Ele recusou o copo. A tempestade devia irromper.

“Mas não deve falar comigo desse jeito”, prosseguiu. “Só aumenta minhas dificuldades.”

“Eu quero uma discussão e vou tê-la.” Ele adotou sua antiga atitude e afagou o cabelo de Clive. “Sente-se. Agora, por que me escreveu aquela carta?”

Clive não respondeu. Estava olhando com assombro crescente para o rosto que outrora amou. Sentiu voltar o horror da masculinidade e perguntou-se o que aconteceria se Maurice tentasse abraçá-lo.

“Por quê, hein? Agora que está bem de novo, diga-me.”

“Levante-se da poltrona que eu digo.” Então iniciou um dos discursos que havia preparado. Era científico e impessoal, como se pudesse ferir menos: “Tornei-me normal, como os outros homens. Não sei como, do mesmo modo que desconheço a forma como nasci. Está além da razão, foi contra o meu desejo. Faça qualquer pergunta que quiser. Vim aqui para respondê-las, pois não podia entrar em detalhes na carta. Mas escrevi a carta porque era verdadeira.”

“Verdadeira, está me dizendo?”

“Era e é verdadeira.”

“Está dizendo que gosta apenas de mulheres, não de homens?”

“Gosto de homens, no sentido mais amplo, Maurice, e sempre gostarei.”

“Logo voltaremos a isso.”

Ele também falava de maneira impessoal, mas não tinha se levantado da poltrona. Manteve os dedos na cabeça de Clive, tocando as ataduras, seu ar alegre transformado em muda preocupação. Não estava nem bravo nem

temeroso, apenas desejoso
de curar, e Clive, em meio à sua repulsa, percebeu que o triunfo de amor estava arruinado, e quão frágil ou irônica devia ser a força que governava os homens.

“Quem o fez mudar?”

Não gostou do jeito da pergunta.

“Ninguém. Foi uma mudança meramente física, em mim.” Começou a relatar suas experiências.

“Evidentemente a enfermeira”, disse Maurice, pensativo. “Queria que tivesse dito antes... Sabia que algo estava errado e pensei em várias coisas, mas não nisso. Não devíamos guardar segredos, pois eles parecem piores. Devíamos falar, falar, falar... Contanto que tenhamos alguém com quem falar, como eu e você. Se tivesse me contado, estaria bem agora.”

“Por quê?”

“Por que eu teria lhe restituído o bom senso.”

“Como?”

“Você verá”, ele respondeu, sorrindo.

“Não fará nenhum bem... Eu mudei.”

“Pode o leopardo mudar suas manchas? Clive, você está confuso. Faz parte do seu estado geral de saúde. Não me preocupo agora, porque está com boa aparência e até se mostra feliz: logo se restabelecerá. Vejo que tinha receio de me contar, para não ferir, mas passamos do ponto em que procuramos poupar o outro. Deveria ter me contado. Por que outra razão eu estaria aqui? Não deve confiar em ninguém mais. Você e eu somos proscritos. Tudo isso”, ele indicou o conforto burguês daquele aposento, “seria tirado de nós se as pessoas descobrissem.”

Clive gemeu.

“Mas eu mudei. Mudei.”

Nossa interpretação depende de nossa experiência, e Maurice só compreendia a perturbação dos sentidos, não a mudança.

“Você afirma ter mudado”, disse, com um sorriso. “Eu também costumava imaginar isso quando a senhorita Olcott esteve aqui, mas tudo se foi quando voltei para você.”

“Eu me conheço bem”, retrucou Clive, ficando com calor e erguendo-se. “Nunca fui como você.”

“Você é agora. Não se lembra de como fingi...”

“Claro que me lembro. Não seja infantil.”

“Nós nos amamos, e sei disso. Portanto, que mais...”

“Ah, pelo amor de Deus, Maurice, fique quieto. Se amo alguém, esse alguém é Ada.” E acrescentou: “Menciono-a ao acaso, como um exemplo”.

Mas um exemplo era algo que Maurice podia entender.

“Ada?”, disse, com uma mudança de tom.

“Apenas para provar o tipo de coisa que estou sentindo.”

“Você mal a conhece.”

“Como também não conhecia minha enfermeira ou nenhuma das mulheres que citei. Como disse antes, não é uma pessoa especial, apenas uma tendência.”

“Quem estava em casa, quando você chegou?”

“Kitty.”

“Mas é Ada, não Kitty.”

“Sim, mas não quero dizer... Oh, não seja estúpido.”

“Que quer dizer?”

“De qualquer modo, pode entender agora”, disse Clive, procurando manter-se altivo e recorrendo às palavras reconfortantes com as quais seu discurso deveria ter se encerrado. “Eu mudei. Agora quero que compreenda que a mudança não alterará nada em nossa amizade, pois ela é verdadeira. Gosto imensamente de você, mais do que qualquer homem que conheci.” (Não sentia isso quando disse.) “Respeito-o e admiro-o de forma intensa. É o caráter, não a paixão, que configura o verdadeiro elo.”

“Você disse algo para Ada pouco antes de eu entrar? Não ouviu meu carro aproximar-se? Por que Kitty e minha mãe foram me receber, mas não você? Deve ter ouvido o barulho. Sabia que larguei o trabalho para vê-lo. Não falou comigo pelo telefone. Não escreveu ou voltou da Grécia como lhe pedi. Já tinha reparado nela quando esteve aqui antes?”

“Olhe aqui, velhinho, não gosto de ser interrogado.”

“Você disse que eu podia.”

“Não sobre sua irmã.”

“Por que não?”

“É melhor ficar quieto. Voltemos ao que eu estava dizendo sobre o caráter... o verdadeiro elo entre os seres humanos. Não podemos construir uma casa sobre a areia, e a paixão é a areia. É preciso ter fundamentos...”

“Ada!”, ele chamou, inopinadamente resoluto.

Clive gritou, horrorizado: “Para quê?”.

“Ada! Ada!”

Clive correu até a porta e a trancou.

“Maurice, não devia terminar assim... Não numa briga”, implorou. Mas

quando Maurice se aproximou, tirou a chave e segurou-a, pois o sentimento de cavalheirismo havia por fim retornado. “Não deve envolver uma mulher”, sibilou. “Não tolerarei isso.”

“Dê-me a chave.”

“Não. Não piore as coisas. Não... não.”

Maurice atirou-se sobre ele. Clive escapou: correram em torno da grande poltrona, brigando aos sussurros pela chave.

Tocaram-se com hostilidade, então afastaram-se para sempre, a chave caindo entre eles.

“Clive, eu o machuquei?”

“Não.”

“Meu querido, não tive a intenção.”

“Estou bem.”

Entreolharam-se por um momento antes de começarem nova vida.

“Que final”, soluçou Maurice. “Que final.”

“Prefiro amar Ada a amar você”, disse Clive, muito pálido.

“Que vai acontecer?”, perguntou Maurice, sentando-se e limpando a boca. “Faça o que quiser. Estou acabado.”

Como Ada estava no corredor, Clive foi ter com ela, pois seu primeiro dever era com as mulheres. Tendo apaziguado-a com palavras vagas, voltou ao salão de fumar, mas a porta estava fechada entre eles. Ouviu Maurice acender a luz e sentar-se com um baque.

“Ora, não seja tolo”, ele chamou, nervoso.

Mas não obteve resposta. Clive não sabia o que fazer. De qualquer modo, não podia ficar na casa. Reivindicando uma prerrogativa masculina, anunciou que precisava dormir na cidade afinal, com o que as mulheres concordaram. Saiu da escuridão do interior da residência para a que descera lá fora: as folhas caíam enquanto ele se dirigia para a estação, as corujas piavam, a bruma o envolvia. Era tão tarde que os postes de iluminação haviam sido apagados nas ruas do subúrbio, e uma noite completa, sem meios-tons, pesou sobre ele, bem como sobre seu amigo. Ele também sofreu e exclamou: “Que fim!”, mas uma aurora lhe fora prometida. O amor de mulher se ergueria tão certo quanto o sol, crestando a imaturidade e introduzindo todo o dia humano e, mesmo em sua dor, ele soube disso. Não se casaria com Ada, ela fora algo transitório, mas com alguma deusa do novo universo que se abria para ele em Londres, alguém inteiramente diverso de Maurice Hall.

Parte III

26

Durante três anos Maurice havia se mantido tão em forma e feliz que automaticamente se dispôs a viver outro dia. Acordou com a sensação de que tudo logo se ajeitaria. Clive voltaria para ele, desculpando-se ou não conforme fosse de seu agrado, e ele pediria perdão ao amigo. Clive devia amá-lo, pois toda a vida dependeu do amor e agora não se abriria uma exceção. Como podia dormir e descansar se não tinha nenhum amigo? Quando voltou da cidade e não teve notícias, continuou calmo por algum tempo, e permitiu que a família especulasse acerca da saída abrupta de Clive. Mas começou a observar Ada. Ela parecia triste — até mesmo sua mãe havia percebido. Lançou-lhe um olhar de soslaio. Se não fosse pela irmã, teria tratado toda a cena como um “dos longos discursos de Clive”, mas ela fora citada como um exemplo naquela conversa. Perguntou-se por que Ada estava triste.

“Diga-me...”, ele a chamou, quando se viram juntos; não tinha idéia do que iria falar, embora uma súbita sensação obscura deveria tê-lo feito desconfiar. Ela respondeu, mas ele não conseguiu ouvir sua voz. “Que há de errado com você?”, perguntou, trêmulo.

“Nada.”

“Tem alguma coisa... Posso perceber. Você não consegue me enganar.”

“Ah, francamente, Maurice, não é nada.”

“Por que... O que ele disse?”

“Nada.”

“Quem disse nada?”, ele gritou, batendo os dois punhos na mesa. Havia apanhado-a em falso.

“Nada... foi só o Clive.”

O nome do amado pronunciado por aqueles lábios descerrou os portões do inferno. Ele sofreu terrivelmente e não conseguiu controlar-se, proferindo palavras que nenhum dos dois iria esquecer. Acusou a irmã de corromper o amigo. Sugeriu que Clive reclamou da conduta de Ada e voltou para a cidade por causa dela. A idéia ofendeu tanto sua natureza gentil que Ada não conseguiu defender-se, mas apenas caiu em prantos, implorando para que não contasse à mãe, como se ela própria fosse culpada. Ele concordou: estava transtornado pelo

ciúme.

“Quando vir... o senhor Durham... diga-lhe que não tive intenção... Diga que jamais tive a intenção de...”

“... ter ido pelo mau caminho”, ele completou: só mais tarde deu-se conta da ofensa verbal.

Ocultando o rosto, Ada sucumbiu.

“Não direi nada. Nunca mais o verei. Pode dar-se por satisfeita por ter arruinado nossa amizade.”

Ela soluçou: “Não me importo... Você sempre foi tão grosseiro conosco, sempre”. Ele finalmente recuou. Kitty já lhe dissera esse tipo de coisa, mas Ada nunca. Percebeu que por baixo da superfície obsequiosa, as irmãs o desprezavam: não tivera êxito nem no próprio lar. Resmungando um “não é minha culpa”, ele retirou-se.

Uma natureza refinada teria se comportado melhor e talvez sofrido menos. Maurice não era intelectual nem religioso, nem dispunha daquele estranho conforto que a autopiedade confere a algumas pessoas. Com exceção de um ponto, era um sujeito normal e agia como um homem comum que, após dois anos de felicidade, fora traído pela esposa. De nada lhe valia o fato de a natureza ter apanhado essa laçada pendente, a fim de prosseguir com seu desenho. Enquanto estava apaixonado, mantivera o discernimento. Agora que via a mudança de Clive como traição e Ada como a causa, em poucas horas retornou ao abismo onde havia vagado quando adolescente.

Depois dessa explosão seguiu adiante com o trabalho. Continuou pegando o trem para a cidade, para ganhar e gastar dinheiro como antes; lia os jornais costumeiros e discutia leis de greve e de divórcio com os amigos. No início, orgulhou-se de seu autocontrole: não era ele quem tinha a reputação de Clive na palma de sua mão? Mas tornou-se mais amargo, queria ter gritado enquanto ainda tinha forças, espedaçando a fachada de mentiras. E se ele também acabasse envolvido? Sua família, sua posição na sociedade, tudo isso havia anos nada lhe significava. Era um proscrito sob disfarce. Talvez entre aqueles que decidiam isolar-se da sociedade nos velhos tempos houvesse dois homens como ele — dois. Por vezes acalentava o sonho. Dois homens podiam desafiar o mundo.

Sim: no cerne de sua agonia estava a solidão. Por não ter o raciocínio rápido, levara algum tempo para perceber isso. O ciúme incestuoso, a mortificação, a fúria contra sua antiga estupidez — essas coisas acabariam passando e, após terem causado muito dano, de fato passaram. As lembranças de Clive também ficariam para trás. Mas a solidão continuaria. Ele acordaria e

exclamaria, engasgado, “Não tenho ninguém!”, ou “Ah, Deus, que mundo!”. Clive começou a aparecer em seus sonhos. Ele sabia que não havia ninguém, mas Clive, sorrindo com seu jeito doce, dizia “Sou verdadeiro desta vez”, apenas para torturá-lo. Uma vez tivera o sonho do rosto e da voz, um sonho dessa espécie, nem um pouco mais claro. Também houve sonhos de outro naipe, que tentavam desintegrá-lo. Os dias seguiam-se às noites. Um imenso silêncio, como de morte, engolfou o jovem e, ao dirigir-se à cidade certa manhã, pareceu-lhe de inopino que na realidade estava morto. De que servia ganhar dinheiro, comer e lançar-se aos jogos? Era tudo que fez e sempre tinha feito.

“A vida é uma droga de um espetáculo canhestro”, exclamou, amarfanhando a cópia do *Daily Telegraph*.

Os outros ocupantes do vagão, que gostavam dele, começaram a rir.

“Me dêem dois *pence* que eu pulo da janela.”

Tendo dito isso, começou a pensar em suicídio. Não havia nada capaz de detê-lo. Não temia a morte, em princípio, nem acreditava num mundo sobrenatural, tampouco se preocupava com a desonra que poderia impingir à família. Sabia que a solidão o estava envenenando, tornando-o tanto mais vil quanto mais infeliz. Nessas circunstâncias, por que não interromper a vida? Começou a comparar técnicas e teria atirado em si mesmo, não fosse um evento inesperado. O evento foi a enfermidade e a morte do avô, que lhe incutiu um novo estado de espírito.

Nesse meio-tempo, havia recebido cartas de Clive, mas elas sempre continham a sentença: “É melhor não nos vermos ainda”. Agora entendia a situação — seu amigo faria qualquer coisa por ele, exceto estar com ele; assim fora desde a primeira vez que ficara doente e, nesses termos, oferecera amizade no futuro. Maurice não parou de amar, mas o coração se quebrara; nunca mais acalentou pensamentos loucos de reconquistar Clive. O que ele compreendeu, o fez com a firmeza de dar inveja aos espíritos refinados, e sofreu até o limite.

Ele respondeu a essas cartas de forma estranhamente sincera. Ainda era franco ao escrever e contou que estava insuportavelmente sozinho e que estouraria os miolos antes do final do ano. Mas escrevia sem emoção. Era mais um tributo ao passado heróico de ambos, e era assim que Durham via a situação também. Suas respostas eram igualmente frias e estava claro que, por mais auxílio que lhe fosse dado e por mais que tentasse, nunca mais conseguiria penetrar na mente de Maurice.

27

O avô de Maurice era um exemplo de evolução surgida com a idade avançada. Durante toda a vida fora o homem de negócios comum — firme e colérico —, mas aposentou-se ainda cedo, com resultados surpreendentes. Começou a ler e, embora as conseqüências diretas tenham sido grotescas, geraram uma brandura que lhe transformou o caráter. As opiniões alheias — outrora afeitas a serem contraditas ou ignoradas — pareceram dignas de nota, e seus desejos, merecedores de avaliação. Ida, sua filha solteirona, que tomava conta da casa, havia temido a época em que “meu pai não terá nada para fazer”, e ela mesma, sendo tacanha, não percebeu a mudança até ele estar prestes a deixá-la sozinha no mundo.

O velho cavalheiro empregou o tempo livre no desenvolvimento de uma nova religião — ou melhor, de uma nova cosmogonia, pois assim não se indispunha com o vigário. O ponto principal era o de que Deus habitava o interior do Sol, cujo invólucro brilhante consistia na alma dos abençoados. O senhor Grace passava horas ao telescópio, observando a escuridão interior. A encarnação era uma espécie de mancha solar.

Ficava feliz discutindo a descoberta com todos, mas não derrapava no proselitismo. Fazia questão que cada um decidisse por si próprio: Clive Durham, com quem certa feita tivera uma longa conversa, conhecia tão bem quanto qualquer um as suas opiniões. Pertenciam a um homem prático que procura raciocinar de modo espiritual — absurdas e materialistas, mas diretas. O senhor Grace rejeitara os relatos elegantes do invisível apregoados pela Igreja, e, por essa razão, afeiçoara-se aos helenistas.

Agora estava morrendo. Um passado de honestidade questionável se extinguia e ele ansiava pela união com aqueles que havia amado e, a seu tempo, com aqueles que amava e deixaria para trás. Mandou chamar seus velhos empregados — homens sem ilusões, mas eles “apeteciam ao velho hipócrita”. Convocou a família, a quem sempre tratara bem. Seus últimos dias foram muito bonitos. Indagar sobre as causas da beleza era perguntar demais, e apenas um cínico descartaria a mistura de arrependimento e paz que passou a impregnar Alfriston Gardens, enquanto o velho e bom homem estava morrendo.

Os parentes chegavam separados, em grupos de dois ou três. Todos, com exceção de Maurice, ficaram impressionados. Não houve intriga, pois o senhor Grace foi claro com relação ao testamento,
e cada um sabia o que esperar. Ada, como neta favorita, dividiria a fortuna com a tia. Os outros receberiam pequenos bocados da herança. Maurice nem cogitava o recebimento de sua parte. Não fazia nada para apressar a morte, ela o aguardaria no momento adequado, provavelmente quando voltasse.

Mas a visão de um companheiro de viagem o deixou desconsertado. Seu avô estava preparando-se para a jornada rumo ao Sol e, loquaz por causa da doença, abriu-se para ele numa tarde de dezembro:

“Maurice, você leu os jornais. Viu a nova teoria...” Era sobre uma chuva de meteoros que ocorria nos anéis de Saturno, disparando lascas perdidas, que caíam no Sol. O senhor Grace instalava os maus nos planetas distantes do Sistema Solar e, como não acreditava na danação eterna, sofria com livrá-los das dificuldades. A nova teoria explicava isso. Eram expelidos e reabsorvidos na bondade! Cortês e sisudo, o jovem escutou a preleção até que foi tomado pelo temor de que essa bobagem pudesse ser verdadeira. O receio foi momentâneo, contudo iniciou um desses rearranjos que afetam todo o caráter. Deixou-lhe com a convicção de que seu avô estava convencido. Mais um ser humano tornava à vida. Havia consumado um ato de criação e, ao fazê-lo, a Morte desviou o rosto.

“É muito bom acreditar em algo, como o senhor”, ele disse, bastante triste. “Desde que saí de Cambridge, não acredito em nada... Salvo um tipo de escuridão.”

“Ah, quando tinha a sua idade... agora vejo uma luz muito clara... nenhuma luz de origem elétrica pode ser comparada a ela.”

“Quando tinha minha idade, vovô, como era?

Mas o senhor Grace não respondia às perguntas. Ele disse:

“Mais claro do que um fio de magnésio... a luz interna”, e então traçou um estúpido paralelo entre Deus, obscuro dentro do sol resplandecente, e a alma, invisível dentro do corpo visível. “O poder interno é a alma: liberte-a, mas não ainda, não antes do anoitecer.” Ele fez uma pausa. “Maurice, seja bom para sua mãe, suas irmãs, sua mulher e seus filhos, para seus funcionários, como eu fui.” Ele interrompeu-se de novo e Maurice pigarreou, mas não de modo desrespeitoso. Fora surpreendido pela frase “não antes do anoitecer, não a liberte antes do anoitecer”. O velho ziguezagueou adiante. Era preciso ser bom, gentil, corajoso: os conselhos de sempre. Mesmo assim, eram sinceros. Provinham de um coração vivo.

“Por quê?”, ele interrompeu. “Vovô, por quê?”

“A luz interior.”

“Não tenho nenhuma luz.” Riu, temendo que a emoção tomasse conta dele. “A luz que eu tinha extinguiu-se seis semanas atrás. Não quero ser bom, gentil ou corajoso. Se continuar a viver, não serei nada disso, mas sim o oposto. Não quero isso também; não quero nada.”

“A luz interior.”

Maurice chegara perto da confissão, mas ela não seria ouvida. Seu avô não entendia, não podia entender. Tudo o que obteria seria “a luz interior... seja bom”, mas a frase prosseguiu com os rearranjos que se iniciaram dentro dele. Por que *devia* ser bom ou gentil? Em prol de alguém; em prol de Clive, de Deus ou do Sol? Mas se não tinha nenhum deles! Ninguém salvo sua mãe lhe importava e, mesmo ela, apenas um pouco. Se estava praticamente sozinho, por que deveria continuar vivendo? Não havia porquê, mas tinha a desolada sensação de que era isso que precisava fazer, já que também não dispunha da Morte; ela, como o Amor, fitara-o por um instante e então fora embora, deixando-o ali para “lançar-se ao jogo”. E teria de jogar por tanto tempo quanto seu avô, ou retirar-se de forma igualmente absurda.

28

A mudança que ocorreu nele, portanto, não pode ser descrita como uma conversão. Não houve nada de edificante. Quando voltou para casa e examinou a pistola que nunca mais usaria, sentiu repugnância; quando cumprimentou a mãe, não percebeu assomar nenhum amor incompreensível por ela. Ele continuou a viver, miserável e não compreendido, como antes, e cada vez mais solitário. Nunca é demais enfatizar essas palavras: a solidão de Maurice recrudesceu.

Mas uma mudança havia ocorrido. Ele obrigou-se a adquirir novos hábitos e, nesse particular, a desenvolver as pequenas artes da vida que havia negligenciado quando estava com Clive. A pontualidade, a cortesia, o patriotismo, até mesmo o cavalheirismo — eis algumas delas. Praticava uma autodisciplina severa. Era mister não apenas adquirir a arte, mas também saber quando aplicá-la, e gentilmente modificar o próprio comportamento. No início, pouco podia fazer. Havia adotado uma atitude à qual sua família e o mundo estavam acostumados, e qualquer desvio os deixaria inquietos, conforme percebeu de modo bastante evidente numa conversa com Ada.

Ada ficara noiva de seu velho companheiro Chapman, e a odiosa rivalidade que havia entre ambos podia cessar. Mesmo após a morte do avô, temera a possibilidade de ela vir a casar-se com Clive, e roera-se de ciúmes. Clive casar-se-ia com alguém. Mas a idéia de ele ficar com Ada continuava sendo angustiante, e só quando este pensamento fosse removido era que Maurice poderia comportar-se com dignidade.

A combinação era excelente e, tendo aprovado-a em público, ele puxou a irmã para o lado e disse:

“Ada, agi tão mal com você, depois da visita de Clive. Queria dizer isso agora e pedir que me perdoe. Desde então, causou-nos muita dor. Sinto muitíssimo.”

Ela pareceu surpresa e não muito satisfeita; ele percebeu que a irmã ainda não gostava dele. Ela retrucou:

“Está terminado... Eu amo Arthur agora.”

“Gostaria de não ter me zangado naquela noite, mas eu estava muito preocupado com uma coisa. Clive também nunca disse o que deixei que

pensasse que ele havia dito. Nunca culpou você.”

“Não me importa o que fez ou deixou de fazer. Não tem importância.”

As desculpas do irmão eram tão raras que ela aproveitou a deixa para espezinhá-lo.

“Quando o viu pela última vez?”. Kitty sugerira que haviam brigado.

“Faz bastante tempo.”

“Aqueles fins de semana e quartas-feiras parecem haver terminado.”

“Desejo-lhe toda a felicidade. O velho Chappie é um bom companheiro. Parece-me excelente que duas pessoas apaixonadas se casem.”

“É muito gentil de sua parte desejar-me felicidade, Maurice. Espero que eu a alcance independentemente dos desejos alheios.” (O comentário foi posteriormente descrito a Chapman como uma “réplica”.) “Decerto desejo a você tudo o que também vem me desejando esse tempo todo.” O rosto dela ficou vermelho. Havia sofrido muito e não era nem um pouco indiferente a Clive, cujo afastamento a magoara.

Maurice percebeu isso e observou-a com tristeza. Então mudou de assunto e, tendo a memória curta, ela recobrou o ânimo. Mas não perdoava o irmão: sem dúvida não era certo que alguém com o temperamento dela o fizesse, pois ele a havia insultado em seu âmago, frustrando o nascimento de um amor.

Dificuldades semelhantes surgiram com Kitty. Ela também lhe pesava na consciência, mas não gostou quando ele quis fazer as pazes. Maurice ofereceu-se para pagar as taxas no Instituto Doméstico, ao qual sua alma estava ligada havia tanto tempo, e, embora ela aceitasse a oferta, o fez sem gentileza e com o comentário “acho que estou velha demais agora para aprender alguma coisa”. Ela e Ada mancomunaram-se para alfinetá-lo com coisas miúdas. A senhora Hall ficou chocada em princípio e as repreendeu, mas, vendo que o filho agia com total indiferença, não se dando ao trabalho de proteger a si mesmo, começou a ficar indiferente também. Ela gostava do filho, mas não brigaria por causa dele mais do que o fez contra ele quando fora rude com o deão. E assim foi que Maurice passou a ter menor importância no lar e, durante o inverno, meio que perdeu a posição que havia adquirido em Cambridge. Começou com “Oh, Maurice não se importa... Ele pode caminhar, dormir na cama de armar, fumar sem que a lareira esteja acesa”. Ele não se opunha a nada — era para isso que agora vivia —, mas não deixou de notar a mudança sutil e como ela coincidiu com a chegada da solidão.

O mundo ficou igualmente perplexo. Ele ligou-se à junta local do Exército — até então fora da opinião de que o país só podia ser salvo por meio do

recrutamento. Passou a apoiar o trabalho social até mesmo da Igreja. Abriu mão do golfe de sábado, a fim de jogar rúgbi com os garotos na Instituição Educativa mantida por sua antiga faculdade no sul de Londres, e às quartas à noite, para ensinar-lhes aritmética e boxe. O vagão do trem ficou um pouco desconfiado. Ora, Hall tornara-se um homem sério! Cortou as despesas para poder doar quantias mais substanciais para a caridade — para a caridade preventiva; não daria um tostão furado ao assistencialismo. Assim, com tudo isso e com suas ações na Bolsa, conseguia manter-se à tona.

Todavia, estava executando um ato refinado — provando como a alma podia subsistir com tão pouco. Alimentado nem pelos céus nem pela terra, ele continuava seguindo em frente, um candeeiro que teria se extinguido caso o materialismo tivesse razão. Não tinha um Deus, não tinha um amor — os dois incentivos habituais à virtude. Mas lutava dando as costas para o conforto, pois a dignidade assim o exigia. Não havia ninguém para observá-lo, nem mesmo ele, mas embates como esses representam umas das maiores conquistas da humanidade e ultrapassam quaisquer lendas sobre o paraíso.

Nenhuma recompensa o aguardava. Seu trabalho, como muito do que tinha vindo antes, estava fadado à derrocada. Mas Maurice não ruiria com ele, e os músculos que adquirira por seu intermédio ali se mantiveram para outro uso.

29

O desastre sobreveio num domingo de primavera. Fazia um tempo excelente. Estavam sentados à mesa do café-da-manhã, de luto por causa do avô, mas mantendo, do contrário, um comportamento mundano. Do lado da mãe de Maurice e das irmãs, encontravam-se a impossível tia Ida, que agora morava com eles, e a senhorita Tonks, amiga de Kitty do Instituto Doméstico e que, na realidade, parecia ser o único resultado concreto dos estudos. Entre ele e Ada havia uma cadeira vazia.

"Ah, o senhor Durham está noivo!", gritou a senhora Hall ao ler a carta. "Que gentileza a da mãe dele em me contar. Penge é uma propriedade do condado", explicou à senhorita Tonks.

"A informação não impressionará Violeta, mãe. Ela é socialista."

"Sou, Kitty? Que boa notícia."

"Quer dizer má notícia, senhorita Tonks", interveio tia Ida.

"'Com quem', mãe?"

"Você está exagerando com esse 'com quem'."

"Oh, mãe, vamos, quem é ela?", perguntou Ada, ligeiramente magoada.

"Lady Anne Woods. Podem ler vocês mesmas. Ele a conheceu na Grécia. Lady Anne Woods. Filha de sir H. Woods."

Houve alarido entre os bem informados. Depois se descobriu que a frase da senhora Durham era: "Agora lhe direi o nome da moça: Anne Woods, filha de sir H. Woods". Mas mesmo assim era notável e, por causa da conexão grega, romântico.

"Maurice!", chamou a tia em meio ao alvoroço.

"Sim."

"O moço está atrasado."

Recostando-se na cadeira, ele gritou "Dickie!" para o teto: hospedavam, como favor, o jovem sobrinho do doutor Barry durante o fim de semana.

"É inútil, ele nem mesmo está dormindo aqui em cima", disse Kitty.

"Vou subir."

Ele fumou meio cigarro no jardim e voltou. A notícia quase o melindrara, afinal. Fora dada de modo tão brutal e — o que mais o magoou — ninguém agia

como fosse de sua conta. E não era. A senhora Durham e a mãe de Clive eram as protagonistas agora. A amizade de ambas sobrevivera ao heroísmo.

Estava pensando “Clive poderia ter escrito, em respeito ao passado”, quando foi interrompido pela tia:

“Aquele moço ainda não veio”, ela reclamou.

Ele levantou-se, sorrindo.

“Culpa minha. Esqueci.”

“Esqueceu-se?” A atenção geral dirigiu-se a ele. “Esqueceu quando saiu especialmente para isso? Ah, Morrie, você é um rapaz engraçado.” Ele saiu da sala, perseguido pelos gracejos, e quase esqueceu mais uma vez. “Fui eu quem quis assim”, refletiu, e uma lassidão mortal tomou conta dele.

Subiu com os passos de um homem mais velho e teve de tomar fôlego no alto. Abriu os braços. A manhã estava magnífica — feita para os outros: para eles, as folhas farfalhavam e o sol se infiltrava pela casa. Bateu na porta de Dickie Barrie e, como pareceu não adiantar, descerrou-a.

O rapaz, que fora a um baile na noite anterior, continuava dormindo. Estava deitado com pernas e braços descobertos. Sem pudor, deixava-se abraçar e penetrar pelo sol. A boca estava aberta, a parte de baixo do lábio superior tinha um toque dourado, o cabelo se desmanchava em resplendor infinito e o corpo era de um âmbar delicado. Ele teria parecido belo a qualquer um, mas, para Maurice, que podia alcançá-lo por meio de dois caminhos, o moço era o desejo encarnado.

“Já passa das nove”, ele disse, assim que recobrou a fala.

Dickie resmungou e puxou a roupa de cama até o queixo.

“Café-da-manhã... Acorde.”

“Faz quanto tempo que está aqui?”, perguntou, abrindo os olhos, que era tudo que se podia ver agora e que se fixaram nos de Maurice.

“Um pouco”, respondeu, depois de uma pausa.

“Sinto muito.”

“Pode acordar tão tarde quanto quiser: só achei que não devia perder esse dia maravilhoso.”

No andar de baixo estavam resfolegando em esnobismo. Kitty lhe perguntou se conhecera a senhorita Woods. Ele disse que sim, uma mentira fenomenal. Então a voz da tia soou novamente, aquele rapaz nunca desceria?

“Eu lhe disse para não se apressar”, Maurice explicou, tremendo por inteiro.

“Maurice, não está sendo muito prático, querido”, disse a senhora Hall.

“Ele está a passeio.”

A tia observou que a primeira obrigação de um visitante era a de adequar-se às regras da casa. Até então nunca se opusera à parenta, mas agora declarou:

“A norma desta casa é que cada um faz o que quer.”

“O café-da-manhã é servido às oito e meia.”

“Para quem quiser. Os que estão com sono preferem tomar o desjejum às nove ou às dez.”

“É impossível administrar uma casa assim, Maurice. Você logo descobriria que não há como segurar os criados dessa forma.”

“Prefiro criados que vão e vêm a tratar meus convidados como colegiais.”

“Um colegial! Ah! Mas é exatamente o que ele *é*!”

“O senhor Barry agora está em Woolwich”, disse Maurice, seco.

Tia Ida bufou, mas a senhorita Tonks lhe lançou um olhar de respeito. As outras nem ouviram o que se passara, distraídas com a situação da pobre senhora Durham, que agora teria de se contentar com a casa de viúva. Maurice ficou muito feliz por ter perdido a paciência. Quando Dickie uniu-se ao grupo, poucos minutos depois, ele levantou-se para cumprimentar seu deus. O cabelo do rapaz agora estava escorrido por causa do banho e as roupas ocultavam seu corpo gracioso, mas continuava irradiando uma beleza extraordinária. Havia um quê de frescor — podia ter chegado com as flores — e dava uma impressão de modéstia e boa vontade. Quando se desculpou com a senhora Hall, o tom de sua voz fez Maurice tremer. E aquela era a criança que ele não quis proteger em Sunnington! Aquele era o convidado cuja chegada na noite anterior achava que seria uma amolação.

Foi tomado por uma paixão tão forte, enquanto durou, que acreditou ter chegado à maior crise de sua vida. Cancelou todos os compromissos, como outrora. Depois do café-da-manhã, enlaçou o braço de Dickie e o conduziu à casa do tio, extraindo-lhe a promessa de que voltaria até a hora do chá. O rapaz cumpriu a promessa. Maurice entregou-se ao júbilo. Seu sangue fervia. Não conseguiu acompanhar a conversa. Mesmo isso o favoreceu, pois quando disse “O quê?”, Dickie juntou-se a ele, no sofá. Maurice passou o braço por trás dele... A entrada de tia Ida pode ter evitado maiores conseqüências, mas achou ter visto reação nos olhos cândidos do rapaz.

Encontraram-se mais uma vez — à meia-noite. Maurice não se sentia feliz agora, pois durante as horas de espera sua emoção tornara-se física.

“Tenho a chave da porta da frente”, disse Dickie, surpreso de encontrar seu anfitrião de pé.

“Eu sei.”

Houve uma pausa. Os dois ficaram sem jeito, relanceando um para o outro e temendo sustentar o olhar.

“A noite está fria lá fora?”

“Não.”

“Quer que eu providencie alguma coisa antes de você dormir?”

“Não, obrigado.”

Maurice dirigiu-se ao comutador e acendeu a luz da escada. Então, apagou a luz do saguão e correu atrás de Dickie, passando à sua frente sem fazer barulho.

“Este é meu quarto”, ele sussurrou. “Quero dizer, em geral. Elas me tiraram daqui por sua causa”, acrescentou. “Durmo aqui sozinho.” Estava consciente de que as palavras fugiam ao seu controle. Tendo removido o sobretudo de Dickie, ficou parado segurando-o, sem dizer nada. A casa estava tão silenciosa que podiam ouvir as mulheres respirando nos outros aposentos.

O rapaz também não disse nada. As possibilidades são infinitas, mas ocorreu que ele compreendeu perfeitamente a situação. Se Hall insistisse, não teria começado uma briga, mas preferia ser deixado em paz: era assim que se sentia.

“Estou no andar de cima”, arquejou Maurice, esmorecendo. “No sótão acima... Se quiser alguma coisa... Fico toda noite sozinho. Como sempre.”

O impulso de Dickie fora de trancar a porta após a saída de Maurice, mas sufocou-o por parecer-lhe uma atitude covarde, e despertou com o soar do sino do desjejum, com o sol batendo no rosto e a mente revigorada.

30

O episódio deixou a vida de Maurice em frangalhos. Fiel ao passado, acreditou que Dickie fosse um segundo Clive, mas três anos não se vivem num dia, e os fogos se arrefeceram tão logo foram acesos, deixando cinzas de suspeita no rastro. Dickie foi embora na segunda-feira e na sexta sua imagem já havia se apagado. Um cliente apresentara-se no escritório, um jovem francês belo e animado, que implorou ao monsieur ’All que não o ludibriasse. Enquanto gracejavam, um sentimento familiar surgiu, mas dessa vez Maurice sentiu vapores do abismo à espreita. “Não, receio que pessoas como eu precisem trabalhar com afinco”, disse, em resposta ao apelo do francês de que almoçassem juntos, e seu tom soou tão britânico que provocou risadas altas e uma pantomima.

Quando o sujeito foi embora, encarou a verdade. Era preciso dar um nome bastante primitivo ao que havia sentido por Dickie. No passado, teria sido sentimental e teria chamado de adoração, mas o hábito da honestidade se fortalecera. Como fora desajeitado! Pobre Dickie! Podia ver o moço desvencilhar-se de seu abraço e quebrar o vidro da janela machucando os braços, ou gritar como um maníaco até que a ajuda viesse. Podia ver a polícia...

“Luxúria.” Ele pronunciou a palavra em voz alta.

A luxúria é café pequeno quando não está presente. Na calma do escritório, Maurice esperava subjugá-la, agora que lhe descobrira o nome. Sua mente, sempre muito prática, não perdeu tempo em agruras teológicas, mas aferrou-se ao trabalho. Fora prevenido e, portanto, aprendera de antemão a manter-se longe de garotos e rapazes para garantir o sucesso. Sim, longe de rapazes. Algumas obscuridades dos últimos seis meses se tornaram claras. Por exemplo, um aluno da Instituição Educativa... Torceu o nariz, como quem não precisa de maiores evidências. O sentimento capaz de impelir um cavalheiro na direção de uma pessoa de classe inferior era, em si, autodestrutivo.

Não sabia o que se oferecia adiante. Estava entrando num estado que só podia culminar com a impotência ou a morte. Clive o havia adiado. Como sempre, Clive influenciava o amigo. Entre eles ficara acertado que seu amor não trazia satisfação ao corpo, muito embora o abrangesse, e esse entendimento fora

dado — pois não foram utilizadas palavras — por Clive. As palavras quase foram proferidas na primeira noite em Penge, quando recusou o beijo de Maurice, ou
na última tarde ali, quando se deitaram em meio às samambaias. Ativeram-se à regra que conduzira à era dourada, e teriam se contentado com ela até a morte. Mas, para Maurice, a despeito do contentamento, havia algo de hipnótico acerca dela. Ela servia a Clive, não a ele, e, agora que estava sozinho, penava de modo odioso, como outrora no colégio. E não era Clive quem lhe traria alívio. Aquela influência, mesmo se exercida, teria falhado, pois uma relação como a deles não se rompe sem transformar os dois homens para sempre.

Mas não conseguia compreender toda a situação. O passado etéreo o cegava, e a maior felicidade que podia sonhar era com um retorno a esse estado. Ao sentar-se para trabalhar no escritório, não conseguia enxergar a vasta curva de sua vida, e muito menos o fantasma de seu pai sentado à sua frente. O senhor Hall nunca lutara nem refletira; nunca houvera ocasião; havia apoiado a sociedade e passado sem crise do amor ilícito ao lícito. Agora, olhando de frente para o filho, ele sente uma pontada de inveja, a única dor que sobrevive no mundo das sombras. Pois vê a carne alimentando o espírito, como o seu nunca fora alimentado, desenvolvendo a contragosto o coração indolente e a mente vagarosa.

Logo Maurice foi chamado para atender o telefone. Ele encostou o aparelho no ouvido e, após um silêncio de seis meses, ouviu a voz de seu único amigo.

"Alô", ele começou, "alô, você deve ter ouvido as novas, Maurice."

"Sim, mas como você não escreveu, eu também não o fiz."

"É verdade."

"Onde está agora?"

"Indo a um restaurante. Gostaríamos que fosse nos encontrar lá. Vamos?"

"Não posso. Acabei de recusar um convite para o almoço."

"Está ocupado demais para conversar um pouco?"

"Ah, não."

Clive prosseguiu, evidentemente aliviado pelo clima que se criou: "Minha jovem noiva está comigo. Ela logo falará com você também".

"Ah, tudo bem. Conte-me todos os seus planos."

"O casamento será no próximo mês."

"Minhas felicitações."

Nenhum deles conseguiu pensar no que dizer.

"Agora, passo a Anne."

“Sou Anne Woods”, disse uma voz juvenil.

“Meu nome é Hall.”

“O quê?”

“Maurice Christopher Hall.”

“O meu é Anne Clare Wilbraham Woods, mas não consigo pensar em nada para dizer.”

“Nem eu.”

“Você é o oitavo amigo de Clive com que eu falo assim, nesta manhã.”

“O oitavo?”

“Não estou conseguindo ouvir.”

“Eu disse ‘o oitavo’.”

“Ah, sim, agora passarei a vez para Clive. Até logo.”

Clive continuou: “A propósito, pode vir a Penge na próxima semana? Sei que está em cima da hora, mas depois será o caos”.

“Receio que também não possa comparecer. O senhor Hill vai se casar também, de forma que estou bastante ocupado por aqui.”

“Quem, seu velho sócio?”

“Sim, e depois dele, Ada e Chapman.”

“Ouvi dizer. Que tal em agosto? Setembro não, pois é quase certo que teremos eleições suplementares. Venha em agosto e nos acompanhe no horrível jogo de críquete entre o parque e a vila.”

“Obrigado, é provável que eu possa ir. Seria bom que me escrevesse mais perto da data.”

“Ah, é claro. A propósito, Anne tem cem libras para gastar. Poderia investi-las para ela?”

“Certamente. O que ela gostaria?

“É melhor você escolher. Ela não deve querer mais do que quatro por cento.”

Maurice mencionou algumas ações.

“Gostei da última”, ecoou a voz de Anne. “Não peguei o nome.”

“Poderá vê-la na nota de contrato. Qual é seu endereço, por favor?”

Ela o informou.

“Tudo bem. Mande-me o cheque quando receber nossa correspondência. Talvez seja bom eu desligar e aplicar imediatamente.”

Foi o que ele fez. A relação entre eles deveria prosseguir nesses termos. Por mais agradáveis que Clive e a esposa fossem, Maurice sempre sentia como se estivesse do outro lado da linha telefônica. Depois do almoço escolheu o

presente de casamento. Por instinto teria comprado algo estrondoso, mas, como foi apenas o oitavo na lista dos amigos do noivo, isso teria parecido inapropriado. Enquanto pagava os três guinéus, deu consigo no espelho atrás do balcão. Que sólido e jovem cidadão ele parecia — tranqüilo, honrado, próspero mas não vulgar. São em tipos assim que a Inglaterra confia. Era concebível que no último domingo quase molestara um garoto?

31

No final da primavera, ele decidiu consultar um médico. A decisão, bastante estranha a seu temperamento, foi-lhe impingida por uma abominável experiência no trem. Estivera ruminando com ar mal-humorado e sua expressão despertou suspeitas e esperanças no único outro passageiro que havia no vagão. Esse homem, corpulento e de rosto oleoso, soltou um suspiro cobiçoso, e Maurice, desprevenido, correspondeu. No momento seguinte, ambos se levantaram. O outro sorriu, o que fez Maurice derrubá-lo com um soco. Foi duro para o homem, que era mais velho e cujo nariz sangrava sobre a almofada, e ainda mais duro, pois agora fora tomado pelo pavor de que Maurice puxasse o cordão de alarme. Ele vomitou desculpas e ofereceu dinheiro. Maurice, postado diante dele com o sobrolho cerrado, contemplou o próprio futuro naquele repugnante e desonroso retrato da velhice.

Ele odiava a idéia de ir a um médico, mas era incapaz de sufocar a luxúria sozinho. Tão brutal quanto em sua adolescência, ela voltara muitas vezes mais forte, devastando sua alma oca. Podia manter-se “longe dos rapazes”, como havia ingenuamente resolvido, mas não conseguia fugir à imagem deles e, em seu íntimo, pecava a toda hora. Qualquer punição teria sido preferível, pois acreditava que um médico o puniria. Podia enfrentar qualquer tipo de tratamento na esperança de ser curado e, mesmo se não fosse, estaria ocupando sua mente e teria menos tempo para ruminações.

Quem poderia consultar? O jovem Jowitt era o único profissional que conhecia bem e, um dia após a viagem de trem, chegou a fazer um comentário em tom casual: “Diga-me, em suas caminhadas por aí, você encontra tipos imencionáveis, da laia de Oscar Wilde?”. Mas Jowitt apenas respondeu “Não, o hospício toma conta deles, graças a Deus”, o que era desalentador, e talvez fosse melhor consultar alguém que nunca mais veria de novo. Cogitou especialistas, mas não conhecia nenhum que se dedicasse à sua enfermidade, nem se o médico manteria a discrição após ter confiado nele. Podia pedir conselho em relação a todos os outros assuntos, mas, acerca deste, que o afetava diariamente, a civilização emudecia.

No fim ousou fazer uma visita ao doutor Barry. Sabia que enfrentaria

dificuldades, mas o velho clínico, embora fosse fanfarrão e provocador, era absolutamente confiável e mostrava uma atitude mais benevolente com relação a ele desde suas gentilezas para com Dickie. Não eram amigos em nenhum aspecto, o que tornava tudo mais fácil, e, como ia raramente à sua casa, faria pouca diferença caso fosse proibido de ir lá para sempre.

Foi numa noite fria de maio. A primavera tornara-se um fiasco e se esperava um verão igualmente lamentável. Fazia exatos três anos em que fora para lá sob um céu prazenteiro, a fim de ouvir o sermão sobre Cambridge, e seu coração bateu mais rápido ao lembrar-se de como o velho fora severo então. Quando chegou, viu que estava de bom humor, jogando *bridge* com a filha e a esposa, e insistiu para que formasse com eles um grupo de quatro.

"Sinto muito, mas preciso falar com o senhor", ele disse com uma emoção tão intensa que sentiu que nunca seria capaz de proferir as verdadeiras palavras, afinal.

"Muito bem, fale."

"Quero dizer, profissionalmente."

"Céus, homem, aposentei-me já faz seis anos. Marque uma consulta com Jericho ou Jowitt. Sente-se, Maurice. Fico feliz de vê-lo aqui; nunca teria adivinhado que estava à beira da morte. Polly! Traga uísque para esta flor murcha."

Maurice continuou de pé e então se virou de modo tão estranho que Barry acompanhou-o ao saguão e disse:

"Ei, Maurice, posso realmente fazer algo por você?"

"Creio que sim."

"Não tenho um consultório."

"Trata-se de uma enfermidade íntima demais para Jowitt... Achei melhor vir falar com o senhor, pois é o único médico vivo a quem ouso contar. Houve certa vez em que disse que esperava ser capaz de falar com franqueza. Pois é sobre isso."

"Uma aflição secreta, hein? Bem, siga-me."

Entraram na sala de jantar, cuja mesa ainda estava salpicada de potes de sobremesa. Havia uma Vênus de Médici, em bronze, sobre a lareira, e gravuras de Greuze espalhadas pelas paredes. Maurice tentou falar e não conseguiu, serviu-se de água, falhou outra vez, e rompeu num acesso de choro.

"Não se apresse", disse o ancião de modo bastante amistoso, "e lembre-se de que se trata de assunto profissional. Nada do que me contar jamais chegará aos ouvidos de sua mãe."

Foi assaltado pela feiúra da cena. Era como estar de volta ao trem. Chorava pela hediondez a que fora condenado, ele que nunca havia imaginado contar a ninguém a não ser Clive. Incapaz de dizer as palavras certas, tartamudeou:

“É sobre mulheres...”

O doutor Barry precipitou-se — na verdade, havia chegado a uma conclusão desde que conversaram, no saguão. Ele próprio tivera um ligeiro padecimento dessa espécie, quando jovem, o que aumentou sua simpatia.

“Vamos, filho, daremos um jeito nisso”, afirmou.

Maurice interrompeu o fluxo de lágrimas antes de ter vertido muitas e sentiu o restante delas acumulando-se numa barreira agonizante em sua cabeça.

“Oh, cure-me, pelo amor de Deus”, disse, afundando na poltrona, os braços caídos ao lado. “Estou quase liquidado.”

“Ah, as mulheres! Lembro-me bem quando fez o discurso sobre o tablado na escola... Foi o ano em que meu pobre irmão morreu... Você ficou boquiaberto diante da mulher do diretor... Lembro que pensei: ele tem muito a aprender, e a vida é uma escola precária. Apenas as mulheres podem nos ensinar e há tanto mulheres más quanto boas. Meu caro, meu caro!” Ele pigarreou. “Bom, rapaz, não tenha medo de mim. Apenas me conte a verdade e eu curarei. Onde pegou essa doença nefasta? No Varsity?”

Maurice não entendeu. Então, sentiu a testa umedecer.

“Não é nada tão imundo assim”, disse, numa explosão. “À minha maneira torpe, mantive-me limpo.”

O doutor Barry pareceu ofendido. Trancou a porta.

“Impotência, hein? Vamos dar uma olhada”, disse, com certo menosprezo.

Maurice despiu-se, jogando as peças de roupa para longe de si, em fúria. Fora insultado como havia insultado Ada.

“Você está bem”, foi o veredicto.

“O que quer dizer, senhor, com estar bem?”

“O que eu disse. É um homem perfeito. Não há nada com se preocupar nesse aspecto.”

Ele sentou-se em frente à lareira. Ainda que fosse cego às sugestões, o doutor Barry notou a postura. Não era artística, conquanto pudesse ser chamada de soberba. Estava sentado na sua maneira habitual, e seu corpo e rosto pareciam absorvidos, indômitos, pelas chamas. Não se daria por vencido, de algum modo ele provocava essa impressão. Podia ser lento e desajeitado, mas uma vez obtido o que queria, aferrar-se-ia a isso até o fim.

“Você está bem”, repetiu o médico. “Pode casar-se amanhã, se desejar, e se

quiser aceitar o conselho de um velho, é o que deve fazer. Vista-se agora, há uma corrente de ar. Como foi meter essa idéia na cabeça?”

“O senhor nunca adivinhou”, ele disse, com um toque de desdém misturado ao terror. “Sou um dos imencionáveis, do tipo de Oscar Wilde.” Fechou os olhos e, tendo levado os punhos cerrados até eles, continuou sentado ali, como se apelasse a César.

Por fim a sentença foi pronunciada. Mal pôde acreditar em seus ouvidos, pois ela fora “Tolice, tolice!”. Havia esperado muitas coisas, mas não isso; pois se suas palavras eram tolice, sua vida não passava de um devaneio.

“Doutor Barry, não devo ter explicado...”

“Agora me ouça, Maurice, nunca deixe que essa alucinação maligna, essa tentação do inferno, ocorra de novo.”

A voz o impressionou, pois não era a ciência que falava?

“Quem pôs essa mentira em sua cabeça? Você, que conheço e sei que é um sujeito decente! Nunca mais mencionaremos isso novamente. Não... Não vou discutir. Não vou discutir. A pior coisa que poderia fazer por você é discutir o assunto.”

“Quero um conselho”, implorou Maurice, lutando contra os modos assoberbantes do velho. “Não é tolice para mim: é a minha vida.”

“Tolice”, veio a voz da autoridade.

“Sou assim desde que posso me lembrar sem atinar para a razão. O que é? Estou enfermo? Se estou, quero ser curado, não posso agüentar mais a solidão, os últimos seis meses em especial. Faço tudo o que me pedir para fazer. É isso. Precisa me ajudar.”

Ele voltou a sentar-se na posição original, contemplando o fogo com o corpo e a alma.

“Vamos! Vista-se.”

“Sinto muito”, murmurou, e obedeceu. Então o doutor Barry destrancou a porta e gritou: “Polly! Uísque!”. A consulta havia terminado.

32

O doutor Barry deu o melhor conselho de que foi capaz. Nunca lera trabalhos científicos sobre o tema de Maurice. Não se deparara com nenhum na época em que andara pelos hospitais e os que foram publicados desde então eram em alemão e, portanto, suspeitos. Avesso ao assunto por temperamento, ele endossou alegremente o veredicto da sociedade; o que quer dizer, o veredicto foi teológico. Acreditava que apenas os mais depravados podiam vislumbrar Sodoma, de forma que, quando um homem com bons antecedentes e físico confessava a tendência, sua resposta natural era “tolice, tolice!”. Estava sendo bastante sincero. Acreditava que Maurice havia ouvido algum comentário por acaso, que podia ter gerado os pensamentos mórbidos, e que o silêncio desdenhoso do homem da ciência médica de imediato os desbarataria.

E Maurice foi embora não de todo falto de comoção. O doutor Barry era um nome respeitado em sua casa. Havia salvado Kitty duas vezes e assistira o senhor Hall durante sua última enfermidade: era honesto, independente e nunca dizia o que não sentia. Fora a autoridade máxima por quase vinte anos — raramente requisitada, mas cuja existência e o julgamento sensato eram reconhecidos, e agora que pronunciara “tolice”, Maurice perguntava-se se não podia ser mesmo uma tolice, embora sentisse cada fibra de seu ser protestar contra a sentença. Detestava a mente do médico; parecia-lhe bestial tolerar a prostituição. Contudo, respeitava-a e seguiu adiante disposto a ter outra contenda com o destino.

Sentia-se mais disposto por uma razão que não podia contar ao ancião. Clive voltara-se para as mulheres logo após ter completado vinte e quatro anos. Ele próprio completaria vinte e quatro em agosto. Seria possível que ele também... Agora que pensava nisso, poucos homens se casavam antes dessa idade. Maurice tinha a inabilidade britânica para conceber a diversidade. Seus problemas o ensinaram que outras pessoas existiam, mas não ainda que eram diferentes, e procurou ver o desenvolvimento de Clive como uma prévia do seu.

Seria ótimo sem dúvida estar casado, integrado à sociedade e à lei. O doutor Barry, ao encontrar-se com ele em outro dia, dissera: “Maurice, você encontrará a garota certa e seus problemas cessarão”. Pensou em Gladys Olcott. Claro que não era mais um estudante grosseiro. Havia sofrido e também investigado a si

mesmo, e sabia que era anormal. Mas não haveria esperança? Suponha que encontrasse uma mulher compreensiva de outras formas? Ele queria filhos. Era capaz de gerar crianças — o doutor Barry lhe dissera. O casamento seria impossível, afinal? O tópico estava no ar em sua casa, graças a Ada, e sua mãe muitas vezes sugerira que ele devia achar alguém para Kitty, e Kitty, alguém para ele. O distanciamento dela era surpreendente. As palavras "casamento", "amor", "família" perderam todo o significado para sua mãe durante a viuvez. Um ingresso para um concerto, que a senhorita Tonks enviara a Kitty, sugeria possibilidades. Kitty não podia usá-lo e ofereceu-o à mesa. Maurice disse que gostaria de ir. Ela lembrou que era sua noite no Clube, mas ele retrucou que podia faltar. Foi, e ocorreu de ser a sinfonia de Tchaikovsky que Clive o ensinara a apreciar. Ele gostou dos rompantes, dos golpes e dos trechos suaves — para ele, a música era apenas isso —, que lhe proporcionaram uma agradável sensação de gratidão voltada para a senhorita Tonks. Infelizmente, após o concerto topou com Risley.

"*Symphonie Pathique*", disse Risley, alegremente.

"Sinfonia Patética", corrigiu o filisteu.

"*Symphonie Incestueuse e Pathique*." E informou ao jovem amigo que Tchaikovsky se apaixonara pelo jovem sobrinho e dedicara sua obra-prima a ele. "Vim ver todo o respeitável rebanho londrino. Não é *fantástico*?"

"Que coisas esquisitas você conhece", disse Maurice, pudico. Era estranho como sempre encontrava um confidente quando não queria nenhum. Logo retirou uma biografia de Tchaikovsky da biblioteca. O episódio do casamento do compositor fornecia poucos elementos ao leitor normal, que vagamente presumia que houvera incompatibilidade, mas deixou Maurice fascinado. Sabia o que o desastre significava e como o doutor Barry o conduzira até muito perto de um. Continuando a leitura, conheceu "Bob", o maravilhoso sobrinho para quem Tchaikovsky se volta após o ataque de nervos, e em quem se origina sua ressurreição espiritual e musical. O livro soprou a poeira que se amontoara e ele passou a respeitá-lo como a única obra literária que de fato o ajudou. Mas o ajudou apenas em retrospecto. Estava na posição onde fora deixado no trem, sem ter ganho nada, exceto a convicção de que os médicos são uns imbecis.

Agora todos os caminhos lhe pareceram bloqueados e, em seu desespero, retomou as práticas que havia abandonado quando garoto e viu que elas realmente lhe traziam uma degradada forma de paz, interrompiam o anseio físico ao qual todas as suas sensações se aderiam, e permitiam que continuasse com seu trabalho. Ele era um homem comum e teria vencido uma batalha comum,

mas a Natureza o pôs para lutar contra o extraordinário, o qual apenas os santos podem subjugar sem auxílio, e começou a perder terreno. Pouco antes de sua visita a Penge, uma nova esperança alvoreceu, débil e desagradável. Era o hipnotismo. O senhor Cornwallis, Risley lhe dissera, fora hipnotizado. Um médico dissera “vamos, vamos, o senhor não é um eunuco!”, e eis que o professor havia parado de sê-lo. Maurice procurou o endereço do médico, mas não confiava na eficácia da consulta: uma entrevista com a ciência lhe era o bastante, e sempre tinha a sensação de que Risley sabia demais; sua voz, quando lhe dera o endereço, soara amistosa, mas ligeiramente zombeteira.

33

Agora que o risco da intimidade estava afastado, Clive Durham ansiava por ajudar o amigo, que provavelmente passara por uma fase bastante tumultuada depois que se separaram, no salão de fumar. A correspondência entre eles havia sido interrompida muitos meses atrás. A última carta de Maurice fora escrita após a estada em Birmingham, e anunciava que ele não se mataria. Clive nunca deu fé à ameaça, e agora estava feliz pelo fato de o melodrama ter terminado. Quando conversaram ao telefone, ouviu do outro lado da linha um homem a quem podia respeitar — um sujeito que parecia disposto a deixar a água rolar e a permitir que a paixão se tornasse uma amizade restrita. O amigo não fingiu tranqüilidade; o pobre Maurice soou tímido, até mesmo um pouco melindrado — exatamente a condição que Clive acreditava ser natural, e sentia ser capaz de melhorar.

Sentia-se ávido para fazer o que estivesse a seu alcance. Embora a qualidade do passado lhe escapasse, lembrava-se de suas proporções, e reconhecia que o outro o livrara do esteticismo para expô-lo ao sol e ao vento do amor. Mas com Maurice nunca teria se transformado num ser digno de Anne. Seu amigo o ajudara durante três anos desolados e ele realmente teria demonstrado ingratidão se não lhe estendesse a mão agora. A Clive desagradava a gratidão. Preferia ter ajudado por pura amizade. Mas precisava usar a única ferramenta de que dispunha e, se tudo corresse bem, se Maurice se mantivesse sóbrio, se continuasse do outro lado da linha telefônica, se fosse cordato com Anne, se não se mostrasse amargo ou sério demais ou impolido demais — então poderiam ser amigos de novo, ainda que por um caminho diferente e de um modo diferente. Maurice tinha qualidades admiráveis —, ele sabia disso, e podia estar chegando a hora em que também sentiria isso.

Pensamentos como os acima não lhe ocorriam com freqüência. O centro de sua atenção era Anne. Ela se daria bem com sua mãe? Gostaria de Penge, tendo sido criada em Sussex, perto do mar? Sentiria a falta de oportunidades religiosas? Ou a presença
da política? Intoxicado de amor, ele lhe oferecia seu corpo e sua alma, despejava a seus pés tudo o que uma paixão anterior lhe ensinara, e somente com esforço

recordava a quem essa paixão se dirigira.

No primeiro ardor do noivado, quando sentia que ela era o mundo todo, incluindo a acrópole, pensou em confessar-lhe a verdade sobre Maurice. Anne lhe havia confessado um pecadilho. Mas a lealdade ao amigo o impediu, e depois ficou feliz por isso, pois, por mais imortal que parecesse, Anne não era Palas Atena, e havia muitos pontos que ele não podia mencionar. A própria união entre ambos era um deles. Quando Clive entrou no quarto de Anne após o casamento, ela não sabia o que o marido queria. A despeito de uma educação elaborada, ninguém lhe havia contado sobre o sexo. Clive foi o mais atencioso possível, mas assustou-a imensamente e, quando a deixou, teve a sensação de que ela o odiava. Mas Anne não o odiava. Recebeu-o nas noites seguintes. Mas foi sempre sem emitir uma palavra. Uniam-se num mundo que não continha referência ao dia-a-dia, e esse segredo arrastou atrás de si muito da vida em comum. Muitas coisas não podiam ser mencionadas. Ele nunca a vira despida nem ela a ele. Ignoravam as funções reprodutivas e digestivas. Por isso jamais abordaria aquele episódio de sua imaturidade.

Era algo que não podia ser mencionado. Não estava entre ele e ela. Ela é que estava entre ele e o episódio, e, pensando bem, não se ressentia disso, pois, embora não tivesse sido vergonhoso, fora um caso sentimental e merecia o esquecimento.

O sigilo lhe agradava: pelo menos o adotou sem arrependimento. Nunca teve ímpeto de falar abertamente e, embora valorizasse o corpo, o verdadeiro ato do sexo lhe parecia sem imaginação, e mais bem disfarçado à noite. Entre homens é indesculpável, entre o homem e a mulher pode ser praticado, pois a natureza e a sociedade aprovam, mas sem nunca ser discutido nem vangloriado. Seu ideal de casamento era moderado e gracioso, como todos os seus ideais, e encontrou uma auxiliar à altura em Anne, que exibia refinamento e apreciava quando os outros também o exibiam. Amavam-se de forma terna. As belas convenções os acolhiam — enquanto, do outro lado da barreira, Maurice vagava, as palavras erradas nos lábios e os desejos errados no coração, e os braços cheios de ar.

34

Maurice tirou uma semana de férias em agosto e chegou a Penge três dias antes do torneio de críquete entre o parque e o vilarejo, conforme pedia o convite. Chegou numa disposição amarga e estranha. Estivera refletindo sobre o hipnoterapeuta de Risley e estava cada vez mais inclinado a consultá-lo. Era tão desagradável. Por exemplo, ao cruzar o parque, viu um guarda-caças perambulando com duas criadas. Sentiu uma pontada de inveja. As moças eram terrivelmente feias, ao contrário do rapaz: de certo modo, só tornava as coisas piores, e ele fitou o trio sentindo-se cruel e respeitável; as garotas se afastaram gargalhando, o homem devolveu o olhar de forma furtiva, mas depois achou que era conveniente cumprimentá-lo tocando o boné; havia estragado aquele pequeno jogo. Porém os três se encontrariam de novo tão logo Maurice fosse embora e, em todos os lugares, moças topariam com rapazes, para beijar e serem beijadas: não era melhor mudar seu temperamento e dançar conforme a música? Ele tomaria uma decisão após a visita — pois, contra sua expectativa, ainda tinha esperanças com Clive.

"Clive saiu", anunciou a jovem anfitriã. "Ele disse que está com saudades ou algo assim, e que voltará para o jantar. Archie London cuidará do senhor, mas não creio que queira ser paparicado."

Maurice sorriu e aceitou o chá. A sala de estar mantinha a antiga atmosfera. Agrupamentos de pessoas posicionavam-se pelo aposento com um ar de estar tramando algo e, embora a mãe de Clive não fosse mais o centro das atenções, continuava na residência, por causa do encanamento da casa da viúva. O senso de dilapidação aumentara. Mesmo com a chuva forte, Clive notara mourões quebrados, árvores arqueadas e, no interior, alguns alegres presentes de casamento avultavam como manchas numa veste puída. A senhorita Woods não trouxera dinheiro a Penge. Era prendada e encantadora, mas pertencia à mesma classe que os Durhams, e a cada ano a Inglaterra parecia menos disposta a conceder-lhes grandes privilégios.

"Clive está fazendo campanha", ela continuou, "haverá uma eleição suplementar no outono. Ele por fim os convenceu a convencê-lo a lançar-se candidato." Ela exibia a destreza aristocrática de antecipar-se à crítica. "Mas,

falando sério, seria maravilhoso para os pobres se ele fosse eleito. É preciso que percebam que Clive é seu melhor amigo.”

Maurice assentiu com a cabeça. Não se sentia disposto a discutir questões sociais.

“Eles precisam de um pouco de disciplina”, observou.

“Sim, querem um líder”, disse uma voz gentil, mas distinta, “e só deixarão de sofrer quando o encontrarem.” Anne apresentou-lhe o novo pároco, o senhor Borenius. Tratava-se de uma importação da moça. Clive não dava importância a quem abrigava, desde que fosse um cavalheiro e se devotasse ao vilarejo. O senhor Borenius satisfazia a ambos os quesitos e, como era do grupo conservador da Igreja Alta Anglicana, podia servir para contrabalançar a influência dos titulares demissionários, que pertenciam à Igreja Baixa.

“Oh, senhor Borenius, que interessante!”, uma velha senhora gritou do outro lado da sala. “Mas suponho que, seguindo seu ponto de vista, todos queiramos um líder. Concordo plenamente.” Ela relanceou de um canto para outro. “Todos os senhores querem um líder, eu repito.” E os olhos do senhor Borenius seguiram os dela, talvez em busca de algo que ele não encontrou, pois logo se despediu.

“Não pode ser que tenha tantas coisas para fazer na paróquia”, comentou Anne, pensativa, “mas ele é sempre assim. Vem e critica Clive acerca das condições habitacionais, mas depois não fica para o jantar. Veja, ele é tão sensível, pois se preocupa com pobres.”

“Também tive de lidar com os pobres”, disse Maurice, pegando um pedaço de bolo, “mas não consigo preocupar-me com eles. Alguém precisa dar-lhes uma ajuda pelo bem da nação, mas é isso. Eles não sentem como nós. Não sofrem como sofreríamos, se estivéssemos em seu lugar.”

Anne pareceu não aprovar o comentário, mas sentiu que havia confiado suas cem libras ao tipo adequado de corretor.

“Tudo o que conheço são carregadores de material de golfe e um instituto educacional em um cortiço. Mesmo assim, aprendi um pouco. Os pobres não querem piedade. Só gostam mesmo de mim quando ponho minhas luvas de boxe e começo a dar-lhes uns sopapos.”

“Ah, o senhor lhes ensina boxe.”

“Sim, e a jogar rúgbi... Mas eles são péssimos esportistas.”

“Suponho que sim. O senhor Borenius diz que eles querem amor”, acrescentou Anne, após uma pausa.

“Não tenho dúvidas de que querem, mas não o obterão.”

“Senhor Hall!”

Maurice limpou o bigode e sorriu.

“O senhor é *horrível*.”

“Não creio. Mas suponho que meu comentário seja.”

“Mas o senhor gosta de ser horrível.”

“Nós nos acostumamos a tudo”, ele sentenciou, voltando-se de chofre, pois a porta tinha se aberto com um estrondo.

“Ora, Deus do céu, eu repreendo Clive por ser cínico, mas o senhor o supera.”

“Acostumei-me a ser horrível, como a senhora diz, como os pobres se acostumaram com seus cortiços. É apenas uma questão de tempo.” Falava com certa liberdade; uma incômoda impaciência apossara-se dele desde que chegara. Clive não fizera questão de recebê-lo. Muito bem! “Depois de dar umas cabeçadas, nos acostumamos com o buraco a que estamos destinados. Todos latimos no início como um bando de filhotinhos, au! au!” Sua imitação inesperada a fez rir. “Até que aprendemos que todos estão ocupados demais para ouvir-nos e paramos com os latidos. É um fato.”

“Um ponto de vista masculino”, ela retrucou, balançando a cabeça. “Nunca permitirei que Clive concorde com isso. Creio na compaixão... Em aceitar o fardo um do outro. Sem dúvida estou fora de moda. O senhor é discípulo de Nietzsche?”

“Nem me pergunte.”

Anne simpatizou-se com esse senhor Hall, que, Clive advertira, poderia parecer-lhe empedernido. Ele era insensível de certo modo, mas tinha personalidade. Agora entendia por que o marido o havia escolhido como companheiro de viagem pela Itália.

“Diga-me, por que não gosta dos pobres?”, perguntou, de súbito.

“Eu não desgosto deles. Apenas não penso neles sem necessidade. Esses cortiços, sindicalismo, todo o resto, trata-se de uma ameaça pública, e é preciso fazer o pouco que podemos contra isso. Mas não por amor. O seu Borenius não encara os fatos.”

Ela ficou em silêncio, então perguntou quantos anos tinha.

“Vinte e quatro amanhã.”

“Bem, o senhor é terrivelmente duro para sua idade.”

“Agora há pouco afirmou que eu era horrível. Está me dispensando com muita facilidade, senhora Durham!”

“De mais a mais, o senhor é inflexível, o que é pior.”

Ela viu que ele franziu a testa e, temendo ter sido impertinente, desviou o assunto para Clive. Achava que o marido voltaria mais cedo, disse, e era ainda mais desapontador quando sabia que, no dia seguinte, ele realmente teria de se ausentar. O organizador da campanha, que conhecia o eleitorado, iria mostrar-lhe as redondezas. O senhor Hall precisava compreender e perdoar, e precisava ajudá-los no jogo de críquete.

“Dependerá um pouco de outros planos... Eu posso ter de...”

Ela deteve o olhar em seu rosto com repentina curiosidade, então disse:

“Não gostaria de ver seu quarto?... Archie, leve o senhor Hall para o quarto marrom.”

“Obrigado, há um malote do correio saindo hoje?”

“Não esta tarde, mas pode enviar um telegrama. Se fizer isso, poderá ficar... Ou não devo interferir?”

“Pode ser que tenha de telegrafar. Não tenho certeza. Muitíssimo obrigado.”

Ele então seguiu o senhor London até o quarto marrom, pensando “Clive podia... em consideração ao passado, podia estar aqui para me receber. Devia saber como me sinto arrasado”. Não estava apaixonado por Clive, mas o amigo ainda podia magoá-lo. A chuva despencava de um céu de chumbo sobre o parque, as árvores guardavam silêncio. Entrou num novo círculo de tormentos com o descer do crepúsculo.

Ficou no quarto até o jantar, lutando contra fantasmas que havia amado. Se esse novo médico podia alterar sua disposição, não era obrigado a procurá-lo, a despeito da violação à sua alma? Com o mundo naquele estado atual, era preciso casar-se ou perecer. Não estava livre de Clive e nunca estaria até que algo mais intenso interviesse.

“O senhor Durham já voltou?”, inquiriu, quando uma criada trouxe-lhe água quente.

“Sim, senhor.”

“Acabou de chegar?”

“Não. Faz cerca de meia hora, senhor.”

Ela cerrou as cortinas, ocultando a visão, mas não o som, da chuva. Enquanto isso, Maurice rabiscou um telegrama.

“Lasker Jones, 6, Wigmore Place, W.”, leu. “Favor marcar consulta quinta. Hall. A/c Durham, Penge, Wiltshire.”

“Sim, senhor.”

“Muito obrigado”, agradeceu respeitosamente, e fez uma careta assim que ficou sozinho. Havia agora um lapso completo entre suas ações públicas e

privadas. Na sala, cumprimentou Clive sem tremer. Trocaram um caloroso aperto de mão, e Clive disse “Você parece em excelente forma. Já sabe quem vai seduzir?”, apresentando-o a uma moça. Clive se tornara o perfeito aristocrata rural. Todas as suas queixas contra a sociedade haviam desaparecido com o casamento. Com opiniões políticas em comum, tinham muito a conversar.

De sua parte, Clive estava satisfeito com o hóspede. Anne descrevera-o como “rude, mas muito agradável”, uma condição satisfatória. Havia uma dureza em seu caráter, mas isso agora não importava: aquela cena horrível em torno de Ada podia ser esquecida. Maurice também se dava bem com Archie London — o que era importante, pois Archie aborrecia Anne e era o tipo de homem que podia aferrar-se a alguém. Clive destinou um ao outro, durante a visita.

Na sala discutiram política de novo, convencendo a todos de que os radicais são imprevisíveis e os socialistas loucos. Chovia torrencialmente, com uma monotonia que nada parecia capaz de perturbar. Nas pausas da conversa, seu murmúrio penetrava na sala e, quase no fim da noite, ouviram-se uns “tap, tap” sobre o tampo do piano.

“O fantasma da família regressou”, proferiu a senhora Durham, com um grande sorriso.

“Há um buraco muito charmoso lá no teto”, gritou Anne. “Clive, não podemos deixá-lo assim?”

“Não há outro jeito”, ele observou, tocando o sino. “Porém vamos mudar o piano de posição. Ele não vai agüentar muito mais.”

“E quanto a um pires?”, propôs o senhor London. “Clive, e quanto a um pires? Uma vez a chuva vazou pelo teto do clube. Toquei o sino e o criado trouxe um pires.”

“Eu toco o sino e o criado não traz nada”, respondeu Clive, repicando-o novamente. “Sim, vamos providenciar um pires, Archie, mas também mudaremos o piano de lugar. O buraquinho charmoso que Anne notou pode aumentar durante a noite. Há apenas um telhado de meia-água nessa parte do aposento.”

“Pobre Penge!”, lamentou sua mãe. Todos haviam se levantado e fitavam o vazamento. Anne começou a proteger as entranhas do piano com papel mata-borrão. A noite havia sido interrompida, de modo que todos se sentiam propensos a fazer graça sobre a chuva, que lhes enviara essa indicação de sua presença.

“Traga uma bacia, por favor”, disse Clive, quando sua chamada foi atendida, “e um pano, e peça a um dos homens para ajudá-la a deslocar o piano e levar

para cima o tapete do vão. A chuva entrou de novo."

"Tivemos de tocar o sino duas vezes, duas vezes", acrescentou a mãe.

"*Le delai s'explique*", ela disse, pois, quando a copeira voltou, foi em companhia do guarda-caças e do camareiro. "*C'est toujours comme ça quand[10]*... Também temos esses pequenos idílios no andar inferior, sabem."

"E quanto aos cavalheiros, que querem fazer amanhã?", perguntou Clive a seus hóspedes. "Preciso tratar da campanha. Não venham comigo. É terrivelmente maçante. Gostariam de sair para uma caçada ou algo assim?"

"Excelente", responderam Maurice e Archie.

"Scudder, escutou?"

"*Le bonhomme est distrait*",[11] observou a mãe.

O piano arrastara um tapete, e os criados, que não gostavam de altear a voz diante da elite, atrapalharam-se com as ordens uns dos outros e sussurraram:

"O quê?"

"Scudder, os cavalheiros vão caçar amanhã... Não sei bem o quê, mas apareça por volta das dez. Vamos nos recolher agora?"

"A regra aqui é ir cedo para a cama, como deve saber, senhor Hall", comentou Anne. "Então deu boa-noite aos três empregados e conduziu o grupo para cima. Maurice ficou para escolher um livro. A *História do racionalismo*, de Lecky, poderia preencher uma lacuna? A chuva gotejava na bacia, os homens murmuravam sobre o tapete no vão e, ajoelhando-se, pareciam celebrar exéquias.

"Droga, não há nada aqui, nada?", protestou Maurice.

"... psiu, ele não estava falando conosco", disse o camareiro ao guarda-caças.

Ficou com Lecky, mas sua mente mostrou não estar à altura e, após alguns minutos, atirou-o na cama e ruminou sobre o telegrama. Na desolação de Penge, seu propósito se fortalecia. A vida revelou-se um beco sem saída, com um monte de estrume no final, de modo que tinha de pegar um atalho e recomeçar. Risley sugerira que era possível ser totalmente transformado, desde que não ligasse para o passado. Adeus, beleza e calor. Viraram excremento e precisavam ser descartados. Fechando as cortinas, ele observou longamente a chuva e suspirou, batendo no rosto e mordendo os lábios.

35

O dia seguinte foi ainda mais desolado, e a única coisa que podia ser dita em seu favor era que tinha o caráter irreal de um pesadelo. Archie London tagarelava, a chuva tamborilava e, em nome sagrado do esporte, os cavalheiros eram empurrados atrás dos coelhos da propriedade de Penge. Às vezes os abatiam, às vezes erravam o tiro, às vezes tentavam furões e armadilhas. Era preciso manter o número de leporídeos sob controle e talvez fosse por isso que a diversão lhes fora impingida: Clive não dava ponto sem nó. Voltaram para o almoço e Maurice teve uma surpresa: chegara um telegrama do senhor Lasker Jones, confirmando uma consulta para o dia seguinte. Mas a emoção logo passou. Archie achou melhor irem caçar coelhos novamente, e Maurice estava tão deprimido que não teve forças para recusar-se a ir. A chuva havia amainado, mas a névoa adensara-se e a lama ficara mais pegajosa. Perto da hora do chá, perderam um furão. O guarda-caças inventou que era culpa dos cavalheiros, mas Archie, que era mais esperto, explicou a razão do revés a Maurice, no salão de fumar, com o auxílio de diagramas. O jantar foi servido às oito, quando chegaram os políticos e, após a refeição, o teto da sala de estar pingava sobre bacias e pires. Então, no quarto marrom, o mesmo clima, o mesmo desespero e o fato de que agora Clive estava sentado na cama, ocupado com uma conversa íntima, não faziam a menor diferença. A idéia da conversa poderia tê-lo magoado caso tivesse ocorrido antes, mas ele fora tão afrontado pela falta de hospitalidade, havia passado um dia tão solitário e imbecil, que o passado já não lhe dizia nada. Todos os seus pensamentos se voltavam para o senhor Lasker Jones, e queria ficar sozinho para compor um registro por escrito de seu caso.

Clive sentiu que a visita fora um fracasso, mas, como observou, “a política não pode esperar, e é preciso fazer frente à urgência”. Também se envergonhava de ter esquecido que o dia que passara era o aniversário de Maurice — e insistiu para que o seu hóspede ficasse para o jogo. Maurice disse que sentia muito, mas agora não podia, pois surgira um compromisso urgente e inesperado em Londres.

“Não pode voltar depois de resolvê-lo? Somos anfitriões terríveis, mas é um prazer recebê-lo. Considere essa casa como um hotel... Siga o seu caminho que seguiremos o nosso.”

“O fato é que estou com planos de me casar”, soltou Maurice, as palavras escapando-lhe da boca como se tivessem vida própria.

“Fico terrivelmente feliz”, disse Clive, abaixando os olhos. “Maurice, fico terrivelmente feliz. É a melhor notícia do mundo, talvez a única que...”

“Eu sei...” Estava se perguntando por que havia falado aquilo. Sua frase saiu voando com a chuva; estava sempre consciente da chuva e do telhado quebrado de Penge.

“Não quero aborrecê-lo com falatórios, mas devo dizer que Anne adivinhou. As mulheres são extraordinárias. Ela declarou o tempo todo que você tinha algo escondido na manga. Zombei dela, mas agora preciso dar-me por vencido.” Ergueu os olhos. “Ah, Maurice estou tão feliz. Que bom que me contou... É o que sempre desejei que lhe acontecesse.”

“Eu sei.”

Houve um silêncio. Clive voltou a agir como nos velhos tempos. Era generoso e encantador.

“É maravilhoso, não é?... Oh... Estou tão feliz. Queria pensar em algo mais para dizer. Importa-se se contar agora mesmo a Anne?”

“Nem um pouco. Conte para todo mundo!”, exclamou Maurice, com uma brutalidade que passou despercebida. “Quanto mais gente, melhor.” Ele ansiava por uma pressão externa. “Se a moça que eu quero não me quiser, haverá outras.”

Clive sorriu um pouco com o comentário, mas estava satisfeito demais para deixar-se perturbar. Estava satisfeito em parte por Maurice, mas também porque consolidava sua própria posição. Detestava afetação, Cambridge, o quarto azul, certas clareiras no parque pareciam-lhe não maculadas, pois nada de desonroso ocorrera ali, mas ligeiramente ridículas. Nos últimos tempos deu com um poema escrito na ocasião da primeira visita de Maurice a Penge. Podia ter brotado do território do outro lado do espelho, tão ilusório que era, tão perverso. “Sombras dos velhos navios helênicos.” Foi assim que ele se dirigira aos estudantes valentões? O conhecimento de que Maurice havia igualmente subjugado esse sentimentalismo tornava-o puro, e também sentiu as palavras jorrando de si como se tivessem uma vida independente.

“Pensei em você com mais freqüência do que imagina, Maurice, meu caro. Como disse no último outono, tenho grande carinho por você e sempre terei. Fomos jovens tolos, não fomos? Mas mesmo a tolice pode ensinar-nos uma lição. Pode ensinar-nos
a crescer. Não, mais do que isso, a nos tornarmos íntimos. Você e eu nos

conhecemos e confiamos um no outro só porque fomos tolos no passado. O casamento não faz diferença. Ah, é uma alegria, acho...”

“Tenho seu consentimento, então?”

“Claro que sim.”

“Obrigado.”

Clive abrandou o olhar. Queria transmitir algo mais aconchegante do que a idéia de amadurecimento. Ousaria tomar emprestado um gesto do passado?

“Pense em mim amanhã”, disse Maurice, “e, quanto a Anne... Ela também deve pensar em mim.”

Uma referência tão amistosa fez com que ele decidisse pousar um beijo, com toda ternura, na grande mão morena do companheiro.

Maurice estremeceu.

“Importa-se?”

“Oh, não.”

“Maurice, querido, queria que soubesse que não esqueci o passado. Concordo, concordo... Não vamos mencioná-lo de novo, mas queria mostrar-lhe só dessa vez.”

“Tudo bem.”

“Não fica grato por tudo ter terminado de forma apropriada?”

“Como assim, apropriada?”

“Em vez do atoleiro do ano passado.”

“Ah, assim como você.”

“Beije-me, e eu vou embora.”

Maurice aplicou os lábios no punho engomado de uma camisa de gala. Obtido o efeito desejado, ele afastou-se, fazendo com que Clive se mostrasse mais amistoso do que nunca, insistindo para que o amigo voltasse a Penge tão logo as circunstâncias permitissem. Clive só parou de falar bem tarde, enquanto a água gorgolejava sobre a trapeira. Quando ele partiu, Maurice afastou as cortinas e caiu de joelhos, apoiando o queixo no peitoril da janela e deixando que as gotas molhassem o cabelo.

“Venha!”, ele gritou de súbito, surpreendendo-se. Quem havia chamado? Não estava pensando em nada e a palavra havia surgido. Muito depressa ele afastou-se do ar e da escuridão, voltando a encerrar seu corpo no quarto marrom. Então, escreveu seu caso. Tomou-lhe certo tempo e, embora não fosse nem de longe imaginativo, foi para a cama tomado de tremores. Estava convencido de que alguém espiara por cima de seus ombros, enquanto compunha o relato. Não estava a sós. Ou então, não fora ele quem escrevera. Desde que chegara em

Penge, parecia que estava tomado por um bando de vozes, que não eram Maurice, e agora quase podia ouvi-las discutindo entre si, dentro dele. Mas nenhuma pertencia a Clive: fora capaz de chegar até ali.

36

Archie London também estava voltando para a cidade e, muito cedo na manhã seguinte, plantaram-se os dois no hall esperando pelo coche, enquanto o homem que os levara para caçar coelhos aguardava a gorjeta do lado de fora.

“Mande-o plantar batatas”, disse Maurice, zangado. “Ofereci-lhe cinco xelins e ele não aceitou. Que insolente!”

O senhor London estava escandalizado. O que estava ocorrendo com os criados? Só se satisfaziam com ouro? Se for assim, era melhor parar mesmo de trabalhar. Ele começou a contar uma história sobre a enfermeira mensalista de sua irmã. Pippa tratara aquela mulher como uma igual, mas o que se podia esperar de gente com educação pela metade? Ter metade da educação era pior do que não ter nenhuma.

“Estou ouvindo”, disse Maurice, bocejando.

Mesmo assim, o senhor London perguntava-se se não era seu dever, como cavalheiro.

“Ah, tente, se quiser.”

Ele estendeu a mão na chuva.

“Hall, ele aceitou minha gorjeta sem criar caso, sabe.”

“Aceitou, o biltre?”, esbravejou Maurice. “Por que não pegou meu dinheiro? Suponho que tenha dado mais.”

Envergonhado, o senhor London confessou que tinha. Havia aumentado a gorjeta com medo de ser rejeitado. O sujeito era petulante sem dúvida. Mesmo assim, não conseguia decidir-se se era de bom-tom suscitar complicações. Quando os empregados são rudes, deve-se ignorá-los.

Mas Maurice estava irritadiço, cansado e preocupado com sua consulta em Londres, e tomou o episódio como exemplo da falta de gentileza de Penge. Foi no espírito de vingança que andou até a porta e disse de modo amistoso, mas admoestatório.

“Olá! Então cinco xelins não são bons o bastante? Então, só aceita ouro!” Foi interrompido por Anne, que veio lhes desejar boa viagem.

“Boa sorte”, ela disse a Maurice, com uma expressão muito doce no semblante, e então parou, como se esperasse que ele soltasse uma indiscrição.

Mesmo sem ter obtido nenhuma, acrescentou: “Estou muito feliz pelo fato de o senhor não ser horrível”.

“Está mesmo?”

“Os homens gostam que pensemos que são horríveis. Clive, por exemplo. Não é verdade, Clive? Senhor Hall, os homens são criaturas muito engraçadas.” Ela segurou o colar e sorriu. “Muito engraçadas. Boa sorte.” Naquela altura, estava completamente deleitada com Maurice. A situação dele e o modo como ele se portava pareceram-lhe apropriadamente masculinos. “Uma mulher apaixonada”, ela explicou a Clive na escada, enquanto observavam a partida dos hóspedes, “uma mulher apaixonada nunca blefa... Queria saber o nome da felizarda.”

Adiantando-se aos criados da casa, o guarda-caças levou a valise de Maurice ao coche. Visivelmente agastado, Maurice disse com frieza:

“Que se dane, então.”

Em meio aos acenos de Anne, de Clive e da senhora Durham, eles partiram, e London recomeçou a história da enfermeira de Pippa.

“E que tal um pouco de ar?”, sugeriu a vítima. Ele abriu a janela e fitou o parque úmido. A estupidez de tanta chuva! Por que havia de chover tanto? A indiferença do universo pelo homem! Descendo pelo bosque, o coche seguia com lentidão. Parecia impossível que um dia chegassem à estação, ou que os infortúnios de Pippa terminassem.

Não muito longe da cabine do porteiro havia uma pequena subida íngreme, e a estrada, sempre em más condições, estava apinhada de rosas-de-cão, que passam rascantes, machucando a pintura. Planta por planta crepitava por eles, produtos de um ano pouco amistoso: algumas haviam adquirido cancro, outras nunca desabrocharam: aqui e ali a beleza triunfava, mas de um modo desesperado, cintilando num mundo de sombras. Maurice olhava uma após a outra e, embora não tivesse pendor por flores, o fracasso o irritava. Quase nada era perfeito. Num canteiro todas as flores estavam pendentes, no outro estavam cobertas de lagartas, ou estufadas de cecídio. A indiferença da natureza! E sua incompetência. Ele debruçou-se na janela para ver se ela não acertava ao menos uma vez, e deparou-se com os olhos castanhos de um jovem.

“Deus, ora, é aquele guarda-caças de novo!”

“Não pode ser, não podia ter chegado aqui. Nós o deixamos na casa.”

“Ele poderia, se tivesse corrido.”

“Por que haveria de correr?”

“É verdade, por que correria?”, perguntou Maurice; então ergueu a aba da

traseira do coche e espiou os arbustos de rosas, que uma névoa já encobrira.

“Foi isso?”

“Não deu para ver.” Seu companheiro de viagem tornou imediatamente à narrativa e falou quase sem parar até se despedirem em Waterloo.

No táxi, Maurice releu sua declaração, assustando-se com a franqueza que havia ali. Ele, que não confiava em Jowitt, estava se entregando nas mãos de um charlatão; a despeito do que Risley lhe afirmara, associava hipnotismo a sessões espíritas e chantagem, e vez por outra manifestou sua insatisfação deixando escapar resmungos emitidos por trás do *Daily Telegraph*; não seria melhor desistir?

Mas a casa parecia decente. Quando a porta se abriu, os pequenos Lasker Jones estavam brincando na escada — crianças adoráveis, acharam que ele era o “tio Peter” e agarraram-lhe as mãos; quando o deixaram sozinho na sala de estar com uma cópia do *Punch*, o senso de normalidade cresceu. Encarou o destino com tranqüilidade. Queria uma esposa para apoiá-lo socialmente, diminuir-lhe a lascívia e dar à luz seus filhos. Nunca achou que essa mulher poderia significar uma alegria completa — na pior das hipóteses, Dickie representara isso —, pois, durante a longa luta, esquecera o que era o amor, e não era a felicidade que procurava obter das mãos do senhor Lasker Jones, mas a bonança.

Ao ver esse cavalheiro, sentiu-se ainda mais aliviado, pois o médico combinava com sua idéia de homem da ciência. Lívido
e de semblante impassível, sentou-se num amplo aposento desprovido de quadros, diante de uma escrivaninha de tampo corrediço.

“Senhor Hall?”, disse, e ofereceu uma mão exangue. O sotaque era ligeiramente americano. “Bem, senhor Hall, o que o aflige?”

Maurice também tratou o assunto com imparcialidade. Parecia discutir o problema de outrem:

“Está tudo aqui”, anunciou, apresentando a declaração. “Já consultei um médico e não houve nada que ele pudesse fazer. Não sei se o senhor será capaz.”

A declaração foi lida.

“Não fiz mal em vir-lhe procurar, espero?”

“De forma nenhuma, senhor Hall. Setenta e cinco por cento de meus pacientes são de seu tipo. A declaração é recente?”

“Escrevi-a na noite passada.”

“E é fidedigna?”

“Bem, alterei um pouco os nomes e os lugares, naturalmente.”

O senhor Lasker Jones não pareceu achar que fosse natural. Fez várias

perguntas sobre o “senhor Cumberland”, pseudônimo que Maurice arranjara para Clive, e queria saber se alguma vez eles haviam tido relações: naqueles lábios, a questão soou curiosamente inofensiva. Ele não louvava, censurava ou se condoía: não se alarmou diante da repentina explosão de Maurice contra a sociedade. E embora ansiasse por compaixão — pois não ouvira uma palavra solidária durante o ano todo —, Maurice se contentou com receber nenhuma, pois ela poderia ter comprometido o propósito da visita.

Ele perguntou: “Como se chama meu problema? Tem um nome?”.

“Homossexualidade congenial.”

“Quanto dela é congenial? Bem, alguma coisa pode ser feita?”

“Ah, certamente, se o senhor consentir.”

“O fato é que tenho um preconceito antiquado contra o hipnotismo.”

“Receio que esse preconceito talvez perdure após conhecer a prática, senhor Hall. Não posso prometer a cura. Mencionei os outros pacientes, setenta e cinco por cento, mas fui bem-sucedido em apenas cinqüenta por cento deles.”

A confissão aumentou a confiança de Maurice: nenhum charlatão a teria feito.

“Não custa nada tentar”, ele disse, sorrindo. “O que devo fazer?”

“Simplesmente fique onde está. Farei alguns exames para determinar até onde essa tendência se enraizou. Poderá voltar (se assim desejar) para tratamento periódico, depois. Senhor Hall! Tentarei colocá-lo em transe e, se conseguir, farei algumas sugestões, as quais (esperamos) permanecerão consigo, tornando-se parte de seu estado normal quando despertar. Não deve resistir a mim.”

“Tudo bem, continue.”

Então o senhor Lasker Jones levantou-se da escrivaninha e sentou-se de modo casual no braço da poltrona de Maurice. O paciente sentiu como se estivesse prestes a sofrer a extração de um dente. Por algum tempo nada ocorreu, mas logo seu olho percebeu um foco de luz nas pás e tenazes de remexer o fogo, e o restante do aposento encheu-se de sombras. Podia enxergar o que estava vendo, mas pouco mais, e podia escutar a voz do médico, além da sua. Evidentemente estava entrando num transe, e o sucesso lhe deu uma sensação de orgulho.

“Você ainda não está completamente adormecido, creio.”

“Não, não estou.”

O médico realizou mais alguns passes.

“E agora?”

“Estou mais perto agora.”

“Bastante?”

Maurice fez que sim, mas não tinha certeza.

“Agora que adormeceu, o que acha de meu consultório?”

“É uma sala ótima.”

“Não está muito escura?”

“Um pouco escura.”

“Mas pode ver o quadro, não pode?”

Maurice então viu um quadro na parede em frente, mesmo sabendo que não havia nenhuma pintura ali.

“Dê uma olhada nele, senhor Hall. Aproxime-se. Tome cuidado com a fenda no carpete.”

“Qual é largura dela?”

“O senhor é capaz de saltá-la.”

Maurice imediatamente localizou a fenda e pulou, mas não estava convencido de que fora necessário.

“Admirável... Agora de quem acredita que seja o retrato, de quem é o retrato...?”

“De quem é o retrato...?”

“Edna May.”

“Senhor Edna May.”

“Não, senhor Hall, senhorita Edna May.”

“É senhor Edna May.”

“Ela não é bonita?”

“Quero ir para casa, quero ver minha mãe.” Os dois riram do comentário, o médico primeiro.

“A senhorita Edna May não é apenas bela, ela é atraente.”

“Ela não me atrai”, disse Maurice, amuado.

“Ah, senhor Hall, que comentário deselegante. Repare no cabelo adorável.”

“Prefiro cabelos curtos.”

“Por quê?”

“Porque posso acariciá-los...”, ele começou a chorar. Voltou a si na poltrona. Havia lágrimas no rosto, mas sentiu-se como antes e logo recomeçou a falar.

“Tive um sonho quando me acordou. É melhor que eu lhe conte. Achei que tinha visto um rosto e ouvi alguém me dizer ‘este é seu amigo’. Tem algum problema? Geralmente sinto isso, não consigo explicar, parece avizinhar-se de mim quando durmo, embora o sonho nunca chegue muito perto.”

“Chegou mais perto agora?”

“Bastante. É um mau sinal?”

“Ah, ah, não... O senhor está aberto a sugestões, está aberto... Fiz que avistasse um retrato na parede.”

Maurice assentiu: não se lembrava de nada. Houve uma pausa, durante a qual pagou dois guinéus e solicitou outra consulta. Combinaram que devia telefonar na semana seguinte. Durante esse meio-tempo, o senhor Lasker Jones queria que ele continuasse onde estava, no campo, sossegado.

Maurice não tinha dúvidas de que Clive e Anna o receberiam bem nem que a influência deles fosse adequada. Penge funcionava como uma substância emética. Ajudara-o a livrar-se da velha vida venenosa que lhe parecera tão doce, curara-o da ternura e da humanidade. Sim, ele voltaria para lá: mandaria um telegrama a seus amigos e pegaria o expresso da tarde.

“Senhor Hall, faça algum exercício moderado. Um pouco de tênis, ou saia para caçar.”

Maurice ainda disse: “Pensando bem, talvez não devesse voltar”.

“Por quê?”

“Bem, parece meio tolo fazer essa longa viagem duas vezes num só dia.”

“Prefere descansar em sua própria casa?”

“Sim... não... não, certo, voltarei a Penge.”

37

Ao voltar, gostou de saber que o casal preparava-se para partir numa campanha política e só voltaria no dia seguinte. Ele agora ligava menos para Clive do que Clive para ele. O beijo fora uma desilusão. Fora um beijo tão pudico e trivial, ai dele!, tão típico. Quanto menos se tinha, mais se supunha ter — de acordo com o que Clive ensinava. Não apenas a metade era maior que o todo — em Cambridge, Maurice acabou por aceitar isso —, mas agora ele lhe oferecia um quarto, dizendo que era maior que a metade. Será que o sujeito julgava que ele fosse feito de papel?

Clive explicou que não teria se ausentado caso Maurice houvesse dado esperanças de que iria retornar. Mas voltaria para o jogo, de qualquer modo. Anne sussurrou: “Teve sorte?”. Maurice respondeu: “Mais ou menos”, em conseqüência do que ela o acolheu sob suas asas, sugerindo que ele convidasse a jovem para visitar Penge. “Senhor Hall, ela é muito bonita? Estou convencida de que tem grandes olhos castanhos.” Mas Clive chamou-a para ir embora, e Maurice foi obrigado a passar a noite com a senhora Durham e o senhor Borenius.

Sentiu uma inquietude incomum. Lembrou-lhe a primeira noite em Cambridge, quando estivera nos aposentos de Risley. Parara de chover durante sua escapada a Londres. Desejou caminhar à tarde e assistir ao pôr-do-sol, ouvindo o gotejar das árvores. Fantasmagóricas, mas perfeitas, as prímulas noturnas ganhavam espaço entre os arbustos, estimulando-o com seus odores. Clive lhe mostrara prímulas noturnas no passado, mas nunca lhe contou que exalavam tal fragrância. Gostava de ficar no descampado, entre tordos e morcegos, esgueirando-se aqui e acolá, sem chapéu, até que o sino o convocasse para vestir-se para outra refeição, e as cortinas do quarto marrom se fechassem. Não, ele não era o mesmo; a recomposição de seu ser decerto havia começado em Birmingham, quando a morte não quis acolhê-lo, por isso não devia atribuir todo o crédito ao senhor Lasker Jones. Mais profundamente do que o esforço consciente, havia ali uma mudança, a qual, com sorte, poderia levá-lo aos braços da senhorita Tonks.

Enquanto caminhava, o homem que ele repreendeu pela manhã surgiu. Com

um toque no boné, perguntou se iria caçar no dia seguinte. Era óbvio que não, pois havia o jogo de críquete, mas a questão fora feita de modo a limpar o caminho para uma desculpa.

“Com certeza sinto muito por não ter conseguido satisfazer o senhor e o senhor London plenamente”, foi o que ele disse.

Maurice, que não mais alimentava nenhum sentimento de vingança, respondeu:

“Está tudo bem, Scudder.”

Scudder era uma importação: fazia parte da vida maior que viera dar em Penge com a política e Anne; era mais esperto do que o velho senhor Ayres, o zelador-chefe, e sabia disso. Sugeriu que não havia aceitado os cinco xelins porque se tratava de uma quantia demasiado grande; não disse por que havia aceitado os dez. Acrescentou:

“Estou feliz em vê-lo de novo tão cedo, senhor”, comentário que Maurice achou ligeiramente inapropriado, por isso repetiu:

“Está tudo bem, Scudder”, e entrou.

Naquela noite, vestiriam *smoking* — não fraque, pois só estavam em três —, e, embora houvesse respeitado esses requintes durante anos, de repente passara a considerá-los ridículos. De que importavam as roupas desde que houvesse comida e que as outras pessoas tivessem boa índole — pois não teriam? Quando ele tocou o tecido de sua camisa de gala, foi tomado por um senso de ignomínia, e sentiu que não tinha direito de criticar ninguém que vivia sobre a face da Terra. Como a senhora Durham parecia seca — era Clive sem a seiva. E o senhor Borenius — tão seco também! Mesmo assim, para ser justo com o senhor Borenius, ele podia surpreender. Em geral desdenhoso dos vigários, Maurice havia prestado pouca atenção nele e sobressaltou-se quando falou com convicção após a sobremesa. Presumira que o pároco ajudaria Clive na eleição. Mas ele disse:

“Não voto em ninguém que não comungue, como o senhor Durham compreende.”

“Os radicais estão atacando sua igreja, o senhor sabe”, foi tudo o que ele pôde pensar.

“É por isso que não voto no candidato radical. Ele é cristão, por isso naturalmente é o que deveria fazer.”

“Um pouco escrupuloso demais, senhor, se me permite dizer. Clive fará tudo o que o senhor quer que seja feito. Deve dar graças a Deus por ele não ser ateu. Há muitos desses por aí, o senhor sabe.”

Ele sorriu em resposta, e disse:

“O ateu está mais próximo do reino dos céus do que um helenista. ‘Se vós não fizerdes como meninos...’[12] E que é um ateu senão um menino?”

Maurice olhou para as mãos, mas, antes que pudesse vir com uma resposta, o criado apareceu e perguntou se ele tinha alguma ordem para o guarda-caças.

“Falei com ele antes do jantar, Simcox. Nada, obrigado. Amanhã é o jogo. Disse isso a ele.”

“Sim, mas ele quer saber se deseja ir ao lago entre as partidas, para nadar, senhor, agora que o tempo mudou. Scudder acaba de preparar o bote.”

“Muito gentil da parte dele.”

“Se o senhor Scudder estiver aí fora, gostaria de trocar uma palavra com ele”, disse o senhor Borenius.

“Pode transmitir o recado, Simcox? E também lhe diga que não vou nadar.” Quando o criado saiu, ele sugeriu: “Gostaria de conversar com ele aqui? Por mim, pode mandá-lo entrar”.

“Obrigado, senhor Hall, mas eu sairei. Acho que ele preferirá a cozinha.”

“Sem dúvida que sim. Há moças bonitas ali.”

“Ah! Ah!” Ele tinha o ar de alguém para quem a idéia de sexo ocorrera pela primeira vez. “O senhor por acaso não saberia dizer se ele tem alguém em vista, em termos matrimoniais, saberia?”

“Infelizmente, não... Eu o vi beijando duas garotas ao mesmo tempo, assim que cheguei, se isso é de alguma valia.”

“Às vezes ocorre que esses homens falam com maior franqueza quando estão por aí, caçando. O ar livre, o senso de camaradagem...”

“Mas não se abrem comigo. Archie London e eu ficamos um tanto irritados com o guarda-caças ontem, para dizer a verdade. Parecia ansioso demais para comandar o espetáculo. Achamos que era meio bicho-do-mato.”

“Desculpe o inquérito.”

“Não precisa se desculpar”, disse Maurice, aborrecido com o pároco por ele ter aludido tão presumidamente às delícias do ar livre.

“Para ser franco, gostaria de ver esse jovem em particular assentado com uma moça prestativa antes de fazer-se ao mar.” Sorrindo com doçura, acrescentou: “ Assim como todos os jovens”.

“Para onde ele está indo?”

“Ele pretende emigrar.” E, após entoar “emigrar” de modo particularmente irritante, o religioso retirou-se para a cozinha.

Maurice caminhou por cinco minutos entre os arbustos. A comida e o vinho

o deixaram acalorado, e refletiu com certa inconseqüência que mesmo o velho Chapman deve ter aprontado das suas. Apenas ele — segundo Clive — combinava pensamento avançado com a conduta de um professor de escola dominical. Mas não era Matusalém — tinha direito a ter suas aventuras. Ah, aquelas fragrâncias jubilosas, aqueles arbustos em cujo abrigo alguém podia ocultar-se, aquele céu tão negro quanto a vegetação! Estavam lhe virando as costas. Seu lugar era dentro de casa, e ele definharia, um respeitável pilar da sociedade que nunca tivera a oportunidade de portar-se mal. A alameda por onde caminhava abria-se, por meio de um portão de vaivém, para o parque, mas a grama úmida de lá poderia estragar seu calçado, por isso sentiu que devia voltar. Ao fazê-lo, esbarrou num par de calças de veludo cotelê, e foi seguro ali por um momento pelos cotovelos; era Scudder, que acabara de escapar do senhor Borenius. Ao ser solto, recaiu em devaneios. A caçada do dia anterior, que então lhe havia causado pouca impressão, começou ligeiramente a brilhar, e ele percebeu que, mesmo em meio ao seu fastio, havia estado vivo. Desse ponto, voltou aos incidentes de sua chegada, como o episódio do piano: então, para a frente, até os eventos do dia, começando com a gorjeta de cinco xelins e culminando com o que acabara de ocorrer. Quando chegou ao “agora”, foi como se uma corrente elétrica houvesse passado na cadeia de ocorrências insignificantes, de sorte que ele a soltou e deixou que refluísse novamente para a escuridão. “Maldição, que noite”, ele voltou a si, enquanto sopros de ar afagavam um ao outro. Então o vaivém do portão a distância, que estivera tilintando um pouco, pareceu estalar contra sua liberdade, e ele voltou para dentro.

“Oh, senhor Hall!”, gritou a velha senhora. “Que lindo o seu penteado.”

“Meu penteado?” Ele notou que sua cabeça estava toda amarelada, por causa do pólen das prímulas noturnas.

“Ah, não tire o pó. Gosto desse toque de cor em seus cabelos negros. Senhor Borenius, ele não parece um discípulo de Baco?”

O clérigo elevou os olhos míopes. Havia sido interrompido no meio de uma conversa séria.

“Mas senhora Durham”, ele persistiu, “segundo me dissera, de modo bastante seguro, todos os seus criados haviam recebido a crisma.”

“Foi o que imaginei, senhor Borenius, foi o que imaginei.”

“Porém, mal entro na cozinha e imediatamente descubro que Simcox, Scudder e a senhora Wetherall não foram crismados. Quanto a Simcox e à senhora Wetherall, posso dar um jeito. Scudder é um caso mais sério, pois não

tenho tempo de prepará-lo adequadamente antes de seu embarque, mesmo recorrendo ao bispo.”

A senhora Durham tentava parecer circunspeta, mas Maurice, de quem ela gostava, estava rindo. Ela sugeriu que o senhor Borenius desse uma carta a Scudder, endereçada a um pároco do exterior — sem dúvida haveria algum.

“Sim, mas será que ele a apresentará? Ele não demonstra hostilidade contra a Igreja, mas se daria ao trabalho? Se apenas tivesse sido alertado sobre quais dos seus criados foram crismados e quais não foram, a crise não teria surgido.”

“Os criados são tão desatenciosos”, lamentou a velha senhora. “Eles não me contam nada. Ora, Scudder pediu as contas a Clive do mesmo modo. O irmão dele o convidou. Por isso ele vai embora. Então, senhor Hall, dê-nos sua opinião sobre a crise: o que devemos fazer?”

“Seu jovem amigo condena a Igreja como um todo, de forma militante e triunfal.”

Maurice levantou-se. Se o clérigo não tivesse uma feição tão feia, não teria se importado, mas lhe era extremamente aviltante ver aquele rosto torto zombando da juventude. Scudder limpava as armas, carregava valises, preparava barcos, emigrava — ou seja, executava tarefas, enquanto a elite se aboletava em poltronas tentando encontrar falhas na alma dele. Podia-se entender que implorasse gorjetas, mas, se não o fizera, se sua desculpa fora genuína — ora, portanto, ele era um sujeito decente. Era obrigado a falar.

“Como sabe que ele comungará se for crismado?”, perguntou. “Eu não comungo.” A senhora Durham murmurejava uma melodia; a conversa estava indo longe demais.

“Mas foi-lhe dada a oportunidade. O padre fez o que pôde pelo senhor. Ele não fez o que fora possível por Scudder e, nesse sentido, é na Igreja que reside a culpa. É por isso que insisto tanto nesse ponto que ao senhor deve parecer bastante trivial.”

“Sou muito estúpido, mas creio que entendo: o senhor faz questão que ele e não a Igreja leve a culpa no futuro. Bem, senhor, essa pode ser sua idéia de religião, mas certamente não é a minha e não era a de Cristo.”

Era o discurso mais inteligente que poderia ter feito; desde o hipnotismo seu cérebro experimentara momentos de força incomum. Mas o senhor Borenius era indestrutível. Ele retrucou com voz doce:

“O descrente sempre tem uma idéia muito clara sobre como a crença deve ser; gostaria de ter metade dessa certeza.”

Então se ergueu e saiu. Maurice acompanhou-o pelo atalho que dava no

jardim da cozinha. Apoiado na parede estava o objeto da deliberação de ambos, sem dúvida à espera de uma das criadas; parecia estar rondando a propriedade naquela noite. Maurice não teria visto nada, de tão escura que estava a noite; foi o senhor Borenius quem pronunciou um “Boa noite, senhores” para ambos. Um aroma delicado de fruta perfumava o ar; poder-se-ia pensar que o rapaz havia furtado um damasco. As fragrâncias estavam por toda a parte naquela noite, apesar do frio, e Maurice retornou pelo caminho de arbustos, para poder inalar as prímulas noturnas.

Mais uma vez ouviu um zeloso “Boa noite, senhor” e, sentindo afeição pelo réprobo, respondeu:

“Boa noite, Scudder, ouvi dizer que vai emigrar.”

“É o que pretendo, senhor”, respondeu a voz.

“Bem, boa sorte para você.”

“Obrigado, senhor, parece-me bastante estranho.”

“Suponho que vá para o Canadá ou para a Austrália.”

“Não, senhor, para a Argentina.”

“Ah, um belo país.”

“Já o visitou, senhor?”

“Não, a Inglaterra é o lugar para mim”, disse Maurice, seguindo adiante e mais uma vez colidindo com as calças de cotelê. Conversa irrelevante, encontro desimportante, porém eram adequados à escuridão, à calada daquela hora, eram-lhe apropriados e, ao afastar-se, foi acompanhado por um sentimento de bem-estar que durou até ele chegar à casa. Pela janela pôde ver a senhora Durham toda relaxada e feia. Tão logo Maurice entrou, ela se recompôs, assim como ele, e trocaram alguns comentários artificiais sobre o dia do rapaz em Londres, antes de se despedirem.

Durante o último ano, dera para dormir mal e soube, logo que se deitou, que aquela seria uma noite exaustiva. Os eventos das últimas doze horas o deixaram excitado, e trombavam uns contra os outros em sua mente. Num momento vinha o cedo despertar; noutro, a viagem a Londres, a consulta, o retorno; e, por trás de tudo isso, escondia-se o medo de não ter dito algo durante a entrevista, algo que deveria ter dito; receava ter deixado de lado um elemento vital em sua confissão ao médico. Porém, o que poderia ser? Ele redigira a declaração ali mesmo, naquele quarto, no dia anterior, e ficara satisfeito então. Começou a preocupar-se — a despeito das advertências do senhor Lasker Jones, pois os introspectivos são mais difíceis de serem curados: devia deixar em suspenso as sugestões semeadas durante o transe, e nunca se preocupar com a possibilidade de elas virem a

germinar ou não. Mas não podia deixar de se inquietar, e Penge, em vez de ser um agente tranqüilizador, parecia o mais estimulante dos lugares. Como eram vívidas, embora complexas, suas impressões, tal qual um emaranhado de flores e frutos, enredavam-se em seu cérebro! Objetos que nunca havia visto, como a chuva baldeada de um barco, ele podia ver naquela noite, apesar de estarem bem encobertas pela cortina. Ah, se pudesse ir até lá! Ah, a escuridão — não a escuridão de uma casa que confina um homem no meio da mobília, mas a escuridão onde podia ser livre! Desejo vão! Ele pagara dois guinéus ao médico para cerrar ainda mais a cortina e logo, no cubículo castanho de tal aposento, a senhoria Tonks estaria aprisionada a seu lado. E, como se o fermento do transe continuasse a funcionar, Maurice teve a ilusão de que um retrato havia mudado, ora lhe obedecia a vontade, ora ia contra ela, ora era homem, ora mulher, e veio rolando pelo campo de futebol onde ele se banhava... Gemeu, semi-acordado. Havia algo melhor na vida do que esse lixo, se ao menos pudesse aproximar-se — amor — nobreza —, grandes espaços onde a paixão abraçava a paz, espaços em que nenhuma ciência podia alcançar, mas que sempre existiram, cheio de árvores alguns deles, e encimados por um céu majestoso e um amigo...

Ele realmente estava dormindo quando saltou da cama, puxou com força a cortina e gritou “Venha!”. A ação o despertou; por que fizera isso? Uma névoa cobria a grama do parque, e os troncos das árvores destacavam-se ali como marcas do canal num estuário perto de seu velho colégio. Estava muito frio. Ele tremeu e cerrou os punhos. A lua estava alta. Embaixo dele havia a sala de estar, e o homem que estivera consertando as telhas no telhado acima do vão havia deixado a escada encostada no peitoril da janela. Por que fizera isso? Ele balançou a escada e espiou o bosque, mas o desejo de ir até lá desapareceu assim que ficou pronto para descer. De que adiantava? Era velho demais para divertir-se no pântano.

Porém, ao voltar para a cama, ouviu um ligeiro ruído, um ruído tão íntimo que parecia ter surgido do interior de seu próprio corpo. Parecia ranger e crepitar, e ele viu o alto da escada tremular diante do céu banhado pelo luar. A cabeça e os ombros de um homem assomaram, pararam, uma arma foi apoiada com todo o cuidado sobre o peitoril, e alguém que ele mal conhecia aproximou-se dele, ajoelhou-se a seu lado e sussurrou:

“Senhor, estava me chamando?... Senhor, eu sei... Eu sei.”

E ele o tocou.

Parte IV

38

“Quer que eu vá embora, senhor?”

Bastante tímido, Maurice fingiu não ouvir.

“Mas não podemos cair no sono, seria embaraçoso se alguém entrasse aqui”, Scudder prosseguiu, com uma risada baixa e agradável, que fez Maurice sentir-se cordial, mas, ao mesmo tempo, acanhado e triste. Logrou responder “Não precisa chamar-me de senhor”, e a risada soou de novo, como que fazendo pouco de tais questões. A situação parecia charmosa e estimulante, mas seu desconforto crescia.

“Posso saber seu nome?”, perguntou, de modo arrevesado.

“Sou o Scudder.”

“Sei que é Scudder... Quero dizer, seu outro nome.”

“Apenas Alec.”

“Um belo nome esse.”

“É só o meu nome.”

“Sou Maurice.”

“Vi assim que chegou, quando foi?, na terça-feira; achei que me olhava de um jeito irritado, mas também gentil.”

“Quem eram aquelas moças com você?”, Maurice indagou, após uma pausa.

“Ah, eram só Milly e a prima dela. Então se lembra que o piano ficou todo molhado naquela mesma tarde, e que passou bastante tempo procurando um livro, que acabou não lendo?”

“Como sabe que não li o livro?”

“Vi que se debruçou na janela, em vez de ler. Também vi quando saiu na noite seguinte também. Eu estava no gramado.”

“Quer dizer, estava lá durante toda aquela chuva infernal?”

“Sim.... estava lá vigiando... Ah, não é nada, a gente precisa vigiar, não é?... Veja só, não vou ficar muito mais neste país, é o que venho dizendo.”

“Como eu o tratei mal nesta manhã!”

“Ah, não é nada... Desculpe a pergunta, mas aquela porta está trancada?”

“Vou trancá-la.” Mas, ao fazê-lo, a sensação de desconforto voltou. Para onde estava indo, de Clive para que tipo de amizade?

Logo adormeceram.

Dormiram separados no início, como se a proximidade os incomodasse, mas, à proporção que amanhecia, um movimento começou, e despertaram bem juntos, um nos braços do outro.

“Será que não é bom eu ir embora agora?”, repetiu, mas Maurice, que no início da noite fora atormentado pela sensação de que havia algo de errado, conquanto fosse melhor que houvesse, estava por fim descansando placidamente, e murmurou:

“Não, não.”

“Senhor, o sino da igreja já deu as quatro badaladas, o senhor tem de me deixar ir embora.”

“Maurice, meu nome é Maurice.”

“Mas a igreja...”

“Que se dane a igreja.”

Ele disse: “Tenho de ajudar a varrer o campo de críquete para o jogo”, mas não se moveu, e pareceu, naquele lusco-fusco cinzento, estar sorrindo, orgulhoso. “Tem os filhotes de aves também... O barco já está pronto... O senhor London e o senhor Fetherstonhaugh mergulharam entre as bandejas-d’água; disseram que todo cavalheiro sabe mergulhar, mas eu nunca aprendi. Me sinto melhor com a cabeça para fora da água. Para mim, é como afogar antes da hora.”

“Ensinaram-me que eu ficaria doente se não molhasse o cabelo.”

“Bem, para mim, me disseram o contrário.”

“Acho que sim... Faz parte da educação que eu tive. Um professor em quem eu confiava quando criança me ensinou isso. Ainda me lembro da vez que passeei pela praia com ele... oh, meu Deus! E a maré subiu, horrivelmente escura...” Despertou de vez ao sentir que seu companheiro lhe fugia. “Não vá, por quê?”

“Tem o jogo de críquete...”

“Não, não vai haver nenhum jogo de críquete... Você vai viajar.”

“Bem, a gente acha outra chance de ficar juntos, antes da viagem.”

“Se você ficar, eu lhe conto meu sonho. Sonhei com um velho avô meu. Era um sujeito maluco. Gostaria de saber o que você acharia dele. Costumava pensar que os mortos iam para o Sol, mas não tratava bem seus empregados.”

“Eu sonhei que o reverendo Borenius tentava me afogar, e agora eu tenho de ir mesmo, não posso falar dos sonhos, não entende?, ou vou levar bronca do senhor Ayres.”

“Você já sonhou que tinha um amigo, Alec? Nada mais que ‘meu amigo’,

ele procurando ajudar você e você a ele? Um amigo", repetiu, subitamente sentimental. "Alguém para a vida toda. Suponho que coisas assim não ocorram na vida real."

Mas o momento do discurso havia passado. O chamado da classe havia soado, a divisão dos mundos precisava reabrir com o nascer do dia. Quando o guarda-caças chegou à janela, Maurice chamou-o "Scudder!", e ele voltou-se como um cão bem treinado.

"Alec, você é um sujeito formidável e nós fomos muito felizes."

"Volte a dormir, não tem pressa no seu caso", ele disse, cortês, e apanhou a arma que os velara durante a noite. As pontas da escada tremeram na madrugada enquanto ele descia, e então pararam de se mexer. Houve ligeiros estalidos no cascalho, um pequeno tinir no portão que se postava entre o jardim e o parque: então, tudo voltou a ser como se nada houvesse ocorrido, e o silêncio absoluto preencheu o quarto marrom, rompido após algum tempo pelos sons de um novo dia.

39

Depois de ter destrancado a porta, Maurice enfiou-se correndo debaixo das cobertas.

“Cortinas fechadas, senhor? O ar está ótimo, um dia excelente para o jogo”, anunciou Simcox, entrando animado com o chá. Ele olhou a chusma de cabelos negros, que era tudo o que se podia avistar do hóspede. Não obteve resposta e, desapontado com a falta do bate-papo matutino que o senhor Hall até então lhe concedia, apanhou o *smoking* e os acessórios, levando-os para que fossem espanados.

Simcox e Scudder; dois criados. Maurice sentou-se e bebeu o chá. Ele precisava dar a Scudder um belo presente agora; de fato, era o que queria fazer, mas o que seria? Que se podia dar a um homem de seu nível social? Não uma motocicleta. Então lembrou que o rapaz iria viajar para o exterior, o que tornava o assunto mais fácil. Mas o olhar ansioso permaneceu em seu rosto, pois se perguntava se Simcox ficara surpreso por encontrar a porta trancada. E será que quis dizer algo com “Cortinas fechadas, senhor?”. Ouviu vozes embaixo da janela. Tentou adormecer de novo, mas as ações dos outros o impediram.

“O que vestirá agora, senhor?”, indagou Simcox, ao regressar. “Que tal suas calças de críquete imediatamente, talvez; no lugar das de *tweed*?”

“Está bem.”

“O casaco da universidade com elas, senhor?”

“Não... Pode deixar.”

“Muito bem, senhor.” Ele esticou um par de meias e continuou, com ar pensativo: “Ah, eles retiraram a escada, finalmente, pelo que vejo. Já era hora”. Maurice então viu que as pontas que cortavam o céu haviam desaparecido. “Podia jurar que estava aqui quando trouxe o chá, senhor. Mesmo assim, nunca se sabe.”

“Não, nunca se sabe”, concordou Maurice, falando com dificuldade e com uma sensação de atordoamento. Sentiu alívio quando Simcox o deixou sozinho, mas a impressão foi eclipsada ao pensar na senhora Durham e na mesa do café-da-manhã, e no problema acerca de um presente adequado para seu novo companheiro. Não podia ser um cheque, pois despertaria suspeita quando fosse

sacado. Ao vestir-se, um fio de desconforto ganhou força. Embora não fosse um dândi, possuía o costumeiro aparato de utensílios de toalete, como convém a um cavalheiro suburbano, e todos esses objetos agora lhe pareciam estranhos. Então, a campainha soou e, assim que estava pronto para descer para o desjejum, viu uma lasca de lama perto do peitoril da janela. Scudder fora cuidadoso, mas não o bastante. Sentia uma leve dor de cabeça e um pouco de tontura quando, vestido todo de branco, desceu para ocupar seu lugar na sociedade.

Cartas — uma pilha delas, e todas levemente irritantes. A de Ada era a mais cortês. Kitty dizia que a mãe parecia fatigada. Tia Ida — num cartão-postal — queria saber se o chofer devia obedecer a ordens, ou ela estaria enganada?, estultices administrativas, circulares sobre a instituição de ensino, o treinamento territorial, o clube de golfe e a Associação de Defesa da Propriedade. De forma bem-humorada, inclinou a cabeça diante da correspondência, em proveito de sua anfitriã. Quando ela mal correspondeu ao gesto, sentiu as faces queimarem. À senhora Durham só interessavam suas próprias cartas, mas ele não sabia disso, e ficou ainda mais cismado. Cada ser humano lhe parecia novo, e o aterrorizava: falava a uma raça cuja essência e cujo contingente lhe eram desconhecidos, e cujo próprio alimento tinha gosto de veneno.

Depois do desjejum, Simcox voltou à carga:

“Senhor, na ausência do senhor Durham, os criados gostaríamos... Daria-nos uma grande honra se concordasse em ser nosso capitão contra a vila, no jogo de hoje.”

“Não sou bom de críquete, Simcox. Quem é seu melhor rebatedor?”

“Não temos nenhum melhor do que o guarda-caças.”

“Pois o declare capitão.”

Simcox demorou para responder: “As coisas sempre se dão melhor quando um cavalheiro as comanda”.

“Diga-lhe para me colocar no fundo do campo... E não darei a primeira tacada: digamos, a oitava, se ele quiser... não a primeira. Pode dizer isso a ele, pois não entrarei no jogo até que seja a hora.” Ele fechou os olhos, sentindo-se nauseado. Havia criado algo cuja natureza ignorava. Caso tivesse alguma inclinação teológica, teria chamado o sentimento de remorso, mas sua alma era livre, apesar de confusa.

Maurice detestava o críquete. O jogo exigia um refinamento nos toques que não conseguia dominar; e, embora tivesse disputado muitas vezes por causa de Clive, não gostava de jogar com subalternos. No futebol era diferente — era capaz de levar na esportiva ali —, mas no críquete podia ser eliminado ou

punido por um palerma, e sentia que aquilo não lhe convinha. Esperou meia hora depois de saber que seu time havia ganho no cara ou coroa. A senhora Durham e duas ou três amigas já estavam aboletadas no abrigo. O silêncio reinava. Maurice agachou-se aos pés das damas e observou o jogo. Corria exatamente como nos outros anos. O restante de seu time era composto de criados e se reunia cerca de doze metros em torno do velho senhor Ayres, que contava os pontos: o senhor Ayres sempre contava.

“ O capitão se apresentou primeiro”, comentou uma senhora. “Um cavalheiro nunca faria isso. Pequenos detalhes me interessam.”

Maurice retrucou: “O capitão é nosso melhor homem, pelo que soube”.

Aos bocejos, ela logo desferiu sua crítica: tinha a impressão de que aquele homem era convencido. Sua voz soou lânguida no ar estival. Ele planejava emigrar, interveio a senhora Durham — como faziam os mais intrépidos —, a respeito de cujo comentário a conversa se encaminhou para a política e Clive. De queixo nos joelhos, Maurice ruminava. Uma onda de repulsa se formava dentro dele, e não sabia contra o que dirigi-la. Quer fosse quando as senhoras conversavam, quer fosse quando Alec bloqueava as bolas do senhor Borenius, quer fosse quando os vilãos aplaudiam ou deixavam de aplaudir, sentia-se indizivelmente oprimido: havia tomado uma droga desconhecida; havia abalado os alicerces de sua vida e não sabia dizer o que iria desmoronar.

Quando foi rebater, tratava-se de um novo *over*, de modo que Alec recebeu a primeira bola. Seu estilo se alterou. Abandonando a cautela, rechaçou a bola na direção das samambaias. Erguendo os olhos, cruzou com os de Maurice e sorriu. Bola perdida. Na vez seguinte atingiu uma meta. Não recebera treinamento específico, mas tinha jeito para o críquete, e o jogo tornou a ficar sério. Maurice também jogou bem. Sua mente havia aclarado e sentiu como se estivessem jogando contra o mundo todo: não eram apenas o senhor Borenius e os jogadores, mas também as senhoras no abrigo e toda a Inglaterra, todos cerravam forças em torno dos *wickets*. Maurice e Alec jogavam um pelo outro, e em prol de seu frágil relacionamento — se um caísse, o outro seria derrubado também. Não pretendiam causar nenhum mal ao mundo, mas, se ele os assaltasse, haveriam de castigá-lo, precisavam estar a postos e então atacar com toda a força, precisavam mostrar que, quando dois se juntam, as maiorias não triunfam. E, na continuidade, o jogo estabeleceu uma relação com a noite e a explicou. Clive não encontrou dificuldade para acabar com tudo. Quando ele entrou no campo, já não estavam mais na liderança; as pessoas viraram o rosto, o jogo esmoreceu e cessou. Alec cedeu o lugar. Era certo e apropriado que o patrão

rebatesse de imediato. Sem olhar para Maurice, ele afastou-se. Também vestia calças de flanela branca, e o caimento folgado fazia com que se parecesse com um cavalheiro ou com qualquer um deles. Posicionou-se diante do abrigo com dignidade e, quando Clive terminou de conversar, ofereceu-lhe o bastão, que Clive recebeu como coisa natural: então correu na direção do velho Ayres.

Maurice uniu-se ao amigo, tomado por um carinho espúrio.

“Clive... Oh, meu caro, já de volta? Não está terrivelmente cansado?”

“Houve reuniões até a meia-noite... E tenho outra esta tarde. Preciso rebater um minuto para satisfazer esse povo.”

“Quê! Vai me deixar de novo? Que atitude medonha!”

“Você tem toda a razão, mas voltarei esta noite e então sua visita de fato irá começar. Tenho centenas de coisas para lhe perguntar, Maurice.”

“Vamos, cavalheiros”, disse uma voz; era o diretor socialista do colégio, a distância.

“Estão nos repreendendo”, disse Clive, mas não se apressou. “Anne conseguiu livrar-se da reunião da tarde, de modo que poderá usufruir sua companhia. Ah, veja, consertaram mesmo a fenda adorável em cima da sala de estar. Maurice! Não, não consigo lembrar o que ia dizer. Vamos juntar-nos aos Jogos Olímpicos.”

Maurice saiu com a primeira bola. Clive gritou para que o esperasse, mas ele foi direto para a casa, pois sentia que a crise estava se avizinhando. Ao passar pelos empregados, a maioria deles levantou-se e o aplaudiu com entusiasmo, e o fato de Scudder não ter imitado os demais o deixou alarmado. Poderia sugerir impertinência? A testa franzida — a boca — talvez uma boca cruel; a cabeça um pouco pequena demais — por que a camisa estava aberta no pescoço daquele modo? Topou com Anne no saguão de Penge.

“Senhor Hall, as reuniões não cessaram.” Então viu o rosto dele, que estava branco-esverdeado, e exclamou: “Oh, mas o senhor não está bem!”.

“Eu sei”, ele confirmou, trêmulo.

Os homens não gostam de ser paparicados, de modo que ela apenas respondeu:

“Sinto muito. Mandarei que levem gelo para seu quarto.”

“A senhora tem sido sempre muito boa comigo.”

“E se chamássemos um médico?”

“Outro médico, jamais”, ele retrucou, febril.

“É natural que queiramos ser gentis com o senhor. Quando estamos feliz, queremos que os outros experimentem a mesma felicidade.”

“Não funciona.”

“Senhor Hall...”

“As coisas não funcionam do mesmo modo para todos. É por isso que a vida é esse inferno; se fizer algo está desgraçado e se não fizer, também”, ele interrompeu-se, e continuou: “O sol está quente demais... Apreciaria um pouco de gelo”.

Ela correu para buscar e, liberado, Maurice subiu às pressas para o quarto marrom. Apercebendo-se dos verdadeiros fatos da situação, sentiu-se violentamente nauseado.

40

Logo voltou a sentir-se bem, mas percebeu que tinha de sair de Penge. Trocou de roupa, pôs as calças de sarja, fez as malas, e em pouco tempo estava embaixo de novo com uma historiazinha conveniente.

“Peguei muito sol”, disse para Anne, “mas também recebi uma carta preocupante, e acho melhor voltar à cidade.”

“Muito, muito melhor”, ela exclamou, toda solícita.

“Sim, muito melhor”, repetiu Clive, que havia voltado do jogo. “Esperávamos que melhorasse até amanhã, Maurice, mas compreendemos perfeitamente; se precisa ir, que assim seja.”

E a velha senhora Durham também concordou. Devia haver um risível segredo de polichinelo acerca dessa garota de Londres, que tinha quase aceitado sua oferta de casamento, mas não inteiramente. Não importava quanto parecesse doente, ou quanto se comportasse de forma estranha, era oficialmente um apaixonado, e eles interpretavam tudo conforme lhes convinha, e o achavam adorável.

Clive o levou até a estação, pois era seu caminho. A estrada bordejava o campo de críquete, antes de enveredar pelo bosque. Scudder estava jogando agora, com ar arrojado e gracioso. Maurice estava perto e viu quando ele bateu com um pé sobre o chão, como que conclamando algo. Foi essa sua visão final, e se era de um demônio ou de amigo, não sabia dizer. Ah, a situação era desagradável — estava certo disso e, de fato, nunca hesitou até o fim de sua vida. Mas estar certo de uma situação e estar certo de um ser humano são coisas diferentes. Assim que se afastasse de Penge, poderia talvez ver as coisas com maior clareza; de todo modo, havia o senhor Lasker Jones.

“Que tipo de homem é seu guarda-caças, que foi nosso capitão hoje?”, perguntou a Clive, tendo ensaiado a frase em sua mente antes, para certificar-se de que não soava estranha.

“Está partindo este mês”, disse Clive, na convicção de que dava uma resposta. Felizmente estavam passando pelos canis naquele momento, e ele acrescentou: “Porém sentiremos falta dele com relação aos cães”.

“Mas não em outros aspectos?”

“Acredito que não daremos a mesma sorte. É sempre assim. É trabalhador, de qualquer modo, e decididamente inteligente, ao passo que o homem que vai substituí-lo...”, e, feliz com o fato de Maurice estar interessado, esboçou o esquema administrativo de Penge.

“Ele é direito?” O rapaz tremeu ao formular a pergunta suprema.

“Scudder? Um pouco esperto demais para ser direito. Contudo Anne dirá que não estou sendo justo. Não se pode esperar que os criados tenham nosso padrão de honestidade, não mais do que se espera deles lealdade ou gratidão.”

“Nunca conseguiria ter uma ocupação como a de administrar Penge”, prosseguiu Maurice, depois de uma pausa. “Nunca saberia que tipo de empregado selecionar. Veja Scudder por exemplo. De que tipo de lar ele vem? Não tenho a menor idéia.”

“O pai dele não era açougueiro em Osmington? Sim. Acho que sim.”

Maurice atirou o chapéu no chão do carro com toda a força. “Cheguei ao limite”, pensou, e afundou as mãos no cabelo.

“A cabeça está ruim de novo?”

“Péssima.”

Clive manteve um silêncio solidário, que não se desfez até que se separaram; durante todo o percurso Maurice permaneceu sentado, dobrado sobre si, com as palmas das mãos sobre os olhos. Toda a sua vida achara que sabia das coisas, sem que de fato soubesse de coisa alguma — era seu grande defeito de caráter. Soubera que era perigoso voltar a Penge, porque havia o risco de alguma loucura saltar do bosque. Mesmo assim voltara. Ficara tocado quando Anne dissera: “Ela tem grandes olhos castanhos?”. Soubera, de certo modo, que não devia debruçar-se na janela do seu quarto vezes sem conta, durante a noite, dizendo “Venha!”. Seu espírito interior era tão sensível aos estímulos quanto o da maioria dos homens, mas não conseguia interpretá-los. Somente atinava quando a crise já estava instalada. E esse enredamento, tão diferente de Cambridge, pareceu-lhe tanto com aquele que apenas tarde demais percebeu a armadilha. O quarto de Risley tinha uma contrapartida nas rosas silvestres e nas prímulas noturnas do dia anterior, a corrida de motocicleta pelas terras alagadas prenunciava seus lances no críquete.

Mas ele saíra de Cambridge como um herói, e de Penge, como traidor. Abusara da confiança de seu anfitrião e denegrira-lhe o lar durante sua ausência, insultando a senhora Durham e Anne. Quando chegou em casa, sobreveio um golpe ainda mais terrível: havia pecado contra a família. Nunca tinha se importado com elas até então. Eram tolas demais para que se desse ao trabalho

de ser agradável. Tolas continuavam sendo, mas não ousava mais aproximar-se delas. Entre ele e aquelas mulheres ordinárias crescia um fosso que as santificava. Seus mexericos, seu diz-que-diz sobre origem social, as reclamações acerca do motorista, tudo parecia empalidecer diante de uma mazela ainda maior. Quando sua mãe disse "Morrie, vamos bater um papinho", seu coração parou. Andavam pelo jardim, como costumavam uma década antes e ela lhe sussurrava o nome das plantas. Às vezes olhava para ela, às vezes para baixo; agora sabia muito bem o que queria com o jardineiro. E agora Kitty, sempre portadora de notícias, saiu correndo de casa sacudindo na mão um telegrama.

Maurice tremeu de raiva e de medo. "Volte, espero à noite na casa de barcos, Penge, Alec": uma bela mensagem para ser enviada através do telégrafo local! Provavelmente uma das criadas havia lhe fornecido o endereço, pois o telegrama fora preenchido com todas as informações do destinatário. Que bela situação! Continha todo ar de chantagem; na melhor das hipóteses era uma insolência inacreditável. Claro que não devia responder nem havia nenhuma possibilidade agora de dar um presente a Scudder. Ele misturara-se com alguém de outra classe social, e agora aprendia a lição.

Mas toda aquela noite seu corpo ansiou pelo de Alec, a despeito de si próprio. Classificou o sentimento de lascivo, uma palavra facilmente pronunciada, e a ela opôs seu trabalho, sua família, seus amigos, sua posição na sociedade. Nessa aliança deveria sem dúvida incluir-se sua vontade. Pois se a vontade fosse capaz de superar o sentimento de classe, a civilização tal como a conhecemos ruiria. Mas era impossível convencer o corpo, pois a sorte lhe arranjara um par perfeito. Nem argumento nem ameaça podiam silenciá-lo, de modo que, pela manhã, sentindo-se exausto e envergonhado, ligou para o senhor Lasker Jones e marcou uma segunda consulta. Antes de partir uma carta chegou. Veio na hora do café- da-manhã e ele a leu sob os olhos da mãe. Dizia o seguinte:

Senhor Maurice. Querido senhor,

Esperei duas noites na casa de barcos. Disse a casa de barcos, porque tinham levado embora a escada e no bosque é úmido demais para deitar. Por isso, por favor venha para a "casa de barcos" amanhã à noite, ou na outra, fale para os outros cavalheiros que quer dar uma volta, o que é fácil, e venha para a casa de barcos. Querido, vamos nos unir uma vez mais antes que eu abandone a Velha Inglaterra, se não for pedir muito. Tenho a chave e abro a porta para o senhor. Embarco no *S.S. Normannia,* no dia 29 de agosto. Desde o jogo de críquete

quero muito falar com o senhor, quero segurar o senhor com um dos meus braços, depois com dois, para nos unirmos; o que escrevi agora parece mais doce do que as palavras podem dizer. Sei muito bem que sou apenas um criado e nunca me aproveitaria de sua bondade afetuosa para tomar liberdades, ou para qualquer outra coisa.

Respeitosamente seu,
A. Scudder.
(guarda-caças de C. Durham, Esq.)

Maurice, esteve doente como dizem os empregados da casa? Espero que já esteja passando bem agora. Por favor, escreva se não puder vir, pois não tenho dormido esperando noite após noite; por isso venha sem falta à “Casa de Barcos de Penge” amanhã à noite, ou, no máximo, na noite seguinte.

Bem, o que isso queria dizer? A frase que mais chamou a atenção de Maurice foi “Tenho a chave”. Sim, ele tinha, e havia uma duplicata, mantida na casa, com um cúmplice, Simcox, decerto — Foi sob essa luz que ele interpretou a carta inteira. Sua mãe e a tia, o café que tomava, as canecas da universidade que havia no armário, todos diziam de formas variadas: “Se você for, estará arruinado; se responder à carta, será usada contra você. Está numa situação desagradável, mas tem uma vantagem: ele não tem nenhuma nota escrita por seu próprio punho e vai partir da Inglaterra em dez dias. Não mostre o jogo e espere pelo melhor”. Fez uma careta de desgosto. Filhos de açougueiros e todos os demais podem fingir ser inocentes e afetuosos, mas lêem o informativo do tribunal de polícia, eles sabem... Se for importunado mais uma vez, consultará um advogado confiável, assim como iria agora a Lasker Jones tratar do fiasco emocional. Ele fora muito tolo, mas se jogasse corretamente as cartas nos próximos dez dias, deveria sair-se bem.

41

“Bom dia, doutor. Acha que consegue dar um jeito desta vez?”, ele começou, de modo um tanto atrevido; então se atirou na poltrona, semicerrou os olhos e disse: “Vá em frente”. Tinhas ganas de ser curado. O conhecimento dessa consulta lhe deu forças para lutar contra o vampiro. Assim que se sentisse normal, poderia liquidar com ele. Ansiava pelo transe, durante o qual sua personalidade se dissolveria e seria sutilmente reformada. Pelo menos teria cinco minutos de olvido, enquanto a vontade do médico se esforçaria para penetrar na sua.

“Logo darei início ao procedimento, senhor Hall. Mas primeiro me diga como tem passado.”

“Ah, o de sempre. Ar fresco e exercício, como o senhor recomendou. Tranqüilo.”

“Tem freqüentado a companhia feminina com algum prazer?”

“Havia algumas senhoras em Penge. Fiquei apenas uma noite ali. A noite do dia da consulta; na sexta-feira, voltei a Londres... quer dizer, para casa.”

“Tinha intenção de ficar mais tempo com seus amigos, creio.”

“Acho que sim.”

Lasker Jones então se sentou no braço da poltrona.

“Relaxe agora”, ele disse, calmamente.

“Muito bem.”

O médico repetiu os passes. Maurice mais uma vez fixou o olhar nas pás e tenazes de remexer o fogo.

“Senhor Hall, está entrando em transe?”

Houve um longe silêncio, rompido por Maurice, que declarou em tom grave:

“Não tenho muita certeza.”

Tentaram de novo.

“O quarto está todo escuro, senhor Hall?”

Maurice respondeu: “Um pouco”, na esperança de que ele assim estivesse. E, de fato, escureceu um pouco.

“O que está vendo?”

“Bem, se está escuro, não pode esperar que eu veja alguma coisa.”

“Que viu da última vez?”

“Um quadro.”

“Isso mesmo, e o que mais?”

“Que mais?”

“Que mais? Uma fen... fen...”

“Uma fenda no chão.”

“E então?”

Maurice mudou de posição e disse: “Saltei sobre ela”.

“E então?”

Ele não disse nada.

“E então?”, a voz persuasiva repetiu.

“Estou ouvindo”, disse Maurice. “O problema é que não adormeci. Fiquei um pouco confuso no começo, mas agora estou tão desperto quanto o senhor. Talvez precise fazer uma nova tentativa.”

Tentaram de novo, sem êxito.

“Que diabos aconteceu? O senhor me tirou do jogo na semana passada com a primeira tacada. Qual é sua explicação?”

“O senhor não pode resistir a mim.”

“Mas que droga, não estou resistindo.”

“Está se mostrando menos sugestionável do que da última vez.”

“Não sei o que isso quer dizer, pois não sou especialista nesse jargão, mas posso jurar, do fundo do coração, que quero ser curado. Quero ser como os outros homens, não um proscrito que ninguém quer...”

Fizeram nova tentativa.

“Quer dizer que sou um dos vinte e cinco por cento que fracassam?”

“Pude trabalhar um pouco com o senhor na semana passada, mas esses súbitos aborrecimentos de fato ocorrem.”

“Então sou um súbito aborrecimento? Bem, não se dê por vencido, não desista”, ele gargalhou, em falsa caçoada.

“Não proponho que desistamos, senhor Hall.”

Mais uma vez, falharam.

“E o que vai acontecer comigo?”, indagou Maurice, com a voz subitamente baixa. Estava desesperado, mas o senhor Lasker Jones tinha uma resposta para todas as questões. “Receio que somente posso aconselhá-lo a mudar-se para um país que tenha adotado o código de Napoleão”,[13] disse.

“Não entendo.”

“Na França ou na Itália, por exemplo. Onde a homossexualidade não é mais

um crime.”

“Quer dizer que um francês pode unir-se a um amigo e não ir para a cadeia?”

“Unir-se? Quer dizer ter relações? Se ambos são maiores de idade e evitam o escândalo público, decerto que sim.”

“Essa lei algum dia será aprovada na Inglaterra?”

“Duvido. A Inglaterra nunca esteve disposta a aceitar a natureza humana.”

Maurice compreendeu. Era inglês e apenas seus próprios problemas o mantinham atento para a questão. Abriu um sorriso triste.

“A conclusão, portanto, é a seguinte: sempre houve pessoas como eu e sempre haverá, gente que em geral foi perseguida.”

“Essa é a verdade, senhor Hall; ou, como os psiquiatras preferem dizer, sempre houve, há e haverá todo tipo concebível de pessoa. E é preciso lembrar que os de sua espécie outrora eram condenados à morte na Inglaterra.”

“Mesmo? Por outro lado, podiam fugir. A Inglaterra nem sempre foi murada e policiada. Homens de minha espécie podiam refugiar-se na floresta.”

“Com efeito? Não sabia.”

“Ah, é apenas uma teoria minha”, declarou Maurice, pagando os honorários. “Causa-me estranheza que não tenha havido mais influência dos gregos, dos guardiões de Tebas e tudo o mais. Bem, não seria impossível. Não vejo como teriam se mantido unidos de outra forma, especialmente quando advêm de classes tão diferentes.”

“Uma hipótese interessante.”

Sentindo escaparem-lhe as palavras, ele disse: “Não fui honesto com o senhor”.

“De fato, senhor Hall.”

Que tranqüilidade conversar com aquele homem! A ciência é melhor do que a compaixão, se é que se tratava de ciência.

“Desde a última vez que vim aqui, cometi uma transgressão com... Ele não passa de um guarda-caças. Não sei o que fazer.”

“Dificilmente poderia dar-lhe um conselho nesse campo.”

“Sei disso. Mas pode me dizer se é ele quem está tolhendo o processo de hipnose. É o que me pergunto.”

“Ninguém pode ser tolhido contra a vontade, senhor Hall.”

“Achava que ele estivesse me impedindo de entrar em transe; queria (isso parece tolo) que não calhasse de ter uma carta dele em meu bolso... Leia-a, veja por si mesmo. Sinto como se estivesse simplesmente andando à beira de um

vulcão. É um homem rude; estou à mercê dele. Será que ele teria um caso para levar aos tribunais?”

“Não sou advogado”, respondeu, sem altear a voz, “mas não creio que possamos deduzir que a carta contenha alguma ameaça. É um assunto que deve discutir com seu advogado, não comigo.”

“Sinto muito, mas é um alívio. Será que o senhor não me faria o imenso favor de me hipnotizar mais uma vez? Sinto que agora posso dormir, pois lhe contei tudo. Tinha esperanças de ser curado sem me confessar. Será que há coisas tais como um homem obter o poder sobre o outro por meio dos sonhos?

“Posso tentar desde que o senhor me garanta que sua confissão desta vez será completa. Do contrário, estaríamos desperdiçando meu tempo e o seu.”

Foi completa. Ele não poupou nem o seu amante nem a si mesmo. Após ter detalhado tudo, a perfeição da noite tomou ares de uma grosseria transitória, semelhante à que seu pai havia se permitido, trinta anos atrás.

“Sente-se de novo.”

Maurice ouviu um ruído ligeiro e virou-se.

“São apenas meus filhos brincando no andar de cima.”

“Quase chego a acreditar em fantasmas.”

O silêncio voltou a reinar. O sol vespertino lançava seus raios amarelos pela janela, que caíam sobre a escrivaninha de tampo corrediço. Dessa vez Maurice fixou a atenção nisso. Antes de recomeçar, o médico pegou a carta de Alec e solenemente a queimou até que fosse reduzida a cinzas em frente de seus olhos.

Nada aconteceu.

42

Ao satisfizer as demandas do corpo, Maurice havia confirmado — essa mesma palavra foi usada no veredicto final —, ele havia confirmado a perversão de seu espírito, que o afastava do convívio dos homens comuns. Em sua irritação, tartamudeou: “O que quero saber é... O que não sei lhe dizer nem o senhor a mim... como um caipira como aquele podia saber tanto sobre mim? Como foi que irrompeu no quarto naquela noite, quando eu me encontrava particularmente fraco? Nunca teria deixado ele me tocar se meu amigo estivesse na casa, pois, droga, sou um cavalheiro — fiz escola pública, tomei parte do grupo de elite da universidade e assim por diante —, ainda agora não consigo acreditar que tenha sido com ele”. Arrependido por não ter possuído Clive quando viviam no calor da paixão, ele partiu, abandonou seu último abrigo, enquanto o médico dizia, com ar indiferente: “O ar fresco ainda é capaz de produzir maravilhas”. O médico queria atender o próximo paciente e não dava importância a tipos como Maurice. Não ficou chocado como o doutor Barry, mas enfadado, e nunca mais pensou no jovem invertido.

No degrau da porta, Maurice voltou a experimentar algo — seu antigo eu talvez, pois, ao seguir adiante, uma voz brotou de sua mortificação, e a entoação lembrou-lhe Cambridge; uma voz jovem e impetuosa que escarnecia dele por ser estúpido. “Você se arranjou bem dessa vez”, parecia dizer, e quando Maurice parou diante do parque, porque o rei e a rainha estavam passando, desprezou-os ao mesmo tempo em que tirava o chapéu. Era como se a barreira que o mantinha apartado de seus companheiros tivesse tomado um outro aspecto. Ele não tinha mais medo ou vergonha. Afinal, as florestas e a noite estavam do seu lado, não deles; eram eles, não Maurice, que estavam confinados num cercado. Ele agira mal e ainda estava sendo punido — agira mal, contudo, porque tentara obter o melhor dos dois mundos. “Mas eu preciso ser fiel à minha classe, isso é certo”, insistiu.

“Muito bem”, disse seu velho eu. “Agora vá para casa e amanhã de manhã não esqueça de pegar o trem das 8h36 para o trabalho, suas férias terminaram, lembre-se disso, e não se esqueça de nunca mais virar a cabeça, como talvez tenha vontade de fazer, na direção de Sherwood.”

“Não sou um poeta, não sou esse tipo de imbecil...”

O rei e a rainha desapareceram em seu palácio, o sol se punha atrás das árvores do parque, que se dissolviam numa imensa criatura que tinha dedos e punhos verdes.

“A vida natural, Maurice? Você não faz parte dela?”

“Bem, o que você chama ‘vida natural’ deveria ser o mesmo que minha vida cotidiana, o mesmo que a sociedade. Precisamos sempre zelar uns pelos outros, como Clive disse uma vez.”

“Muito bem. Que grande pena, os fatos não dão a mínima para Clive.”

“De todo modo, preciso ser fiel à minha classe.”

“A noite está chegando, tem de ser rápido então: pegue um táxi, seja rápido como seu pai, antes que as portas se fechem.”

Chamando um, ele conseguiu apanhar o trem das 6h20. Outra carta de Scudder o aguardava na bandeja de couro, no saguão. Logo reconheceu a letra, o “Senhor M. Hall”, em lugar do “Esq.”, os selos colados de forma mal-ajambrada. Ficou ao mesmo tempo apreensivo e irritado, contudo não tanto quanto ficaria pela manhã, pois, conquanto a ciência houvesse perdido a esperança nele, ele não havia perdido a esperança em si próprio. Afinal o inferno verdadeiro não era melhor do que o paraíso artificial? Não se arrependia de ter escapado às manipulações do senhor Lasker Jones. Pôs a missiva no bolso do colete, onde permaneceu sem ser lida enquanto ele jogou baralho e ouviu como o chofer pedira demissão; era impossível saber para onde iam os empregados nos dias de hoje: em resposta à sua sugestão de que os criados são de carne e osso, como eles próprios, a tia apenas soltou um alto “Eles não são”. Ao dormir, beijou a mãe e Kitty sem o receio de estar conspurcando-as; a breve santidade delas havia findado, e tudo o que faziam ou diziam remetia-as à antiga insignificância. Assim, não foi com nenhum sentimento de traição que trancou a porta e ficou cinco minutos observando a noite suburbana. Ouviu as corujas, o apito de um bonde distante e o próprio coração batendo mais alto do que ambos. A carta era terrivelmente longa. O sangue começou a pulsar em seu corpo à medida que a desdobrava, mas manteve a mente serena, e conseguiu lê-la como um todo, não apenas frase por frase.

Senhor Hall, o senhor Borenius acabou de falar comigo. Senhor, não acho que tenha sido justo comigo. Vou viajar na semana que vem, pelo *S.S. Normannia*. Escrevi ao senhor que estava de partida, não é justo que não tenha escrito para mim. Venho de uma família respeitável, não acho que é justo me

tratar como um cão. Meu pai é um comerciante respeitável. Ficarei sozinho na Argentina. O senhor diz: “Alec, você é um sujeito adorável”, mas não escreve. *Eu sei sobre o senhor e o senhor Durham*. Por que pediu para que o chamasse de “Maurice”, para depois me tratar de modo tão injusto? Senhor Hall, vou para Londres na terça-feira. Se não quer que eu apareça em sua casa, diga onde em Londres, é melhor que vá ao meu encontro, ou poderá se arrepender. Senhor, nada digno de nota ocorreu depois que foi embora de Penge. O críquete parece ter acabado, certas árvores grandes perderam algumas folhas, muito cedo no ano. O senhor Borenius falou com o senhor sobre certas moças? É impossível deixar de ser um pouco bruto, está na natureza dos homens, mas não pode me tratar como um cão. Foi antes de o senhor vir para cá. É natural desejar uma garota, não podemos ir contra a natureza humana. O senhor Borenius soube das moças nas aulas de comunhão. Acabou de falar comigo. Nunca agi daquele modo com um cavalheiro antes. O senhor ficou irritado porque eu o incomodei tão cedo? Senhor, foi culpa sua, pois estava pensando em mim. Eu tinha meu trabalho, era criado do senhor Durham, não do senhor. Não sou seu empregado, não deixarei que me trate como seu empregado, e não me importo que todos saibam disso. Mostrarei respeito *apenas quando for o caso*, o que quer dizer diante de um cavalheiro que é cavalheiro. Simcox me disse que o senhor devia ser o oitavo a atacar. Eu o pus em quinto lugar, mas eu era capitão, então não tem o direito de me tratar mal por causa disso.

Cordialmente,
A. Scudder
p. s. *Eu sei de uma coisa.*

A última frase era o ponto mais extraordinário, mas Maurice pôde ruminar sobre a carta como um todo. É claro que havia uma dose de fofoca desagradável no submundo, acerca dele e de Clive, mas que importância tinha isso agora? Que importava se alguém os vira no quarto azul, ou entre as samambaias, e fizera mau juízo deles? O que lhe interessava era o presente. Por que Scudder mencionou tal boataria? O que estaria tramando? Por que alardeara essas palavras, algumas imundas, muitas imbecis, algumas graciosas? Enquanto lia a carta, na verdade, Maurice podia sentir seu fedor, que precisava comunicar a seu advogado, mas, quando a colocou sobre a mesa e acendeu o cachimbo, pareceu-lhe o tipo de missiva que ele próprio poderia ter escrito. Atabalhoada? Que tal atabalhoada? Se for isso, seria do seu feitio. Ele não queria essa carta, não sabia

o que ela pretendia — meia dúzia de coisas, provavelmente —, mas não podia ser frio e duro a seu respeito, não podia agir como Clive acerca da velha questão do *Banquete*, e dizer: “Eis certa declaração, farei com que se atenha a ela”. Ele respondeu: “a.s. Sim. Encontre-me terça 5 da tarde entrada Museu Britânico. m.b. Um prédio grande. As pessoas conhecem. m.c.h.”. Essa atitude lhe pareceu a melhor coisa a ser feita. Os dois eram renegados, e se fosse resultar em briga era melhor que não fosse diante da sociedade. Quanto ao local de encontro, ele o escolhera porque era improvável que fossem incomodados ali por alguém das suas relações. Pobre Museu Britânico, casto e solene! O jovem sorriu, seu rosto tornou-se malicioso e feliz. Sorriu também ao pensar que Clive não havia conseguido escapar à lama afinal e, embora seu rosto tivesse agora adquirido traços mais duros e menos agradáveis, mostrava que era um atleta emergindo ileso de um ano de sofrimento.

Seu novo vigor persistiu na manhã seguinte, quando voltou ao trabalho. Após seu fracasso com Lasker Jones, ansiava pelo trabalho como um privilégio diante do qual se sentia quase indigno. Era para tê-lo reabilitado, de modo que pudesse manter a cabeça erguida em casa. Mas agora este também ruía e mais uma vez teve vontade de rir — perguntou-se por que havia se enganado durante tanto tempo. A clientela dos senhores Hill e Hall derivava da classe média média, cujo maior desejo parecia ser o de proteção — proteção constante —, não um covil na escuridão onde se abriga do medo, mas proteção em todos os lugares e momentos, até que a existência da terra e do céu fosse esquecida, proteção contra a pobreza, a doença, a violência e a falta de educação; e, conseqüentemente, contra a alegria; Deus lhes dera, sorrateiramente, essa retribuição. Ele podia ver em seus rostos, como nos rostos dos funcionários e sócios, que nenhum deles conhecera a felicidade verdadeira. A sociedade lhes provera por completo. Nunca tiveram de lutar, e apenas a luta é capaz de entrelaçar o sentimento e o desejo, combinando-os no amor. Maurice teria sido um bom amante. Poderia ter dado e recebido um prazer sério. Mas com esses homens os fios não se entrelaçavam; ou eram ilusórios ou obscenos, e em seu estado de espírito atual, era o último que menos desprezava. Eles costumavam vir procurá-lo e pedir ações que rendessem seis por cento. Ele respondia: “O senhor não pode combinar altos juros com segurança... Não se faz isso”. E, no final, apenas diziam: “Que tal seria se investisse a maior parte de meu dinheiro em papéis de quatro por cento, e jogasse com cerca de cem libras?”. Mesmo assim, eles contemplavam um pequeno vício — não grande demais, com receio de que a aposta perturbasse a domesticidade, mas o suficiente para mostrar que a

virtude deles era uma farsa. E até o dia anterior ele os adulara.

Por que ele deveria servir a tais homens? Começou a discutir a ética de sua profissão, como um estudante inteligente, mas seus companheiros de viagem, na cabine de trem, não o levaram a sério. “O jovem Hall está certo”, foi o veredicto. “Ele nunca perderá um único cliente, não ele.” E diagnosticaram um cinismo não de todo impróprio num homem de negócios. “E aposto que ele anda investindo cada vez mais. Lembra-se daquela conversa dele sobre os cortiços, na última primavera?”

43

A chuva estava caindo como antes, tamborilando em milhares de telhados e, de vez em quando, logrando entrar nas casas. Misturava-se à poluição e fazia com que a fumaça dos veículos e o cheiro das roupas molhadas pairassem, combinados, no ar, pelas ruas de Londres. No grande átrio do museu, podia cair incessante como chumbo nas pombas enlameadas e nos capacetes da polícia. A tarde estava tão negra que algumas das luzes foram acesas do lado de dentro, e o grande edifício sugeria uma tumba, miraculosamente iluminada pelos espíritos dos mortos.

Alec chegou antes, não mais vestindo um traje de veludo cotelê, mas um terno novo, azul, e um chapéu-coco — parte de sua indumentária para a Argentina. Ele provinha, como havia alardeado, de uma família respeitável — estalajadeiros e pequenos comerciantes — e foi apenas por acidente que surgiu como filho indomado dos bosques. De fato, gostava das árvores, do ar puro e da água, apreciava-os mais do que tudo e gostava de proteger e de destruir a vida, mas as florestas não continham nenhuma “oportunidade”, e era mister que os moços ambiciosos as abandonassem. De modo cego era o que estava determinado a fazer. O destino pusera uma armadilha em suas mãos e ele estava disposto a fazê-la funcionar. Pisou firme pelo pátio e então subiu a escada numa série de saltos; tendo alcançado o abrigo do pórtico, parou, imóvel, exceto pelo abrir e fechar dos olhos. Essas mudanças súbitas de ritmo eram típicas naquele homem, que sempre avançava como um escaramuçador, estava constantemente “a postos” como Clive declarara em sua carta de recomendação; “durante os cinco meses que A. Scudder esteve a meu serviço, agiu com empenho e presteza”: eram qualidades que propunha exibir agora. Quando a vítima surgiu, ele tornou-se em parte cruel, em parte assustado. Conhecia os cavalheiros, conhecia os camaradas; mas que classe de criatura era esse senhor Hall, que lhe dissera “me chame de Maurice”? Estreitando bem os olhos, postou-se como se aguardando ordens do lado de fora da varanda de Penge.

Maurice aproximava-se do dia mais perigoso de sua vida sem dispor de nenhum plano, embora algo não cessasse de encrespar-se em sua mente, como músculos sob uma pele saudável. Não vinha sustentado pelo orgulho, mas sentia-

se em forma, ansioso para encarar o jogo, e, como convinha a um inglês, com a esperança de que seu oponente também se sentisse preparado. Queria ser decente, não tinha medo. Quando viu o semblante de Alec brilhando através do ar sujo, sentiu o próprio rosto formigar e decidiu não atacar, a não ser que fosse atacado.

"Aí está você", disse, erguendo o par de luvas até o chapéu. "Esta chuva é o cúmulo. Vamos conversar lá dentro."

"Onde quiser."

Maurice observou-o com certo sentimento de camaradagem, e entraram no edifício. Nisso, Alec ergueu a cabeça e espirrou como um leão.

"Pegou um resfriado? É esse clima."

"Que lugar é este?", ele perguntou.

"Coisas velhas que pertencem à nação." Eles pararam no corredor dos imperadores romanos. "Sim, o tempo está ruim. Só houve dois dias bons. E uma noite", acrescentou, maliciosamente, surpreendendo a si próprio.

Mas Alec não se deixou levar. Não era o início que estava aguardando. Esperava por sinais de medo, contra o qual o lado subalterno que havia nele podia investir. Fingiu não entender a alusão e espirrou de novo. O barulho ecoou pelos vestíbulos, e seu rosto, convulso e distorcido, tomou uma súbita aparência de cobiça.

"Fico feliz que tenha me escrito essa segunda vez. Gostei das suas duas cartas. Não estou ofendido... Nunca fez nada de errado. Foi engano seu quanto ao críquete e ao resto. Vou lhe dizer de saída que gostei de estar com você, se é essa a questão. É? Quero que me diga. Não sei."

"O que está aqui? *Isso* não é um engano?" Ele tocou o bolso do colete, de modo significativo. "Foi o senhor quem escreveu. E o senhor e o nobre local... *Isso* também não é engano... embora algumas pessoas talvez quisessem que fosse."

"Não force esse assunto", disse Maurice, mas sem indignação, e lhe pareceu estranho que não tivesse nenhuma e que até mesmo o Clive de Cambridge houvesse perdido sua aura de santidade.

"Senhor Hall, reconhece que não seria muito bom se algumas coisas viessem à tona, não é?"

Maurice se viu procurando compreender o que havia por trás das palavras.

Alec continuou, tentando ganhar o controle da situação.

"Tem mais. Eu sempre fui um moço respeitável até que o senhor me chamou para seu quarto, para se divertir comigo. Não parece muito justo que um

cavalheiro force a gente a isso. Pelo menos é o que meu irmão acha.” Ele fraquejou ao proferir as últimas palavras. “Meu irmão está esperando lá fora, na verdade. Ele quis vir para falar com o senhor, me deu a maior bronca, mas eu disse, ‘Não Fred, não, o senhor Hall é um cavalheiro e podemos confiar que vai agir como um cavalheiro, por isso deixe isso comigo’. Foi o que eu disse, ‘e o senhor Durham, ele também é um cavalheiro, sempre foi e sempre será’.”

“Com relação ao senhor Durham”, disse Maurice, sentindo-se inclinado a falar sobre esse ponto: “É bem correto que um dia eu gostei dele e ele gostou de mim, mas isso mudou, e agora não tenho mais afeição por ele nem ele por mim. Acabou”.

“O que acabou?”

“A nossa amizade.”

“Senhor Hall, ouviu o que eu estava dizendo?”

“Ouvi tudo o que disse”, retrucou Maurice, pensativo, e continuou exatamente no mesmo tom: “Scudder, por que acha que é ‘natural’ ter carinho tanto por homens quanto por mulheres? Foi o que disse na carta. Não soa natural para mim. Realmente comecei a pensar que ‘natural’ apenas diz respeito a si próprio”.

O homem parecia interessado.

“Não consegue fazer um filho seu, então?”, perguntou, tornando-se mais duro.

“Fui a dois médicos para tratar desse assunto. Nenhum dos dois me serviu.”

“Então, não consegue?”

“Não, não consigo.”

“Quer?”, perguntou, como que hostil.

“De nada adianta querer.”

“Posso me casar amanhã se eu quiser”, bazofiou. Enquanto falava, deu com a visão de um touro alado, assírio, e sua feição se alterou, num deslumbramento ingênuo. “Esse é bastante grande, não é?”, observou. “Devem ter tido um maquinário extraordinário para fabricar peças como essas.”

“Acho que sim”, disse Maurice, também impressionado. “Não saberia dizer. Aqui parece haver outro.”

“Um par, digamos. Teriam sido ornamentos?”

“Este aqui tem cinco pernas.”

“O meu também. Que idéia curiosa.” Cada qual de pé ao lado de seu monstro, eles se olharam e sorriram. Então o rosto de Scudder endureceu de novo e ele disse: “Não adianta, senhor Hall. Conheço o seu jogo, mas não me

enganará duas vezes, e é melhor ter uma conversa entre amigos comigo do que esperar por Fred, é o que posso dizer. O senhor se divertiu e agora precisa pagar por isso". Ficava belo quando ameaçava, até mesmo a pupila de seus olhos, que continha um brilho maligno. Maurice fitou-o, gentil mas argutamente. E nada resultou daquele desabafo. Resvalou para longe como uma crosta de lama. Murmurando algo sobre "vou deixar o senhor sozinho para que pense a respeito", ele sentou-se num banco. Maurice logo se uniu a ele. Por quase vinte minutos foi isto o que ocorreu: ficaram andando de sala em sala, como se estivessem em busca de algo. Fitavam uma deidade ou vaso, e então se deslocavam num impulso único: e essa concórdia era o mais estranho de tudo, pois, em tese, estavam em guerra. Alec recomeçou com suas insinuações — horríveis, reptilianas —, mas, de certo modo, não poluíam os silêncios interpostos, e Maurice não teve medo nem raiva, somente pena de ver um ser humano metido em tamanha confusão. Quando se dignava a responder, seus olhos se encontravam, e o sorriso de Maurice às vezes refletia nos lábios de seu algoz. Aumentava a crença de que aquela situação era como um anteparo — quase um embuste —, que escondia algo real, que ambos desejavam. Sério e de bom humor, ele continuava a manter-se reservado e, se não tomou a ofensiva, era porque seu sangue não fervia mais. Para colocar a situação em movimento, era necessário um choque externo, e foi o acaso que o proporcionou.

Estava debruçado sobre uma maquete da acrópole, a testa um pouco franzida e os lábios murmurando "entendo, entendo, entendo". Um cavalheiro perto dele o entreouviu, adiantou-se, fitou-o através dos óculos de lentes grossas e exclamou:

"Ora, veja! Posso esquecer os rostos, mas nunca uma voz. Veja! O senhor é um dos meus antigos alunos." Era o senhor Ducie.

Maurice não respondeu. Alec aproximou-se para participar.

"Decerto esteve na escola do senhor Abraham. Agora, espere! Espere! Não me diga o nome. Quero lembrar. Vou lembrar. Não é Sanday, não é Gibbs. Eu sei. Eu sei. É Wimbleby."

Era bem do senhor Ducie atrapalhar-se com os fatos! Maurice teria respondido ao ser chamado pelo nome, mas agora estava inclinado a mentir; estava cansado da infindável inexatidão que lhe havia causado tanto sofrimento. Respondeu:

"Não, meu nome é Scudder."

A retificação escapou-lhe com o primeiro nome que lhe ocorrera. O nome estava pronto para ser colhido e, ao proferi-lo, Maurice soube por quê. Mas, no

instante de iluminação, o próprio Alec falou:

“Não, não é” — disse ao senhor Ducie —, “e eu tenho uma grave acusação contra esse cavalheiro.”

“Sim, gravíssima”, acrescentou Maurice, e pôs a mão no ombro de Alec, de modo que seus dedos tocaram a nuca: fez o gesto meramente porque sentiu vontade, sem nenhuma outra intenção.

O senhor Ducie não percebeu. Homem ingênuo, achou que se tratava de uma pilhéria sem graça. O sujeito moreno não devia ser Wimbleby, se afirmava o contrário. Ele disse:

“Sinto muito, senhor, é muito raro eu me enganar”, e então, determinado a mostrar à dupla que não era um velho tolo, discursou sobre o assunto do Museu Britânico: não era apenas uma coleção de obras raras, mas um lugar em torno do qual se podia imaginar... eh... os menos afortunados, é bem verdade... Um lugar estimulante... Suscitava questões até mesmo na mente dos rapazes... Que sem dúvida se pode responder inadequadamente; foi assim até que uma voz paciente disse, “Bem, estamos à sua espera”, e o senhor Ducie uniu-se à esposa. Nisso, Alec de súbito se afastou, resmungando:

“Está certo... Não o incomodarei mais.”

“Aonde você vai com sua grave acusação?”, perguntou Maurice, repentinamente formidável.

“Não sei.” Ele olhou para trás; seu rubor se destacava diante dos heróis, perfeitos mas exangues, que nunca conheceram a estupefação ou a infâmia. “Não se preocupe, não farei nenhum mal agora: vejo que tem muita coragem.”

“Para os diabos com a coragem”, disse Maurice, num acesso de raiva.

“Tudo isso não vai adiante...” Ele bateu na própria boca. “Não sei o que deu em mim, senhor Hall; não quero prejudicar ninguém, nunca quis.”

“Você me chantageou.”

“Não, senhor, não...”

“Sim, foi chantagem.”

“Maurice, escute, eu só...”

“Agora sou Maurice?”

“Chamou-me de Alec... Sou tão bom quanto você.”

“Não acho que seja!” Houve uma pausa antes da tempestade; então ele explodiu: “Por Deus, se tivesse me entregado ao senhor Ducie, eu o teria partido em dois. Poderia me custar centenas de libras, mas posso dispor delas, e a polícia sempre está do lado
de gente como eu, contra vocês. Não sei. Iriam metê-lo na prisão, por

chantagem, depois do quê... Eu teria estourado os miolos".

"Teria se matado? A morte..."

"Eu teria sabido então que o amava. Tarde demais... Tudo sempre é tarde demais." As fileiras de velhas estátuas rodopiavam, e ele se ouviu acrescentar: "Esqueça o que eu disse, mas vamos para fora, não podemos conversar aqui". Eles saíram do enorme e superaquecido edifício, passaram pela biblioteca, supostamente católica, à procura da escuridão e da chuva. No pórtico, Maurice estacou e disse, amargamente: "Esqueci. Seu irmão?".

"Está na casa de meu pai. Não sabe de nada... Estava apenas tentando..."

"Chantagear-me."

"Você não entende?..." Sacou do bolso o telegrama de Maurice. "Pegue se quiser... Não quero... Nunca quis... Acho que este é o fim."

Decerto que não era. Incapaz de se afastarem um do outro, mas sem saber o que viria em seguida, andaram furibundos pelo derradeiro cintilar do dia sórdido; a noite, sempre a mesma em sua qualidade, finalmente adveio, e Maurice recobrou o autocontrole e pôde observar o novo material que a paixão lhe trouxera. Numa praça deserta, contra o cercado que cingia algumas árvores, interromperam o passo, e ele começou a discutir a crise.

Mas à medida que ia ficando mais calmo, o outro ficava mais feroz. Era como se o senhor Ducie tivesse estabelecido um furioso desequilíbrio entre eles, de forma que um deles atacava tão logo seu companheiro se cansava de bater. Alec bradou, selvagem:

"Chovia muito mais forte do que agora na casa de barcos, e estava ainda mais frio lá. Por que não foi?"

"A confusão."

"Não entendi."

"Você precisa compreender que estou sempre confuso. Não fui nem escrevi porque queria me livrar de você, sem de fato querer. É difícil de explicar. Você ficava me atraindo de volta e eu fiquei terrivelmente assustado. Senti sua força quando tentei adormecer no consultório do médico. Você me atacou com firmeza. Sabia que havia algo de ruim ali, mas não atinava o quê, por isso preferi fingir que era você."

"O que era, então?"

"A... situação."

"Não entendi. Por que não foi à casa de barcos?"

"Meu medo... E sua inquietação era medo também. Desde o jogo de críquete você permitiu-se ter medo de mim. É por isso que estivemos tentando subjugar

um ao outro, e ainda estamos.”

“Eu não ia tirar um centavo seu, não ia machucar um fio de cabelo”, ele rosnou, e fez tinir as barras que o mantinham afastado das árvores.

“Mas ainda está fazendo de tudo para me ferir, em sua mente.”

“Por que foi falar que me ama?”

“Por que me chama de Maurice?”

“Ah, vamos parar de falar. Aqui...” Ele estendeu a mão. Maurice a apanhou e, naquele momento, experimentaram o maior triunfo que o homem comum pode conquistar. O amor físico significava reação, sendo em sua essência o pânico, e Maurice via agora como era natural que o abandono primitivo de ambos em Penge conduzisse ao perigo. Sabiam muito pouco um sobre o outro — sabiam demais. Daí o medo. Daí a crueldade. E ele exultou por ter compreendido a infâmia de Alec por intermédio da própria desonra — vislumbrando, não pela primeira vez, o gênio que se oculta na alma atormentada do homem. Não como um herói, mas como um companheiro, ele havia resistido às ameaças e, por trás delas, havia descoberto a puerilidade, e, conseqüentemente, algo mais.

Logo o outro falou. Espasmos de remorso e arrependimento o quebrantaram; era como alguém que vomitasse o veneno. Então, recobrando a sanidade, começou a contar tudo a seu amigo, já não mais envergonhado. Contou-lhe sobre suas relações... Também estava enredado em sua classe. Ninguém sabia que estava em Londres — em Penge, imaginavam que estava na casa do pai; na casa do pai, que estava em Penge — tinha sido muito difícil. Agora precisava voltar para casa, encontrar-se com o irmão, com quem iria para a Argentina: seu irmão que tinha ligações com o comércio, e a mulher do irmão; e ele misturava ao discurso algumas notas de fanfarrice, como fazem pessoas cuja educação não é exatamente literária. Ele vinha de uma família respeitável, repetiu, não se curvava diante de nenhum homem, não ele, pois era tão bom quanto qualquer cavalheiro. Mas, enquanto ele se jactava, seus braços alcançavam os de Maurice. Mereciam tais carícias... a sensação era estranha. As palavras extinguiam-se aos poucos para de súbito recomeçarem. Era Alec que as arriscava.

“Fique comigo.”

Maurice desviou-se, e os músculos de ambos se retesaram. Mas agora estavam apaixonados, de forma consciente.

“Passe a noite comigo. Eu conheço um lugar.”

“Não posso, tenho um compromisso”, disse Maurice, o coração aos pulos. Um jantar formal o aguardava, um evento do tipo que trazia trabalho à sua

empresa e ao qual não podia faltar. Quase havia esquecido o compromisso. “Preciso deixá-lo agora e trocar de roupa. Mas, olhe só: Alec, seja razoável. Encontre-me outra noite, qualquer dia.”

“Não posso vir para Londres de novo... Meu pai ou o senhor Ayres podem acabar falando um com o outro.”

“Que importa se falarem?”

“Que importa seu compromisso?”

Ficaram novamente em silêncio. Então Maurice disse, num tom ao mesmo tempo afetuoso e descorçoado: “Está certo. Aos diabos com isso”, e eles prosseguiram juntos, na chuva.

44

“Alec, acorde”

Um braço mexeu.

“É hora de discutirmos nossos planos.”

Ele aninhou-se mais, mais desperto do que pretendia, quente, vigoroso, feliz. Maurice também estava tomado pela felicidade. Moveu-se, sentiu o abraço em resposta e esqueceu o que ia dizer. Banhava-os a luz vinda do mundo exterior, onde ainda chovia. Um hotel estranho, um refúgio casual que os protegia de seus inimigos por algum tempo a mais.

“Hora de acordar, garoto. Amanheceu.”

“Levanta aí, então.”

“Como posso me erguer, se está me segurando?”

“Ah, como é nervosinho, vou ensinar você a se comportar.” Não agia mais de modo respeitoso. O Museu Britânico havia curado isso. Não tinha de trabalhar, estava em Londres com Maurice, todos os problemas resolvidos: queria cair no sono e vagabundear, gracejar e fazer amor.

Maurice queria a mesma coisa, o que era mais agradável, mas o futuro impendente o distraía, a luz ao redor tornava o aconchego irreal. Algo tinha de ser dito e resolvido. Ah, pois a noite se encerrava, assim como o sono e a vigília, a brutalidade e o carinho misturados, o caráter doce, a segurança na escuridão! Seria possível reviver uma noite como essa?

“Você está bem, Maurice?”, pois ele havia suspirado. “Está confortável? Deite a cabeça aqui em meus ombros um pouco mais, do jeito que gosta, um pouco mais... Isso, assim, mais, e não se preocupe. Você está comigo. Não se preocupe.”

Sim, estava com sorte, sem dúvida. Scudder mostrou que era honesto e bondoso. Era uma companhia adorável, um tesouro, um galanteador, um em um milhão, o sonho tão sonhado. Mas seria corajoso?

“É bom ficar assim com você...”, seus lábios estavam tão perto agora que mal chegava a ser uma alocução. “Quem podia dizer...

A primeira vez que eu vi você, pensei ‘Queria que eu e esse aí’, bem desse jeito.... ‘será que eu e ele...’ e é assim.”

“Sim, é por isso que precisamos lutar.”

“Quem quer lutar?” Ele parecia irritado. “Já teve luta demais.”

“O mundo inteiro está contra nós. Precisamos recobrar o domínio de nós mesmos e fazer planos enquanto há tempo.”

“Por que está dizendo essas coisas? Para que estragar tudo?”

“Porque é preciso que se diga. Não vamos permitir que as coisas dêem errado; vão terminar nos ferindo, como em Penge.”

Alec súbito esfregou-o com o dorso crestado de sol de sua mão e disse:

“Sim, dói, não dói, deveria doer. É assim que *eu* luto.” Machucava um pouco, e recorrer à brincadeira sugeria uma espécie de ressentimento. “Nem me fale de Penge”, ele continuou. “Ah! Droga! Penge, onde sempre fui um criado e era Scudder faça isso e Scudder faça aquilo, e a velha, que acha que ela me disse um dia? Ela disse: ‘Oh, poderia fazer-me o imenso favor de postar essa carta para mim meu bom rapaz, qual é mesmo seu nome?’. Qual era meu nome? Todos os dias, durante seis meses, eu ia àquele maldito alpendre de Clive, para receber ordens, e a mãe não sabia meu nome? É uma vaca. Eu disse para ela, ‘Qual é seu nome? Foda-se seu nome’. Não disse, mas quase. Queria ter dito. Maurice, você não acreditaria como tratam os empregados. Não dá para explicar, é chocante demais. Aquele Archie London que estava sempre com você é da mesma laia, e você também, você também. ‘Eia, meu rapaz’ e por aí vai. Você nem sabe como quase me perdeu. Por pouco não subi por aquela escada quando me chamou: ‘Ele não me quer na verdade’, pensei; e fiquei profundamente irritado quando não apareceu na casa de barcos, como mandei. É muito cheio de si! Ora, vejamos. A casa de barcos é um lugar que sempre me agradou. Eu ia até lá fumar um cigarro antes mesmo de ter conhecido você, era fácil destrancar a porta, ainda tenho a chave, na verdade... Da casa de barcos tem-se uma excelente vista do lago, muito tranqüilo, de vez em quando um peixe saltando, e as almofadas do modo como as dispus ali.”

Ficou em silêncio depois do desabafo. Começara de modo grosseiro, alegre, de certo modo artificial, então a voz aos poucos foi ficando triste, à medida que a verdade subia à superfície e tornava-se insuportável.

“Ainda vamos nos encontrar na casa de barcos”, disse Maurice.

“Não, não vamos.” Ele o empurrou, suspirou, puxou-o para si, empregando certa violência e o abraçou como se o mundo estivesse acabando. “Você se lembrará disso, de todo modo.” Alec levantou-se e olhou a atmosfera cinza do lado de fora, os braços pendentes ao lado, as mãos vazias. Era como se quisesse ser lembrado desse modo. “Eu podia ter matado você.”

“Ou eu a você.”

“Onde foram parar minhas roupas e aquilo?” Parecia aturdido. “É tão tarde. Não tenho nem uma lâmina de barbear. Não pensei em passar a noite aqui... Tenho... tenho de pegar o trem logo ou Fred vai ficar pensando coisas.”

“Deixe que pense.”

“Meu Deus, se Fred me visse com você aqui agora.”

“Bom, ele não viu.”

“Poderia ter visto... O que quero dizer é, amanhã é quinta, não é? Sexta-feira, tenho de fazer as malas. No sábado o *Normannia* sai de Southampton, então é adeus para a velha Inglaterra.”

“Quer dizer que não nos veremos mais?”

“Isso mesmo. Foi o que entendeu.”

Se ao menos não estivesse chovendo! Uma manhã úmida, após a chuvarada de ontem, deixara molhados os telhados e o museu, sua casa e os bosques. Controlando-se e escolhendo com cuidado as palavras, Maurice disse:

“É justamente sobre isso que queria falar com você. Por que não combinamos as coisas de modo que possamos nos ver de novo?”

“Que quer dizer?”

“Por que não fica na Inglaterra?”

Alec soltou um assobio, aterrorizado. Seminu, parecia também semi-humano: “Ficar?”, rosnou. “Perder a viagem, você é louco?
É a maior de todas as idiotices que já ouvi. Quer me dar ordens de novo, hein?”

“O fato de termos nos conhecido foi uma chance em um milhão, nunca mais se repetirá, e você sabe disso. Fique comigo. Nós nos amamos.”

“Verdade, mas não é desculpa para agirmos feito imbecis. Ficar com você, e como e onde? O que sua mãe diria se me visse todo grosseiro e feio do jeito que sou?”

“Ela nunca o verá. Eu sairei de casa.”

“E onde vai morar?”

“Com você.”

“Ah, comigo? Não, obrigado. Minha gente não vai gostar nem um pouquinho de você, e quem pode culpá-los? E como vai fazer com seu emprego, eu gostaria de saber.”

“Vou me livrar dele.”

“Seu emprego em Londres que dá a você dinheiro e posição social? Não pode jogar fora um emprego.”

“Pode-se, quando se quer”, disse Maurice, gentilmente. “Pode-se fazer

qualquer coisa, quando se sabe o que é.” Ele fitou a luz pardacenta, que ganhava reflexos amarelados. Nada o surpreendia naquela conversa. O que não podia prever era o resultado. “Vou trabalhar com você”, sugeriu: chegara o momento do anúncio.

“Que trabalho?”

“Nós encontraremos.”

“Vamos morrer de fome enquanto procuramos.”

“Não. Há dinheiro para nos manter enquanto procuramos. Não sou estúpido, nem você. Não morreremos de fome. Pensei bastante nisso, pois fiquei acordado à noite enquanto você dormia.”

Houve uma pausa. Alec continuou, de modo mais educado:

“Não dá certo, Maurice. Ia ser a nossa ruína, não vê, tanto a sua quanto a minha.”

“Não sei de nada. Pode ser. Pode não ser. A diferença de ‘classe’. Não sei. Só sei o que podemos fazer hoje. Damos o fora daqui, tomamos um café-da-manhã decente e vamos para Penge, ou aonde quer que você queira ir. Vamos falar com esse seu Fred. Você diz a ele que mudou de idéia sobre emigrar e que vai aceitar um emprego do senhor Hall. Eu vou com você. Não me importo. Vejo qualquer pessoa, enfrento qualquer um. Se quiserem desconfiar, que desconfiem. Estou cansado. Diga para Fred cancelar a passagem, eu o reembolsarei, e esse é o primeiro passo para nossa liberdade. Depois, daremos o próximo. É um risco, como tudo. Só vivemos uma vez.”

Alec riu de modo cínico e continuou a vestir-se. Seus modos lembravam os do dia anterior, embora não estivesse chantageando.

“Você fala como alguém que nunca teve de trabalhar para viver”, retrucou. “Quer me prender dizendo que me ama ou o diabo e aí arruína minha carreira. Sabe que tenho um emprego garantido, para mim, na Argentina? Igual a você aqui. Pena que o *Normannia* vai partir no sábado. Mesmo assim, é a vida, comprei todas as minhas coisas, além da passagem, e o Fred e a mulher dele estão me esperando.”

Maurice conseguiu ver, por meio da arrogância, a aflição que havia por trás, mas, dessa vez, de que lhe adiantava a perspicácia? Nenhuma perspicácia impediria o *Normannia* de içar velas. Havia perdido. Era certo que estava destinado ao sofrimento, embora este talvez logo terminasse para Alec; quando partisse para sua nova vida, iria esquecer sua escapada com um cavalheiro e, no tempo certo, contrairia matrimônio. Jovem e sagaz trabalhador que sabia onde estavam seus interesses, já havia enfiado seu belo corpo em seu horrível terno

azul. O rosto dali despontava, corado, as mãos bronzeadas. Ele alisou bem o cabelo.

“Bom, estou de saída”, disse, e como se não fosse o bastante: “Uma pena a gente ter se conhecido, se for pensar bem”.

“Está tudo certo”, disse Maurice, desviando o olhar enquanto o outro destrancava a porta.

“Você pagou pelo quarto adiantado, não pagou? Não vão me parar lá embaixo? Não quero que tenha nada de desagradável no final.”

“Está tudo certo.” Ele ouviu a porta se fechar e ficou só. Esperou que o amado retornasse. A espera era inevitável. Então sentiu os olhos doerem e sabia de antemão o que viria em seguida. Logo conseguiu controlar-se. Levantou-se e saiu, deu alguns telefonemas e explicações, apaziguou os ânimos da mãe, pediu desculpas ao anfitrião, barbeou-se e ajeitou-se, dirigiu-se ao escritório como de hábito. Muito trabalho o aguardava. Nada havia mudado em sua vida. Nada havia restado também. Estava de volta à sua vida como ela fora antes de Clive, como fora após Clive, e agora seria para sempre. Havia fracassado, e isso não era o mais triste: vira Alec falhar. De certo modo eram uma só pessoa. O amor havia falhado. O amor era uma emoção pela qual às vezes é possível divertir-se, mas era incapaz de realizar qualquer coisa.

45

No sábado, ele foi a Southampton, ver a partida do *Normannia*.

Era uma decisão fantástica, inútil, indigna, arriscada, e ele não tinha a menor intenção de ir até lá quando saiu de casa. Mas, quando chegou a Londres, o desejo que o consumiu noite após noite veio à tona e exigiu que ele se rendesse, e esqueceu tudo, exceto o rosto e o corpo de Alec, e fez a única coisa que estava a seu alcance para tornar a vê-los. Não queria falar com seu amante nem ouvir sua voz, tampouco queria tocá-lo — tudo isso havia terminado —; apenas desejava recapturar sua imagem antes que ela desaparecesse para sempre. Pobre e miserável Alec! Quem podia culpá-lo, como poderia ter agido de outra forma? Ah, mas a aflição que estava causando a ambos!

Subiu à embarcação numa espécie de devaneio e despertou diante de um novo desconforto: Alec não estava à vista, em nenhum lugar. Os camareiros estavam ocupados e demorou bastante tempo para que o conduzissem até o senhor Scudder, um insípido homem de meia-idade, um comerciante, um grosseirão — o irmão Fred: com ele estava um velho barbudo, possivelmente o açougueiro de Osmington. O principal encanto de Alec era a tez fresca que contrastava com a cabeleira: Fred, facialmente semelhante, era ferrugento e vulpino, e a untuosidade havia substituído o toque do sol. Como Alec, Fred tinha um juízo bastante alto de si, mas o conceito do irmão mais velho relacionava-se ao êxito comercial, que abomina o trabalho braçal. Não apreciava ter um irmão que havia escolhido o serviço pesado, e achou que o senhor Hall, de quem nunca tinha ouvido falar, estava lá para tratá-lo com condescendência. Por isso, assumiu ares arrogantes.

“Licky ainda não está a bordo, mas a bagagem dele está”, disse. “Quer ver a bagagem?”

O pai acrescentou: “Ainda tem muito tempo”, e olhou para o relógio, enquanto a mãe dizia, espremendo os lábios: “Ele não vai demorar. Quando Licky promete, ele cumpre”.

Fred retrucou: “Ele pode atrasar quanto quiser. Se não gosta da minha companhia, posso agüentar, mas não vá esperando que eu ajude de novo. O que ele já me custou...”.

“Aqui é o lugar de Alec”, Maurice refletiu. “Essa gente o fará mais feliz do que eu.” Encheu o cachimbo com o tabaco que vinha fumando nos últimos seis anos e viu o sonho definhar. Alec não era nem herói nem deus, mas um homem como ele, enredado na sociedade, para quem o mar, os bosques, a brisa fresca e o sol não preparavam nenhuma apoteose. Não deviam ter passado a noite juntos no hotel, pois isso despertara esperanças demasiado elevadas. Deviam ter se despedido com aquele aperto de mão, na chuva.

Um estado de fascinação mórbida o manteve preso aos Scudder, escutando suas vulgaridades e tentando descobrir gestos de seu amigo nos deles. Procurou ser agradável e ganhar-lhes a simpatia, mas não conseguiu; toda a sua autoconfiança havia desaparecido. Enquanto ruminava, uma voz baixa disse: “Boa tarde, senhor Hall”. Foi incapaz de responder. A surpresa era grande demais. Era o senhor Borenius. E os dois posteriormente se lembraram desse silêncio inaugural, o olhar assustado de Maurice e o rápido movimento com o qual removeu o cachimbo da boca, como se fumar fosse proibido pela Igreja.

O senhor Borenius apresentou-se com desenvoltura ao grupo; havia vindo despedir-se de seu jovem paroquiano, já que Penge não ficava muito longe dali. Especularam sobre que caminho Alec teria tomado — parecia haver alguma incerteza —, e Maurice tentou escapar, pois a situação se tornara embaraçosa. Mas o senhor Borenius o impediu. “Vai ao convés?”, perguntou. “Eu também, eu também.” Voltaram ao ar e à luz diurna; os dourados bancos de areia da costa de Southampton alongavam-se ao redor, fazendo fronteira com a Floresta Nova. Para Maurice, a beleza da tarde parecia pressagiar o desastre.

“Ora, mas foi muita gentileza de sua parte”, disse o clérigo, começando de imediato. Falava como se fosse de um assistente social para outro, mas Maurice julgou haver um véu em sua voz. Tentou responder — duas ou três frases normais o teriam salvado —, mas não conseguiu emitir nenhuma palavra, e seu lábio inferior tremia como o de um garoto ressentido. “E mais gentil ainda, pois, se me lembro bem, o senhor desaprovara as atitudes do jovem Scudder. O senhor me disse quando jantávamos em Penge que ele era ‘meio bicho-do-mato’, expressão que me causou estranheza ao ser empregada para descrever um semelhante. Quase não consegui acreditar em meus olhos quando o vi entre os amigos dele, aqui. Acredite-me, senhor Hall, ele apreciará sua atenção, muito embora possa não demonstrar. Homens como ele são mais impressionáveis do que o observador supõe. Tanto para o bem quanto para o mal.”

Maurice tentou interrompê-lo dizendo: “Bem, e quanto ao senhor?”.

“Eu? Por que *eu* vim? O senhor decerto vai rir. Vim trazer uma carta de

recomendação a um padre anglicano em Buenos Aires, na esperança de que o rapaz seja crismado depois de desembarcar. Absurdo, não é? Mas como não sou nem ateu nem helenista, acredito que a conduta depende da fé, e, se um homem é ‘meio bicho-do-mato’, a causa pode estar numa visão equivocada de Deus. Onde há heresia, a imoralidade mais cedo ou mais tarde despontará. Mas o senhor... Como soube tão precisamente o horário de partida do navio?”

“Foi... foi anunciado nos jornais.” O tremor espalhou-se pelo corpo e suas roupas grudavam na pele. Parecia ter regressado à escola, indefeso. Tinha certeza de que o reitor havia adivinhado, ou melhor, que uma onda de entendimento havia passado. Um homem mundano não teria suspeitado de nada — o senhor Ducie não havia —, mas aquele senhor tinha um sentido especial, sendo ligado ao espírito, e podia farejar emoções invisíveis. O ascetismo e a piedade tinham seu lado prático. Podiam gerar discernimento, como Maurice descobriu, tarde demais. Achara, em Penge, que um pároco de feições macilentas, metido numa batina, nunca poderia ter imaginado o amor entre homens, mas percebia agora que não havia segredo da humanidade que, a partir de um ângulo equivocado, a ortodoxia não houvesse contemplado, via que a religião é muito mais arguta do que a ciência, e se ao menos aquela unisse bom senso à perspicácia, seria a maior coisa do mundo. Como ele próprio era destituído do sentimento religioso, até então nunca o havia encontrado em outra pessoa, e o choque foi terrível. Ele temia e odiava o senhor Borenius. Queria matá-lo.

E Alec — quando chegasse, também seria lançado à armadilha. Ambos eram gente pequena, não podiam correr riscos. Eram muito menores, por exemplo, do que Clive e Anne — e o senhor Borenius sabia disso, e os puniria por intermédio dos únicos meios que estavam em seu alcance.

A voz continuou; parara por um instante para o caso de a vítima ter pretendido retrucar.

“Sim. Para falar com franqueza, não me sinto muito tranqüilo em relação ao jovem Scudder. Antes de ele partir de Penge na terça-feira, para ir à casa dos pais, conforme me afirmara (ainda que só tivesse chegado lá na quarta), tive com ele uma conversa muito insatisfatória. O moço foi duro. Resistiu a mim. Quando falei da crisma, foi zombeteiro. O fato é (não poderia tê-lo mencionado ao senhor se não fosse o seu caridoso interesse no rapaz), o fato é que ele cometeu o delito da sensualidade.” Houve uma pausa. “Com mulheres. A seu tempo, senhor Hall, pode-se reconhecer o sorriso sardônico, o caráter empedernido, pois a fornicação vai muito além do ato em si. Se fosse um ato apenas, não teria denunciado o anátema. Mas quando as nações caem em tentação, terminam por

negar a Deus, suponho, e até que todas as irregularidades sexuais, e não apenas algumas delas, sejam sujeitas a pena, a Igreja nunca reconquistará a Inglaterra. Tenho razões para crer que ele tenha passado aquela noite em Londres. Mas sem dúvida... Aquele deve ser o trem."

Ele desceu, e Maurice, reduzido a cacos, acompanhou-o. Ouviu vozes, mas não as compreendeu; uma delas podia ser a de Alec, pois nada mais lhe importava. "Isso também dera errado": a frase começou a voejar por seu cérebro, como um morcego que retorna com o crepúsculo. Estava mais uma vez no salão de fumar de sua casa, quando Clive lhe dissera: "Não o amo mais; desculpe-me", e Maurice sentiu que a vida revolveria em ciclos anuais, sempre de volta ao mesmo eclipse. "Como o Sol... Leva um ano." Pensou em seu avô falando consigo; então a névoa cedeu, era a mãe de Alec.

"Licky não é assim", papagueou, e sumiu.

Assim como quem? Os sinos estavam tocando, um apito soou. Maurice subiu ao convés; sentiu recobrar a consciência e pôde observar com extraordinária acuidade as massas humanas se alinhando, aqueles que permaneceriam na Inglaterra, aqueles que partiriam — e então soube que Alec permaneceria. A glória irrompera naquela tarde. Nuvens brancas deslizavam sobre as águas douradas e sobre os bosques. Em meio ao quadro vivo Fred Scudder deblaterava contra o tratante do irmão que perdera o último trem, e as mulheres protestavam enquanto eram arrastadas à rampa de desembarque, e o senhor Borenius e o velho Scudder queixavam-se aos tripulantes. Como haviam se tornado insignificantes, diante do belo tempo e do ar puro.

Maurice desembarcou, ébrio de excitação e alegria. Observou o vapor mover-se e súbito o barco lembrou-lhe um funeral viking que o havia emocionado quando era garoto. Embora o paralelo fosse falso, a embarcação era heróica, pois estava levando a morte embora. Ela saía do cais, Fred gania, ela entrava no canal ao som de vivas!, por fim singrava para longe, um sacrifício, um esplendor, deixando um rasto de fumaça que se adelgaçava no crepúsculo, e ondulações que morriam na costa arborizada. Maurice fixou-lhe a vista por um longo tempo, então se virou para a Inglaterra. Sua jornada estava quase no fim. Partia para seu novo lar. Havia despertado o homem que havia em Alec e agora era a vez de Alec despertar o herói que havia em Maurice. Sabia qual era sua missão e que resposta devia dar. Deviam viver num mundo sem classes, sem parentes ou dinheiro; deviam trabalhar e não renunciar ao outro até a chegada da morte. Mas a Inglaterra lhes pertencia. Isso, de par com a camaradagem, era a sua recompensa. Eram deles o ar e o céu ingleses, não dos tementes milhões que

possuíam caixinhas abafadas no lugar da própria alma.

Ele enfrentou o senhor Borenius, que perdera o controle da situação. Alec o havia derrotado. Como acreditava que o amor entre homens era algo ignóbil, o senhor Borenius não conseguia interpretar o que havia ocorrido. De repente, transformara-se num homem ordinário, destituído de ironia. De um modo direto e bastante tolo, cogitou o que poderia ter sucedido com o jovem Scudder e então se preparou para visitar uns amigos em Southampton. Maurice chamou-o:

"Senhor Borenius, olhe para o céu.... Está todo em chamas", mas de nada servia ao reitor o céu rubro, e ele partiu às pressas.

Em sua excitação, sentiu que Alec estava próximo dele. Não estava, não podia estar, encontrava-se em algum outro lugar daquele esplendor e teria de ser encontrado. Sem hesitar um instante, Maurice partiu para a Casa de Barcos, em Penge. Essas palavras haviam se instalado em seu sangue, pois faziam parte dos anseios e das chantagens de Alec, e de sua própria promessa no último e desesperado enlace. Eram tudo o que o animava agora. Saiu de Southampton como chegara — por instinto — e sentiu que as coisas não apenas não dariam errado agora, como também que não ousariam dar errado, pois o universo as havia recolocado nos eixos. Um pequeno trem local cumpriu sua tarefa, um horizonte fantástico ainda rutilava e nuvenzinhas inflamadas refulgiam enquanto a glória principal esmorecia, e Maurice ainda dispunha de luz o bastante para caminhar da estação em Penge por meio do campo sereno.

Penetrou a propriedade pela extremidade inferior, por meio de um buraco na cerca, e, mais uma vez, veio-lhe à mente o abandono do local, o fato de que este era incapaz de determinar padrões ou controlar o futuro. A noite aproximava-se, um pássaro piou, animais correram, ele apertou o passo até que viu o lago luzir e, negro logo adiante, o local do encontro amoroso. Ouviu a água gorgolejar.

Estava lá ou quase lá. Ainda confiante, alteou a voz e chamou por Alec.

Não houve resposta.

Chamou de novo.

Apenas o silêncio e a noite que avançava. Havia calculado mal.

"Tinha de acontecer", refletiu, mas de imediato recobrou a coragem. Independentemente do que ocorresse, não podia deixar-se abater. Fora assim que agira com Clive, e de nada adiantara. Além disso, enlouqueceria se esmorecesse naquela vastidão acinzentada. Só havia uma esperança — ser forte, manter a calma e a confiança. Mas o repentino desapontamento lhe mostrou como estava fisicamente debilitado. Estava na estrada desde o início da manhã, assaltado por todo tipo de emoção, e sentia-se prestes a desabar. Dentro em breve decidiria o

que devia fazer, mas agora sua cabeça estava rachando, cada pedacinho de seu corpo doía ou era inútil, e precisava descansar.

A casa de barcos se oferecia, conveniente, para o propósito. Ele entrou e encontrou o amante adormecido. Alec jazia sobre as almofadas, quase invisível sob os últimos lampejos do dia. Quando despertou, não pareceu excitado nem perturbado. Antes de falar, acariciou com suas mãos grandes o braço de Maurice.

“Então recebeu o telegrama”, disse.

“Que telegrama?”

“O telegrama que enviei esta manhã para sua casa, dizendo...” Bocejou. “Desculpe, estou um pouco cansado, várias coisas... Dizendo a você para me encontrar aqui sem falta.” E como Maurice não falou, na verdade não conseguiu, ele acrescentou: “E agora nunca mais vamos nos separar, e está acabado”.

46

Insatisfeito com o material impresso que distribuiria aos eleitores — pareceu-lhe muito condescendente para a época atual —, Clive tentava alterar as provas quando Simcox anunciou: “O senhor Hall”. Era muito tarde, e a noite, escura; todos os traços do magnífico pôr-do-sol haviam abandonado o céu. Não conseguia avistar nenhuma figura no alpendre, embora pudesse ouvir muitos ruídos; seu amigo, que se recusara a entrar, estava chutando o cascalho e jogando pedregulhos nas moitas e paredes.

“Olá, Maurice, entre. Por que essa atitude?”, perguntou, um pouco aborrecido; não procurava sorrir, já que o rosto estava oculto nas sombras. “Que bom que voltou, espero que esteja se sentindo melhor. Infelizmente estou um pouco ocupado, mas o quarto marrom não. Entre e durma lá, como antes. Fico feliz por vê-lo.”

“Só tenho alguns minutos, Clive.”

“Olhe aqui, homem, isso é inacreditável.” Ele avançou na escuridão, hospitaleiramente, ainda segurando os papéis. “Anne ficará furiosa comigo se não ficar. É muito bom que tenha aparecido desse jeito. Desculpe-me o fato de ter de trabalhar um pouco numas bobagens agora.” Então, detectou um núcleo de escuridão na penumbra circunvizinha e, inopinadamente desconfortável, exclamou: “Espero que não haja nada de errado!”.

“Tudo está muito bem... Como você diria.”

Então Clive pôs a política de lado, pois imaginou que deveria tratar-se do caso amoroso, e se dispôs a solidarizar-se com ele, embora preferisse que tivesse vindo quando não estivesse tão ocupado. Era guiado por seu espírito racional. Conduziu Maurice por uma alameda deserta atrás dos loureiros, onde as prímulas noturnas cintilavam e salpicavam de amarelo-pálido as paredes da noite. Ali estariam a sós. Tateando, encontrou o banco e deitou-se nele, colocando as mãos atrás da cabeça e dizendo:

“Estou à sua disposição, mas meu conselho é: passe a noite aqui e converse com Anne pela manhã.”

“Não quero seu conselho.”

“Bem, faça como quiser é claro, mas como você foi tão camarada ao nos

confiar suas esperanças e, como há uma mulher em questão, eu sempre consultaria outra mulher, especialmente se ela possuir o discernimento quase infalível de Anne."

As florações em frente desapareciam e reapareciam, e, mais uma vez, Clive sentiu que seu amigo, balançando de um lado para o outro diante delas, representava a noite em sua essência. Uma voz falou:

"É terrivelmente pior do que isso; apaixonei-me por alguém de sua criadagem."

Era uma observação tão inesperada e sem sentido para ele que perguntou "A senhora Ayres?", e sentou-se, estupidamente.

"Não. Scudder."

"Cuidado", exclamou Clive, olhando para a escuridão. Seguro de que estavam sós, disse de modo rígido: "Que anúncio grotesco".

"Deveras grotesco", a voz ecoou, "mas senti que, por tudo que lhe devia, precisava contar-lhe sobre Alec."

Clive havia compreendido apenas o mínimo. Supusera que "Scudder" era uma *façon de parler*, como alguém poderia ter dito "Ganimedes", pois a intimidade com qualquer pessoa socialmente inferior lhe era impensável. Da forma como era, sentiu-se deprimido e ofendido, pois havia concluído que Maurice comportara-se tal qual um sujeito normal nas últimas duas semanas, tendo, assim, encorajado sua amizade com Anne.

"Fizemos tudo o que pudemos", disse, "e se quiser retribuir o que nos 'deve', como afirmou, não deveria flertar com pensamentos mórbidos. Estou tão desapontado por ouvi-lo falar sobre si mesmo dessa maneira. Deu-me a entender que havia finalmente deixado o território que há do outro lado do espelho, quando conversamos sobre o assunto naquela noite, no quarto marrom."

"Quando você se apressou a beijar a minha mão", acrescentou Maurice, com amargura deliberada.

"Não mencione isso", ele irrompeu, não pela primeira nem pela última vez, e, por um momento, fez com que o renegado o amasse. Então, recaiu no intelectualismo: "Maurice... Oh, sinto tanto por você, mais do que consigo expressar, e eu imploro, imploro realmente, que resista à volta dessa obsessão. Ela o abandonará de vez, se você persistir. O trabalho, o ar puro, seus amigos...".

"Como disse antes, não vim para ouvir seus conselhos, tampouco para falar sobre pensamentos e idéias. Sou feito de carne e osso, se é que pode entender essas coisas tão baixas..."

"Sim, está certo; sou dado a teorizações, sei."

“... e eu chamarei Alec pelo nome.”

Pareceu-lhes a situação de um ano atrás, mas era Clive agora quem recuava diante do exemplo.

“Se Alec é Scudder, ele na verdade não está mais à minha disposição, ou até mesmo na Inglaterra. Partiu para Buenos Aires hoje mesmo. Mas continue. Concordo em reabrir o assunto se puder ajudá-lo.”

Maurice soltou um suspiro e começou a colher florzinhas de um caule alto. Elas sumiam uma após a outra, como velas que
a noite extinguia. “Também me uni a Alec”, disse, após muito refletir.

“Uniu o quê?”

“Tudo o que tenho. Incluindo meu corpo.”

Clive pôs-se de pé com um gemido de desgosto. Queria golpear o monstro e fugir, mas era civilizado, e sua vontade, débil. Afinal, eram homens de Cambridge... dois pilares da sociedade; não podiam recorrer à violência. Não recorreu; manteve-se quieto e prestativo até o fim. Mas sua fraca e amarga desaprovação, seu dogmatismo, a estupidez de seu coração, tudo isso revoltava Maurice, a quem apenas o ódio era digno de respeito.

“Estou falando de modo ofensivo”, prosseguiu, “mas quero ter certeza de que você entende. Alec dormiu comigo no quarto marrom na noite em que você e Anne não estavam aqui.”

“Maurice... ah, bom Deus!”

“Também em Londres. Também...”, nesse ponto, ele se interrompeu.

Mesmo nauseado, Clive procurava recorrer à generalização — era parte do torpor mental induzido pelo matrimônio: “Mas sem dúvida... a única desculpa para qualquer relacionamento entre homens é que este se mantenha puramente platônico”.

“Não sei. Vim lhe contar o que eu fiz.” Sim, era essa a razão da visita. Era o fechamento de um livro que nunca mais seria lido, e tanto melhor fechar tal livro do que deixá-lo ao léu para que seja conspurcado. O volume do passado de ambos deveria ser restituído à estante, e lá era o local, em meio às trevas e às flores minguantes. Também devia isso a Alec. Não podia permitir que o velho se imiscuísse ao novo. Toda concessão era perigosa, pois furtiva, e, tendo terminado sua confissão, ele precisava desaparecer do mundo que o havia trazido à luz. “Também preciso lhe contar o que ele fez”, Maurice continuou, procurando disfarçar a alegria. “Ele sacrificou a carreira por mim... Sem garantia de que eu sacrificasse qualquer coisa por ele... E, antes, eu não teria mesmo... Minhas reações sempre foram lentas. Não sei se a atitude dele é platônica ou

não, mas é o que ele fez.”

“Que tipo de sacrifício?”

“Fui ver o navio partir... Ele não estava lá...”

“Scudder perdeu o barco?”, gritou o fidalgo, indignado. “Essa gente é impossível.” Então parou, encarando o futuro. “Maurice, Maurice”, disse, com alguma ternura. “Maurice, *quo vadis*?[14] Está ficando louco? Perdeu todo senso de.... Posso perguntar-lhe o que pretende...”

“Não, não pode”, cortou o outro. “Você pertence ao passado. Eu lhe contarei tudo até este momento... Nem uma palavra além.”

“Maurice, Maurice, eu gosto um pouco de você, sabe disso, ou não teria permitido que me contasse o que acabou de me contar.”

Maurice abriu a mão. Pétalas luminosas surgiram ali. “Você gosta um pouco de mim, acho”, admitiu, “mas não posso basear minha vida num pouco. Você não baseia. A sua depende de Anne. Não se importa se sua relação com ela é platônica ou não, sabe apenas que é grande o bastante para que apóie sua vida nela. Não posso apoiar a minha nos cinco minutos que me concede, quando não está ocupado com sua mulher ou com a política. Você fará qualquer coisa por mim, exceto me ver. Foi assim em todo este ano infernal. Franqueia-me a casa e faz o que for necessário para me casar, pois isso o livra de mim. Você gosta um pouco de mim, sei”, pois Clive havia protestado, “mas nada para ser alardeado, e também não me ama. Eu teria sido seu até o fim se quisesse ficar comigo, mas agora sou de outra pessoa (não posso ficar me lamuriando para sempre) e ele é meu de um modo que o ofende, mas por que não pára de ficar sendo ofendido e se ocupa de sua própria felicidade?”

“Quem o ensinou a falar desse modo?”, arquejou Clive.

“Você, se é que foi alguém.”

“Eu? É pavoroso que atribua esses pensamentos a mim”, prosseguiu Clive. Teria ele corrompido um intelecto inferior? Não conseguia perceber que tanto ele quanto Maurice descendiam do Clive de dois anos atrás, um deles por meio da respeitabilidade, o outro pela rebelião, tampouco que eles deviam trilhar caminhos ainda mais discrepantes. Era um esgoto, e uma exalação provinda dali durante a eleição o teria arruinado. Mas não podia se acovardar diante do dever. Precisava salvar o velho amigo. Sentiu tomado por um sentimento de heroísmo; e começou a perguntar-se como Scudder poderia ser silenciado e se ele se mostraria aberto à extorsão. Era tarde demais para discutir meios e fins agora, por isso convidou Maurice a jantar com ele na semana seguinte, em seu clube em Londres.

Uma risada foi a resposta. Sempre gostou da risada de seu amigo e, naquele momento, seu suave ribombar o tranqüilizou, pois lhe sugeriu felicidade e segurança.

“Está certo”, ele disse, chegando a estender a mão para um arbusto de louros. “É melhor do que vir com um longo discurso, que não convencerá nem a você mesmo.” Suas últimas palavras foram: “Na próxima quarta-feira, digamos às 7h45. Só de *smoking*, como sabe”.

Foram suas últimas palavras, pois Maurice havia desaparecido por ali, sem deixar nenhum traço de sua presença, exceto um montículo de pétalas de prímulas noturnas, que jaziam no chão como um fogo agonizante. Até o fim de sua vida, Clive não soube dizer qual foi o momento exato da partida e, com a chegada da velhice, já não tinha certeza se o momento havia de fato ocorrido. O quarto azul cintilava, as samambaias ondulavam. De algum ponto de uma Cambridge eterna seu amigo começou a acenar para ele, todo envolto pela luz solar e espalhando os eflúvios e os sons da primavera.

Mas, naquela hora, apenas ficou ofendido pela descortesia e a comparou com lapsos semelhantes no passado. Não percebeu que aquele era o fim, sem crepúsculo nem concessão, que nunca mais cruzaria o caminho de Maurice, nem jamais falaria com aqueles que o tinham visto. Aguardou um pouco na alameda antes de voltar para casa, a fim de corrigir as provas e descobrir um modo de esconder a verdade de Anne.

Nota final

Em seu formato original, que em grande parte conserva, *Maurice* data de 1913. Foi resultado direto de uma visita a Edward Carpenter, em Milthorpe. Carpenter dispunha de um prestígio que não pode ser compreendido nos dias de hoje. Era um rebelde afinado com sua época. Era sentimental e um pouco sacramental, pois começara a carreira como clérigo. Era um socialista que ignorava a industrialização, um homem simples com uma renda independente, um poeta devotado a Whitman, cuja nobreza ultrapassava o talento, e, finalmente, um defensor do amor entre companheiros, que ele às vezes chamava de uranianos. Foi este último aspecto que mais me atraiu em minha solidão. Por um breve período, ele parecia ter a chave para todos os problemas. Aproximei-me dele por intermédio de Lowes Dickinson, como alguém que se aproxima de um salvador.

Deve ter sido em minha segunda ou terceira visita ao templo que a fagulha se acendeu, e ele e seu companheiro George Merrill causaram uma profunda impressão em mim e tocaram na fonte da criatividade. George Merrill também me tocou as costas — gentilmente e pouco acima das nádegas. Creio que era o que fazia com a maioria das pessoas. A sensação era incomum, e ainda lembro-me dela, como a de um dente há muito desaparecido. Era um toque tão psicológico quanto físico. Parecia passar diretamente da parte mais estreita de minhas costas até minhas idéias, sem implicar meus pensamentos. Se isso for verdade, teria agido em perfeita consonância com o misticismo iogue de Carpenter, provando que, naquele momento preciso, eu havia concebido.

Em seguida, voltei a Harrogate, onde minha mãe convalescia, e imediatamente comecei a redigir *Maurice*. Nenhum dos meus outros livros começou dessa forma. O plano geral, os três personagens, o final feliz para dois deles, tudo fluiu para minha pena. E a coisa toda foi criada sem obstáculos. Terminei o livro em 1914. Meus amigos, tanto homens quanto mulheres, a quem o mostrei, gostaram dele. Mas escolhi esses leitores a dedo. Ainda não era o momento de a obra enfrentar a crítica e o público e eu mesmo estivera muito envolvido com ela, e por tempo demais, para ser capaz de julgá-la.

Um final feliz era imperioso. Do contrário, não teria me dado ao trabalho de escrever. Havia decidido que, na literatura ao menos, dois homens poderiam

apaixonar-se e continuar apaixonados para a eternidade permitida pela ficção, e, nesse sentido, Maurice e Alec ainda perambulam pelos bosques. Não sem razão dediquei o livro
“A um ano mais feliz”. A felicidade é sua nota principal — o que, por falar nisso, trouxe uma conseqüência inesperada: tornou o livro mais difícil de ser publicado. E, a não ser que o Relatório Wolfenden[15] se torne lei, provavelmente terá de continuar na forma de manuscrito. Se houvesse criado um final infeliz, com um rapaz balançando na ponta de uma corda ou com um pacto suicida, tudo ficaria bem, pois não poderia ser acusado de promover pornografia ou sedução de menores. Mas, como os amantes se safam sem punição, a obra conseqüentemente recomendaria o crime. O senhor Borenius é incompetente demais para capturá-los, e o único castigo que a sociedade lhes impõe é um exílio, que ambos abraçam de bom grado.

Notas sobre os três homens

Com Maurice procurei criar um personagem que era completamente oposto a mim ou à pessoa que eu acreditava que fosse: um jovem belo, saudável, fisicamente atraente, mentalmente apático, um homem de negócios razoável e um tanto esnobe. Nessa mistura inseri um ingrediente que o confundia, despertava-o, atormentava-o e, ao cabo, o salvava. Seu meio ambiente o exasperava em razão de sua própria normalidade: a mãe, as duas irmãs, um lar confortável, um emprego respeitável pouco a pouco se convertem num inferno; ele precisa destruí-los ou ser destruído, não há uma terceira opção. A criação desse personagem, o preparo de armadilhas para ele, das quais o jovem às vezes escapa, às vezes não, armadilhas que enfim ele destrói, mostrou-se uma tarefa agradável.

Se Maurice representa o subúrbio, Clive representa Cambridge. Bastante conhecedor da universidade, ou de um nicho dela, não tive dificuldades em criá-lo, e tomei emprestadas para ele, inicialmente, algumas características de um colega distante da academia. A calma, a aparência de superioridade, a clareza e a inteligência, os padrões morais seguros, a louridão e a delicadeza que não significam fragilidade, o misto de advogado e fidalgo, tudo apontava na direção desse conhecido, embora tenha sido eu quem deu a Clive seu temperamento “helênico” e o atirei aos braços afetuosos de Maurice. Uma vez ali, ele tomou as rédeas, e estabeleceu as regras pelas quais o relacionamento incomum deveria

seguir adiante. Ele acreditava em contenção platônica e induziu Maurice a concordar com isso, o que não me parece de todo improvável. Maurice, nesse estádio, é humilde, inexperiente e devotado; ele é a alma libertada da prisão, e caso seu libertador lhe peça para manter-se casto, ele obedece. Assim, a relação perdura por três anos — precária, idealista e peculiarmente inglesa: que rapaz italiano teria suportado isso? —, mesmo assim perdura até Clive rompê-la, por interessar-se por mulheres e mandar Maurice de volta para a prisão. Desse ponto em diante, Clive deteriora-se e assim também, talvez, o tratamento que eu lhe dedico. Ele me irritou. Pode ser que eu ralhe bastante com ele, acentue sua aridez e pretensões políticas, além da perda do cabelo, nada que ele, sua esposa ou mãe fazem jamais é certo. Isso funciona bem para Maurice, pois acelera sua descida ao inferno e o endurece para a arrojada escalada final. Mas posso ter sido injusto com Clive, que não pretendeu fazer nenhum mal e que sente o último golpe de meu chicote no capítulo final, quando descobre que seu velho amigo de Cambridge sofreu uma recaída ali mesmo em Penge, e com seu guarda-caças.

Alec começa como uma emanação de Milthorpe, ele é o toque nas costas. Mas não apresenta nenhuma outra conexão com o metódico George Merrill e, em muitos sentidos, é uma premonição. Ao trabalhar com ele, passei a conhecê-lo melhor, em parte por meio de experiências pessoais, e algumas delas foram úteis. Ele tornou-se menos um companheiro e mais uma pessoa, tornou-se mais vívido, denso e exigiu mais espaço, e os acréscimos ao romance (quase não houve cortes) foram todos em razão dele. Não há muitas premissas anteriores a ele. É mais velho em data que os guarda-caças espinhosos de D. H. Lawrence, e não gozou do benefício da leitura, como estes últimos, tampouco, embora possa lembrar meu próprio Stephen Wonham,[16] teriam eles mais em comum do que um caneco de cerveja. Como era sua vida antes da chegada de Maurice? A vida pregressa de Clive é fácil de estabelecer, mas a de Alec, quando procurei evocá-la, converteu-se em pesquisa e teve de ser descartada. Ele certamente não opôs objeções — como sabemos bem. Não mais, assim que se conheceram, que Maurice, e Lytton Strachey, um dos primeiros leitores, achou que isso acabaria sendo o desastre para ambos. Ele me escreveu uma carta deliciosa e inquietante, dizendo-me que, se a relação entre os dois se baseasse na curiosidade e na luxúria, duraria apenas seis semanas. Sombras de Edward Carpenter! — cujo nome Lytton sempre saudava com uma série de pequenos guinchos. Carpenter acreditava que os uranianos permaneciam leais uns aos outros para sempre. E, em minha experiência, embora não fosse possível contar com a lealdade, ela

sempre poderia ser esperada, adquirida com esforço, podendo florescer no solo mais improvável. Tanto o jovem suburbano quanto o campesino são capazes de mostrar lealdade. Risley, o inteligente graduando de Trinity, não era, e Risley, como Lytton alegremente detectou, fora baseado em Lytton.

Os acréscimos ulteriores ao romance, necessários por causa de Alec, foram dois, ou melhor, podem cair em duas categorias.

Em primeiro lugar, o jovem precisava ser conduzido até aquele momento. Era necessário que se acercasse gradualmente do leitor. Tinha de ser desenvolvido a partir do indistinto passado masculino que Maurice introduz em Penge, por meio do homem que se agacha ao lado do piano, que rejeita a gorjeta, que vaga pelos arbustos e furta damascos, até chegar a ser o participante que dá e recebe amor. Precisava sobrevir do nada, até que fosse tudo. Para tanto, é necessário um cuidadoso manuseio. Se o leitor souber demais acerca do que se sucederá, poderá aborrecer-se. Se souber de menos, poderá ficar perplexo. Tomemos a meia dúzia de frases trocadas entre ambos no jardim escuro, após o senhor Borenius tê-los deixado a sós, quando a confissão começa a pairar. Essas frases podem revelar menos ou mais coisas, de acordo com o modo como forem esboçadas. Teria eu esboçado-as corretamente? Ou tomemos Alec, quando ele ouve o grito solitário e selvagem durante a sua ronda: deveria responder de imediato ou — como finalmente decidi — hesitar até que o grito se repetisse? A arte necessária na condução desses problemas não é de uma ordem alta, não tão alta como julga Henry James; mesmo assim, tem de ser empregada se quisermos que o último enlace seja sentido.

Em segundo lugar, Alec tem de ser levado dali até o final. Ele se arriscou e os dois se amaram. Que garantia há que esse amor dure? Nenhuma. Por isso, o caráter de ambos, as atitudes que apresentam em relação ao outro, os testes pelos quais são submetidos precisavam sugerir que haveria de durar, e a seção final do livro tinha de ser mais longa do que eu originalmente planejara. O capítulo no Museu Britânico precisou ser alongado e todo um novo capítulo inserido depois deste — o capítulo da segunda noite dos dois, apaixonada e perturbadora, na qual Maurice se põe mais a nu e Alec acovarda-se. No esboço inicial apenas sugeri tudo isso. Do mesmo modo, depois de Southampton, quando Alec também arriscou tudo, eu não tinha proporcionado aos amantes a união final. Tudo isso precisava ser escrito, de modo que a eles pudesse ser atribuído o maior conhecimento possível um do outro. Somente depois que alguns perigos e algumas ameaças fossem superados é que a cortina podia preparar-se para cair.

O capítulo após sua união, em que Maurice repreende Clive, é o único final

possível ao livro. Nem sempre pensei assim, nem assim pensaram outras pessoas, e fui encorajado a escrever um epílogo. Tomara a forma de Kitty encontrando dois lenhadores, alguns anos depois, mas fiquei profundamente insatisfeito. Epílogos são para Tolstói. O meu parcialmente falhou porque a data de ação do romance é 1912, e "alguns anos mais tarde" os faria mergulhar na Inglaterra transformada da Primeira Guerra Mundial.

O livro decerto pertence a determinado período, e um amigo recentemente observou que, para os leitores de hoje, apenas apresentaria um interesse histórico. Não iria tão longe, mas a obra sem dúvida tem um sabor de passado, não apenas por causa de seus incontáveis anacronismos — suas gorjetas de meia libra, os discos de pianola, os jaquetões de caçador, o informativo do tribunal de polícia, as conferências de Haia, os liberais, os radicais e os arrendatários, médicos sem uniformes e estudantes andando de braços dados —, não. Tratava-se de uma razão mais vital: o livro pertence a uma Inglaterra onde ainda era possível perder-se. Pertence ao último momento dos bosques. *The longest journey* também faz parte dessa era e exibe atmosfera similar. Nossas florestas pereceram de modo catastrófico e inevitável. Duas grandes guerras exigiram e transmitiram o exercício de controle que os serviços públicos adotaram e desenvolveram, a ciência deu o seu auxílio, e a vida selvagem de nossa ilha, nunca extensa, em pouco tempo foi pisoteada, destruída para construção e patrulhada. Não há floresta ou charneca por onde escapar hoje, não há caverna em que se abrigar, nenhum vale para aqueles que não desejam reformar nem corromper a sociedade, mas tão-somente ser deixados em paz. As pessoas ainda fogem, podemos vê-las à noite e nos filmes. Mas são gângsteres, não proscritos: podem esquivar-se da civilização porque fazem parte dela.

Homossexualidade

Nota em conclusão a uma palavra até agora não mencionada. Depois que *Maurice* foi escrito, houve uma mudança na atitude do público quanto a esse aspecto: a conversão da ignorância e terror em familiaridade e desprezo. Não foi a mudança para a qual Edward Carpenter havia lutado. Ele ansiara por um reconhecimento generoso de uma emoção e a reintegração de algo primitivo ao dia-a-dia. E eu, embora menos otimista, supusera que esse conhecimento trouxesse a compreensão. Não havíamos percebido que aquilo que o público realmente abomina na homossexualidade não é a coisa em si, mas o fato de ser

obrigado a pensar nela. Se ela pudesse ser inserida em nosso meio de forma despercebida ou então fosse legalizada da noite para o dia num decreto escrito em letras miúdas, haveria poucos protestos. Infelizmente só pode ser legalizada pelo parlamento, e membros do parlamento são forçados a pensar ou fingir que pensam. Em decorrência disso, as recomendações de Wolfenden serão indefinidamente rejeitadas, os processos policiais prosseguirão e Clive, no tribunal, continuará a condenar Alec, no banco dos réus. Maurice talvez escape.

Setembro de 1960.

[1] Na Grã-Bretanha, internato particular, mantido por doações, que prepara os alunos para o ingresso na universidade ou em cargos públicos. [n. t.]
[2] Excerto de fala de Henrique IV, na peça homônima de Shakespeare (Primeira Parte, Ato I, cena 1). [N. T.]
[3] Jogo de tabuleiro inventado pelos ingleses por volta de 1880. [n. t.]
[4] Salmos, 8:2. [n. t.]
[5] Nova menção aos Salmos; em inglês: "*Yea, though I walk through the valley of the shadow of death, I will fear no evil*". [n. t.]
[6] Gênesis, 13:12. Na versão em português: "Cidades que estão sobre o Jordão". [n. t.]
[7] Jean-Baptiste Greuze (1725-1805), pintor francês de temática moralista. [n. t.]
[8] Êxodo, 20:4. [n. t.]
[9] Antiga tintura à base de morfina. [n. t.]
[10] "O atraso se explica. É sempre assim quando..." Em francês, no original. [n. t.]
[11] "O bom homem está distraído." Em francês, no original. [n. t.]
[12] A frase toda é a seguinte: "Na verdade vos digo que se vós não converterdes, e vós não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus" (Mateus 18:3). [n. t.]
[13] Código civil decretado na França em 1804 e oficialmente promulgado em 1807. [n. t.]
[14] Aonde vai?"; em latim, no original. [n. t.]
[15] Estudo britânico, de 1954, que sugeria que o comportamento homossexual, privado, consentido, praticado entre adultos, não fosse mais considerado criminoso na Inglaterra. [n. t.]
[16] Personagem do romance de Forster, *The longest journey*. [n. t.]